

EDIÇÃO
REVISTA
E ATUALIZADA



Allan Kardec

Estudo Sistematizado da

Doutrina Espírita

Programa Fundamental
Tomo I



ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOUTRINA ESPÍRITA

TOMO I

Organização
Cecília Rocha

ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOUTRINA ESPÍRITA

PROGRAMA FUNDAMENTAL
TOMO I



Copyright © 2007 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

3ª edição – 1ª impressão – 12 mil exemplares — 2/2020

ISBN 978-85-9466-389-4

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
SGAN 603 – Conjunto F – Avenida L2 Norte
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6155/6177 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

R672e Rocha, Cecília (Org.), 1919-2012

Estudo sistematizado da doutrina espírita: programa fundamental / Cecília Rocha (organizadora). – 3. ed. – 1. imp. – Brasília: FEB, 2020.

437 p.; 25cm

Inclui referências

ISBN 978-85-9466-389-4

1. Espiritismo – Estudo e ensino. 2. Espíritas – Educação. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 60.02.00



SUMÁRIO

Apresentação	9
Atualização do programa ESDE	11
Explicações necessárias	13
MÓDULO I	
Introdução ao Estudo do Espiritismo	17
ROTEIRO 1 – Espiritismo ou Doutrina Espírita: conceito e objeto. Tríplice aspecto da Doutrina Espírita	18
ROTEIRO 2 – Princípios básicos da Doutrina Espírita	27
MÓDULO II	
A Codificação Espírita.....	34
ROTEIRO 1 – O contexto histórico do século XIX na Europa	35
ROTEIRO 2 – Fenômenos mediúnicos que antecederam a Codificação: Hydesville e mesas girantes.....	45
ROTEIRO 3 – Allan Kardec: o professor e o codificador	54
ROTEIRO 4 – Metodologia e critérios utilizados na Codificação Espírita.....	70
ROTEIRO 5 – Obras básicas	82
ROTEIRO 6 – Exponentes do Espiritismo nascente	98

MÓDULO III

Deus 111

ROTEIRO 1 – Deus: conceito e provas filosóficas
de sua existência 112

ROTEIRO 2 – Atributos da divindade 123

ROTEIRO 3 – A Providência Divina 131

MÓDULO IV

Existência e sobrevivência do Espírito 138

ROTEIRO 1 – Origem e natureza do Espírito 139

ROTEIRO 2 – Perispírito: conceito e natureza 152

ROTEIRO 3 – Provas da existência e da sobrevivência do Espírito..159

ROTEIRO 4– Progressão dos Espíritos 169

MÓDULO V

Comunicabilidade dos Espíritos 178

ROTEIRO 1 – Influência dos Espíritos em nossos pensamentos e atos, e nos acontecimentos da vida 179

ROTEIRO 2 – Mediunidade e médium..... 187

ROTEIRO 3 – Mediunidade com Jesus..... 193

MÓDULO VI

Reencarnação 200

ROTEIRO 1 – Fundamentos e finalidade da reencarnação..... 201

ROTEIRO 2 – Provas da reencarnação..... 211

ROTEIRO 3 – Retorno à vida corporal:
o planejamento reencarnatório 222

ROTEIRO 4 – Retorno à vida corporal: união da alma ao corpo ... 234

ROTEIRO 5 – Retorno à vida corporal: a infância 245

ROTEIRO 6 – O esquecimento do passado:
justificativas da sua necessidade 252

MÓDULO VII

Pluralidade dos mundos habitados..... 260

ROTEIRO 1 – O fluido cósmico universal e o fluido vital..... 261

ROTEIRO 2 – Elementos gerais do Universo: espírito e matéria... 273

ROTEIRO 3 – Formação dos mundos e da Terra 286

ROTEIRO 4 – Os reinos da Natureza: mineral, vegetal,
animal e hominal..... 294

ROTEIRO 5 – Diferentes categorias de mundos habitados.
Encarnação dos Espíritos nesses mundos..... 307

ROTEIRO 6 – A Terra: de mundo de expiação e provas para
mundo de regeneração..... 319

MÓDULO VIII

Movimento Espírita e Unificação 329

ROTEIRO 1 – As viagens de Allan Kardec: as primeiras ações
de Allan Kardec 330

ROTEIRO 2 – A missão espiritual do Brasil 341

ROTEIRO 3 – Movimento Espírita: conceito e objetivo..... 350

ROTEIRO 4 – O Centro Espírita: conceitos, objetivos
e atividades básicas..... 359

ROTEIRO 5 – O trabalho federativo e de Unificação do
Movimento Espírita: conceito, diretrizes e estrutura 373

ROTEIRO 6 – Exponentes do Espiritismo no Brasil..... 398

Orientações pedagógico-doutrinárias 414

Sugestões de dinâmicas de estudo 422

Planejamento do estudo espírita 433

APRESENTAÇÃO

A Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) foi lançada, em Brasília (DF), na Reunião anual do Conselho Federativo Nacional (CFN) de novembro de 1983, em atendimento às expectativas do Movimento Espírita. Esta Campanha, efetivada na forma de seis apostilas de estudo, representativas de níveis graduais e sequenciais de aprendizado doutrinário, utilizou a técnica do trabalho em grupo como diretriz pedagógica. A sistematização do estudo espírita buscou, por outro lado, apoio nas seguintes orientações de Allan Kardec: “Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios [...]” (*Obras póstumas*, 2ª pt., *Projeto – 1868*, it. Ensino espírita).

Ao avaliar os resultados positivos apresentados pelo Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, ao longo dos anos, sobretudo em relação ao trabalho de unificação do Movimento Espírita e à união dos espíritas, percebemos que a aquisição do conhecimento doutrinário deve seguir o método indicado pelo próprio Codificador, conforme expressam estas suas palavras:

Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não sabemos como dar esses qualificativos aos que julgam *a priori*, levemente, sem tudo ter visto; que não imprimem a seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento indispensáveis. [...]

O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá. [...] Quem deseje tornar-se versado numa ciência tem que a estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das ideias [...] (*O livro dos espíritos*, *Introdução*, it. VIII).

Mantendo-se fiel no propósito de difundir o Espiritismo em todos os seus aspectos, com base nas obras da Codificação de Allan Kardec e no Evangelho de Jesus Cristo, a Federação Espírita Brasileira (FEB) disponibiliza

ao Movimento Espírita novo programa do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Trata-se de um programa mais compacto, adequado às exigências da vida atual, cujos assuntos, distribuídos objetivamente em dois níveis de aprendizado – Programa Fundamental e Programa Complementar –, contém 27 módulos de estudo.

Em face do exposto, contamos com uma boa receptividade dos interessados por este tipo de trabalho.

ATUALIZAÇÃO DO PROGRAMA ESDE

Em atendimento à demanda do Movimento Espírita brasileiro e fiel ao Programa ESDE, a Federação Espírita Brasileira apresenta atualizações em procedimentos pedagógicos, respeitando o conteúdo conforme edição de 2007.

São claras as orientações da Espiritualidade Superior quanto ao Programa:

Um programa de estudo sistematizado da Doutrina Espírita, sem nenhum demérito para todas as nobres tentativas que têm sido feitas ao largo dos anos, num esforço hercúleo para interessar os neófitos no conhecimento consciente da Nova Revelação, é o programa da atualidade sob a inspiração do Cristo (Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, na Reunião do Conselho Federativo Nacional da FEB, no dia 27 de novembro de 1983, em Brasília, DF, no lançamento da Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. *In: Reformador*, jan. 1984, p. 25(29)-27(31)).

Nas comemorações dos 35 anos do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), a coordenação nacional da Área de Estudo do Espiritismo do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira (CFN-FEB) consultou o médium Divaldo Pereira Franco sobre a possibilidade de entrevistar os Espíritos Bezerra de Menezes, Angel Aguarod, Francisco Thiesen e Cecília Rocha, para que dessem algumas orientações e diretrizes relativas, particularmente, ao ESDE:

BEZERRA DE MENEZES:

Graças ao trabalho profícuo do ESDE, a divulgação correta e acessível da Doutrina Espírita vem encontrando maior ressonância nas mentes e nos sentimentos.

[...]

Tem sido um excelente instrumento pedagógico para a divulgação do Espiritismo.

ANGEL AGUAROD:

O que sugeriríamos diz respeito a maior exposição do nosso programa, elucidando os presidentes dos centros espíritas a adotarem o método facilitador, mediante conferências especializadas e comentários frequentes sobre a sua eficiência.

FRANCISCO THIESEN:

Somente quando o Movimento Espírita se encontrava consolidado, graças à seriedade dos centros e instituições espíritas, é que se tornou possível o surgimento do ESDE, considerando-se a qualidade do seu programa e a revelação espiritual transmitida por médiuns sérios e devotados, escritores e conferencistas fiéis à Codificação, confirmando na atualidade a obra incomparável de Allan Kardec.

Tornaram-se paradigmas esses laboriosos instrumentos do Alto, para a ampla divulgação do Espiritismo, ora reunidos em um programa abrangente e disciplinado, que facilita o estudo e a vivência da Doutrina.

CECÍLIA ROCHA:

O ESDE facilita o entendimento da Doutrina Espírita, contribuindo seguramente com os textos que complementam as diretrizes estabelecidas, não somente elas, mas também a ampliação do conhecimento humano defluente do estudo sério e bem amplo apresentado.

Eu solicitaria a esses admiráveis e dedicados trabalhadores da Doutrina de Jesus que se entreguem a esse mister com amor, estando vigilantes para as necessidades que os tempos vierem a apresentar, tornando cada vez mais eficiente o programa iluminativo. (Reformador, abr. 2018, p. 45 a 48).

EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS

O Programa do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) oferece uma visão panorâmica do Espiritismo, fundamentada nos assuntos existentes em *O livro dos espíritos*.

O objetivo fundamental deste Programa, como dos anteriores, é propiciar condições para estudar o Espiritismo de forma séria, regular e contínua, tendo como base as obras codificadas por Allan Kardec e o Evangelho de Jesus, conforme os esclarecimentos prestados na apresentação.

O seu conteúdo doutrinário está distribuído em dois programas, assim especificado:

Programa Fundamental – subdividido em dois tomos. O Tomo I contém 8 e o Tomo II contém 11 módulos de estudo.

Programa Complementar – constituído de um único tomo, com 8 módulos de estudo.

A formatação pedagógica-doutrinária utiliza, em ambos os programas, o sistema de módulos para agrupar assuntos semelhantes, os quais são desenvolvidos em unidades básicas denominadas *roteiros de estudo*.

A duração para a execução do Programa pode variar de acordo com o planejamento feito pela Instituição que o aplique.

Cada roteiro de estudo, em princípio, deverá ser desenvolvido em reuniões semanais de 90 a 120 minutos.

Todos os roteiros contêm: a) uma página de rosto, em que estão definidos o número e o nome do módulo, os objetivos específicos e o conteúdo básico, norteador do assunto a ser desenvolvido em cada reunião; b) formulários de subsídios, existentes em número variável segundo a complexidade do assunto, redigidos em linguagem didática de acordo com os objetivos específicos e o conteúdo básico do roteiro; c) formulário de referências; d) um formulário de sugestões didáticas que indica

como aplicar e avaliar o assunto de forma dinâmica e diversificada, este apenas nas orientações ao facilitador. Alguns roteiros contam também com anexos, glossários ou notas de rodapé, bem como recomendações de atividades extras.

Sugere-se que nas reuniões semanais, seja utilizada a mediação dialógica, permeada com o trabalho em grupo, o estudo e reflexões dos assuntos, o compartilhamento de pesquisas, dentre outras, evitando a monotonia e o cansaço.

No Programa, ora apresentado, foram inseridas citações evangélicas pertinentes aos temas dos módulos e feitos os seguintes ajustes, sem prejuízo do conteúdo:

Tomo I:

- a) alteração na sequência dos módulos;
- b) inclusão do módulo Movimento Espírita;
- c) exclusão dos módulos Lei Divina e Natural e Lei de Adoração;
- d) ajustes em alguns roteiros;
- e) atualização de terminologias;
- f) sugestões de atividades;
- g) inclusão de reflexão individual ao término do estudo de cada roteiro;
- h) inclusão de orientações pedagógico-doutrinárias.

Tomo II:

- a) inclusão dos módulos Lei Divina e Natural e Lei de Adoração;
- b) atualização de terminologias;
- c) sugestões de atividades;
- d) inclusão de reflexão individual ao término do estudo de cada roteiro;
- e) inclusão do roteiro Valorização e sustentação da vida (Módulo XIV, Roteiro 5);
- f) inclusão de orientações pedagógico-doutrinárias.

Tomo Único:

- a) exclusão do módulo Movimento Espírita;
- b) atualização de terminologias;
- c) sugestões de atividades;
- d) inclusão de reflexão individual ao término do estudo de cada roteiro.
- h) inclusão de orientações pedagógico-doutrinárias.

Conforme a necessidade do grupo, poder-se-á iniciar o estudo com a inversão dos Módulos I e II para II e I.



PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO I

Introdução ao Estudo do Espiritismo

OBJETIVO GERAL

Propiciar conhecimentos gerais acerca dos princípios da Doutrina Espírita.

“Se me amardes, observareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Paracleto, a fim de que esteja convosco para sempre. O Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o contemplou nem o conhece; vós o conheceis, porque permanece junto de vós e estará entre vós. Mas o Paracleto, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos lembrará todas as coisas que vos disse” (*João*, 14:15 a 16, 26).

ESPIRITISMO OU DOCTRINA ESPÍRITA: CONCEITO E OBJETO. TRÍPLICE ASPECTO DA DOCTRINA ESPÍRITA

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar o conceito e o objeto de Espiritismo.
- » Refletir sobre o tríplice aspecto do Espiritismo.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » [...] *Diremos [...] que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas* (Allan Kardec, *O livro dos espíritos, Introdução, it. I*).
- » *O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal* (Allan Kardec, *O que é o espiritismo, Preâmbulo*).
- » *O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações* (Allan Kardec, *O que é o espiritismo, Preâmbulo*).
- » *Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual [...]* (Allan Kardec, *A gênese, cap. 1, it. 16*).

- » *O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo [...] (Allan Kardec, O evangelho segundo o espiritismo, cap. 1, it. 5).*
- » *O Espiritismo é uma doutrina essencialmente filosófica, embora seus princípios sejam comprovados experimentalmente, o que lhe confere também o caráter científico. [...] O caráter filosófico do Espiritismo está, portanto, no estudo que faz do Homem, sobretudo Espírito, de seus problemas, de sua origem, de sua destinação (Pedro Franco Barbosa, Espiritismo básico, 2ª pt., O Espiritismo filosófico).*
- » *[...] o Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da Religião e respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é inculcar sentimentos religiosos nos que os não possuem, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes [...] (Allan Kardec, O livro dos médiuns, 1ª pt., cap. 3, it. 24).*
- » *O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote [...] (Allan Kardec, Obras póstumas, 1ª pt., Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo).*
- » *[...] No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias Leis da Natureza (Allan Kardec, Revista Espírita, dez. 1868 – Discurso de abertura pelo Sr. Allan Kardec).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Iniciar o estudo, perguntando se alguém já conhece o conceito e o objeto da Doutrina Espírita. Ouvir os comentários. A seguir perguntar se conhecem o tríplice aspecto da Doutrina. Ouvir os comentários encaminhando-os para o trabalho nos grupos.

Desenvolvimento

Dividir a turma em três grupos, orientando-os na realização das seguintes atividades:

- a) Grupo 1 – leitura, troca de ideias dos itens, destacando aspectos importantes: itens 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4 dos subsídios.
- b) Grupo 2 – leitura, troca de ideias dos itens, destacando aspectos importantes: itens 4.1, 4.2, 4.3 e 4.5 dos subsídios.
- c) Grupo 3 – leitura, troca de ideias dos itens, destacando aspectos importantes: itens 4.1, 4.2, 4.3 e 4.6 dos subsídios.

Terminada a atividade de grupo, em discussão circular, iniciar a reflexão, convidando um participante que queira expor suas conclusões:

- » *Qual o conceito de Doutrina Espírita ou Espiritismo?*
- » *Qual o objeto de estudos da Doutrina Espírita?*
- » *Em quais aspectos a Doutrina Espírita assenta sua base?*
- » *Existe relação entre os aspectos? Justifique.*
- » *O conhecimento do tríplice aspecto da Doutrina Espírita facilita sua compreensão? Justifique etc.*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base em todos os textos estudados.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como o conhecimento da Doutrina em seus três aspectos pode me auxiliar na compreensão da vida?

Conclusão

Concluir o estudo apresentando a reflexão:

- » *O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote [...] (Allan Kardec, Obras póstumas, 1ª pt., Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo).*

- » [...] *No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias Leis da Natureza* (Allan Kardec, *Revista Espírita*, dez. 1868 – Discurso de abertura pelo Sr. Allan Kardec).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): trabalho de grupo; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro.

Atividade de preparação para a Sugestão 1 da próxima reunião de estudo:

- » Solicitar aos participantes a leitura do item VI, da *Introdução de O livro dos espíritos* – que trata dos pontos principais da Doutrina Espírita –, destacando os pontos assinalados por Allan Kardec.

4 SUBSÍDIOS

4.1 CONCEITO DE ESPIRITISMO

O termo *Espiritismo* foi criado por Allan Kardec pelas razões que ele mesmo explica na *Introdução de O livro dos espíritos*:

*Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulo espiritual, espiritualista, espiritualismo têm aceção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à Doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritua-
lismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a aceção que lhe é própria. Diremos, pois, que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invi-
sível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas.⁶*

4.2 OBJETO DO ESPIRITISMO

Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, com tudo quanto surge antes do tempo.¹

A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção de um só elemento gerador de todas as transformações da matéria; mas a matéria, por si só, é inerte; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu, nem inventou este princípio; mas foi o primeiro a demonstrar-lhe, por provas inconcussas; estudou-o, analisou-o e tornou-lhe evidente a ação. Ao elemento material, juntou ele o elemento espiritual. Elemento material e elemento espiritual, esses os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel deles, facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis.

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar com o auxílio apenas das leis da matéria.²

Em suma, os

[...] fatos ou fenômenos espíritas, isto é, produzidos por Espíritos desencarnados, são a substância mesma da Ciência Espírita, cujo objeto é o estudo e conhecimento desses fenômenos, para fixação das leis que os regem [...].¹¹

4.3 O TRÍPLICE ASPECTO DA DOCTRINA ESPÍRITA

O tríplice aspecto da Doutrina Espírita ressalta da própria conceituação que lhe dá Allan Kardec:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações.⁹

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: [é ainda Kardec quem afirma] o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem

e o da aplicação desses princípios. Daí, três classes, ou, antes, três graus de adeptos: 1º) Os que creem nas manifestações e se limitam a comprová-las; para esses, o Espiritismo é uma ciência experimental; 2º) Os que lhe percebem as conseqüências morais; 3º) Os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral. Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob que considerem esses estranhos fenômenos, todos compreendem constituírem eles uma ordem, inteiramente nova, de ideias que surge e da qual não pode deixar de resultar uma profunda modificação no estado da Humanidade e compreendem igualmente que essa modificação não pode deixar de operar-se no sentido do bem.⁷

Assim, consoante as palavras de Kardec, podemos identificar o tríplice aspecto do Espiritismo:

- a) *científico* – concernente às manifestações dos Espíritos;
- b) *filosófico* – respeitante aos princípios, inclusive morais, em que se assenta a sua doutrina;
- c) *religioso* – relativo à aplicação desses princípios.

4.4 O ASPECTO CIENTÍFICO

Nenhuma ciência existe que haja saído prontinha do cérebro de um homem. Todas, sem exceção, são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como em um ponto conhecido para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam com relação ao Espiritismo, daí o ser gradativo o ensino que ministram [...].³

Os fatos ou fenômenos espíritas, isto é, produzidos por Espíritos desencarnados, são a substância mesma da Ciência Espírita, cujo objeto é o estudo e conhecimento desses fenômenos, para fixação das leis que os regem. Eles constituem o meio de comunicação entre o nosso mundo físico e o Mundo Espiritual, de características diferentes, mas que não impedem o intercâmbio, que sempre houve, entre os vivos e os mortos, segundo a terminologia usual.¹¹

O caráter científico deflui ainda das seguintes conclusões de Allan Kardec:

O Espiritismo, pois, não estabelece com o princípio absoluto somente o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. [...] Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.⁴

Gabriel Delanne, em sua obra *O fenômeno espírita* também salienta o papel científico do Espiritismo, quando diz:

*O Espiritismo é uma ciência cujo fim é a demonstração experimental da existência da alma e sua imortalidade, por meio de comunicações com aqueles aos quais imprópriamente têm sido chamados mortos.*¹⁴

Sendo assim, a

*[...] Ciência Espírita se classifica [...] entre as ciências positivas ou experimentais e se utiliza do método analítico ou indutivo, porque observa e examina os fenômenos mediúnicos, faz experiências, comprova-os.*¹³

4.5 O ASPECTO FILOSÓFICO

O aspecto filosófico do Espiritismo vem destacado na folha de rosto de *O livro dos espíritos*, a primeira obra do Espiritismo, quando Allan Kardec classifica a nova doutrina de *Filosofia Espiritualista*.

Na conclusão dessa mesma obra, Kardec enfatiza:

*Falsíssima ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais e que, portanto, obstando-se a tais manifestações, se lhe terá minado a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso [...].*⁵

De fato, o

*[...] Espiritismo é uma doutrina essencialmente filosófica, embora seus princípios sejam comprovados experimentalmente, o que lhe confere também o caráter científico. Quando o Homem pergunta, interroga, cogita, quer saber o “como” e o “porquê” das coisas, dos fatos, dos acontecimentos, nasce a FILOSOFIA, que mostra o que são as coisas e porque são as coisas o que são.*¹¹

Em verdade, o homem quer justificar-se a si mesmo e ao mundo em que vive, ao qual reage e do qual recebe contínuos impactos, procura compreender como as coisas e os fatos se ordenam, em suma, deseja conhecer sempre mais e mais.

O caráter filosófico do Espiritismo está, portanto, no estudo que faz do homem, sobretudo Espírito, de seus problemas, de sua origem, de sua destinação. Esse estudo leva ao conhecimento do mecanismo das relações dos homens que vivem na Terra com aqueles que já se despediram dela, temporariamente, pela morte, estabelecendo as bases desse permanente relacionamento, e demonstra a existência, inquestionável, de algo que tudo cria e tudo comanda, inteligentemente – DEUS.

*Definindo as responsabilidades do Espírito – quando encarnado (alma) e também do desencarnado, o Espiritismo é Filosofia, uma regra moral de vida e comportamento para os seres da Criação, dotados de sentimento, razão e consciência.*¹²

4.6 O ASPECTO RELIGIOSO

O Espiritismo [diz Allan Kardec] é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote [...].⁸

No discurso de abertura da Sessão Anual Comemorativa do dia dos Mortos, na Sociedade de Paris, publicado na *Revista Espírita* de dezembro de 1868, Allan Kardec, respondendo à pergunta *O Espiritismo é uma religião?*, afirma, a certa altura:

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo é [...] essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias Leis da Natureza.

Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.¹⁰

Em suma, concluímos com Emmanuel:

– Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado [...] como um triângulo de forças espirituais.

A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao Céu. No seu aspecto científico e filosófico, a

*Doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam ao aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.*¹⁵

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 6. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 1, it. 16.
- 2 _____. _____. it. 18.
- 3 _____. _____. it. 54.
- 4 _____. _____. it. 55.
- 5 _____. _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. *Conclusão VI*.
- 6 _____. _____. *Introdução*, it. I.
- 7 _____. _____. *Conclusão*, it. VII.
- 8 _____. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. 1ª pt., *Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo*.
- 9 _____. *O que é o espiritismo*. Trad. Redação de Reformador em 1884. 56. ed. 1. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2013. *Preâmbulo*.
- 10 _____. *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos*. ano 11. n. 12. dez. 1868. Discurso de abertura pelo Sr. Allan Kardec: *O Espiritismo é uma religião?*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. reimp. Brasília: FEB, 2009.
- 11 BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo básico*. 5. ed. 3. reimp. Brasília: FEB, 2010. 2ª pt. *O espiritismo científico*, p. 103.
- 12 _____. _____. p. 101.
- 13 _____. _____. p. 104.
- 14 DELANNE, Gabriel. *O fenômeno espírita*. Trad. Francisco Raymundo Ewerton Quadros. 9. ed. 3. reimp. Brasília: FEB, 2010. *Prefácio*.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. *Definição*.

PRINCÍPIOS BÁSICOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar os pontos principais da Doutrina Espírita, conforme explicado por Allan Kardec na *Introdução* de *O livro dos espíritos*, item IV.
- » Refletir sobre a necessidade da observação desses pontos para a preservação da unidade doutrinária do Espiritismo.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » Os pontos principais da Doutrina Espírita são: Deus, criador do Universo; o mundo espírita, habitado pelos Espíritos desencarnados; a encarnação e reencarnação dos Espíritos na Terra e em outros mundos; o melhoramento progressivo dos Espíritos, que passam pelos diversos graus da hierarquia espírita até atingirem a perfeição moral; a relação constante dos Espíritos desencarnados com os homens (Espíritos encarnados); a existência do perispírito, como envoltório semimaterial do Espírito, e os ensinamentos morais dos Espíritos Superiores, que podem ser sintetizados, como os do Cristo, na máxima evangélica *fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem* (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, *Introdução*, it. VI).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Introduzir o tema, esclarecendo que uma doutrina (científica, filosófica ou religiosa), para ser considerada como tal, deve conter princípios

norteadores dos seus ensinamentos. Similarmente, o Espiritismo também os possui, identificados por Allan Kardec como *pontos principais da Doutrina*.

Acrescentar que, tendo como base esses pontos principais, Allan Kardec codificou a Doutrina transmitida pelos Espíritos Superiores, no século XIX.

Desenvolvimento

Em seguida, solicitar aos participantes que comentem os pontos principais do Espiritismo, por eles destacados na atividade extrarreunião. Registrar os pontos elencados pelos participantes em local visível a todos.

Com base nas leituras dos subsídios e do item VI de *O livro dos espíritos*, dividir a turma em três grupos e pedir que elaborem uma pergunta para cada um dos princípios básicos:

Grupo 1 – Deus; imortalidade da alma; mundo espiritual;

Grupo 2 – Perispírito; progressão dos Espíritos; reencarnação;

Grupo 3 – Pluralidade dos mundos habitados; comunicabilidade dos Espíritos; ensino moral.

Após a elaboração, em discussão circular, cada grupo fará as perguntas aos demais participantes.

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações, enriquecendo a discussão.

Propor a seguinte reflexão individual (não há necessidade de comentários):

Qual dos princípios básicos é mais importante para mim neste momento?

Conclusão

Fazer o fechamento da reunião indicando, nos registros, os pontos principais da Doutrina Espírita que estão mais relacionados às nossas necessidades de aprendizado no plano físico.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição; leitura.

Recurso(s): *O livro dos espíritos*; recursos visuais (cartaz ou quadro); subsídios do Roteiro.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Introduzir o tema, esclarecendo que uma doutrina (científica, filosófica ou religiosa), para ser considerada como tal, deve conter princípios norteadores dos seus ensinamentos. Similarmente, o Espiritismo também os possui, identificados por Allan Kardec como pontos principais da Doutrina.

Acrescentar que, tendo como base esses pontos principais, Allan Kardec codificou a Doutrina transmitida pelos Espíritos Superiores, no século XIX.

Desenvolvimento

Em seguida, dividir a turma em grupos: solicitar aos participantes que façam leitura dos subsídios da apostila, destacando dos pontos principais ou princípios básicos apresentados por Kardec.

Após a leitura, escrever em cartaz ou quadro, com a ajuda dos participantes, os pontos principais da Doutrina destacados dos subsídios.

Em discussão circular, propor a seguinte questão:

Para que se mantenha a unidade doutrinária do Espiritismo, qual a importância da conjugação desses “pontos principais ou princípios básicos”? Justifique.

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há necessidade de comentários):

Qual dos princípios básicos é mais importante para mim neste momento?

Conclusão

Fazer o fechamento reforçando que:

- » Os pontos principais da Doutrina Espírita são: Deus, criador do Universo; o mundo espírita, habitado pelos Espíritos desencarnados; a encarnação e reencarnação dos Espíritos na Terra e em outros mundos; o melhoramento progressivo dos Espíritos, que passam pelos diversos graus da hierarquia espírita até atingirem a perfeição moral; a relação constante dos Espíritos desencarnados com os homens (Espíritos encarnados); a existência do perispírito, como envoltório semimaterial do Espírito, e os ensinamentos morais dos Espíritos Superiores, que podem ser sintetizados, como os do

Cristo, na máxima evangélica *fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem*. (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, Introdução, it. VI).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnicas: exposição dialógica, estudo em grupo, discussão circular.

Recursos: visual (cartaz ou quadro), subsídios do Roteiro.

4 SUBSÍDIOS

Allan Kardec, na *Introdução* de *O livro dos espíritos*, item VI, trata dos pontos principais dos ensinamentos transmitidos pelos Espíritos Superiores. Ressalta, primeiramente, que

[...] os próprios seres que se comunicam se designam a si mesmos pelo nome de Espíritos ou gênios, declarando, alguns, pelo menos, terem pertencido a homens que viveram na Terra. Eles compõem o mundo espiritual, como nós constituímos o mundo corporal durante a vida terrena.¹

Passa, em seguida, a resumir esses pontos principais:

- *Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom;*
- *criou o Universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais;*
- *os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos;*
- *o mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo;*
- *o mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita;*
- *os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade;*
- *entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos [...].*
- *a alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório;*
- *há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material, análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito*

encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito;

[...]

– o laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, porém que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições;

– o Espírito não é, pois, um ser abstrato, indefinido, só possível de conceber-se pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável pela vista, pelo ouvido e pelo tato;

– os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos Superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor do bem: são os anjos ou puros Espíritos. Os das outras classes se acham cada vez mais distanciados dessa perfeição, mostrando-se os das categorias inferiores, na sua maioria, eivados das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho etc.

– os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram, passando pelos diferentes graus de hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação, a outros como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral;

– deixando o corpo, a alma volve ao Mundo dos Espíritos, donde saíra, para passar por nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante;

– tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos;

– a encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal;

– as diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas, a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição;

[...]

– os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo;

– os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e

acotovelando-nos de contínuo. É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós;

– os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo;

– as relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal; é-lhes um gozo ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles;

– as comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. [...];

– os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação;

[...]

– os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos Superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, inversamente, encontram livre acesso e podem obrar com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos [...];

– distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos Superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade [...] A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, amiúde trivial e até grosseira [...];

– a moral dos Espíritos Superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações;

[...] *Ensinam, finalmente que, no Mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e patenteadas todas as suas torpezas; que a presença inevitável, e de todos os instantes, daqueles para com quem houvermos procedido mal constitui um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos desconhecidos na Terra;*

– mas ensinam também não haver faltas irremissíveis, que a expiação não possa apagar. Meio de consegui-lo encontra o homem nas diferentes existências que lhe

*permitem avançar, conforme os seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final.*¹

Eis, assim, os pontos principais da Doutrina Espírita, que serão desenvolvidos no transcorrer deste Curso.

REFERÊNCIA

- 1 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. *Introdução*, it. VI.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO II

A Codificação Espírita

OBJETIVO GERAL

Possibilitar conhecimentos gerais acerca do surgimento e Codificação da Doutrina Espírita e a compreensão da missão de Allan Kardec.

“Se me amardes, observareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Paracleto, a fim de que esteja convosco para sempre. O espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o contemplou nem o conhece; vós o conheceis, porque permanece junto de vós e estará entre vós. Mas o Paracleto, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos lembrará todas as coisas que vos disse” (*João*, 14:15 a 16, 26).

O CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO XIX NA EUROPA

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar o contexto histórico do século XIX na Europa.
- » Refletir sobre a importância do contexto histórico para o surgimento da Doutrina Espírita.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *O século XIX desenrolava uma torrente de claridades na face do mundo, encaminhando todos os países para reformas úteis e preciosas [...] (Emmanuel, A caminho da luz, cap. 23 – O século XIX, it. Allan Kardec e os seus colaboradores).*
- » *Esse século, por direito, pode ser chamado o século das revoluções, porque nenhum – até agora – foi tão fértil em levantes, insurreições, guerras civis, ora vitoriosas, ora esmagadas. Essas revoluções têm como ponto comum o fato de serem quase todas dirigidas contra a ordem estabelecida [...], quase todas feitas em favor da liberdade, da democracia política ou social, da independência ou unidade nacionais (René Rémond, O século 19, Introdução).*
- » *No século XIX as [...] lições sagradas do Espiritismo iam ser ouvidas pela Humanidade sofredora. Jesus, na sua magnanimidade, repartiria o pão sagrado da esperança e da crença com todos os corações (Emmanuel, A caminho da luz, cap. 23 – O século XIX, it. Allan Kardec e os seus colaboradores).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Iniciar a reunião fazendo uma apresentação geral do tema, por meio da técnica expositiva, destacando as ideias introdutórias dos subsídios deste Roteiro. Utilizar projeções ou cartazes.

Desenvolvimento

Pedir aos participantes que formem grupos para a realização das seguintes atividades, tendo como base os subsídios:

Grupo 1 – leitura, comentários e resumo escrito do subitem 4.1.1 – A Revolução Francesa e as suas consequências.

Grupo 2 – leitura, comentários e resumo escrito do subitem 4.1.2 – A Revolução Industrial e as suas repercussões.

Grupo 3 – leitura, comentários e resumo escrito do subitem 4.1.3 – Manifestações artísticas e culturais do século XIX.

Solicitar aos relatores dos grupos que façam a leitura do resumo, em plenária.

Destacar pontos fundamentais da apresentação dos relatores, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

Fazer o fechamento do assunto, destacando os principais pontos constantes do subitem 5.1.4 dos subsídios (Manifestações filosóficas, políticas, religiosas, científicas e sociais do século XIX), os quais tiveram o poder de influenciar as gerações posteriores.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes demonstrarem interesse e desenvolverem as tarefas com entusiasmo.

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): cartazes ou transparências; subsídios deste Roteiro; lápis, papel.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Introduzir o tema por meio da pergunta:

De que maneira o contexto histórico pode influenciar no surgimento de uma doutrina?

Desenvolvimento

Após comentários, propor a leitura silenciosa dos subsídios do Roteiro.

Em seguida, em discussão circular, refletir sobre:

- » *Quais fatos importantes, no contexto histórico, que você destaca? Por quê?*
- » *Qual a consequência desses fatos para a época?*
- » *É possível relacionar as manifestações filosóficas, científicas, e sociais da Europa e o surgimento da Doutrina Espírita? Justifique.*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base em todos os textos estudados.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como analiso o mundo e seu contexto: social, político, científico, filosófico e religioso? Tem alguma importância essa análise para minha vida?

Conclusão

Concluir o estudo apresentando a reflexão:

- » *O século XIX desenrolava uma torrente de claridades na face do mundo, encaminhando todos os países para reformas úteis e preciosas (Emmanuel, A caminho da luz, cap. 23 – O século XIX, it. Allan Kardec e os seus colaboradores).*
- » *Esse século, por direito, pode ser chamado o século das revoluções, porque nenhum – até agora – foi tão fértil em levantes, insurreições, guerras civis, ora vitoriosas, ora esmagadas. Essas revoluções têm como ponto comum o fato de serem quase todas dirigidas contra a ordem estabelecida [...], quase todas feitas em favor da liberdade, da democracia política ou social, da independência ou unidade nacionais (René Rémond, O século 19, Introdução).*

- » No século XIX as [...] *lições sagradas do Espiritismo iam ser ouvidas pela Humanidade sofredora. Jesus, na sua magnanimidade, repar-tiria o pão sagrado da esperança e da crença com todos os corações* (Emmanuel, *A caminho da luz*, cap. 23 – O século XIX, it. Allan Kardec e os seus colaboradores).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): leitura silenciosa; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro.

4 SUBSÍDIOS

O século XIX representou uma dessas épocas em que fomos especialmente abençoados pela bondade superior, a despeito de todas as dificuldades assinaladas nesse período. Além das enormes contribuições culturais recebidas, fomos imensamente distinguidos pelo advento do Espiritismo, materializado no mundo físico pelo trabalho inestimável do professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail que, ao codificar a Doutrina Espírita, adotou o pseudônimo Allan Kardec.

O século XVIII dá início aos grandes movimentos revolucionários europeus que derrubaram o Absolutismo, implantaram a economia liberal e extinguiram o antigo sistema colonial, movimentos apoiados nas ideias renovadoras da Filosofia e da Ciência, divulgadas neste século por Espíritos reformadores, denominados iluministas e enciclopedistas.

Tais ideias, de acordo com o Espírito Emmanuel, constituíram a base para que fossem combatidos, no século XIX, os

[...] erros da sociedade e da política, fazendo soçobrar os princípios do direito divino, em nome do qual se cometiam todas as barbaridades.

Vamos encontrar nessa plêiade de reformadores os vultos veneráveis de Voltaire [1694–1778], Montesquieu [1689–1755], Rousseau [1712–1778], D’Alembert [1717–1783], Diderot [1713–1784], Quesnay [1694–1774] [...].⁸

A independência americana repercutiu intensamente na França, acendendo o [...] *mais vivo entusiasmo no ânimo dos franceses, humilhados pelas mais prementes dificuldades, depois do extravagante reinado de Luís XV.⁹*

Em consequência, desencadeou-se um poderoso movimento revolucionário em 1789 – a Revolução Francesa –, considerada o marco que separa a Idade Moderna da atual, a Contemporânea. Os sucessivos progressos culturais em todos os campos do saber humano, desencadeados pela Revolução Francesa, foram tão marcantes que o século XIX entrou para a história como o *Século da Razão*, assim como o século XVIII é denominado o *Século das Luzes*.

4.1 O CONTEXTO HISTÓRICO EUROPEU DO SÉCULO XIX

4.1.1 A Revolução Francesa e as suas consequências

No apagar das luzes do século XVIII, a França, uma monarquia governada por Luiz XVI, é ainda um país agrário, com industrialização incipiente. A sociedade francesa está constituída de três grupos sociais básicos: o clero, a nobreza e a burguesia. O clero, cognominado de *Primeiro Estado*, representava 2% da população total e era isento de impostos. Havia um grande desnível entre o *alto clero*, de origem nobre e possuidor de grandes rendimentos originários das rendas eclesiásticas, e o *baixo clero*, de origem plebeia, reduzido à própria subsistência. A nobreza, conhecida como *Segundo Estado*, fazia parte dos 2,5% de uma população de 23 milhões de habitantes. Não pagava impostos e tinha acesso aos cargos públicos. Cerca de 95% da população – que incluía desde ricos comerciantes até camponeses – formavam o *Terceiro Estado*, que englobava a burguesia (fabricantes, banqueiros, comerciantes, advogados, médicos), os artesãos, o proletariado industrial e os camponeses. Os burgueses tinham poder econômico, no entanto, iguais ao povo, não tinham direito de participação política nem de ascensão social. Essa situação desencadeou uma série de conflitos, que culminaram com a Revolução Francesa, em 14 de julho de 1789.¹

A despeito dos inegáveis benefícios sociais e políticos produzidos pela Revolução Francesa, entre eles a célebre *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, seguiram-se anos de terror, que favoreceram o golpe de Estado executado por Napoleão Bonaparte, no final do século XVIII.

Segundo Emmanuel, naqueles anos de terror, a

[...] França atraía para si as mais dolorosas provações coletivas nessa torrente de desastrosos. Com a influência inglesa, organiza-se a primeira coligação europeia contra o nobre país [França].

[...] Também no mundo espiritual reúnem-se os gênios da latinidade, sob a bênção de Jesus, implorando a sua proteção e misericórdia para a grande

nação transviada. Aquela que fora a corajosa e singela filha de Domrémy [Joana d'Arc] volta ao ambiente da antiga pátria, à frente de grandes exércitos de Espíritos consoladores, confortando as almas aflitas e aclarando novos caminhos [...].¹⁰

Entre o final do século XVIII e o início do século XIX (1799 a 1815), a política europeia está centrada na figura carismática de Napoleão Bonaparte, um dos grandes chefes militares da História, administrador talentoso, que, entre outras reformas civis, promulga uma nova Constituição; declara leigo o Estado, separando-o, assim, da religião; promulga o Código Napoleônico – que garante a liberdade individual, a igualdade perante a lei, o direito à propriedade privada, o divórcio – e adota o primeiro Código Comercial.¹

No que diz respeito às ações deste imperador francês, lembra-nos Emmanuel que

[...] as atividades de Napoleão pouco se aproximaram das ideias generosas que haviam conduzido o povo francês à revolução. Sua História está igualmente cheia de traços brilhantes e escuros, oscilante entre as forças do bem e do mal.¹¹

Após Napoleão, a França passa por um novo período de transformações históricas.¹²

O movimento democrático na França mistura política e literatura. Assim, numerosos escritores se engajam na luta política e social, por meio de suas obras e ação.⁴

4.1.2 A Revolução Industrial e as suas repercussões

Outra revolução, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, a Revolução Industrial, acarretou profundas transformações na sociedade, modificando a feição das relações humanas dentro e fora dos países. Serviu de alavanca para o progresso tecnológico que presenciamos nos dias atuais, pela invenção de máquinas e de equipamentos cada vez mais sofisticados. Propiciou o desenvolvimento das relações internacionais, em especial nas áreas econômicas, comerciais e políticas, transformando o mundo numa aldeia global. Desenvolveu a rede de comunicações de curta e de longa distância, principalmente pelo emprego inteligente da energia elétrica e da eletrônica. Ampliou os meios de transportes, em especial o marítimo e o aéreo. Favoreceu as pesquisas médico-sanitárias voltadas para o controle das doenças epidêmicas, resultando no aumento das faixas da sobrevida humana.²

A Revolução Industrial, no entanto, produziu igualmente várias distorções e malefícios, de certa forma esperados, se se considerar o relativo atraso moral da Humanidade.²

É oportuno considerar que os ideais da Revolução Francesa e os princípios da Revolução Industrial se espalharam, como um rastilho de pólvora, por todo o continente europeu. A Europa do século XIX assemelha-se a um caldeirão em constante ebulição, afetando o cotidiano das pessoas, em decorrência das contínuas mudanças no campo das ideias.

4.1.3 Manifestações artísticas e culturais do século XIX

As atividades artísticas e culturais do século XIX revelam uma preferência predominantemente romântica. O romantismo influencia as ideias políticas e sociais abraçadas pela burguesia revolucionária da primeira metade do século, associando as manifestações românticas aos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade.³

No que diz respeito à produção literária, sobressai, na Alemanha, o poeta Goethe (1749–1832), que, em *Fausto* – uma de suas mais importantes obras –, enaltece a liberdade individual, tema repetido em seus demais trabalhos.³

Na França, destaca-se a figura de Victor Hugo, que ocupa lugar excepcional na história das letras francesas. No livro *Napoleão, o pequeno*, Victor Hugo critica o governo de Napoleão III. Em *Os miseráveis*, denuncia, como ninguém até então fizera, o estado de penúria dos pobres.⁷

As artes plásticas, inspiradas no classicismo greco-romano, têm como exemplos mais importantes o Arco do Triunfo e as colunas existentes em Paris, construídas por ordem de Napoleão Bonaparte. Quadros famosos são legados à posteridade por Jacques-Louis David (1746–1828) e Eugène Delacroix (1798–1863) – líder do movimento romântico na pintura francesa.³

Na segunda metade do século XIX, a pintura europeia passa por uma verdadeira transformação, desencadeada pelo movimento denominado *Impressionismo*. Os pintores mais importantes desse movimento foram Édouard Manet (1832–1883), Claude Monet (1840–1926), Renoir (1841–1920), Cézanne (1839–1906) e Degas (1834–1917).³

No campo das composições musicais ocorre uma reviravolta. O virtuosismo do século anterior é substituído por interpretações musicais de

forte colorido emocional. Um dos compositores que demonstra de forma notável essa relação é Richard Wagner (1813–1883). A composição musical *Lohengrin* revela a forte influência dos socialistas utópicos e dos revolucionários da época. *A Rapsódia Húngara*, de Liszt (1811–1886), e as *Polonaises*, de Chopin (1810–1849), são verdadeiros panfletos de manifestações nacionalistas. O nacionalismo, na produção das óperas de Rossini (1792–1868), Bellini (1801–1835) e Verdi (1813–1901), transmite um apelo pungente à unificação da Itália.³

4.1.4 Manifestações filosóficas, políticas, religiosas, sociais e científicas do século XIX

Para Emmanuel, o [...] *campo da Filosofia não escapou a essa torrente renovadora. Aliando-se às ciências físicas, não toleraram as ciências da alma o ascendente dos dogmas absurdos da Igreja. [...] A Filosofia recolheu-se, então, no seu negativismo transcendente, aplicando às suas manifestações os mesmos princípios da ciência racional e materialista. Schopenhauer [1788–1860] é uma demonstração eloquente do seu pessimismo e as teorias de Spencer [1820–1903] e de Comte [1798–1857] esclarecem as nossas assertivas [...].*¹⁴ De acordo com o Positivismo de Auguste Comte, a Humanidade ultrapassou o estado teológico e o estado metafísico ao penetrar o *estado positivo*, caracterizado pelo sucesso dos conhecimentos positivos, fundados numa certeza racional e científica.⁶

Em relação às ideias anarquistas e às ideologias socialistas da sociedade da época, essas concepções ainda repercutem nos dias atuais. A concepção moderna de anarquismo nasce com a Revolução Industrial e com a Revolução Francesa. Essas ideias resultaram no surgimento do Marxismo, que, de socialismo científico, transforma-se em crítico do regime capitalista, tendo como base o materialismo histórico.⁴ Assim, em 1848, o Manifesto do Partido Comunista, de autoria dos alemães Karl Marx (1818–1883) e Friedrich Engels (1820–1895), afirma que o comunismo seria a etapa final da organização político-econômica humana. A sociedade viveria em um coletivismo, sem divisão de classes e sem a presença de um Estado coercitivo.

Nesse contexto, surge o *Catolicismo Social*, movimento criado por Lamennais, que buscava um ideal de caridade e de justiça, conforme os ensinamentos do Evangelho. Lamennais rompe com a Igreja e se torna abertamente socialista. Lacordaire e Montalembert se submetem sem abandonar a ação generosa (caridade e justiça).⁵

No campo da Ciência, as mudanças foram significativas: a descoberta do planeta Netuno por Le Verrier; os trabalhos de Louis Pasteur sobre microbiologia; os estudos de Pierre e Marie Curie no campo das energias emitidas pelo rádio, e a teoria da origem e evolução das espécies, de Charles Darwin. O surgimento da máquina a vapor revoluciona os meios de transportes. O desenvolvimento da indústria e sua concentração progressiva levam a um aumento considerável do proletariado urbano e da acuidade das questões sociais.⁶

Todavia, é importante assinalar que uma revolução diferente marcou, também, esse período: a revolução moral proposta pelo Espiritismo nascente:

O século XIX desenrolava uma torrente de claridades na face do mundo, encaminhando todos os países para as reformas úteis e preciosas.

As lições sagradas do Espiritismo iam ser ouvidas pela Humanidade sofredora. Jesus, na sua magnanimidade, repartiria o pão sagrado da esperança e da crença com todos os corações.

Allan Kardec, todavia, na sua missão de esclarecimento e consolação, fazia-se acompanhar de uma plêiade de companheiros e colaboradores, cuja ação regeneradora não se manifestaria tão somente nos problemas de ordem doutrinária, mas em todos os departamentos da atividade intelectual do século XIX [...].¹³

REFERÊNCIAS

- 1 AMARAL, Jesus S. F. [et al.]. *Enciclopédia mirador internacional*. v. 18. São Paulo: 1995. *Revolução Francesa*, it. III, p. 9.852 a 9.859.
- 2 _____. _____. *Revolução Industrial*, p. 9.877 a 9.881.
- 3 BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1975. Progresso intelectual e artístico durante a época da democracia e do nacionalismo, p. 661.
- 4 LAGARDE, André; MICHARD, Laurent. *XIXe Siècle. Les grands auteurs français du programme*. v. 5. Paris: Bordas, 1964. *Introduction*, it. Le Mouvement démocratique, p. 7 e 8.
- 5 _____. _____. it. Le Socialisme, p. 8.
- 6 _____. _____. it. Le Progrès scientifique et industriel, p. 9.
- 7 _____. _____. *Victor Hugo*, p. 153.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 38. ed. 5. imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 21 – Época de transição, it. Os enciclopedistas.
- 9 _____. _____. cap. 22 – *A Revolução Francesa*, it. A França no século XVIII.

- 10 _____. _____. it. Contra os excessos da Revolução.
- 11 _____. _____. it. Napoleão Bonaparte.
- 12 _____. _____. cap. 23 – *O século XIX*, it. Depois da Revolução.
- 13 _____. _____. it. Allan Kardec e os seus colaboradores.
- 14 _____. _____. it. As Ciências Sociais.

FENÔMENOS MEDIÚNICOS QUE ANTECEDERAM A CODIFICAÇÃO: HYDESVILLE E MESAS GIRANTES

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar as características dos fenômenos de Hydesville e das mesas girantes.
- » Refletir sobre a importância desses fenômenos para o surgimento do Espiritismo.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » Em março de 1848, no humilde vilarejo de Hydesville, Estado de Nova Iorque, surgiram fenômenos mediúnicos que abalaram a opinião pública da época. Tais fenômenos ocorreram numa tosca cabana, residência da família Fox. Os acontecimentos a partir do primeiro diálogo com o Espírito, em 31 de março de 1848, empolgaram a população do vilarejo, surgindo, em novembro de 1849, as primeiras demonstrações públicas, com as irmãs Fox, o que resultou na formação do primeiro núcleo de estudantes do espiritualismo moderno (Zêus Wantuil, *As mesas girantes e o espiritismo*, cap. 1).
- » O acontecimento de Hydesville [...] *repercutiria na Europa, despertando as consciências e, ao lado dos fenômenos das mesas girantes, prepararia o advento do Espiritismo* (Pedro Barbosa, *O espiritismo básico*, cap. *O episódio de Hydesville*).
- » *Em Paris de 1853, principalmente, a recreação mais palpitante e mais original era a das “mesas girantes” [...].*

[...]

*Os fenômenos constituíam para a generalidade dos assistentes um passatempo como qualquer outro. Quase ninguém se aprofundava no estudo da causa de tais manifestações extraordinárias. Às vezes surgia uma que outra pretenciosa explicação, que logo era desprezada, por não poder satisfazer aos fatos observados [...] (Zêus Wantuil; Francisco Thiesen, *Allan Kardec: o educador e o codificador* [nova edição de 2019, Org. Zêus Wantuil], 2ª pt., cap. 1 – *A fagulha da renovação*, it. 2 – As “mesas girantes e dançantes”).*

- » [...] os Espíritos, aproveitando-se da onda de curiosidade que invadira todas as plagas [as nações europeias e alhures], nelas também se movimentaram intensamente, no grandioso e abençoado objetivo de despertamento progressivo dos homens para as realidades vivas da Vida Póstuma (Zêus Wantuil, *As mesas girantes e o espiritismo*, cap. 10).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Em breve exposição, explicar aos participantes que em meados do século XIX houve uma série de fenômenos considerados extraordinários, e que causaram forte impacto na opinião pública, tendo mesmo atingido os intelectuais da época: os fenômenos de Hydesville e as mesas girantes (veja: *As mesas girantes e o espiritismo*, cap. 1 e *Allan Kardec, o educador e o codificador* [nova edição de 2019], 2ª pt., cap. 1 – *A fagulha da renovação*, it. Os acontecimentos de Hydesville, por exemplo).

Mostrar, então, figuras ilustrativas dos dois fenômenos, fazendo breves comentários sobre cada um deles, ou apresentar o vídeo *As irmãs Fox*, disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FJPbHwRcbGI3MoXrjzfOhm0SCPL-Su5TC/view>

Desenvolvimento

Com o auxílio da técnica explosão de ideias, pedir aos participantes que respondam a uma das seguintes perguntas:

- » *O Espiritismo sempre existiu?*
- » *Há notícias de ideias espíritas antes de Kardec?*

Fazer breves comentários sobre as ideias emitidas pelos participantes.

Em sequência, dividir a turma em quatro grupos e solicitar-lhes que leiam, silenciosamente, os subsídios deste Roteiro.

Terminada a leitura, propor-lhes a realização das tarefas abaixo descritas:

Grupo 1 – narrar, de forma resumida, os episódios de Hydesville, ou, se o grupo preferir, dramatizar o diálogo de Kate e Margareth Fox com o Espírito batedor.

Grupo 2 – retirar dos subsídios, item 4.1 (Os fenômenos de Hydesville), os aspectos que o grupo julgar mais importantes, e comentá-los de modo sucinto.

Grupo 3 – fazer a síntese do item 4.2 (As mesas girantes).

Após essa tarefa, pedir aos grupos que apresentem as conclusões.

A seguir, propor uma discussão circular a partir da seguinte pergunta:

Qual a importância dos fenômenos de Hydesville e das mesas girantes, para o surgimento do Espiritismo?

Nesse momento, o facilitador deverá dirimir as dúvidas, complementar conceitos, e reforçar a importância desses fenômenos para o surgimento do Espiritismo.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição; leitura; estudo em grupo; explosão de ideias; discussão circular.

Recurso(s): vídeo; subsídios do Roteiro; roteiro para o trabalho em grupo; apresentação com recursos audiovisuais.

3.2 SUGESTÃO 2:

Introdução

Em breve exposição, explicar aos participantes que em meados do século XIX houve uma série de fenômenos considerados extraordinários, e que causaram forte impacto na opinião pública, tendo mesmo atingido os intelectuais da época: os fenômenos de Hydesville e as mesas girantes (veja: *As mesas girantes e o espiritismo*, cap. 1 e *Allan Kardec, o educador e*

o codificador [nova edição de 2019], 2ª pt., cap.1 – *A fagulha da renovação*, it. Os acontecimentos de Hydesville; por exemplo).

Mostrar, então, figuras ilustrativas dos dois fenômenos, fazendo breves comentários sobre cada um deles, ou apresentar o vídeo *As irmãs Fox*, disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FJPbHwRcbGI3MoXrjzfOhm0SCPL-Su5TC/view>

Desenvolvimento

Com o auxílio da técnica explosão de ideias, pedir aos participantes que respondam a uma das seguintes perguntas:

- » *O Espiritismo sempre existiu?*
- » *Há notícias de ideias espíritas antes de Kardec?*

Fazer breves comentários sobre as ideias emitidas pelos participantes

Em sequência, dividir a turma em grupos e solicitar-lhes que leiam os subsídios deste Roteiro.

Terminada a leitura, propor que cada grupo comente, entre eles, uma das seguintes perguntas:

1. *Por que teria sido necessário que o Espiritismo fosse precedido em especial por fenômenos físicos?* (Ressaltar o fato da atração que os fenômenos físicos possuem sobre as pessoas em geral, preparando-as para eventos mais sérios.)

2. *Por que os fenômenos de Hydesville e das mesas girantes foram decisivos para o aparecimento do Espiritismo, uma vez que tais espécies de fenômenos sempre ocorreram na história da Humanidade?* (Lembrar aqui que as manifestações mediúnicas anteriores eram isoladas e que os fenômenos de Hydesville e das mesas girantes surpreenderam o mundo com a força de uma invasão organizada.)

A seguir, propor uma discussão circular a partir da seguinte pergunta:

Qual a importância dos fenômenos de Hydesville e das mesas girantes, para o surgimento do Espiritismo?

Nesse momento, o facilitador deverá dirimir as dúvidas, complementar conceitos, e reforçar a importância desses fenômenos para o surgimento do Espiritismo.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Que importância tem os fenômenos espíritas na minha vida?

Conclusão

Concluir destacando a importância do papel dos fenômenos que antecederam a Codificação: “invasão organizada” pela Espiritualidade Superior, com vistas à chegada de uma Era Nova para a Humanidade.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição; leitura; estudo em grupo; explosão de ideias; discussão circular.

Recurso(s): vídeo; subsídios do Roteiro; roteiro para o trabalho em grupo; apresentação com recursos audiovisuais.

Atividade de preparação para a Sugestão 1 da próxima reunião de estudo:

Informar à turma que o Roteiro seguinte – *Allan Kardec: o professor e o codificador* – será estudado por meio de um *simpósio*. Explicar resumidamente a técnica, pedindo a colaboração de quatro participantes, que deverão preparar os temas (10 minutos para cada exposição), da seguinte maneira: 1º expositor: o menino Hyppolyte – nascimento; primeiros estudos; o Instituto de Yverdon. 2º expositor: o professor Rivail: as obras didáticas; o ensino intuitivo; o exercício das funções diretivas e educativas. 3º expositor: Kardec e a missão: os primeiros contatos com os fenômenos mediúnicos; os primeiros estudos sérios de Espiritismo; notícias e desempenho da missão. 4º expositor: Kardec e as obras espíritas: o nome *Allan Kardec*; as obras espíritas; a atuação de Kardec na Codificação da Doutrina Espírita. Solicitar à turma que leia com atenção os subsídios do Roteiro 2, a fim de participar com proveito do *simpósio*. Reunir-se, oportunamente, com os expositores para prestar-lhes esclarecimentos a respeito do trabalho, o que os tornará seguros e motivados para a execução da tarefa.

4 SUBSÍDIOS

Em meados do século XIX, surgiram na América, fenômenos que, pelo caráter ostensivo e intencional, causaram forte impacto na opinião pública, em geral, com ressonância no mundo intelectual da época: os fenômenos de Hydesville, que, ao lado das *mesas girantes*, contribuiriam efetivamente para o surgimento do Espiritismo.

4.1 OS FENÔMENOS DE HYDESVILLE

Em 1847, a casa [uma tosca cabana] de um certo John Fox [e sua mulher Margareth], residente em Hydesville, pequena cidade do Estado de Nova Iorque, foi perturbada por estranhas manifestações; ruídos inexplicáveis faziam-se ouvir com tal intensidade que essa família não pôde mais repousar.

*Apesar das mais numerosas pesquisas, não se pôde encontrar o autor dessa bulha insólita; logo, porém, se notou que a causa produtora parecia ser inteligente. [...]*⁴

As filhas do casal Fox, Margareth e Kate e ainda a mais velha, Lia, casada, eram médiuns. Kate, de 11 anos, no dia 31 de março de 1848, quando as pancadas (em inglês chamadas raps) se tornaram mais persistentes e fortes, resolveu desafiar o mistério, travando-se um diálogo com o que todos julgavam fosse o diabo:

– Senhor Pé-rachado, faça o que eu faço, batendo palmas.

Imediatamente se ouviram pancadas, em número igual ao das palmas. A Sra. Margareth, animada, disse, por sua vez:

– Agora faça exatamente como eu. Conte um, dois, três, quatro.

Logo se fizeram ouvir as pancadas correspondentes.

– É um Espírito? perguntou, em seguida. Se for, dê duas batidas.

A resposta, afirmativa, não se fez esperar.

– Se for um Espírito assassinado, dê duas batidas. Foi assassinado nesta casa?

*Duas pancadas estrepitosas se fizeram ouvir.*³

Chamados os vizinhos, estes foram testemunhas dos mesmos fenômenos. Todos os meios de vigilância foram postos em ação para a descoberta do invisível batedor, mas o inquérito da família e o de toda a vizinhança foi inútil. Não se pôde descobrir a causa real daquelas singulares manifestações.

*As experiências seguiram-se, numerosas e precisas. Os curiosos, atraídos por esses fenômenos novos, não se contentaram mais com perguntas e respostas. Um deles, chamado Isaac Post, teve a ideia de nomear em voz alta as letras do alfabeto, pedindo ao Espírito para bater uma pancada quando a letra entrasse na composição das palavras que quisesse fazer compreender. Desde esse dia, ficou descoberta a telegrafia espiritual; este processo é o que vemos aplicado nas mesas girantes.*⁵

Foi por meio desse processo – o uso do alfabeto na telegrafia espiritual – que os Espíritos enviaram mensagens reveladoras dos desígnios superiores, como esta a seguir:

*Caros amigos, deveis proclamar ao mundo estas verdades. É a aurora de uma nova era; e não deveis tentar ocultá-la por mais tempo. Quando houverdes cumprido o vosso dever, Deus vos protegerá; e os bons Espíritos velarão por vós.*¹²

Os Fox, vítimas da intolerância e do fanatismo dos conservadores da fé, resolveram, então, oferecer-se para mostrar publicamente os fenômenos à população reunida no *Corinthian-Hall*, o maior salão da cidade de Rochester. Essas apresentações, após passarem pelo exame rigoroso de três comissões, foram declaradas verdadeiras, e, como era de se esperar, grande foi o tumulto, com o quase linchamento das jovens Fox.

Mas a perseguição traz, como consequência, o aumento do número de adeptos para as ideias que combate. Assim, poucos anos depois, já havia alguns milhares de seguidores do Espiritualismo Moderno nos Estados Unidos.⁶

4.2 AS MESAS GIRANTES

É necessário dizer-se que o fenômeno tomou, em seguida, outro aspecto. As pancadas, em vez de se produzirem sobre as paredes e sobre o assoalho, faziam-se ouvir na mesa, em torno da qual estavam reunidos os experimentadores. Este modo de proceder fora indicado pelos próprios Espíritos.⁷

O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pelo nome de mesas girantes ou dança das mesas. Este fenômeno, que parece ter sido notado primeiramente na América [...], se produziu rodeado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem nenhuma causa ostensiva. De lá, propagou-se rapidamente pela Europa e pelas outras partes do mundo [...].¹

As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam certo número de pancadas, respondendo desse modo – sim ou não –, conforme fora convencionado, a uma pergunta feita. Até aí nada de convincente havia para os céticos, porquanto bem podiam crer que tudo fosse obra do acaso. Obtiveram-se depois respostas mais desenvolvidas com o auxílio das letras do alfabeto: dando o móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas. A precisão das respostas e a correlação que denotavam com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era Espírito ou Gênio, declinou um nome e prestou diversas informações a seu respeito. Há aqui uma circunstância muito importante, que se deve assinalar. É que ninguém imaginou os Espíritos como meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra [...].²

Vale enfatizar que, a propósito dessas manifestações novas na América, muitos intelectuais, como o juiz John W. Edmonds, o prof. James J. Mapes, o célebre prof. Robert Hare, o sábio Robert Dale Owen, dentre outros, aproximaram-se das novas ideias com o objetivo de esclarecer as pessoas

quanto à ilusão em que estavam imersas. Mas, em vez disso, eles, os sábios, recuando honestamente em seus propósitos, declararam a veracidade dos fatos, aumentando ainda mais o interesse pelas manifestações mediúnicas, portadoras de mensagens vindas do Mundo Espiritual.^{8, 11}

A notícia dos fenômenos misteriosos que se produziam na América, suscitou na França viva curiosidade e, em pouco tempo, a experiência das mesas girantes atingiu grau extraordinário.

Nos salões, a moda era interrogá-las sobre as mais fúteis questões. Era um pasatempo de nova espécie e que fez furor [...].⁹

Em 1853, a Europa inteira tinha as atenções gerais convergidas para o fenômeno das chamadas “mesas girantes e dançantes”, considerado “o maior acontecimento do século” pelo Rev.^{mo} padre Ventura de Raulica, então o mais ilustre representante da teologia e da filosofia católicas [...].¹⁴

A imprensa informava e tecia largos comentários acerca das estranhas manifestações, e, a não ser o grande físico inglês Faraday, o sábio químico Chevreul, o conde de Gasparin, o marquês de Mirville, o abade Moigno, Arago, Babinet e alguns outros eminentes homens de ciência, bem poucos se importavam em descobrir-lhes as causas, em explicá-las, a maioria dos acadêmicos olhando os fenômenos com superioridade e desdém.¹⁵

Voltando aos dias da tumultuosa França de meados de 1853, vemos que grupos e mais grupos de experimentadores curiosos se haviam organizado num fechar de olhos. A maravilhosa loucura do século XIX já se havia infiltrado no cérebro da Humanidade [...].

E Paris inteira “assistia, atônita e estarrecida, a este turbilhão feérico de fenômenos imprevistos que, para a maioria, só alucinadas imaginações poderiam criar, mas que a realidade impunha aos mais céticos e frívolos”.

A Imprensa francesa, diante da demonstração irrefragável dos novos fatos [manifestações de Espíritos], que saltavam aos olhos de todos, franqueou mais amplamente suas colunas ao noticiário a respeito, dessa forma ateando mais fogo nos debates e controvérsias que então se levantaram entre os observadores menos superficiais.¹³

Mas as mesas continuaram... Veio o Santo Ofício e, em 4 de agosto de 1856, condenou os fenômenos em voga, dizendo serem consequência de hipnotismo e magnetismo (já que pouca gente acreditava em peripécias do “diabo”), e tachava de hereges as pessoas por intermédio das quais eles eram produzidos.¹⁶

Estava, assim, cumprido o papel dos fenômenos dessa fase inicial – *invasão organizada*, no dizer do escritor inglês Arthur Conan Doyle –, programada pelos Espíritos Superiores, com vistas à chegada de uma Nova Era de progresso para os homens.¹⁰

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. *Introdução*, it. III.
- 2 _____. _____. it. IV.
- 3 BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo básico*. 5. ed. 3. reimp. Brasília: FEB, 2010. 1ª pt., O episódio de Hydesville, p. 42.
- 4 DELANNE, Gabriel. *O fenômeno espírita*. Trad. Francisco Raymundo Ewerton Quadros. 9. ed. 3. reimp. Brasília: FEB, 2010. 1ª pt., cap. 2 – *Os tempos modernos*, it. Na América.
- 5 _____. _____.
- 6 _____. _____.
- 7 _____. _____.
- 8 _____. _____. p. 29 a 33.
- 9 _____. _____. it. Na França.
- 10 DOYLE, Arthur Conan. *A história do espiritismo: de Swedenborg ao início do século XX*. Trad. José Carlos da Silva Silveira. 1. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. *Apresentação* e cap. 1 – *A história de Swedenborg*.
- 11 _____. _____. cap. 6 – *As primeiras manifestações na América*.
- 12 WANTUIL, Zêus. *As mesas girantes e o espiritismo*. 5. ed. Brasília: FEB, 207. cap. 1.
- 13 _____. _____. cap. 9.
- 14 WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: o educador e o codificador*. Org. Zêus Wantuil. 4. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2019. 2ª pt., cap. 1 – *A fagulha da renovação* – , it. 2 As “mesas girantes e dançantes”.
- 15 _____. _____.
- 16 _____. _____.

ALLAN KARDEC: O PROFESSOR E O CODIFICADOR

1 OBJETIVO ESPECÍFICO

- » Refletir sobre o papel de Allan Kardec como educador e como codificador do Espiritismo.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Nascido em Lyon [França], a 3 de outubro de 1804, de uma família antiga que se distinguiu na Magistratura e na Advocacia, Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail) não seguiu essas carreiras. Desde a primeira juventude, sentiu-se inclinado ao estudo das ciências e da filosofia (Allan Kardec, Obras póstumas, Biografia de Allan Kardec).*
- » *Mais tarde, como professor, tornou-se muito conhecido pelas obras didáticas publicadas e pelo trabalho realizado no campo da Educação. Por meio de sua carreira pedagógica [...], exercitou a paciência, a abnegação, o trabalho, a observação, a força de vontade e o amor às boas causas, a fim de melhor poder desempenhar a gloriosa missão que lhe estava reservada (Zêus Wantuil, Grandes espíritas do Brasil. Homenagem especial a Allan Kardec; apud Allan Kardec, o educador e o codificador [nova edição de 2019], 1ª pt., cap. 38 – Fim da primeira fase).*
- » *Allan Kardec renasceu [...] com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus Cristo (Emmanuel, A caminho da luz, cap. 22 – A Revolução Francesa, it. Allan Kardec).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Iniciar o estudo retomando o que foi dito anteriormente, isto é, que haveria um *simpósio* sobre o assunto: *Allan Kardec o professor e o codificador*.

Explicar sucintamente a técnica, definindo a função de cada um dos seus participantes, a saber: *o coordenador do simpósio* (que, no caso, é o próprio facilitador da turma); *os expositores*, ou *simposistas* (os participantes convidados), e *os participantes do auditório* (o restante da turma). Esclarecer, ainda, que, durante as apresentações, os participantes anotarão suas dúvidas, com vistas à formulação de perguntas a serem posteriormente encaminhadas aos expositores (veja a técnica de simpósio na apostila *Técnicas pedagógicas*, FEB Editora, 2003).

Apresentar os quatro *simposistas*, indicando a parte do tema que cada um deles irá desenvolver, de acordo com o previsto na atividade extrarreunião, descrita ao final do Roteiro 1.

Desenvolvimento

Em sequência, passar a palavra ao primeiro expositor, para que ele desenvolva a sua parte, procedendo de igual modo com relação aos demais.

Após isso, convidar o auditório a formular perguntas, e, de acordo com o seu conteúdo, encaminhá-las aos respectivos expositores para as respostas.

Conclusão

Encerrado o simpósio, o facilitador deverá dirimir as dúvidas, complementar conceitos, e reforçar a importância de Allan Kardec como educador e codificador do Espiritismo.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as exposições estiverem dentro dos objetivos propostos e as respostas forem esclarecedoras.

Técnica(s): simpósio.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; lápis/caneta; papel; recursos visuais.

3.2 SUGESTÃO 2:

Introdução

Iniciar o estudo conversando sobre a curiosidade que os fenômenos das mesas girantes despertavam, especialmente em alguns estudiosos do magnetismo, dentre eles o prof. Rivail.

Desenvolvimento

Solicitar à turma que leia os subsídios.

Em sequência, dividir a turma em dois grupos, para as atividades:

Grupo 1:

- 1) Elaborar perguntas referentes ao item 4.3;
- 2) Responder perguntas, elaboradas pelo Grupo 2, referentes aos itens 4.1 e 4.2 dos subsídios.

Grupo 2:

- 1) Elaborar perguntas referentes aos itens 4.1 e 4.2;
- 2) Responder perguntas, elaboradas pelo Grupo 1, referentes ao item 4.3 dos subsídios.

Terminada a elaboração das perguntas, em discussão circular, o Grupo 2 fará as perguntas ao Grupo 1 e vice-versa. Nesse momento o facilitador deverá dirimir as dúvidas e complementar as informações sobre o professor e o codificador.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Que traços da minha personalidade me auxiliam na busca das virtudes que desejo conquistar?

Conclusão

Encerradas as perguntas, o facilitador deverá dirimir as dúvidas, complementar conceitos, e reforçar a importância de Allan Kardec como educador e codificador do Espiritismo.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): leitura; estudo em grupo; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; lápis/caneta; papel; recursos visuais.

3.3 SUGESTÃO 3:

Realizar cinedebate, utilizando o filme *Espiritismo, de Kardec aos dias de hoje*. Após a projeção do filme, estimular reflexões a respeito do tema, reforçando a importância de Allan Kardec como educador e codificador do Espiritismo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1DcIXACmKF7iAOUkNhjZMC1qn2H0VOq9T/view?usp=sharing>

4 SUBSÍDIOS

Duas são as fases em que se pode dividir a vida de Allan Kardec: a primeira, como o consagrado prof. Rivail; a segunda, como o Codificador do Espiritismo. Destacaremos, a seguir, os aspectos mais importantes de sua luminosa trajetória pela Terra.

4.1 O MENINO HIPPOLYTE

4.1.1 Nascimento

Allan Kardec, cujo verdadeiro nome é Hippolyte Léon Denizard Rivail, nasceu na cidade de Lyon (França), a 3 de outubro de 1804, no seio de antiga família lionesa, de nobres e dignas tradições.

Foram seus pais Jean-Baptiste Antoine Rivail, magistrado íntegro, e Jeanne Louise Duhamel [...].

O futuro codificador do Espiritismo recebeu um nome querido e respeitado e todo um passado de virtudes, de honra e probidade. Grande número de seus antepassados se tinha distinguido na advocacia, na magistratura e até mesmo no trato dos problemas educacionais.

Bem cedo, o menino se revelou altamente inteligente e agudo observador, denotando franca inclinação para as ciências e para os assuntos filosóficos, compenetrado de seus deveres e responsabilidades, como se fora um adulto.⁶

4.1.2 Primeiros estudos. O Instituto de Yverdon

Conforme nos conta Henri Sausse [biógrafo de Kardec], Rivail realizou seus primeiros estudos em Lyon, sua cidade natal, sendo educado dentro de severos princípios de honradez e retidão moral. É de se presumir que a influência paterna

e materna tenham sido das mais benéficas na sua infância, constituindo-se em fonte de nobres sentimentos.

Com 10 anos, seus pais o enviam a Yverdon (ou Yverdun), cidade suíça do cantão de Vaud, situada na extremidade S. O. do lago Neuchâtel e na foz do Thielle, a fim de completar e enriquecer sua bagagem escolar no célebre Instituto de Educação ali instalado em 1805, pelo professor-filantropo Johann Heinrich Pestalozzi [...].

[...]

Frequentado todos os anos por grande número de estrangeiros, citado, descrito, imitado, era, numa palavra, a escola modelo da Europa [...].⁹

Altas personalidades políticas, científicas, literárias e filantrópicas voltavam maravilhadas de suas visitas ao famoso Instituto.

[...] Louvaram o criador dessa obra revolucionária, e por ela também se interessaram Goethe; o rei da Prússia, Frederico Guilherme III e sua esposa Luísa; o czar da Rússia, Alexandre I; o rei Carlos IV da Espanha; os reis da Baviera e de Wurtemberg; o imperador da Áustria; a futura imperatriz do Brasil, D. Leopoldina de Áustria, e muitos expoentes da nobreza europeia e do mundo cultural [...].¹⁰

O menino Denizard Rivail, ao qual os destinos reservariam sublime missão, logo se revelou um dos discípulos mais fervorosos do insigne pedagogo suíço [...] Possuidor de inteligência penetrante e alto espírito de observação, e, ainda mais, inclinado naturalmente para a solução dos importantes problemas do ensino e para o estudo das ciências e da filosofia, Rivail cativou a simpatia e a admiração do velho professor, deste se tornando, pouco depois, eficiente colaborador. Os exemplos de amor ao próximo fornecidos por Pestalozzi [para quem o amor é o eterno fundamento da educação] norteariam para sempre a vida do futuro Codificador do Espiritismo. Aliás, até mesmo aquele bom senso, que Flammarion com felicidade aplicou a Rivail, foi cultivado e avigorado com as lições e os exemplos recebidos no Instituto de Yverdon, onde também lhe desabrocharam as ideias que mais tarde o colocariam na classe dos homens progressistas e dos livres-pensadores.⁷

4.2 O PROF. RIVAIL

4.2.1 As obras didáticas

Sem dúvida, chegando à capital da França, Denizard Rivail logo se pôs a exercer o magistério, aproveitando as horas vagas para traduzir obras inglesas e alemãs, e para preparar o seu primeiro livro didático.¹¹

Assim é que em dezembro de 1823, lançou o *Curso prático e teórico de aritmética*, segundo o método de Pestalozzi, com modificações.

O Cours d'Arithmétique [Curso de aritmética] constituiu a primeira obra de cunho pedagógico e a primeira entre todas as demais dadas a público por Rivail.

O futuro Codificador do Espiritismo, com apenas 18 anos [...], empregara esforços e talento na preparação do utilíssimo livro, assentando-o em bases pestalozzianas, mas com muitas ideias originais e práticas do próprio autor.

A obra em questão era recomendada aos institutores e às mães de família que desejassem dar aos seus filhos as primeiras noções de Aritmética, e primava pela simplicidade e clareza, qualidades estas que são, aliás, o principal mérito de todas as publicações de Rivail-Kardec. O método por ele empregado desenvolve gradualmente as faculdades intelectuais do participante. Este não se limita a reter as fórmulas pela memória: penetra-lhes a essência, por assim dizer.¹²

Além dessa obra, Rivail publicou numerosos livros didáticos, bem como planos e projetos dirigidos à reforma do ensino francês, numa verdadeira *fertilidade pedagógica*, no dizer de Wantuil e Thiesen.¹⁶ Destacaremos, dentre outras, as seguintes obras: *Curso completo teórico e prático de aritmética* (1824); *Plano proposto para a melhoria da educação pública* (1828); *Gramática francesa clássica* (1831); *Qual o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?* (1831); *Memória sobre a instrução pública* (1831); *Manual dos exames para os certificados de capacidade* (1846); *Soluções dos exercícios e problemas do “Tratado completo de aritmética”* (1847); *Projeto de reforma referente aos exames e aos educandários para mocinhas* (1847); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); *Ditados normais dos exames* (1849); *Ditados da primeira e da segunda idade* (1850); *Gramática normal dos exames* (com Lévi-Alvarès – 1849); *Curso de cálculo mental* (1845, ou antes); *Programa dos cursos usuais de física, química, astronomia e fisiologia* (1849).⁸

4.2.2 O ensino intuitivo

Como não podia deixar de ser, Rivail utilizou-se do ensino intuitivo, processo didático preconizado por Pestalozzi e segundo o qual se transmite ao educando a realização, a atualização da ideia, recorrendo-se aos exercícios de intuição sensível (educação dos sentidos), com passagem natural a atividades mentais que preludiam a intuição intelectual. “A ideia existe originariamente na criança, e a intuição sensível é somente a sua realização concreta, único meio de a ideia se tornar compreensível, porque se encontra como força modeladora que vive e atua na criança.”

O ensino intuitivo se funda na substituição do verbalismo e do ensino livresco pela observação, pelas experiências, pelas representações gráficas etc., operando sobre todas as faculdades da criança. “A base da instrução elementar de Pestalozzi – afirmou Jullien de Paris – é a INTUIÇÃO, que ele considera como o fundamento

geral de nossos conhecimentos e o meio mais adequado para desenvolver as forças do espírito humano, da maneira mais natural.”¹³

4.2.3 O exercício das funções diretivas e educativas

Tendo fundado em 1826, em Paris, a Instituição Rivail,¹⁴ o jovem professor aí exerceu funções diretivas e educativas, desenvolvendo [...] *notável trabalho de aprimoramento da inteligência de centenas de educandos, aos quais ele carinhosamente chamava “meus amigos” [...].*²¹ Deve-se ressaltar que tanto na Instituição, como em muitos outros de seus empreendimentos, Rivail pôde contar com o apoio e a dedicação da prof^a Amélie-Gabrielle Boudet, com quem se casara em 1832.¹⁵

Foi no decorrer de sua carreira de instrutor-filantropo que [...] *Rivail exercitou “a paciência, a abnegação, o trabalho, a observação, a força de vontade e o amor às boas causas, a fim de melhor poder desempenhar a gloriosa missão que lhe estava reservada” [...].*¹⁷ Assim, antes mesmo que

[...] o Espiritismo lhe popularizasse e imortalizasse o pseudônimo Allan Kardec, já havia Rivail firmado bem alto, no conceito do povo francês e no respeito de autoridades e professores, a sua reputação de distinguido mestre da Pedagogia moderna, com o seu nome inscrito em importantes obras bibliográficas.¹⁷

4.3 A MISSÃO

4.3.1 Os primeiros contatos com os fenômenos mediúnicos

Conforme já foi comentado no item 4.2 do Roteiro 2 deste Módulo, em meados do século XIX as mesas girantes revolucionaram a Europa, sobretudo a França, chamando a atenção de toda a sociedade, inclusive da imprensa. O prof. Rivail, estudioso do magnetismo, assim se expressa, a respeito dos novos fatos:

Foi em 1854 que pela primeira vez ouvi falar das mesas girantes. Encontrei um dia o magnetizador, Senhor Fortier, a quem eu conhecia desde muito tempo e que me disse: Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade. – É, com efeito, muito singular, respondi; mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre os corpos inertes e fazer que eles se movam [...]

Algum tempo depois, encontrei-me novamente com o Sr. Fortier, que me disse: Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde. – Isto agora, repliquei-lhe, é outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando

me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé.

Era lógico este raciocínio: eu concebia o movimento por efeito de uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, afigurava-se-me absurdo atribuir-se inteligência a uma coisa puramente material. Achava-me na posição dos incrédulos atuais, que negam porque apenas veem um fato que não compreendem.

Eu estava, pois, diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às Leis da Natureza e que a minha razão repelia. Ainda nada vira, nem observara; as experiências, realizadas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade do efeito puramente material; a ideia, porém, de uma mesa falante ainda não me entrara na mente.

No ano seguinte, estávamos em começo de 1855, encontrei-me com o Sr. Carlotti, amigo de 25 anos, que me falou daqueles fenômenos durante cerca de uma hora, com o entusiasmo que consagrava a todas as ideias novas [...].

Passado algum tempo, pelo mês de maio de 1855, fui à casa da sonâmbula Sra. Roger, em companhia do Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que daqueles fenômenos me falaram no mesmo sentido em que o Sr. Carlotti se pronunciara, mas em tom muito diverso. O Sr. Pâtier era [...] muito instruído, de caráter grave, frio e calmo; sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu em mim viva impressão e, quando me convidou a assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange-Batelière, 18, aceitei imediatamente [...].

Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo.

Bem depressa, ocasião se me ofereceu de observar mais atentamente os fatos, como ainda o não fizera. Numa das reuniões da Sra. Plainemaison, travei conhecimento com a família Baudin, que residia então à rua Rochechouart. O Sr. Baudin me convidou para assistir às sessões hebdomadárias que se realizavam em sua casa e às quais me tornei desde logo muito assíduo.

[...] Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta, chamada carrapeta e que se encontra descrita em O livro dos médiuns. Esse processo, que exige o concurso de duas pessoas, exclui toda possibilidade de intromissão das ideias do médium. Aí, tive ensejo de ver

*comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, algumas vezes, até, a perguntas mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha.*¹

4.3.2 Os primeiros estudos sérios de Espiritismo

Foi nessas reuniões [na casa da família Baudin] que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações. [...] Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levemente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.

Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal. Reconhecida desde o princípio, esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles.

*O simples fato da comunicação com os Espíritos, dissessem eles o que dissessem, provava a existência do mundo invisível ambiente. Já era um ponto essencial, um imenso campo aberto às nossas explorações, a chave de inúmeros fenômenos até então inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era que aquela comunicação permitia se conhecessem o estado desse mundo, seus costumes, se assim nos podemos exprimir. Vi logo que cada Espírito, em virtude da sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me desvendava uma face daquele mundo, do mesmo modo que se chega a conhecer o estado de um país, interrogando habitantes seus de todas as classes, não podendo um só, individualmente, informar-nos de tudo. Compete ao observador formar o conjunto, por meio dos documentos colhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e comparados uns com outros. Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não reveladores predestinados.*²

4.3.3 Notícias e desempenho da missão

Em 12 de junho de 1856, pela mediunidade da senhorita Aline C..., o prof. Rivail dirige-se ao Espírito Verdade com a intenção de obter mais informações acerca da missão que alguns Espíritos já lhe haviam apontado: missionário-chefe da nova doutrina. Estabeleceu-se, então, o diálogo que segue:

Pergunta (à Verdade) – Bom Espírito, eu desejara saber o que pensas da missão que alguns Espíritos me assinalam. Dize-me, peço-te, se é uma prova para o

meu amor-próprio. Tenho, como sabes, o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade, mas, do papel de simples trabalhador ao de missionário em chefe, a distância é grande e não percebo o que possa justificar em mim graça tal, de preferência a tantos outros que possuem talento e qualidades de que não disponho.

Resposta – Confirmo o que te foi dito, mas recomendo-te muita discricção, se quiseres sair-te bem. Tomarás mais tarde conhecimento de coisas que te explicarão o que ora te surpreende. Não esqueças que podes triunfar, como podes falir. Neste último caso, outro te substituiria, porquanto os desígnios de Deus não assentam na cabeça de um homem. Nunca, pois, fales da tua missão; seria a maneira de a fazeres malograr-se. Ela somente pode justificar-se pela obra realizada e tu ainda nada fizeste. Se a cumprires, os homens saberão reconhecê-lo, cedo ou tarde, visto que pelos frutos é que se verifica a qualidade da árvore.

P. – Nenhum desejo tenho certamente de me vangloriar de uma missão na qual dificilmente creio. Se estou destinado a servir de instrumento aos desígnios da Providência, que ela disponha de mim. Nesse caso, reclamo a tua assistência e a dos bons Espíritos, no sentido de me ajudarem e ampararem na minha tarefa.

R. – A nossa assistência não te faltará, mas será inútil se, de teu lado, não fizeres o que for necessário. Tens o teu livre-arbítrio, do qual podes usar como o entenderes. Nenhum homem é constrangido a fazer coisa alguma.

P. – Que causas poderiam determinar o meu malogro? Seria a insuficiência das minhas capacidades?

R. – Não; mas, a missão dos reformadores é prenhe de escolhos e perigos. Previ-no-te de que é rude a tua, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranquilamente em casa. Tens que expor a tua pessoa. Suscitarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados se conjurarão para tua perda; ver-te-ás a braços com a malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga; numa palavra: terás de sustentar uma luta quase contínua, com sacrifício de teu repouso, da tua tranquilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois, sem isso, viverias muito mais tempo. Ora bem! não poucos recuam quando, em vez de uma estrada florida, só veem sob os passos urzes, pedras agudas e serpentes. Para tais missões, não basta a inteligência. Faz-se mister, primeiramente, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinteresse, visto que Ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. Para lutar contra os homens, são indispensáveis coragem, perseverança e inabalável firmeza. Também são de necessidade prudência e tato, a fim de conduzir as coisas de modo conveniente e não lhes comprometer o êxito com palavras ou medidas intempestivas. Exigem-se, por fim, devotamento, abnegação e disposição a todos os sacrifícios.

Vês, assim, que a tua missão está subordinada a condições que dependem de ti.³

Após o diálogo com o Espírito Verdade, estando mais lúcido sobre o que lhe competiria fazer daí para diante, Rivail elevou a Deus uma prece, revelando humildade e total submissão aos desígnios superiores:

Senhor! pois que te dignaste lançar os olhos sobre mim para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! Está nas tuas mãos a minha vida; dispõe do teu servo. Reconheço a minha fraqueza diante de tão grande tarefa; a minha boa vontade não desfalecerá, as forças, porém, talvez me traiam. Supre a minha deficiência; dá-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Ampara-me nos momentos difíceis e, com o teu auxílio e dos teus celestes mensageiros, tudo envidarei para corresponder aos teus desígnios.⁴

No que diz respeito ao teor do diálogo travado com o Espírito Verdade, Kardec registra, dez anos depois, as seguintes observações:

Escrevo esta nota a 1º de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que me foi dada a comunicação acima e atesto que ela se realizou em todos os pontos, pois experimentei todas as vicissitudes que me foram preditas. Andei em luta com o ódio de inimigos encarniçados, com a injúria, a calúnia, a inveja e o ciúme; libelos infames se publicaram contra mim; as minhas melhores instruções foram falseadas; traíram-me aqueles em quem eu mais confiança depositava, pagaram-me com a ingratidão aqueles a quem prestei serviços. A Sociedade de Paris se constituiu foco de contínuas intrigas urdidas contra mim por aqueles mesmos que se declaravam a meu favor e que, de boa fisionomia na minha presença, pelas costas me golpeavam. Disseram que os que se me conservavam fiéis estavam à minha soldada e que eu lhes pagava com o dinheiro que ganhava do Espiritismo. Nunca mais me foi dado saber o que é o repouso; mais de uma vez sucumbi ao excesso de trabalho, tive abalada a saúde e comprometida a existência.

Graças, porém, à proteção e assistência dos bons Espíritos que incessantemente me deram manifestas provas de solicitude, tenho a ventura de reconhecer que nunca senti o menor desfalecimento ou desânimo e que prossegui, sempre com o mesmo ardor, no desempenho da minha tarefa, sem me preocupar com a maldade de que era objeto. Segundo a comunicação do Espírito de Verdade, eu tinha de contar com tudo isso e tudo se verificou.

Mas, também, a par dessas vicissitudes, que de satisfações experimentei, vendo a obra crescer de maneira tão prodigiosa! Com que compensações deliciosas foram pagas as minhas tribulações! Que de bênçãos e de provas de real simpatia recebi da parte de muitos aflitos a quem a Doutrina consolou! Este resultado não mo anunciou o Espírito de Verdade que, sem dúvida intencionalmente, apenas me mostrara as dificuldades do caminho. Qual não seria, pois, a minha ingratidão, se me queixasse! Se dissesse que há uma compensação entre o bem e o mal, não estaria com a verdade, porquanto o bem, refiro-me às satisfações morais, sobrelevaram de muito o mal. Quando me sobrevinha uma decepção, uma contrariedade qualquer, eu me elevava

*pelo pensamento acima da Humanidade e me colocava antecipadamente na região dos Espíritos e desse ponto culminante, donde divisava o da minha chegada, as misérias da vida deslizavam por sobre mim sem me atingirem. Tão habitual se me tornara esse modo de proceder, que os gritos dos maus jamais me perturbaram.*⁵

4.3.4 O nome Allan Kardec

Quando da publicação de *O livro dos espíritos*, o autor se viu diante de um sério problema: como assinar o trabalho? E mais uma vez prevaleceu o bom senso do prof. Rivail, segundo se depreende das palavras do biógrafo:

*“No momento de publicá-lo” – diz H. Sausse [na obra *Biographie d’Allan Kardec*, 4. ed., p. 32], – “o autor ficou muito embaraçado em resolver como o assinaria, se com seu nome – Denizard-Hippolyte-Léon Rivail, ou com um pseudônimo. Sendo o seu nome muito conhecido do mundo científico, em virtude dos seus trabalhos anteriores, e podendo originar confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele adotou o alvitre de o assinar com o nome Allan Kardec, que, segundo lhe revelara o guia [Zéfiro], ele tivera ao tempo dos druidas”¹⁸ (Druidas: sacerdotes dos gauleses originário das Gálias, hoje França e dos celtas. Não tinham templos, reuniam-se nos bosques e veneravam certas plantas, tais como o visco e o carvalho. Acreditavam na imortalidade da alma e metempsicose – transmigração da alma em corpos de animais. Sua filosofia é quase desconhecida, porque não a escreveram, confiando-a à memória de seus discípulos).*

4.3.5 As obras espíritas

Além de *O livro dos espíritos*, saído a lume em 18 de abril de 1857, Kardec escreveu muitas outras obras espíritas, das quais se destacam: a *Revista Espírita* (1º de janeiro de 1858); *O que é o espiritismo* (julho de 1859); *O livro dos médiuns* (15 de janeiro de 1861); *O evangelho segundo o espiritismo* (abril de 1864); *O céu e o inferno* (agosto de 1865); *A gênese* (16 de janeiro de 1868). Após a sua desencarnação, foi publicado em 1890, em Paris, por P.-G. Leymarie, o livro *Obras póstumas* – coletânea de escritos do Codificador do Espiritismo.

Não menos importante é a correspondência, mediante a qual Kardec estabeleceu contato com escritores, políticos, eclesiásticos, sábios, pessoas de todas as condições e de todos os lugares, esforçando-se [...] *por consolar, satisfazer e instruir, abrindo às almas aflitas e torturadas as ridentes e doces perspectivas da vida supraterrrestre [...]*.²⁰

4.3.6 A atuação de Kardec na Codificação da Doutrina Espírita

É voz geral entre os estudiosos da Doutrina Espírita – no que diz respeito ao trabalho da Codificação – que Kardec não foi simples compilador, tendo sua tarefa ido muito além da coleta e seleção do material, isto é, das mensagens recebidas do Mundo Espiritual. Sobre este assunto, Wantuil e Thiesen fazem os seguintes comentários:

Conquanto Kardec sempre repetisse que o mérito da obra cabia todo aos Espíritos que a ditaram, não é menos verdadeiro que a ele é que coube a ingente tarefa de organizar e ordenar as perguntas (e que perguntas!) sobre os assuntos mais simples aos mais complexos, abrangendo variados ramos do conhecimento humano.

A distribuição didática das matérias encerradas no texto; a redação dos comentários às respostas dos Espíritos, os quais primam pela concisão e pela clareza com que foram expostos; a precisão com que intitula capítulos e subcapítulos; as elucidações complementares de sua autoria; as observações e anotações, as paráfrases e conclusões, sempre profundas e incisivas; e bem assim a sua notável Introdução – tudo isto atesta a grande cultura de Kardec, o carinho e a diligência com que ele se houve no afanoso trabalho que se comprometera a publicar. Kardec fez o que ninguém ainda havia feito: foi o primeiro a formar com os fatos observados um corpo de doutrina metódico e regular, claro e inteligível para todos, extraindo do amontoado caótico de mensagens mediúnicas os princípios fundamentais com que elaborou uma nova doutrina filosófica, de caráter científico e de consequências morais ou religiosas [...].¹⁹

4.4 A DESENCARNAÇÃO

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a tomar da obra e o último a deixá-la, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, quando se preparava para uma mudança de local, imposta pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Diversas obras que ele estava quase a terminar, ou que aguardavam oportunidade para vir a lume, demonstrarão um dia, ainda mais, a extensão e o poder das suas concepções.

Morreu conforme viveu: trabalhando. Sofria, desde longos anos, de uma enfermidade do coração, que só podia ser combatida por meio do repouso intelectual e pequena atividade material. Consagrado, porém, todo inteiro à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um só que fosse de seus instantes, à custa das suas ocupações prediletas. Deu-se com ele o que se dá com todas as almas de forte têmpera: a lâmina gastou a bainha.¹

Acerca da luminosa existência do mestre lionês, escreve o Irmão X [Espírito Humberto de Campos]:

[...] Allan Kardec, apagando a própria grandeza, na humildade de um mestre-escola, muita vez atormentado e desiludido, como simples homem do povo, deu

*integral cumprimento à divina missão que trazia à Terra, inaugurando a era espírita-cristã, que, gradativamente, será considerada em todos os quadrantes do orbe como a sublime renascença da luz para o mundo inteiro.*²¹

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. *Biografia de Allan Kardec*.
- 2 _____. _____. 2ª Pt., it. A minha primeira iniciação no Espiritismo.
- 3 _____. _____. it. Minha missão.
- 4 _____. _____.
- 5 _____. _____. it. A minha primeira iniciação no Espiritismo, NOTA.
- 6 WANTUIL, Zêus. *Grandes espíritas do Brasil*. 4. ed. Brasília: FEB, 2002. *Allan Kardec*.
- 7 _____. _____. it. Primeira fase de sua existência.
- 8 WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: o educador e o codificador*. Org. Zêus Wantuil. 4. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 37 – *Fertilidade pedagógica*.
- 9 _____. _____. cap. 2 – *Formação escolar de Rivail. A reputação mundial do Instituto de Yverdon*.
- 10 _____. _____. cap. 16 – *Princípios enunciados e seguidos pelo discípulo*.
- 11 _____. _____. cap. 14 – *Seu primeiro livro*.
- 12 _____. _____.
- 13 _____. _____. cap. 16 – *Princípios enunciados e seguidos pelo discípulo*.
- 14 _____. _____. cap. 19 – *Instituições pestalozzianas em Paris*.
- 15 _____. _____.
- 16 _____. _____. cap. 37 – *Fertilidade pedagógica*.
- 17 _____. _____. cap. 38 – *Fim da primeira fase*.
- 18 _____. _____. 2ª pt., cap. 1 – *A fagulha da renovação*, it. 6 Allan Kardec – 18 de abril de 1857 – *Le Livre des esprits*.
- 19 _____. _____. it. 7 A data máxima do Espiritismo e a repercussão causada por *O livro dos espíritos*.
- 20 _____. _____. 3ª pt., cap. 1 – *Nos Primórdios do Movimento*, it. 5 A correspondência de Allan Kardec...
- 21 XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas e crônicas*. Pelo Espírito Irmão X. 14. ed. 3. imp. Brasília: FEB, 2015. cap. 28 – *Kardec e Napoleão*.

ANEXO

Esboço do Sistema Pestalozziano

Analisando o livro de Pestalozzi – *Como Gertrudes ensina seus filhos* (1801), H. Morf, considerado o autor de uma das melhores biografias do mestre zuriquense, resumiu-lhe assim os princípios pedagógicos:

- I. A intuição é o fundamento da instrução.
- II. A linguagem deve estar ligada à intuição.
- III. A época de ensinar não é a de julgar e criticar.
- IV. Em cada matéria, o ensino deve começar pelos elementos mais simples, e daí continuar gradualmente de acordo com o desenvolvimento da criança, isto é, por séries psicologicamente encadeadas.
- V. Deve-se insistir bastante tempo em cada ponto da lição, a fim de que a criança adquira sobre ela o completo domínio e a livre disposição.
- VI. O ensino deve seguir a via do desenvolvimento e jamais a da exposição dogmática.
- VII. A individualidade do aluno deve ser sagrada para o educador.
- VIII. O principal fim do ensino elementar não é sobrecarregar a criança de conhecimentos e talentos, mas desenvolver e intensificar as forças de sua inteligência.
- IX. Ao saber é preciso aliar a ação; aos conhecimentos, o *savoir-faire* [saber fazer].
- X. As relações entre mestre e aluno, sobretudo no que concerne à disciplina, devem ser fundadas no amor e por ele governadas.
- XI. A instrução deve constituir o escopo superior da educação.

Acontece que a experiência de Pestalozzi em Berthoud, junto dos colaboradores, modificaria em alguns pontos o seu método. Ademais, novos ensaios e experiências realizados em Yverdon levariam-no a reformular conceitos, a desenvolver e desdobrar sua doutrina pedagógica. Daí a razão das dificuldades a que aludimos, o que faria um crítico dizer, com evidente exagero, que, sob o ponto de vista do método, o maior mérito de Pestalozzi foi não ter tido ele método.

O acadêmico lusitano Sousa Costa enunciou, em poucas palavras, os princípios basilares da educação pestalozziana: desenvolvimento da atenção, formação da consciência, enobrecimento do coração.

Segundo o biógrafo P. P. Pompée, Pestalozzi achava que todo bom método devia partir do conhecimento dos fatos adquiridos pela observação, pela experiência e pela analogia, para daí se extraírem, por indução, os resultados e se chegar a enunciados gerais que possam servir de base ao raciocínio, dispondo-se esses materiais com ordem, sem lacuna, harmoniosamente.

Para Pestalozzi a arte da educação devia aproximar-se da natureza, e o melhor método de ensino seria aquele que dela mais se aproximasse.

Princípios enunciados e seguidos pelo discípulo

Logo em sua primeira obra, Denizard Rivail relaciona em seis itens os princípios que lhe parecem mais adequados ao ensino à criança, fazendo-o em harmonia com o sistema pestalozziano, como era de se esperar de um discípulo do mestre suíço.

Eis os princípios que o nortearam na elaboração do seu *Cours d'Arithmétique* [*Curso de aritmética*], alguns dos quais o guiariam, bem mais tarde, nos estudos e nas pesquisas espíritas e bem assim na Codificação da Doutrina:

- 1º) Cultivar o espírito natural de observação das crianças, dirigindo-lhes a atenção para os objetos que as cercam.
- 2º) Cultivar a inteligência, observando um comportamento que habilite o aluno a descobrir por si mesmo as regras.
- 3º) Proceder sempre do conhecido para o desconhecido, do simples para o composto.
- 4º) Evitar toda atitude mecânica [*mécanisme*], levando o aluno a conhecer o fim e a razão de tudo o que faz.
- 5º) Conduzi-lo a apalpar com os dedos e com os olhos todas as verdades. Este princípio forma, de algum modo, a base material deste curso de aritmética.
- 6º) Só confiar à memória aquilo que já tenha sido apreendido pela inteligência (WANTUIL; THIESEN, 2019. *Allan Kardec, o educador e o codificador*, cap. 15 e 16, respectivamente. FEB Editora).

METODOLOGIA E CRITÉRIOS UTILIZADOS NA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar a metodologia e os critérios utilizados na Codificação Espírita.
- » Refletir sobre a importância dessa metodologia e dos critérios para investigação e elaboração da Doutrina Espírita.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » [...] O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação [...] (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 1, it. 16).
- » Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. [...] Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da Doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. [...] As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 1, it. 14).

- » *Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares (Allan Kardec, O evangelho segundo o espiritismo, Introdução, it. II).*
- » *Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ademais pelo critério da lógica, é que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que tem dito [...] (Allan Kardec, A gênese, Introdução).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Iniciar o estudo com a seguinte pergunta – utilizando a técnica *explosão de ideias*: *Como criar critérios para a observação de fatos desconhecidos?* Destinar 5 a 10 minutos para essa atividade.

Esgotado o tempo, expor o conteúdo do primeiro parágrafo dos subsídios, ressaltando as condições indispensáveis ao espírito científico, atribuídas a Kardec.

Desenvolvimento

A seguir, pedir à turma que leia atentamente os subsídios do Roteiro (10 minutos).

Finda a leitura, apresentar, em recursos visuais (cartazes, *flip-chart*, *PowerPoint* etc.) a síntese do conteúdo do item 4.1 dos subsídios (ver Anexo). Dar tempo necessário para que os participantes leiam a síntese. Em sequência, expor o assunto correspondente, esclarecendo possíveis dúvidas. Dar continuidade ao estudo, agindo como no passo anterior, conforme orientação a seguir: apresentar, ao lado da primeira síntese, a síntese do conteúdo do item 4.2; dar tempo para a leitura; expor o assunto correspondente esclarecendo dúvidas. Agir de igual modo quanto às terceira e quarta sínteses, de forma que todos os itens sejam explanados.

Em sequência, dividir a turma em quatro grupos para a realização das tarefas que seguem:

Grupo 1 – explicar as palavras de Kardec, com respeito ao *método experimental* por ele utilizado: *Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos* (veja item 4.2 dos subsídios).

Grupo 2 – responder à pergunta: *Por que foi importante, para a elaboração da Doutrina Espírita, a aplicação do método experimental?* (veja os itens 4.2 e 4.3 dos subsídios e o Anexo).

Grupo 3 – explicar por que a generalidade e a concordância se constituem na garantia dos ensinamentos dos Espíritos (veja item 4.4 dos subsídios).

Proceder à apresentação dos resultados do estudo em grupo, prestando esclarecimentos cabíveis.

Fazer a integração do assunto, com base nas sínteses apresentadas.

Conclusão

Encerrar o estudo enfatizando a importância da aplicação do método experimental, na investigação e comprovação do fato mediúnico, e da adoção dos critérios de *generalidade* e *concordância* dos ensinamentos dos Espíritos na elaboração da Doutrina Espírita.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se aos participantes realizarem bem o trabalho de grupo.

Técnica(s): explosão de ideias; exposição; leitura; trabalho em grupo.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; orientação para o trabalho em grupo; recursos visuais; lápis/caneta; papel

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar o estudo com a seguinte pergunta: *Pelo fato de ter a Doutrina Espírita aspecto científico, pode-se deduzir que Allan Kardec seja um cientista?* Destinar de 5 a 10 minutos para essa atividade.

Esgotado o tempo, expor o conteúdo do primeiro parágrafo dos subsídios, ressaltando as condições indispensáveis ao espírito científico, atribuídas a Kardec.

Desenvolvimento

A seguir, dividir a turma em duplas. Cada dupla deverá escolher uma das sugestões abaixo para leitura e breves comentários:

- 1) leitura dos itens 4.1, 4.2 e 4.3;
- 2) leitura do item 4.4.

Observação: É importante que as duas sugestões sejam contempladas.

Após a leitura propor uma discussão circular acerca das leituras realizadas. O participante que desejar inicia comentando a questão.

Seguindo a ordem dos subsídios apresentados.

Para comentário e discussão circular dos itens 4.1, 4.2 e 4.3:

Como analisar a metodologia utilizada por Kardec na Codificação Espírita?

Para comentário e discussão circular dos item 4.4:

Qual a consequência da adoção dos critérios generalidade e concordância na Codificação Espírita?

Nesse momento o facilitador esclarece dúvidas, e enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Que critérios norteiam as minhas escolhas e atitudes?

Conclusão

Encerrar o estudo enfatizando a importância da aplicação do método experimental, na investigação e comprovação do fato mediúnicos, e da adoção dos critérios de generalidade e concordância dos ensinamentos dos Espíritos na elaboração da Doutrina Espírita.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; exposição; leitura; trabalho em grupo.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; orientação para o trabalho em grupo; recursos visuais; lápis/caneta; papel.

4 SUBSÍDIOS

Allan Kardec, como se sabe, não era um cientista no sentido profissional, de especialista neste ou naquele ramo da Ciência, mas tinha cultura científica, espírito científico. A propósito deste assunto, o escritor e jornalista espírita Deolindo Amorim, num de seus artigos dedicados ao Codificador, assim se expressa:

[...] Allan Kardec revela-se, em tudo e por tudo, um homem de espírito científico pela sua própria natureza... Todas as condições indispensáveis ao espírito científico nele estão, sem tirar nem pôr, como diz o jargão habitual: em primeiro lugar, a serenidade com que encarou os fatos mediúnicos, com equilíbrio imperturbável, sem negar nem afirmar aprioristicamente; em segundo lugar, o domínio próprio, a fim de não se entusiasmar com os primeiros resultados; em terceiro lugar, o cuidado na seleção das comunicações; em quarto lugar, a prudência nas declarações, sempre com a preocupação de evitar divulgação precipitada de fatos ainda não de todo examinados e comprovados; em quinto lugar, finalmente, a humildade, que é também uma condição do espírito científico, interessado na procura da verdade, antes e acima de tudo.⁹

E foi esse espírito científico que o secundou, todo o tempo, no cumprimento da sua missão de Codificador da Doutrina Espírita.

4.1 O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

4.1.1 Espiritismo e Ciência se completam

Espírito e matéria, de acordo com a Doutrina Espírita, são duas constantes da realidade universal. Assim, Espiritismo e Ciência não são forças antagônicas, mas, ao contrário, *completam-se reciprocamente*, segundo o pensamento de Kardec, expresso em *A gênese*:

Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas

leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.⁶

4.1.2 O Espiritismo não é da alçada da Ciência

O fato de a Ciência oferecer ao Espiritismo apoio e confirmação não garante, no entanto, àquela a competência para se pronunciar em questão de Doutrina Espírita. Eis os argumentos apresentados pelo Codificador, com respeito a este assunto:

As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter.⁷

É importante considerar-se que, ao referir-se às ciências ordinárias, Kardec fazia alusão às ciências positivas, classificadas por Augusto Comte em: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia e Sociologia.

4.2 O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS

O método adotado por Allan Kardec na investigação e comprovação do fato mediúnic – instrumento comprobatório da existência e comunicabilidade do Espírito – é o experimental, aplicado às ciências positivas, fundamentado na observação, comparação, análise sistemática e conclusão. São suas palavras:

Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; o Espiritismo os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da Doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo

de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.⁵

[...] Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão [...].⁸

4.3 O ESPIRITISMO E A LÓGICA INDUTIVA

Na indução científica (veja método indutivo, Anexo) chega-se à generalização pela análise das partes. *Esse tipo de lógica exige observações repetidas de uma experiência ou de um acontecimento. Da observação de muitos exemplos diferentes [partes] os cientistas podem tirar uma conclusão geral.¹⁰* Foi assim que procedeu Kardec em relação à Doutrina Espírita, colocando-a confortavelmente entre as demais ciências.

A respeito do caminho das induções – percorrido pela Doutrina Espírita –, Herculano Pires, em seu livro *O espírito e o tempo*, infere que é a partir da observação dos fatos positivos que o Espiritismo chega às realidades extrafísicas.¹² Em *A gênese*, diz-nos o Codificador: *[...] Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos [...].⁵* Fica, assim, a estrutura lógica do Espiritismo caracterizada como de natureza indutiva.¹¹

No entanto, o processo dedutivo (veja método dedutivo, Anexo) está igualmente consagrado na Doutrina Espírita,¹¹ já que o método científico exige que se combinem indução e dedução. São palavras de Kardec:

[...] nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos, procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão [...].⁸

As ideias do homem estão na razão do que ele sabe; como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos [por exemplo] deveria imprimir-lhes outro curso; sob a influência desses conhecimentos novos, as crenças se modificaram; o Céu foi deslocado e a região estelar, sendo ilimitada, não mais lhe pode servir. Onde está ele, pois? E ante esta questão emudecem todas as

religiões. O Espiritismo vem resolvê-la demonstrando o verdadeiro destino do homem. Tomando-se por base a natureza deste último e os atributos divinos, chega-se a uma conclusão; isto quer dizer que, partindo do conhecido, atinge-se o desconhecido por uma dedução lógica, sem falar das observações diretas que o Espiritismo faculta.¹

4.4 O CONTROLE UNIVERSAL DOS ENSINOS DOS ESPÍRITOS

Dois importantes critérios, igualmente tomados à metodologia científica, foram adotados por Kardec na difícil tarefa de reunir informações para a elaboração da Doutrina Espírita: a *generalidade* (ou *universalidade*) e a *concordância dos ensinamentos dos Espíritos*. Esses critérios, com o suporte do uso da razão, do bom senso e da lógica rigorosa emprestam à Doutrina Espírita força e autoridade, como podemos constatar na introdução de *O evangelho segundo o espiritismo*:

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um polo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Ademais, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos dessedentar-se nela.

[...]

Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, nem nós, nem qualquer outro, que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que se venha impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei assentasse em base inamovível e por isso não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só.²

O primeiro exame comprobativo [das mensagens dos Espíritos] é, pois, sem contradição, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões, como juízes únicos da verdade. Assim sendo, que não se faça aqueles que não depositam confiança

absoluta em si mesmos? Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de consegui-lo.

[...]

Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.

[...]

Essa [concordância] a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o temos por verdadeiro. Não nos arvoramos, absolutamente, em árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: “Crede em tal coisa, porque somos nós que vo-lo dizemos”. A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que, para nós, ele exprime a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Na posição em que nos encontramos, a receber comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos da Terra, achamo-nos em condições de observar sobre que princípio se estabelece a concordância. Essa observação é que nos tem guiado até hoje e é a que nos guiará em novos campos que o Espiritismo terá de explorar. Porque, estudando atentamente as comunicações vindas tanto da França como do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que ele tende a entrar por um novo caminho e que lhe chegou o momento de dar um passo para diante. Essas revelações, feitas muitas vezes com palavras veladas, não frequentemente passado despercebidas a muitos dos que as obtiveram. Outros julgaram-se os únicos a possuí-las. Tomadas insuladamente, elas, para nós, nenhum valor teriam; somente a coincidência lhes imprime gravidade. Depois, chegado o momento de serem entregues à publicidade, cada um se lembrará de haver obtido instruções no mesmo sentido. Esse movimento geral, que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, é que nos auxilia a julgar da oportunidade de fazermos ou não alguma coisa.

Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em O livro dos espíritos e em O livro dos médiuns foi que em toda a parte todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm [...].³

Retomando, em A gênese, esse assunto, Kardec assim se expressa:

Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda

não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá.⁴

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Manuel Justiniano Quintão. 61. ed. 5. imp. (Edição Histórica) Brasília: FEB, 2018. 1ª pt., cap. 3, it. 4.
- 2 _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017. *Introdução*, it. II.
- 3 _____. _____.
- 4 _____. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 6. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. *Introdução*.
- 5 _____. _____. cap. 1, it. 14.
- 6 _____. _____. it. 16.
- 7 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. *Introdução*.
- 8 _____. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. 2ª pt., it. A minha primeira iniciação no Espiritismo.
- 9 AMORIM, Deolindo. *Análises espíritas*. Compilação de Celso Martins. 2. ed. Brasília: FEB, 1995. cap. 25 – *Allan Kardec e o espírito científico*.
- 10 ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. v. 4. Rio de Janeiro: Delta S. A., 1980. p. 2.043.
- 11 PIRES, José Herculano. *O espírito e o tempo*. 7. ed. Sobradinho: Edicel, 1995. 3ª pt., cap. 1 – *O triângulo de Emmanuel*, p. 136.
- 12 _____. _____. cap. 2 – *A Ciência admirável*, p. 139.

ANEXO

“A Experimentação Científica é um método empregado para testar ideias e descobrir os fatos sobre qualquer coisa que um cientista possa controlar e observar. Os cientistas utilizam-no para estudar os seres vivos ou brutos, em vários campos das ciências físicas e da vida. [...] Qualquer experimento científico válido deve ser capaz de ser repetido, não só pelo pesquisador original, mas por outros cientistas. Se eles concordam com as conclusões, atribui-se ao pesquisador original o crédito de ter feito uma importante descoberta” (*Enciclopédia Delta Universal*, v. 6, p. 3.154).

- » **Método dedutivo** (*Enciclopédia Delta Universal*, v. 10, p. 5.257) é o processo de raciocínio pelo qual tiramos conclusões por inferência lógica de premissas dadas. Se começamos aceitando as proposições “Todos os gregos têm barba” e “Zenão é grego”, podemos concluir validamente que “Zenão tem barba”. Referimo-nos às conclusões do raciocínio dedutivo como válidas, em vez de verdadeiras, porque precisamos distinguir claramente entre aquilo que se depreende logicamente de outras afirmações e aquilo que efetivamente é. As premissas iniciais podem ser artigos de fé ou suposições. Antes de podermos considerar as conclusões tiradas dessas premissas como válidas, precisamos demonstrar que elas são coerentes entre si e com a premissa original. A Matemática e a Lógica são exemplos de disciplinas que utilizam muito o método dedutivo. O método científico exige uma combinação de dedução e indução.
- » **Método indutivo** (*Enciclopédia Delta Universal*, v. 10, p. 5.257) é o processo de raciocínio pelo qual de uma experiência particular se passa a generalizações. Pode-se começar com “Todas as maçãs que comi são doces”. A partir dessa constatação, conclui-se que “As maçãs são doces”. Mas a maçã seguinte pode não ser doce. O método indutivo leva a probabilidades, não a certezas. É a base do senso comum, segundo o qual uma pessoa age. É também empregado na descoberta científica. Os cientistas utilizam a *indução e a dedução*. Na dedução, o cientista começa com generalizações. Ele deduz afirmativas particulares a partir delas. Pode testar suas suposições pela experimentação, confirmá-las, revisá-las ou rejeitar suas generalizações originais. Usando apenas a dedução, o homem ignora a experiência. Empregando apenas a indução, ignora as relações entre os fatos. Pela combinação destes métodos, a ciência estabelece uma união entre a teoria e a prática”.

Sugestões de sínteses para os cartazes:

1) Espírito e matéria, segundo o Espiritismo, são duas constantes da realidade universal. Assim, Espiritismo e Ciência se completam reciprocamente. A Ciência, no entanto, é “incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo”.

2) O método adotado por Kardec na investigação e comprovação do fato mediúnico é o experimental, aplicado às ciências positivas, fundamentado na observação, comparação, análise sistemática e conclusão.

3) A estrutura lógica do Espiritismo é de natureza indutiva, pois é a partir das observações dos fatos positivos que ele chega à realidade extrafísica. No entanto, o processo dedutivo está também consagrado na Doutrina Espírita.

4) Dois importantes critérios científicos foram adotados por Kardec, na tarefa de reunir informações para a elaboração da Doutrina Espírita: a *generalidade (universalidade)* e a *concordância* dos ensinamentos dos Espíritos.

OBRAS BÁSICAS

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Correlacionar cada parte de *O livro dos espíritos* com a correspondente obra da Codificação.
- » Refletir sobre a relevância das obras básicas do Espiritismo na formação moral e intelectual do ser humano.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » A Codificação Espírita compreende as seguintes obras, obedecendo à ordem de publicação: *O livro dos espíritos* (18 de abril de 1857); *O livro dos médiuns* (janeiro de 1861); *O evangelho segundo o espiritismo* (abril de 1864); *O céu e o inferno* (agosto de 1865); *A gênese* (janeiro de 1868).
- » *O livro dos espíritos* trata dos princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade – Folha de rosto. *O livro dos espíritos*.
- » *O livro dos médiuns* contém o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo – Folha de rosto. *O livro dos médiuns*.
- » *O evangelho segundo o espiritismo* oferece a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida – Folha de rosto. *O evangelho segundo o espiritismo*.

- » *O céu e o inferno* apresentam um *exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre os anjos e demônios, sobre as penas etc., e seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte* – Folha de rosto. *O céu e o inferno*.
- » Em *A gênese* consta que a *Doutrina Espírita é o resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos. A Ciência é convidada a constituir a Gênese seguindo as Leis da Natureza* – Folha de rosto. *A gênese*.

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

3.1.1 Introdução

Apresentar à turma as obras da Codificação, na ordem em que foram publicadas, informando que esses livros são as obras básicas do Espiritismo – *o pentateuco espírita*. Realizar, a seguir, uma *enquete relâmpago*, para verificar, entre os participantes, o grau de conhecimento das obras básicas. Perguntar-lhes, então: *Quem já leu O livro dos espíritos, ou parte dele?* Fazer a mesma pergunta em relação às demais obras da Codificação.

Terminada essa etapa, convidar um participante que tenha conhecimento de uma das obras (ou parte) para apresentá-la ao grupo.

Desenvolvimento

Em sequência, dividir a turma em cinco grupos para leitura dos subsídios correspondente a cada uma das obras básicas. Por exemplo, o Grupo 1 ler o subitem 4.2.1 dos subsídios, referente em *O livro dos espíritos*. E assim, sucessivamente, com os demais subitens. Oferecer aos participantes folhas de papel-pardo, canetas hidrográficas e o roteiro do trabalho em grupo, para a elaboração das seguintes tarefas:

- 1) fazer a leitura silenciosa do subitem dos subsídios, indicado para cada grupo;
- 2) elaborar o resumo do conteúdo desse subitem;
- 3) transcrever esse resumo para a folha de papel-pardo;
- 4) afixá-lo, em seguida, em local visível a todos.

Em prosseguimento, examinar, com os participantes, os resumos por eles elaborados, completando informações, suprindo detalhes, verificando, enfim, se as ideias mais importantes foram consideradas.

Dar continuidade ao estudo, expondo, dialogicamente, o conteúdo do item 4.3 dos subsídios, apoiando-se no esquema inserido no Anexo.

Conclusão

Encerrar o estudo enfatizando a importância das obras básicas para o progresso intelecto-moral da Humanidade. Pedir a um participante que leia, em voz alta e de forma expressiva, o texto de Emmanuel, colocado ao final dos subsídios.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes realizarem a conexão entre *O livro dos espíritos* e demais obras da Codificação.

Técnica(s): enquete relâmpago; trabalho em pequenos grupos; exposição dialogada.

Recurso(s): os livros da Codificação; subsídios do Roteiro; orientação para o trabalho em grupo; recursos visuais; folhas de papel-pardo; canetas hidrográficas; papel; lápis/caneta.

3.2 SUGESTÃO 2:

Introdução

Apresentar à turma as obras da Codificação, na ordem em que foram publicadas, informando que esses livros são as obras básicas do Espiritismo – *o pentateuco espírita*.

Realizar, a seguir, uma *enquete relâmpago*, para verificar, entre os participantes, o grau de conhecimento das obras básicas. Perguntar-lhes, então: *Quem já leu O livro dos espíritos, ou parte dele?* Fazer a mesma pergunta em relação às demais obras da Codificação e se gostariam de compartilhar o que mais gostaram.

Desenvolvimento

Em sequência, analisar com a turma o esquema do Anexo, fazendo as correlações dos assuntos de *O livro dos espíritos* e das obras.

Dividir a turma em quatro grupos e distribuir as obras da seguinte maneira:

Grupo 1 – *O livro dos espíritos e A gênese.*

Grupo 2 – *O livro dos espíritos e O evangelho segundo o espiritismo.*

Grupo 3 – *O livro dos espíritos e O céu e o inferno.*

Grupo 4 – *O livro dos espíritos e O livro dos médiuns.*

Pedir a cada grupo que estabeleça a relação entre cada parte de *O livro dos espíritos* e a obra recebida, identificando os assuntos desenvolvidos, a sequência, a metodologia adotada etc.

Tempo estimado para o desenvolvimento das atividades: 30 minutos.

Finalizadas as atividades acima, cada grupo apresentará:

Grupo 1 – *A gênese.*

Grupo 2 – *O evangelho segundo o espiritismo.*

Grupo 3 – *O céu e o inferno.*

Grupo 4 – *O livro dos médiuns.*

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como o conhecimento da realidade espiritual pode influenciar a minha vida?

Conclusão

Encerrar o estudo enfatizando a importância das obras básicas para o progresso intelecto-moral da Humanidade. Pedir a um participante que leia, em voz alta e de forma expressiva, o texto de Emmanuel, colocado ao final dos subsídios.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): enquete relâmpago; trabalho em pequenos grupos; discussão circular.

Recurso(s): os livros da Codificação; subsídios do Roteiro; orientação para o trabalho em grupo.

Atividade de preparação para a próxima reunião de estudo – Sugestão 1:

Esta atividade pode ser proposta aos participantes.

Convidar três grupos ou três participantes para prepararem o estudo seguinte:

Grupo 1 – fazer o estudo: a) dos subsídios do Roteiro 6, Módulo II, subitem 4.2.1 (Léon Denis).

Preparar a apresentação do assunto sob a supervisão do facilitador: apresentação de até 10 minutos.

Grupo 2 – fazer o estudo: a) dos subsídios do Roteiro 6, Módulo II, subitem 4.2.2 (Gabriel Delanne).

Preparar a apresentação do assunto sob a supervisão do facilitador: apresentação de até 10 minutos.

Grupo 3 – fazer o estudo: a) dos subsídios do Roteiro 6, Módulo II, subitem 4.2.3 (Camille Flammarion).

Preparar a apresentação do assunto sob a supervisão do facilitador: apresentação de até 10 minutos.

4 SUBSÍDIOS

4.1 CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

Verdadeira enciclopédia de ensinamentos transcendentais, a Codificação [...] foi o fruto, sazonado e bendito, de um plano arquitetado na Espiritualidade, havendo um de seus elaboradores concretizado a parte que lhe cabia desempenhar, já encarnado na Terra: Allan Kardec.³⁰

A Codificação Espírita compreende as seguintes obras, obedecendo à ordem de publicação: *O livro dos espíritos* (18 de abril de 1857); *O livro dos médiuns* (janeiro de 1861); *O evangelho segundo o espiritismo* (abril de 1864); *O céu e o inferno* (agosto de 1865); *A gênese* (janeiro de 1868).

Cada obra contém a matéria exatamente necessária ao seu entendimento à época, mas, como a Doutrina é progressiva, embora os ensinamentos básicos perdurem, estes são complementados por estudos posteriores, sem que nada se modifique nos alicerces doutrinários expostos pelos Espíritos e por Kardec.³¹

4.2 AS OBRAS BÁSICAS

4.2.1 *O livro dos espíritos*

O livro dos espíritos, a primeira obra da Codificação, encerra as bases fundamentais do Espiritismo. De acordo com a folha de rosto, aí estão exarados os princípios da Doutrina Espírita *sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade – segundo os ensinamentos dados por Espíritos Superiores com o concurso de diversos médiuns – recebidos e coordenados por Allan Kardec*.¹¹ A 1ª edição, com 501 questões, contém o ensino dado pelos Espíritos, liderados pelo Espírito de Verdade. Receberam as mensagens as jovens médiuns Caroline e Julie Baudin, assim como a srta. Japhet e outros médiuns. Na 2ª edição, que Kardec considerava definitiva, outros médiuns são utilizados. A obra, bem mais desenvolvida, se compõe, nesta edição, de 1.018 questões, notas aditivas e comentários.²⁵ Este livro, em sua estrutura geral, apresenta:

- » **Introdução**, composta de 17 itens, contém uma síntese da Doutrina Espírita. É aí que aparecem os termos *espírita*, *espiritista* e *Espiritismo*, criados por Kardec para indicar a crença na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo corporal.¹³
- » **Prolegômenos**, (prolegômenos: introdução geral de uma obra. Prefácio.) que, encimados pela cepa (cepa – tronco de videira. Parte da planta a que se cortou o caule e que permanece viva no solo – *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*) desenhada pelos próprios Espíritos, dão a conhecer a maneira como foi revelada a Doutrina; a autoria e finalidade do livro; os Espíritos que concorreram para a execução da obra, e trechos das mensagens transmitidas a Kardec sobre a sua missão de escrever *O livro dos espíritos*.¹⁴
- » **Corpo da obra**, dividido em quatro partes, de acordo com a *tábua das matérias* a saber:

Parte primeira – Causas primárias: Deus. Elementos gerais do Universo. Criação. Princípio vital.

Parte segunda – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos: Os Espíritos. A encarnação dos Espíritos. A volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual. A pluralidade das existências. A vida espírita. A volta do Espírito à vida corporal. A emancipação

da alma. A intervenção dos Espíritos no mundo corporal. As ocupações e missões dos Espíritos. Os três reinos.

Parte terceira – Leis Morais: Lei Divina ou Natural. Leis de Adoração; Trabalho; Reprodução; Conservação; Destruição; Sociedade; Progresso; Igualdade; Liberdade; Justiça, Amor e Caridade. A Perfeição Moral.

Parte quarta – Esperanças e consolações: Penas e gozos terrenos. Penas e gozos futuros.¹²

Conforme se pode observar, a divisão das matérias não foi feita de modo arbitrário, mas, ao contrário, denota correspondência lógica, seqüência de pensamento. As matérias aí contidas, distribuídas em ordem metodológica, partem das questões mais gerais para as especiais e, de igual modo, começam por especulações na ordem transcendental, indo até os problemas práticos, próprios da natureza humana.²³

- » **Conclusão**, composta de 9 itens, na qual o Codificador mostra as consequências futuras dos atos da nossa vida presente e, retomando os conceitos básicos da Doutrina Espírita, dá harmonioso arremate à obra.¹⁶

Quanto à autoria de *O livro dos espíritos*, Kardec a atribui aos Espíritos. Eis o que nos afirma em *Prolegômenos*:

*Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos Superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação, constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar.*¹⁵

*Por outro lado, afirma Hermínio Miranda, não é intenção dos mensageiros espirituais – ao que parece – ditar um trabalho pronto e acabado, como um “flash” divino, de cima para baixo. Deixam a Kardec [naturalmente inspirado por eles] a iniciativa de elaborar as perguntas e conceber não a essência do trabalho, mas o plano geral da sua apresentação aos homens. A obra [...] é um diálogo no qual o homem encarnado busca aprender com irmãos mais experimentados novas dimensões da verdade. É preciso, pois, que as questões e as dúvidas sejam levantadas do ponto de vista humano, para que o Mundo Espiritual as esclareça na linguagem simples da palestra [...].*³³

Em suma,

[...] *O livro dos espíritos é um repositório de princípios fundamentais de onde emergem inúmeras “tomadas” para outras tantas especulações, conquistas e realizações. Nele estão os germes de todas as grandes ideias que a Humanidade sonhou pelos tempos afora, mas os Espíritos não realizam por nós o nosso trabalho. Em nenhum outro cometimento humano vê-se tão claramente os sinais de uma inteligente, consciente e preestabelecida coordenação de esforços entre as duas faces da vida – a encarnada e a desencarnada [...].*³²

4.2.2 O livro dos médiuns

Segunda obra da Codificação, *O livro dos médiuns, ou guia dos médiuns e dos evocadores*, veio a lume – em janeiro de 1861 – para [...] *fazer seqüência a O livro dos espíritos.*³⁵ Tendo englobado a *Instrução prática sobre as manifestações espíritas*, com a exposição completa das condições necessárias para se comunicar com os Espíritos e os meios de desenvolver a faculdade mediadora com os médiuns.³⁵ Obra publicada em 1858,²⁷ *O livro dos médiuns*, muito mais completo, contém, de acordo com a sua folha de rosto, o ensino [...] *especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo.*¹⁷ As matérias aí estão organizadas em duas partes, constituindo-se a primeira das *noções preliminares*, em quatro capítulos, enquanto que a segunda enfeixa, em 32 capítulos, as *manifestações espíritas*.

Terminado o trabalho de construção da coluna central da Codificação Espírita – *O livro dos espíritos* –, era chegado o momento de *estudar e expor aos homens os aspectos experimentais implícitos na Doutrina dos Espíritos [...]*,³⁴ sobretudo no que diz respeito à prática da mediunidade, o mais importante desses aspectos, por ser o instrumento de comunicação entre os dois mundos.³⁴

A propósito de que nos diz Pedro Barbosa:

*A mediunidade [...] é a fonte primordial dos ensinamentos da Doutrina, e suas tarefas constituem, hoje, sem dúvida, importante contribuição dos espíritas, que a elas se dedicam, à consolidação da fé raciocinada e ao retorno, à normalidade, das condições psíquicas alteradas daqueles que, enleados nas tramas da obsessão disfarçada e tenaz, procuram, agoniados, os centros espíritas, ou são a eles encaminhados. A comunicação entre os dois mundos, o corporal, material ou visível e o incorpóreo, imaterial ou invisível, é uma premissa básica do Espiritismo, que seria apenas um espiritualismo irreal e duvidoso, se a negasse ou a repudiasse. Essa comunicação, disciplinada e orientada para suas verdadeiras finalidades, pode ser conseguida e mantida, desde que apliquemos à técnica de sua realização os ensinamentos de Allan Kardec contidos em O livro dos médiuns.*²⁸

Esses ensinamentos de Kardec são verdadeiramente preciosos, porque vão muito além do ensino da técnica de comunicação com os Espíritos. É que, ao tratar o assunto “prática mediúnica”, ele chama a atenção dos que com esta se ocupam, mostrando-lhes que:

Todos os dias a experiência nos traz a confirmação de que as dificuldades e os desenganos, com que muitos topam na prática do Espiritismo, se originam da ignorância dos princípios desta ciência e feliz nos sentimos de haver podido comprovar que o nosso trabalho, feito com o objetivo de precaver os adeptos contra os escolhos de um noviciado, produziu frutos e que à leitura desta obra devem muitos o terem logrado evitá-los.

Natural é, entre os que se ocupam com o Espiritismo, o desejo de poderem pôr-se em comunicação com os Espíritos. Esta obra se destina a lhes achar o caminho, levando-os a tirar proveito dos nossos longos e laboriosos estudos, porquanto muito falsa ideia formaria aquele que pensasse bastar, para se considerar perito nesta matéria, saber colocar os dedos sobre uma mesa, a fim de fazê-la mover-se, ou segurar um lápis, a fim de escrever.

Enganar-se-ia igualmente quem supusesse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. Se bem cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que a ninguém é dado conseguir se verifiquem à vontade [...].¹⁸

Muitos estudiosos do Espiritismo – encarnados ou desencarnados – têm-se manifestado quanto à importância e atualidade desta obra. Eis as impressões de um deles:

Mais de cem anos depois de publicado, O livro dos médiuns é ainda o roteiro seguro para médiuns e dirigentes de sessões práticas, e os doutrinadores encontram em suas páginas abundantes ensinamentos, preciosos e seguros, que a todos habilitam à nobre tarefa de comunicação com os Espíritos, sem os perigos da improvisação, das credices e do empirismo rotineiro, fruto do comodismo e da fuga ao estudo.²⁸

4.2.3 O evangelho segundo o espiritismo

Este livro – com a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida² – foi publicado em abril de 1864, com o título *Imitação do evangelho segundo o espiritismo*. A partir da 2ª edição, em 1865, surge com o novo nome – *O evangelho segundo o espiritismo*.²⁹ Contém ele um índice de referências bíblicas. O Prefácio, que se constitui de uma mensagem assinada pelo Espírito da Verdade e que, de acordo com a nota de rodapé colocada pela FEB Editora, resume a um tempo o caráter do Espiritismo

e a finalidade desta obra [...].³ A *Introdução* contém 4 itens, e o *corpo da obra* 28 capítulos.

Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. [...] Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. É, finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura [...].⁵

Assim argumentando, o Codificador justifica a escolha do ensino moral do Cristo para a elaboração do livro, constituindo-se, então, os princípios da moral evangélica em *objeto exclusivo desta obra*.⁶

Em continuidade à tarefa, as máximas são grupadas e classificadas metodicamente, de acordo com a sua natureza – e não mais em ordem cronológica –, de modo que decorram umas das outras.⁷ Com esse material didaticamente organizado, e utilizando-se da chave que o Espiritismo lhe oferece – a realidade do Mundo Espiritual e suas relações com o mundo corporal –, Kardec parte para a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições de vida.

E essa chave, facultando compreensão do verdadeiro sentido dos pontos ininteligíveis dos Evangelhos, da *Bíblia* e dos autores sacros, permite se rasguem *horizontes novos para o futuro*, ao mesmo tempo que faculta a projeção de *luz não menos viva sobre os mistérios do passado*.⁸

4.2.4 O céu e o inferno

Pode-se ler na folha de rosto desse livro o seguinte:

Exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre os anjos e demônios, sobre as penas etc., seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte.¹

Foi publicado em 1º agosto de 1865, com o título *O céu e o inferno, ou a justiça divina segundo o espiritismo*. É constituído de duas partes, tendo

a primeira – intitulada *Doutrina* – 11 capítulos e a segunda – denominada *Exemplos* – 8 capítulos.

Em artigo publicado na *Revista Espírita* de setembro de 1865, Kardec, ao fazer a apresentação de *O céu e o inferno*, informa, principalmente, o objetivo do livro, as matérias e a forma como aí foram organizadas. São suas palavras: *O título desta obra indica claramente o seu objetivo. Nela re-unimos todos os elementos próprios destinados a esclarecer o homem quanto ao seu destino.*²¹

A primeira parte desta obra, chamada Doutrina, contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras, o dogma das penas eternas é aí tratado de maneira especial e refutado por argumentos colhidos das próprias Leis da Natureza, leis que demonstram, não só o seu lado ilógico, centenas de vezes, já assinalado, como a sua impossibilidade material. Com as penas eternas, caem naturalmente as consequências que se acreditavam tirar de tal doutrina.

A segunda parte encerra numerosos exemplos que sustentam a teoria, ou melhor, que serviram para estabelecer a teoria. Colhem sua teoria o seu estabelecimento. A autoridade deles se baseia na diversidade dos tempos e lugares onde foram obtidas, porquanto, se emanassem de uma única fonte, poderiam ser consideradas como produto de uma mesma influência. Além disso, colhem-na na sua concordância com o que diariamente se obtém em toda parte onde se ocupam das manifestações espíritas de um ponto de vista sério e filosófico. Esses exemplos poderiam ter sido multiplicados ao infinito, pois não há Centro Espírita que não os possa fornecer em notável contingente.

*Para evitar repetições fastidiosas, tivemos de fazer uma escolha entre os mais instrutivos. Cada um desses exemplos é um estudo em que todas as palavras têm o seu alcance para quem quer que as medite com atenção, porque de cada lado jorra uma luz sobre a situação da alma depois da morte, e a passagem, até então tão obscura e tão temida, da vida corporal à vida espiritual. É o guia do viajor, antes de entrar num país novo. A vida de Além-Túmulo aí se desdobra sob todos os seus aspectos, como um vasto panorama; cada um aí colherá novos motivos de esperança e de consolação, e novos suportes para firmar a fé no futuro e na Justiça de Deus.*²²

4.2.5 A gênese

Publicado em janeiro de 1868, com o nome de *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*, este livro fecha o ciclo das obras da Codificação Espírita. Em sua folha de rosto está escrito:

A Doutrina Espírita há resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos. A Ciência é chamada a constituir a Gênese segundo as Leis da Natureza. Deus

*prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela derrogação delas. Para Deus, o passado e o futuro são o presente.*⁹

O objeto desta obra é, conforme o título indica, o estudo de três pontos, a saber: a *gênese*, propriamente dita, do capítulo 1 ao 12; os *milagres*, do capítulo 13 ao 15, e as *predições*, do capítulo 16 ao 18.¹⁰

Em mensagem datada de dezembro de 1867, o Espírito São Luís, referindo-se ao livro que estava prestes a surgir, assim se expressa:

*Esta obra vem a propósito, no sentido de que a Doutrina está hoje bem firmada do ponto de vista moral e religioso. Seja qual for a direção que tome doravante, tem raízes muito profundas no coração dos adeptos, para que ninguém possa temer se desvie ela de sua rota. [...] O Espiritismo atualmente entra numa nova fase. Ao atributo de consolador alia o de instrutor e diretor do espírito, em ciência e em filosofia, como em moralidade. A caridade, sua base inabalável, dele fez o laço das almas eternas; a Ciência, a solidariedade, a progressão, o espírito liberal dele farão o traço de união das almas fortes. [...]*³⁹

*[...] A questão de origem que se liga à Gênese é para todos apaixonante. Um livro escrito sobre esta matéria deve, em consequência, interessar a todos os espíritos sérios. Por esse livro, como vos disse, o Espiritismo entra numa nova fase e esta preparará as vias da fase que se abrirá mais tarde [...].*³⁶ *É que, com [...] o seu livro A gênese, o Codificador abria uma brecha seriíssima em vastos domínios da Ciência, sem deixar, por isso, de penetrar em ínvios terrenos antes reservados à Teologia ou à Filosofia [...].*³⁷

No que se refere à importância e oportunidade da obra, duas mensagens – endereçadas a Kardec pelos Espíritos que o secundaram na sua elaboração – merecem destaque. A primeira, datada de setembro de 1867, diz o seguinte:

*Pessoalmente, estou satisfeito com o trabalho [de elaboração de A gênese], mas a minha opinião pouco vale, a par da satisfação daqueles a quem ela transformará. O que, sobretudo, me alegra são as consequências que produzirá sobre as massas, tanto no Espaço, quanto na Terra.*¹⁹

A segunda, com data de julho de 1868, afirma:

*Está apenas em começo a impulsão que A gênese produziu e muitos elementos, abalados por ela, se colocarão, dentro em pouco, sob a tua bandeira. Outras obras sérias também aparecerão, para acabar de esclarecer o juízo humano sobre a nova doutrina.*²⁰

Conforme foi previsto nessas mensagens, muitos ficaram realmente abalados pelos novos estudos e, como consequência, surgiram importantes pesquisas, livros, tratados, marcas da fase nova na qual entrara o Espiritismo,

de acordo com a afirmativa do Espírito São Luís: [...] *o Espiritismo entra numa nova fase e esta preparará as vias da fase que se abrirá mais tarde [...] cada coisa deve vir a seu tempo.*³⁷

4.3 CONCORDÂNCIA DE PRINCÍPIOS NAS OBRAS DA CODIFICAÇÃO – UNIDADE DOUTRINÁRIA

Existe uma concordância de princípios nas obras da Codificação Espírita, de forma que, em *O livro dos espíritos* – a primeira obra básica publicada – há um núcleo central e conceitos espíritas que compreende as partes primeira e segunda (até o capítulo 6), e que tratam, respectivamente, “Das causas primárias” e “Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos”. A parte segunda, do capítulo 6 ao 11, constitui a fonte de *O livro dos médiuns*. A parte terceira (Das leis morais), origina *O evangelho segundo o espiritismo*. A parte quarta (Das esperanças e consolações) fornece subsídios para o livro *O céu e o inferno. A gênese*, por sua vez, tem como fonte as partes primeira (capítulos 2, 3 e 4), segunda (capítulos 9, 10 e 11) e terceira (capítulos 4 e 5). *A Introdução* e os *Prolegômenos* de *O livro dos espíritos* originaram a obra *que é o espiritismo*. Esta obra, na verdade, não faz parte do *pentateuco kardequiano*. Foi citada para indicar a sua origem.²⁶ Ver o esquema no Anexo, no final desse Roteiro.

Essa concordância revela a unidade doutrinária do Espiritismo, conforme registra Deolindo Amorim, em seus *Cadernos doutrinários*. Diz este eminente pensador espírita que *O livro dos espíritos* é a coluna central do Espiritismo, não só porque foi a primeira obra a ser publicada, mas porque nele estão inseridos os ensinamentos básicos da Doutrina. Todos os demais livros da Codificação contêm o desdobramento desses ensinamentos, constituindo com *O livro dos espíritos* um *corpo de doutrina*, em que todas as partes se ajustam de forma harmônica e interdependente. Assinala ainda o mencionado autor que, possuindo a Doutrina Espírita três aspectos fundamentais – científico, filosófico e religioso –, não poderiam esses ser estudados ou desenvolvidos de modo unilateral, sob pena de se quebrar a referida unidade doutrinária. Do mesmo modo, seria inconveniente fazer um estudo exclusivo de *O livro dos espíritos*, ou de *O evangelho segundo o espiritismo*, e assim por diante, porque, estando todas as obras da Codificação interligadas, perder-se-ia a visão de conjunto, indispensável à sua compreensão. Ressalta, por fim, que a força da Doutrina Espírita está, justamente, na segurança de sua unidade.²⁴

Concluindo com Emmanuel, pode-se dizer que

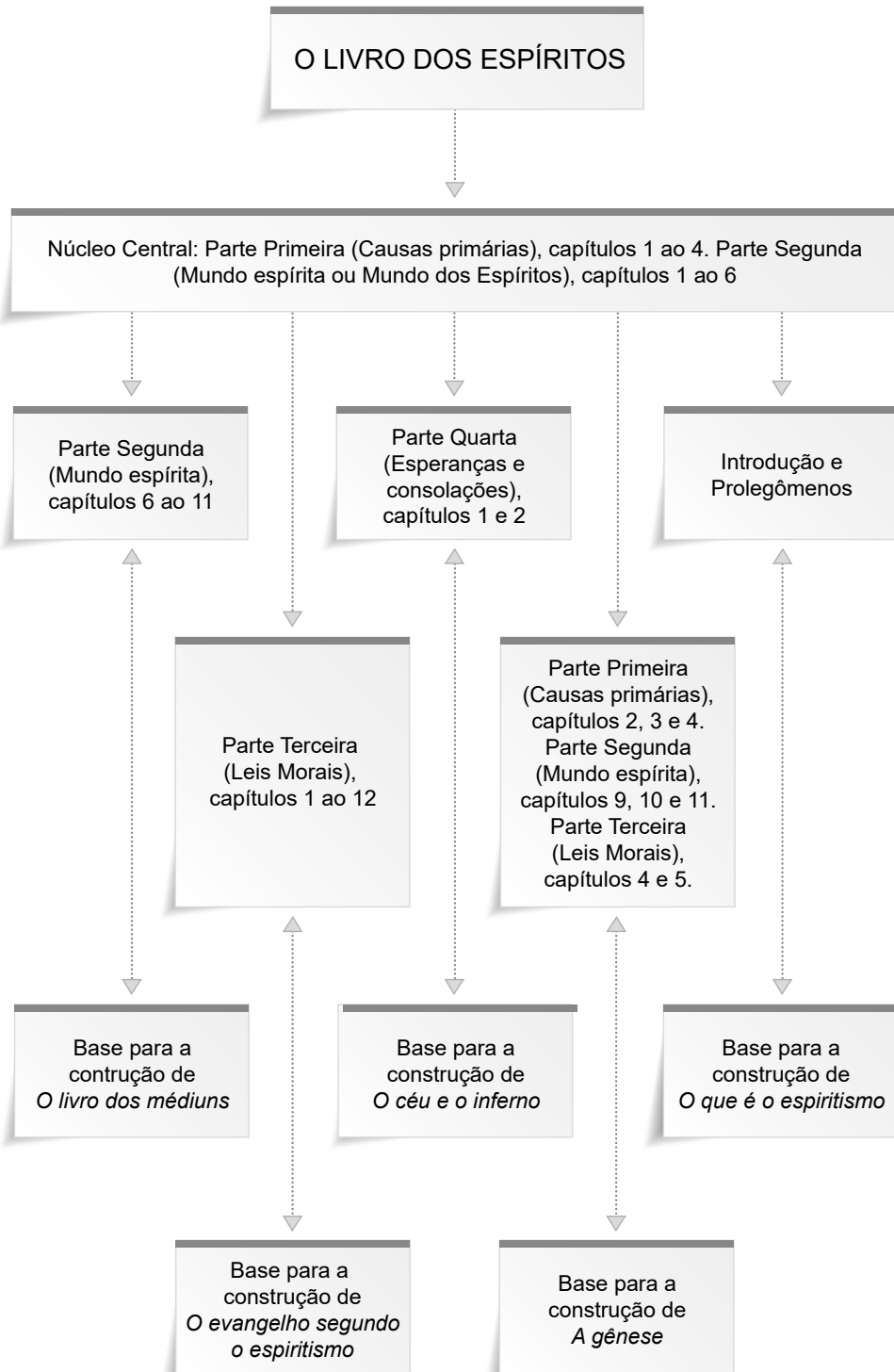
[...] os princípios codificados por Allan Kardec abrem uma nova era para o Espírito humano, compelindo-o à auscultação de si mesmo, no reajuste dos caminhos traçados por Jesus ao verdadeiro progresso da alma, e explicam que o Espiritismo, por isso mesmo, é o disciplinador de nossa liberdade, não apenas para que tenhamos na Terra uma vida social dignificante, mas também para que tenhamos, no campo do espírito, uma vida individual harmoniosa, devidamente ajustada aos impositivos da Vida Universal Perfeita, consoante as normas de Eterna Justiça, elaboradas pelo supremo equilíbrio das Leis de Deus.³⁸

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Manuel Justiniano Quintão. 61. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2018. Folha de rosto.
- 2 _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017. Folha de rosto.
- 3 _____. _____. *Prefácio*.
- 4 _____. _____. *Introdução*.
- 5 _____. _____.
- 6 _____. _____.
- 7 _____. _____.
- 8 _____. _____.
- 9 _____. _____. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. Folha de rosto.
- 10 _____. _____. *Introdução*.
- 11 *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. Folha de rosto.
- 12 _____. _____. *Sumário*.
- 13 _____. _____. *Introdução*.
- 14 _____. _____. *Prolegômenos*.
- 15 _____. _____.
- 16 _____. _____.
- 17 _____. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. Folha de rosto.
- 18 _____. _____. *Introdução*.
- 19 _____. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. 2ª pt., Minha nova obra sobre a gênese (Segur, 9 de setembro de 1867).

- 20 _____. _____. Meus trabalhos pessoais. Conselhos diversos (Paris, 4 de julho de 1868).
- 21 _____. *Revista Espírita*: jornal de estudos psicológicos. ano 8, n. 9, set. 1865. Notas bibliográficas – O céu e o inferno... Trad. Evandro Noletto Bezerra. 4. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2015.
- 22 _____. _____.
- 23 AMORIM, Deolindo. *Cadernos doutrinários*. 1. ed. Salvador: Circulus, 2000. Caderno nº 5. Origem, plano e conteúdo geral de *O livro dos espíritos*, p. 109 a 120.
- 24 _____. _____. Unidade da doutrina, p. 142 a 144.
- 25 BARBOSA, Pedro Franco. *O espiritismo básico*. 5. ed. 3. reimp. Brasília: FEB, 2010. 2ª pt., Análise sintética das obras..., cap. 1, p. 114 e 115.
- 26 _____. _____. p. 115 e 116.
- 27 _____. _____. cap. 2, p. 117.
- 28 _____. _____. p. 118.
- 29 _____. _____. p. 119.
- 30 _____. _____. cap. 6 (Conclusões), p. 126 a 132.
- 31 _____. _____. p. 127.
- 32 MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *Nas fronteiras do além*. 5. ed. Brasília: FEB, 2011. *A obra de Kardec e Kardec diante da obra*.
- 33 _____. _____.
- 34 _____. _____.
- 35 WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: o educador e codificador*. 4. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2019. cap. 1 – *A Doutrina Espírita ou Espiritismo na obra do Codificador – o pentateuco; outros livros*, it. 1 – As obras espíritas de Allan Kardec.
- 36 _____. *Allan Kardec*. (Meticulosa Pesquisa Biobibliográfica). v. 3. 4. ed. Brasília: FEB, 1998.
- 37 _____. _____.
- 38 XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 30. ed. 7. imp. Brasília: FEB, 2017. *Ante o centenário* (prefácio de Emmanuel).
- 39 MOURA, Marta Antunes. (Capa) 1868 – Sesquicentenário – 2018 – *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. In: *Reformador*, jan. 2018, p. 5 a 9.

ANEXO



EXPOENTES DO ESPIRITISMO NASCENTE

1 OBJETIVO ESPECÍFICO

- » Refletir sobre a importância do trabalho de alguns grandes expoentes do Espiritismo nascente.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » Os grandes desafios para a redenção humana são objeto de cuidadoso planejamento da Espiritualidade Superior, a fim de que se possam atingir os objetivos traçados pelas Leis Divinas. Assim é que a realização de todo grande trabalho reclama a atuação de uma grande equipe de Espíritos Superiores, encarnados e desencarnados. Tal o motivo por que Allan Kardec, em sua missão de Codificador do Espiritismo, não agiu sozinho. Além de ter sido orientado pelas inspirações dos guias espirituais da Humanidade, contou com valorosa equipe de cooperadores encarnados, que o auxiliaram na complementação de sua obra. Muitos foram os integrantes dessa valorosa equipe no plano físico. Três deles, entretanto, destacaram-se, não só pela dedicação diária à manutenção da flama do ideal espírita, mas também pela fidelidade ao trabalho do Codificador, deixando, para a posteridade, uma obra literária que, de certo, desenvolve e complementa os ensinamentos fundamentais do Espiritismo. São esses grandes vultos do Espiritismo nascente, auxiliares diretos de Allan Kardec: Léon Denis, Gabriel Delanne e Camille Flammarion, todos eles franceses.

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1

Introdução

Introduzir o tema com base no subsídio 1 do Roteiro.

Desenvolvimento

Após a introdução, convidar os responsáveis pelas pesquisas e apresentações dos vultos do Espiritismo:

Grupo 1 – Léon Denis;

Grupo 2 – Gabriel Delanne;

Grupo 3 – Camille Flammarion.

Terminadas as apresentações propor uma reflexão discussão circular:

Qual a consequência dos trabalhos desenvolvidos pelos colaboradores de Kardec?

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base em todos os textos estudados.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como analiso o estudo das ciências e seu contexto: social, político, científico, filosófico e religioso? Tem alguma importância essa análise para minha vida?

Conclusão

Allan Kardec, em sua missão de Codificador do Espiritismo, não agiu sozinho. Além de ter sido orientado pelas inspirações dos guias espirituais da Humanidade, contou com valorosa equipe de cooperadores encarnados, que o auxiliaram na complementação de sua obra. Muitos foram os integrantes dessa valorosa equipe no plano físico. Três deles, entretanto, destacaram-se, não só pela dedicação diária à manutenção da flama do ideal espírita, mas também pela fidelidade ao trabalho do Codificador, deixando, para a posteridade, uma obra literária que, de certo, desenvolve e complementa os ensinamentos fundamentais do Espiritismo.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): apresentação de grupo; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar o estudo apresentando o tema, utilizando o conteúdo básico deste Roteiro.

Desenvolvimento

Fazer leitura compartilhada, com o grupo, dos subsídios deste Roteiro. Cuidar para que, na medida do possível, todo o grupo possa ler o texto e comentá-lo. Para que a compreensão do assunto seja ampla e pormenorizada, convém que a leitura seja feita paulatinamente.

No decorrer da atividade, propor reflexões sobre cada trecho lido, estimulando o grupo a destacar os pontos significativos do trabalho de Denis, Delanne e Flammarion, prestando os esclarecimentos cabíveis. Analisar também, com os participantes, o fato singular da fidelidade desses três grandes vultos ao seu mestre Allan Kardec e sua obra, correspondendo assim, em tudo, ao compromisso assumido no Plano Espiritual.

Conclusão

Fazer o fechamento do assunto, destacando os principais pontos constantes do Roteiro 1, subitem 5.1.4 dos subsídios (Manifestações filosóficas, políticas, religiosas, científicas e sociais do século XIX), os quais tiveram o poder de influenciar as gerações posteriores.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): leitura compartilhada; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro.

4 SUBSÍDIOS

4.1 A EQUIPE DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

Narra o Espírito Humberto de Campos, no livro *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*:

Mal não haviam terminado as atividades bélicas da triste missão de Bonaparte e já o Espaço se movimentava, no sentido de renovar os surtos de progresso das coletividades. Assembleias espirituais, reunindo os gênios inspiradores de todas as pátrias do orbe, eram levadas a efeito, nas luzes do Infinito, para a designação de missionários das novas revelações. Em uma de tais assembleias, presidida pelo coração misericordioso e augusto do Cordeiro, fora destacado um dos grandes discípulos do Senhor, para vir à Terra com a tarefa de organizar e compilar ensinamentos que seriam revelados, oferecendo um método de observação a todos os estudiosos do tempo. Foi assim que Allan Kardec, a 3 de outubro de 1804, via a luz da atmosfera terrestre, na cidade de Lyon. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuvá-lo, nas individualidades de [...] Léon Denis, que efetuaria o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica, e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na Codificação kardequiana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos.¹⁹

Foi assim que, seguindo Allan Kardec em sua reencarnação, desceram ao solo físico do planeta terrestre, em terras francesas, respectivamente: Camille Flammarion, em 1842, aqui permanecendo até o ano de 1925; Léon Denis, em 1846, ficando entre nós até 1927, e, por fim, Gabriel Delanne, em 1857, deixando-nos, pela desencarnação, no ano de 1926.

É interessante ressaltar que tanto Denis como Flammarion, nada obstante as tarefas específicas que lhes foram atribuídas pela Espiritualidade Superior, conforme acima alinhadas, empregaram suas características peculiares nos esforços da pesquisa psíquica, fazendo, assim, coro com Delanne, nas conclusões sobre a verdade da sobrevivência após o decesso carnal. A sintonia de todos os membros da equipe da Codificação, no sentido de robustecer as provas de continuidade da vida, contribuiu, com certeza, para ampliar a força de convencimento do Espiritismo nascente, sendo um dos fatores preponderantes para a manutenção dessa força até os nossos dias.

Gabriel Delanne, por sua vez, não se limitou ao trato exclusivo das questões científicas, procurando sempre associá-las aos aspectos filosóficos

do Espiritismo. E Flammarion, além de um descortinador de astros e pesquisador psíquico, cuidou, como não poderia deixar de ser, dos desdobramentos filosóficos de suas concepções, alinhadas ao Espiritismo.

Assim, pode-se dizer que toda essa grande equipe buscou desenvolver o Espiritismo em sua abrangência filosófica e científica.

Outro aspecto a assinalar é que todos os membros dessa equipe involvidável, organizada no Plano Espiritual, tiveram seus momentos de interação no plano físico.

Gabriel Delanne era filho de Alexandre Delanne, amigo íntimo de Kardec, tendo sido sua mãe um dos médiuns que serviram de instrumento à obra da Codificação. Conta-se que, certo dia, o Codificador colocou o menino em seu colo e vaticinou que ele seria uma personalidade de destaque no Espiritismo.²

Flammarion trabalhou como médium na Sociedade Espírita de Paris. De acordo com a nota do Codificador no início do capítulo 6 de *A gênese*, todo o teor do capítulo, intitulado *Uranografia geral*, fora ditado pelo Espírito Galileu ao médium C. F., iniciais do jovem astrônomo e médium Camille Flammarion.

Léon Denis, por sua vez, encontrava-se [...] *em seus trabalhos de experimentações quando importante acontecimento se verificou em sua vida. Allan Kardec viera passar alguns dias na pacata cidade de Tours [onde Denis residia], com seus amigos. Todos os espíritas turenenses foram convidados a recebê-lo e a saudá-lo!*

Vejamos como Denis relata essa visita:

Alugáramos, para recebê-lo e ouvi-lo, uma sala na rua Paul Louis Courier, e pedíramos a necessária autorização à Prefeitura, pois, no Império, severa lei proibía qualquer reunião de mais de vinte pessoas. Acontece que, no momento fixado, para essa assembleia, nos informaram que o nosso pedido fora indeferido. Encarregaram-me, então, de permanecer no local, a fim de avisar os convidados que deveriam dirigir-se a Spirito-Villa, casa do Sr. Rebodin, rua Santier, onde a reunião se realizaria, no jardim. Éramos, aproximadamente, trezentos ouvintes em pé, apertados de encontro às árvores. Sob a claridade das estrelas, a voz doce e grave de Allan Kardec se fazia ouvir; podia-se ver a sua fisionomia, iluminada que estava por pequena lâmpada colocada sobre uma mesa, ao centro do jardim. Falava sobre a obsessão, quando várias perguntas lhe foram feitas, às quais respondia sempre bondosamente. Terminada a reunião, todos levaram inefável recordação desse memorável encontro.

No dia seguinte, voltei a Spirito-Villa, a fim de visitar o mestre; encontrei-o trepado em uma escada, ao pé de grande cerejeira, colhendo frutos que jogava à Madame Allan Kardec, cena bucólica que o distraía de suas graves preocupações.¹³

Delanne, Flammarion e Denis eram companheiros de atividades espíritas. No Congresso Espírita Internacional, realizado em Paris, de 16 a 17 de setembro de 1900, trabalharam juntos, realizando tarefa de destaque e, no de 1925, também em Paris, sob a presidência de Denis, Delanne teve participação ativa.²

A respeito da participação de Denis na presidência do Congresso de 1925, cita-se um fato interessante. Quando foi convidado para a presidência do evento, Denis, em princípio, recusou, pois, tendo como certo que Flammarion lá estaria, achava que a este caberia presidir o encontro. Foi necessário que o Espírito Jerônimo lhe dissesse, sem explicar, que o grande astrônomo não iria estar presente nessa ocasião. De certo, Flammarion não deixaria de ir a tão importante conclave, não fosse a sua desencarnação.¹⁷

4.2 A OBRA LITERÁRIA ESPÍRITA

A produção literária desses grandes vultos do Espiritismo, cooperadores de Allan Kardec, é vasta e diversificada. Seu estudo abrangente, de certo, transcenderia os limites deste Roteiro. Assim, torna-se necessário restringir esse estudo a alguns pontos que levem à reflexão sobre as contribuições desses dedicados Espíritos para dilatar a Codificação Espírita em seus necessários complementos, segundo as palavras do Espírito Humberto de Campos, já referidas.

4.2.1 Léon Denis

Léon Denis talvez tenha sido o maior escritor espírita de todos os tempos. Seu gênio literário era tal que levou o escritor e pesquisador inglês Arthur Conan Doyle a afirmar que ele, Denis, [...] *teria sido considerado um grande mestre da prosa francesa, fosse qual fosse o conteúdo de seus escritos.*⁸

Com efeito, Denis

[...] produziu obras magníficas que encantam não só o leitor espírita, como o não espírita, obras que são verdadeiros tônicos de ação calmante para as almas inquietas e angustiadas, e igualmente para aqueles que ambicionam conhecer um panorama mais real da razão do nosso viver e do nosso morrer.¹⁴

Era seu hábito olhar, com interesse, para os livros expostos nas livrarias. O livro foi sempre a sua fascinação. Um dia, quando contava 18 anos, o

chamado acaso fez que sua atenção fosse despertada para uma obra de título inusitado, e cujo assunto, naturalmente, deveria arrepiar as almas pouco evoluídas. Esse livro era *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec. Encontro providencial. Dispondo do dinheiro necessário, adquiriu-o, e, recolhendo-se imediatamente ao lar, entregou-se, com sofreguidão, à leitura.

Passemos a palavra ao próprio Denis, e ele nos dirá: “*nele encontrei a solução clara, completa, lógica, acerca do problema universal. Minha convicção tornou-se firme. A teoria espírita dissipou minha indiferença e minhas dúvidas*”.¹⁵

É bem de ver que a leitura desse livro, fê-lo despertar de seu indiferentismo, para os sérios problemas da vida além da morte; seu Espírito, nessa hora, sentiu-se sacudido em face dos compromissos assumidos no Espaço, para iniciar, em breve, o trabalho de propagação das verdades kardequianas.¹⁵

Dentre as obras de Léon Denis, não se pode deixar de destacar a belíssima *O problema do ser, do destino e da dor*. De fato, o autor, nesse livro, complementa de modo magistral a obra fundamental do Espiritismo – *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec –, expandindo, em seu inconfundível estilo, pontos essenciais da Doutrina Espírita, tais como a vida no Além; as missões espirituais; a reencarnação: suas leis e suas provas; a questão da justiça e o problema do mal; o livre-arbítrio; a disciplina do pensamento e a reforma do caráter.⁶

Em outra obra – intitulada *Depois da morte* – Denis, a par das questões notadamente filosóficas, desenvolve considerações acerca do fenômeno mediúnico nas religiões, desde a Antiguidade, e trata das relações do Espiritismo com a Ciência.

Na folha de rosto dessa obra, vê-se o seguinte: *Exposição da Doutrina dos Espíritos: solução científica e racional dos problemas da vida e da morte; natureza e destino do ser humano; as vidas sucessivas*.⁷

O livro *No invisível*, por sua vez, é um desdobramento de *O livro dos médiuns*, de Allan Kardec, com a apresentação dos fatos do Espiritismo Experimental e as orientações para educação dos médiuns e formação de grupos mediúnicos.

Ao tratar-se das obras de Léon Denis, não se poderia deixar de mencionar o seu livro *O grande enigma*. Nessa obra, além de considerar a Divindade sob os focos filosófico e científico, apresenta uma visão poética da Natureza, sensibilizando o leitor para o magno problema da criação. Em *O grande*

enigma encontra-se demonstrada a fidelidade do autor ao que se poderia chamar de essência da Codificação Espírita: Deus e as leis universais.

Todas as obras de Denis revestem-se da mesma fidelidade às obras básicas do Espiritismo, mostrando que, no ímo de sua consciência, permanecia indelével o compromisso assumido no Plano Espiritual, no sentido de integrar a equipe incumbida de apresentar ao mundo os ensinamentos revelados pelos Espíritos Superiores, sob o comando do Cristo.

Diria Léon Denis, ao final de sua reencarnação:

Ao chegar a noite da vida, hora crepuscular em que nova etapa se finda e as sombras descem céleres e cobrem todas as coisas da vida melancólica, considero então o caminho percorrido, desde minha infância, e dirijo meus olhares para diante, para essa porta que, em breve, se me vai abrir para o Além e suas claridades eternas.

A esta hora, minha alma recolhe-se e liberta-se, por antecipação, das amarras terrestres; vê e compreende a finalidade da vida. Consciente de seu papel, aqui embaixo, reconhecida aos favores de Deus, não ignorando o porquê da sua vinda e de seu comportamento, bendiz a vida pelas alegrias, dores e provas salutares, reconhecendo-as como instrumentos de educação e elevação. Bendiz a vida terrestre, com o pensamento de retornar, mais tarde, em nova existência, para trabalhar ainda, sofrer, aperfeiçoar-se e contribuir para o progresso deste mundo e da Humanidade.¹⁶

4.2.2 Gabriel Delanne

Gabriel Delanne, como se viu, fez parte do círculo íntimo de Allan Kardec. Proveniente de família espírita teve, naturalmente, acesso às ideias espíritas desde cedo.

Integrando a equipe de Kardec, segundo a incumbência que lhe fora conferida pela Espiritualidade Superior, Delanne dedicou-se, em especial, aos aspectos científicos da Doutrina Espírita, embora não tenha descuidado de considerar, em suas obras, também seus reflexos filosóficos.

Em sua obra *O espiritismo perante a ciência*, traz complementos preciosos à Codificação Espírita, desenvolvendo aspectos relevantes dos fenômenos anímico e mediúnicos, detendo-se, em particular, nas investigações sobre a existência e o papel do perispírito.

A alma é imortal – outro de seus brilhantes trabalhos – é, por sua vez, inteiramente dedicado ao estudo experimental do perispírito, trazendo valiosa contribuição para o aprofundamento das questões ligadas a esse instrumento essencial para a atuação do Espírito, encarnado ou desencarnado.

Em *O fenômeno espírita*, Delanne faz um estudo histórico da fenomenologia mediúnica, mediante exposição metódica sobre a diversidade de seus aspectos, discutindo hipóteses e apresentando o testemunho dos sábios. Oferece conselhos aos médiuns e experimentadores, de um modo geral, abordando ainda a força filosófica do Espiritismo e a progressividade de seus ensinamentos. Além dos tópicos mencionados, a obra consagra passagens à análise da reencarnação e suas provas.³

Trata-se, com efeito, de valioso complemento, em particular, em *O livro dos médiuns*.³

Uma peculiaridade dessa obra é a carinhosa dedicatória de Delanne ao seu mestre Allan Kardec, expressa nos seguintes termos: *À alma imortal de meu venerado mestre Allan Kardec eu dedico este livro, obra de um de seus mais obscuros, mas de seus mais sinceros admiradores. Gabriel Delanne*.⁴

Oportuno ressaltar, ainda, o apelo de Delanne aos pesquisadores de todos os tempos, expresso no final de seu prefácio à obra em apreço:

Esperamos que este demonstrativo consciencioso e imparcial produza a convicção no espírito de todos os que souberem desprender-se dos preconceitos vulgares e das ideias preconcebidas, para friamente encararem esta ciência nova, cujos frutos são muito importantes para a Humanidade. É em nome do livre pensamento que convidamos os investigadores a se ocuparem com os nossos trabalhos; e com instância que lhes pedimos não repeliem sem exame esses fatos, tão novos e tão imperfeitamente conhecidos, pois estamos persuadidos de que a luz brilhará a seus olhos, como brilhou para os homens de boa-fé que, há cinquenta anos, quiseram estudar os problemas do Além, tão perturbadores e tão misteriosos antes dessas descobertas.⁵

Não se poderia findar este tópico sobre Delanne sem citar ainda duas de suas excelentes obras, inteiramente fundamentadas na Codificação Espírita, mas com o foco especial na investigação científica: *A evolução anímica* e *A reencarnação*. Em ambas, o autor se esmera em trazer provas experimentais não só da passagem do princípio inteligente pela série animal, como também da encarnação dos Espíritos, priorizando, na obra *A reencarnação*, os aspectos da encarnação humana. São dois livros preciosos, de grande valia para o estudioso do Espiritismo.

4.2.3 Camille Flammarion

Camille Flammarion revelou, desde a infância, seu alto desenvolvimento intelectual. Aos 4 anos sabia ler, aos 4 anos e meio, escrever e, aos 5 anos, conhecia rudimentos de Gramática e Aritmética. Cedo sentiu-se

despertar para as questões de Astronomia, tanto que aos 16 anos escreveu seu primeiro livro: *Cosmogonia universal*, de 500 páginas. Pouco depois já estudava Astronomia no Laboratório de Paris.

Aos 19 anos teve seu primeiro contato com o Espiritismo, quando, ao passar por uma livraria abriu certo livro numa página e se deparou com um subtítulo: *Pluralidade dos mundos*. Ora, ele trabalhava numa obra referente sobre o mesmo assunto e que seria publicada no ano seguinte. O livro casualmente aberto fora *O livro dos espíritos*.

Incontinenti procurou Allan Kardec e passou a frequentar as reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, exercitando suas faculdades mediúnicas. Pouco tempo depois foi convidado por Kardec para ingressar na sociedade, como membro associado livre.¹⁸

A obra literária espírita de Flammarion traz valiosos complementos à Codificação Kardequiana, dilatando alguns de seus pontos específicos.

Assim é que, em seu livro *Deus na natureza*, a questão de Deus é estudada em profundidade. Nessa obra, Flammarion procura demonstrar aos cientistas seus contemporâneos que a questão da Causa primeira do Universo não é apenas filosófica, mas pode ser também enfrentada pelo método científico experimental.

Deus na natureza é obra de grande abrangência temática, em que o autor, usando seus conhecimentos de Astronomia, das ciências em geral e de Filosofia, trata de vários assuntos ligados ao tema central: na Primeira parte – A força e a matéria: Posição do problema; *O Céu; A Terra*; na Segunda parte – A vida: Circulação da matéria; A origem dos seres; na Terceira parte – A alma: O cérebro; A personalidade humana; A vontade do homem; na Quarta parte – Destino dos seres e das coisas: Plano da Natureza (construção dos seres vivos; instinto e inteligência). Enfeixa todos esses assuntos no magno problema da compreensão de Deus na Natureza.⁹

Em outro de seus valiosos livros, *O desconhecido e os problemas psíquicos* (dois volumes), o autor, detendo-se especificamente nos fenômenos anímicos, traz interessante pesquisa acerca das manifestações telepáticas de moribundos, diferenciando-as das alucinações. Discorre sobre a transmissão de pensamentos e a comunicação a distância entre encarnados. Refere-se ainda ao mundo dos sonhos: sonhos psíquicos, manifestações de Espíritos durante o sono, telepatia nos sonhos, visão a distância em sonho e sonhos premonitórios.¹⁰

Insera, na conclusão da obra, o célebre pensamento de Shakespeare, constante na obra *Hamlet*: “Há mais coisas entre o céu e a Terra, Horácio, que tudo o que saber pode a nossa filosofia”.¹¹

A morte e o seu mistério, em três volumes, é, por sua vez, um trabalho pormenorizado acerca do fenômeno da desencarnação, com o relato das manifestações dos Espíritos antes, durante e depois da morte de seu corpo físico. O livro é de grande interesse para o estudioso. Nela, como de hábito, revela-se o esforço dos cooperadores de Kardec para enriquecer a obra da Codificação. Em suas conclusões, assinala Flammarion, acenando para os tempos futuros:

*Sejam quais forem os complementos a serem acrescentados às observações precedentes, possuímos de ora em diante a certeza científica da sobrevivência da alma, além do último suspiro terrestre. A ALMA É INDEPENDENTE DO ORGANISMO MATERIAL E CONTINUA A VIVER DEPOIS DA MORTE.*¹²

Conhecido é, ainda, o discurso proferido por Flammarion no sepultamento do corpo físico de Allan Kardec. Registrem-se algumas de suas palavras finais, por testemunho de carinho ao seu mestre e amigo:

Pouco importa que aqueles cuja vista é limitada pelo orgulho ou pelo preconceito não compreendam absolutamente os anseios de nossas mentes ávidas de conhecer e lancem sobre este gênero de estudos [do Espiritismo] seus sarcasmos ou anátemas. Colocamos mais alto as nossas contemplações!... Foste o primeiro, ó mestre e amigo! Foste o primeiro a dar, desde o início da minha carreira astronômica, testemunho de viva simpatia às minhas deduções relativas à existência das humanidades celestes, pois, tomando do livro sobre a Pluralidade dos mundos habitados, o pusestes imediatamente na base do edifício doutrinário com que sonhavas. Muitas vezes conversávamos sobre essa vida celeste tão misteriosa: agora, ó alma, sabes, por visão direta, em que consiste a vida espiritual a que voltaremos todos e que esquecemos durante a existência na Terra.

[...]

[...] *A imortalidade é a luz da vida, como este Sol resplandecente é a luz da Natureza.*

*Até breve, meu caro Allan Kardec, até breve!*¹

Resta ainda salientar o interesse de Flammarion pelos fenômenos anímicos. Mais talvez que os demais integrantes da equipe da Codificação, dedica grande parte de sua obra literária espírita ao exame das manifestações de emancipação da alma. Preocupação semelhante acudiu ao grande pesquisador italiano Ernesto Bozzano, que, em sua obra *Animismo ou espiritismo?*, consagra-se a demonstrar a importância do fenômeno anímico

para a compreensão de toda a fenomenologia mediúnica. Em suma, por tudo o que foi exposto, pode-se ter uma ideia do grandioso trabalho desenvolvido por esses três grandes vultos do Espiritismo nascente, os quais, desenvolvendo os ensinamentos dos Espíritos Superiores sintetizados por Allan Kardec, contribuíram para que as luzes da Doutrina Espírita chegassem aos nossos dias, iluminando o porvir da Humanidade.

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2016. *Discurso pronunciado junto ao túmulo de Allan Kardec*, por Camille Flammarion.
- 2 BODIER, Paul; REGNAULT, Henri. *Gabriel Delanne, as vie, son apostolat, son oeuvre*. Paris: Ed. J. Meyer (B.P.S.), 1937.
- 3 DELANNE, Gabriel. *O fenômeno espírita*. Trad. Francisco Raymundo Ewerton Quadros. 9. ed. 3. reimp. Brasília: FEB, 2010. *Índice*.
- 4 _____.
- 5 _____.
- 6 DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. 32. ed. 11. imp. Brasília: FEB, 2019.
- 7 _____.
- 8 DOYLE, Arthur Conan. *A história do espiritualismo: de Swedenborg ao início do século XX*. Trad. José Carlos da Silva Silveira. Brasília: FEB, 2013. cap. 21 – *Espiritualismo francês, alemão e italiano*.
- 9 FLAMMARION, Camille. *Deus na natureza*. Trad. Manuel Quintão. 7. ed. 1. reimp. Brasília: FEB, 2010.
- 10 _____.
- 11 _____.
- 12 _____.
- 13 SOARES, Sylvio Brito. *Páginas de Léon Denis*. Ensaio biográfico. 4. ed. Brasília: FEB, 2002.
- 14 _____.
- 15 _____.
- 16 _____.
- 17 SOCIEDADE DE ESTUDOS ESPÍRITAS CAMILLE FLAMMARION. Disponível em: www.camilleflammarion.org.br

18 _____.

19 XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho.* Pelo Espírito Humberto de Campos. 34. ed. 8. imp. Brasília: FEB. 2015. cap. 22 – *Bezerra de Menezes.*

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO III

Deus

OBJETIVO GERAL

Apresentar Deus como a inteligência suprema e a causa primeira de todas as coisas.

“[...] Pai, santificado seja o teu nome, venha o teu reino” – JESUS (*Lucas, 11:2*).

DEUS: CONCEITO E PROVAS FILOSÓFICAS DE SUA EXISTÊNCIA

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar o conceito de Deus apresentado pelo Espiritismo.
- » Refletir sobre as provas filosóficas da existência de Deus.
- » Refletir sobre o significado da crença em Deus em nossas vidas.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » A ideia de Deus [...] *se afirma e se impõe, fora e acima de todos os sistemas, de todas as filosofias, de todas as crenças [...]* (Léon Denis, *O grande enigma*, cap. 5 – *Necessidade da ideia de Deus*).
- » A necessidade da crença em Deus está, instintivamente, alojada na mente humana, e decorre do axioma de que não há efeito sem causa. Foi por este motivo que Kardec perguntou aos Espíritos Superiores: *Que dedução se pode tirar do sentimento instintivo, que todos os homens trazem em si, da existência de Deus?* A resposta foi a seguinte: “A de que Deus existe; pois, donde lhes viria esse sentimento, se não tivesse uma base? É ainda uma consequência do princípio – não há efeito sem causa.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 5).
- » “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 1).
- » A prova da existência de Deus, como dizem os Espíritos, pode ser encontrada “Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra

do homem e a vossa razão responderá.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 4).

- » [...] *Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras* (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 2, it. 6).
- » *A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação [dos Espíritos Superiores] como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens nenhuma revelação tiveram; entretanto, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano [...]* (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 2, it. 7).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1

Introdução

Apresentar à turma a seguinte questão: Como interpretar a existência de Deus, considerando esta afirmativa de Kardec: “[...] Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá”.

Ouvir as respostas comentando-as ligeiramente.

Desenvolvimento

Em sequência, dividir a turma em pequenos grupos e pedir que realizem a seguinte tarefa:

- 1) ler os subsídios do Roteiro;
- 2) analisar as provas filosóficas da existência de Deus;
- 3) analisar as consequências da ideia de Deus para a Humanidade, tendo como base a leitura realizada;
- 4) emitir um conceito de Deus, utilizando as próprias palavras;
- 5) escrever o conceito num cartaz, a ser posteriormente afixado em local visível, na sala.

Ouvir a leitura e o comentário dos cartazes, prestando os esclarecimentos que se fizerem necessários. Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Eu acredito na existência de Deus?*

Conclusão

Ao término, fazer a leitura do Anexo – Provas da existência de Deus.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnicas: explosão de ideias e estudo em grupo.

Recursos: subsídios do Roteiro, cartolina ou papel-pardo, canetas hidrográficas.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar o estudo com o vídeo disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1NwwQomQvUG1-DrjfdjS-h-5D-Oh8lTIlp/view?usp=sharing> – Ondas de Luz — SYMPHONY OF SCIENCE (3:56)

Apresentar à turma a seguinte questão:

Como interpretar a existência de Deus, considerando esta afirmativa de Kardec: “[...] Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá”.

Este vídeo traz alguma contribuição ao estudo da existência de Deus?

Ouvir as respostas comentando-as ligeiramente.

Desenvolvimento

Dividir a turma em grupos.

Fazer a leitura seguida de breves reflexões (até 20 minutos):

Grupos – *O livro dos espíritos*, questões 1 a 9:

- » *Como entender: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”.*
- » *Como entender a harmonia existente no mecanismo do Universo?*

Grupos – *A gênese*, capítulo 2, itens 1 a 7:

- » *As obras da Natureza atestam a existência de Deus?*
- » *As forças que atuam na Natureza são obras do acaso? Justifique.*

Em seguida propor discussão circular:

- » *Podemos negar a existência de Deus?*
- » *Como compreender o conceito de Deus?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas enriquecendo a discussão em construção coletiva, com base nos subsídios da apostila e demais conteúdos estudados pelos grupos.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Eu acredito na existência de Deus?*

Conclusão

Ao término, fazer a leitura do Anexo – Provas da existência de Deus.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnicas: explosão de ideias, estudo em grupo, discussão circular.

Recursos: *A gênese* e *O livro dos espíritos*; vídeo; subsídios da apostila.

3.3 SUGESTÃO 3

Sugestões de vídeos para debates:

Os vídeos podem ser propostos em atividade extrarreunião, ou dias planejados, ou para ser assistido com o grupo.

Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1st6VIRUbeHwBabU69XlQQqY7E-RaRXI9M/view?usp=sharing> – Einstein e o Universo. (1: 30:45)

https://drive.google.com/file/d/1A1GLJtVK9ql7LmDsE5zJwn_E8QR7Wu8K/view?usp=sharing – Einstein, Deus e a Ciência. (1:14)

Reflexões para orientar os debates pós-vídeo:

- » *Existe relação entre Ciência e Deus?*
- » *A partir do conhecimento do Universo, que conclusão podemos chegar da crença na existência de Deus?*
- » *É possível que a Ciência prove a existência de Deus?*
- » *Por que alguns cientistas, como Einstein, acreditam na existência de Deus?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Conclusão

Reforçar os conceitos espíritas sobre a existência de Deus.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

3.4 SUGESTÃO 4

Introdução

Apresentar à turma a seguinte questão:

Como interpretar a existência de Deus, considerando esta afirmativa de Kardec: “[...] Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá”.

Ouvir as respostas comentando-as ligeiramente.

Desenvolvimento

Distribuir, para cada participante, o texto: “Rejubila-te em Deus”, do livro *Rejubila-te em Deus* de Joanna de Ângelis, psicografia de Divaldo P. Franco.

Propor:

- 1) leitura silenciosa;
- 2) marcar no texto o que mais gostou;
- 3) marcar no texto o que achou mais importante.

Em seguida propor discussão circular:

- » *Comentários sobre os destaques acima.*
- » *A partir do conhecimento do Universo, que conclusão podemos chegar da crença na existência de Deus?*
- » *É possível que a Ciência prove a existência de Deus?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Eu acredito na existência de Deus?

Conclusão

Reforçar os conceitos espíritas sobre a existência de Deus.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnicas: explosão de ideias, discussão circular.

Recursos: texto “Rejubila-te em Deus”, lápis ou canetas.

4 SUBSÍDIOS

O homem que desconhece Deus e não quer saber que forças, que recursos, que socorros d’Ele promanam, esse é comparável a um indigente que habita ao lado de palácios, cheios de tesouros, e se arrisca a morrer de miséria diante da porta que lhe está aberta e pela qual tudo o convida a entrar.¹⁵

A crença em Deus

[...] se afirma e se impõe, fora e acima de todos os sistemas, de todas as filosofias, de todas as crenças [...].

[...]

A questão de Deus é o mais grave de todos os problemas suspensos sobre nossas cabeças e cuja solução se liga, de maneira restrita, imperiosa, ao problema do ser humano e de seu destino, ao problema da vida individual e da vida social.

O conhecimento da verdade sobre Deus, sobre o mundo e a vida é o que há de mais essencial, de mais necessário, porque é Ele que nos sustenta, nos inspira e nos dirige, mesmo à nossa revelia.¹⁰

Poder-se-ia argumentar que a crença em Deus resulta da educação recebida, consequência das ideias adquiridas. Entretanto, esclarecem os Espíritos da Codificação: “Se assim fosse, por que existiria nos vossos selvagens esse sentimento?”⁶

Refletindo a respeito, Kardec nos elucida em seu comentário:

*Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse tão somente produto de um ensino, não seria universal e não existiria senão nos que houvessem podido receber esse ensino, conforme se dá com as noções científicas.*⁶

*Deus nos fala por todas as vozes do Infinito. E fala, não em uma Bíblia escrita há séculos, mas em uma bíblia que se escreve todos os dias, com estes característicos majestosos, que se chamam oceanos, montanhas e astros do céu; por todas as harmonias, doces e graves, que sobem do imo da Terra ou descem dos espaços etéreos. Fala ainda no santuário do ser, nas horas de silêncio e de meditação. Quando os ruídos discordantes da vida material se calam, então a voz interior, a grande voz desperta e se faz ouvir. Essa voz sai da profundidade da consciência e nos fala dos deveres, do progresso, da ascensão da criatura. Há em nós uma espécie de retiro íntimo, uma fonte profunda de onde podem jorrar ondas de vida, de amor, de virtude, de luz. Ali se manifesta esse reflexo, esse gérmen divino, escondido em toda alma humana.*¹³

*A história da ideia de Deus mostra-nos que ela sempre foi relativa ao grau intelectual dos povos e de seus legisladores, correspondendo aos movimentos civilizadores, à poesia dos climas, às raças, à florescência de diferentes povos; enfim, aos progressos espirituais da Humanidade. Descendo pelo curso dos tempos, assistimos sucessivamente aos desfalecimentos e tergiversações dessa ideia imperecível, que, às vezes fulgurante e outras vezes eclipsada, pode, todavia, ser identificada sempre, nos fastos da Humanidade [...].*¹⁷

*[...] liga-se estreitamente à ideia de lei, e assim à de dever e de sacrifício. A ideia de Deus liga-se a todas as noções indispensáveis à ordem, à harmonia, à elevação dos seres e das sociedades. Eis por que, logo que a ideia de Deus se enfraquece, todas essas noções se debilitam; desaparecem, pouco a pouco, para dar lugar ao personalismo, à presunção, ao ódio por toda autoridade, por toda direção, por toda lei superior [...].*¹⁴

*Diremos, pois, que desconhecer, desprezar a crença em Deus e a comunhão do pensamento que a Ele se liga [...] seria, ao mesmo tempo, desconhecer o que há de maior e desprezar as potências interiores que fazem a nossa verdadeira riqueza. Seria calcar aos pés nossa própria felicidade, tudo que pode fazer nossa elevação, nossa glória, nossa ventura.*¹⁵

A ideia de Deus impõe-se por todas as faculdades do nosso Espírito, ao mesmo tempo que nos fala aos nossos olhos os esplendores do Universo. A Inteligência suprema revela a Causa eterna, na qual todos os seres vêm haurir a força, a luz e a vida. Aí está o Espírito divino, o Espírito potente, que se venera sob tantas

*denominações; mas, sob todos esses nomes, é sempre o centro, a Lei viva, a razão pela qual os seres e os mundos se sentem viver, se conhecem, se renovam e elevam.*¹²

A crença em Deus é, além disso, questão essencial para o entendimento da Doutrina Espírita. Entretanto, para elucidar esse assunto de tão magna importância,

[...] temos agora recursos mais elevados que os do pensamento humano; temos o ensino daqueles que deixaram a Terra, a apreciação das Almas que, tendo franqueado o túmulo, nos fazem ouvir, do fundo do mundo invisível, seus conselhos, seus apelos, suas exortações.

Verdade é que nem todos os Espíritos são igualmente aptos a tratar dessas questões. [...] Nem todos estão igualmente desenvolvidos; não chegaram todos ao mesmo grau de evolução. [...] Acima, porém, da multidão das almas obscuras, ignorantes, atrasadas, há Espíritos eminentes, descidos das esferas [superiores] para esclarecer e guiar a Humanidade.

[...]

*[...] todos aqueles cujos ensinamentos têm reconfortado as nossas almas, mitigado nossas misérias, sustentado nossos desfalecimentos, são unânimes em afirmar, em repetir, em reconhecer a alta Inteligência que governa os seres e os mundos. Eles dizem que essa Inteligência se revela mais brilhante e mais sublime à medida que se escalam os degraus da vida espiritual.*¹¹

Assim, nos esclarecem os Espíritos Superiores na primeira questão de *O livro dos espíritos*:

Que é Deus?

“Deus é a inteligência suprema, causa primária [primeira] de todas as coisas.”⁵

Pode-se levar mais longe do que temos feito a definição de Deus? Definir é limitar. Em face deste grande problema, a fraqueza humana aparece. Deus impõe-se ao nosso Espírito, porém escapa a toda análise. O Ser que enche o tempo e o espaço não será jamais medido por seres limitados pelo tempo e pelo espaço. Querer definir Deus seria circunscreve-lo e quase negá-lo.

[...]

*Para resumir, tanto quanto podemos, tudo o que pensamos referente a Deus, diremos que Ele é a vida, a razão, a consciência em sua plenitude. É a causa eternamente operante de tudo o que existe. É a comunhão universal, onde cada ser vai sorver a existência, a fim de, em seguida, concorrer, na medida de suas faculdades crescentes e de sua elevação, para a harmonia do conjunto.*¹⁶

[...] Desde a organização do mais pequenino inseto e da mais insignificante semente, até a lei que rege os mundos que circulam no Espaço, tudo atesta uma ideia diretora, uma combinação, uma previdência, uma solicitude que ultrapassam todas as combinações humanas. A causa é, pois, soberanamente inteligente.⁹

Constitui princípio elementar que pelos seus efeitos é que se julga de uma causa, mesmo quando ela se conserve oculta.

[...] Em tudo, observando os efeitos é que se chega ao conhecimento das causas.¹

Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, a causa primária [primeira] é, conseqüentemente, uma inteligência superior à Humanidade. Quaisquer que sejam os prodígios que a inteligência humana tenha operado, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que opere, tanto maior há de ser a causa primária [primeira]. Aquela inteligência superior é que é a causa primária [primeira] de todas as coisas, seja qual for o nome que lhe deem.⁸

Pois bem! lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da Natureza, notando a providência, a sabedoria, a harmonia que presidem a essas obras, reconhece o observador não haver nenhuma que não ultrapasse os limites da mais portentosa inteligência humana. Ora, desde que o homem não as pode produzir, é que elas são produto de uma inteligência superior à Humanidade, a menos que se sustente que há efeitos sem causa.²

A harmonia existente no mecanismo do Universo patenteia combinações e desígnios determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso é insensatez, pois que o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso.⁷

[...] Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras.³

A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens nenhuma revelação tiveram; entretanto, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles veem coisas que estão acima das possibilidades do homem e deduzem que essas coisas provêm de um ente superior à Humanidade. Não demonstram raciocinar com mais lógica do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas?⁴

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 2, it. 2.
- 2 _____. _____. it. 5.
- 3 _____. _____. it. 6.
- 4 _____. _____. it. 7.

- 5 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. q. 1.
- 6 _____. _____. q. 6.
- 7 _____. _____. Comentário de Kardec à q. 8.
- 8 _____. _____. Comentário de Kardec à q. 9.
- 9 _____. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. 1ª pt., *Profissão de fé espírita raciocinada*, § – Deus, it. 1.
- 10 DENIS, Léon. *O grande enigma*. 16. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2014. 1ª pt., cap. 5 – *Necessidade da ideia de Deus*.
- 11 _____. _____.
 12 _____. _____. cap. 6 – *As leis universais*.
- 13 _____. _____.
 14 _____. _____. cap. 7 – *A ideia de Deus e a experimentação psíquica*.
- 15 _____. _____. cap. 8 – *Ação de Deus no mundo e na história*.
- 16 _____. *Depois da morte*. Trad. João Lourenço de Souza. 28. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2016. 2ª pt., cap. 9 – *O universo e Deus*.
- 17 FLAMMARION, Camille. *Deus na natureza*. Trad. Manuel Quintão. 7. ed. 1. reimp. Brasília: FEB, 2010. 5ª pt. – Deus.

ANEXO

Provas da existência de Deus

EXISTÊNCIA DE DEUS

Conta-se que um velho árabe analfabeto orava com tanto fervor e com tanto carinho, cada noite, que, certa vez, o rico chefe de grande caravana chamou-o à sua presença e lhe perguntou:

– Por que oras com tanta fé? Como sabes que Deus existe, quando nem ao menos sabes ler?

O crente fiel respondeu:

– Grande senhor, conheço a existência de Nosso Pai Celeste pelos sinais d’Ele.

– Como assim? – indagou o chefe, admirado.

O servo humilde explicou-se:

– Quando o senhor recebe uma carta de pessoa ausente, como reconhece quem a escreveu?

– Pela letra.

– Quando o senhor recebe uma joia, como é que se informa quanto ao autor dela?

– Pela marca do ourives.

O empregado sorriu e acrescentou:

– Quando ouve passos de animais, ao redor da tenda, como sabe, depois, se foi um carneiro, um cavalo ou um boi?

— Pelos rastros — respondeu o chefe, surpreendido.

Então, o velho crente convidou-o para fora da barraca e, mostrando-lhe o céu onde a Lua brilhava, cercada por multidões de estrelas, exclamou, respeitoso:

— Senhor, aqueles sinais, lá em cima, não podem ser dos homens!

Nesse momento, o orgulhoso caravaneiro, de olhos lacrimosos, ajoelhou-se na areia e começou a orar também. (XAVIER, Francisco Cândido. *Pai nosso. Pelo Espírito Meimei, Pai Nosso, que estás nos Céus*, it. I)

ATRIBUTOS DA DIVINDADE

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar os principais atributos de Deus, segundo o Espiritismo.
- » Refletir sobre a ideia de Deus ensinada por Jesus.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Deus é eterno. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado por um ser anterior [...];*
- » *É imutável. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo nenhuma estabilidade teriam;*
- » *É imaterial. Quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria [...];*
- » *É único. Se muitos deuses houvesse, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo;*
- » *É onipotente. Ele o é, porque é único. Se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto Ele, que então não teria feito todas as coisas [...];*
- » *É soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das Leis Divinas se revela, assim nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da Justiça nem da Bondade de Deus (Allan Kardec, O livro dos espíritos, comentário de Kardec à q. 13).*
- » *E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus (Mateus, 23:9).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Apresentar o assunto e os objetivos do estudo.

Em seguida, entregar a cada participante uma cópia da poesia *Deus*, de Antero de Quental, que deverá ser lida em voz alta por um voluntário (veja Anexo). Interpretar, em conjunto com a turma, as ideias do autor expressas na poesia.

Desenvolvimento

Dividir a turma em seis pequenos grupos.

Grupo 1:

- 1) ler os subsídios do Roteiro;
- 2) estudar o atributo divino *eternidade*;
- 3) elaborar um texto que analise o atributo estudado.

Grupo 2:

- 1) ler os subsídios do Roteiro;
- 2) estudar os atributos divinos *imutabilidade e imaterialidade*;
- 3) elaborar um texto que analise o atributo estudado.

Grupo 3:

- 1) ler os subsídios do Roteiro;
- 2) estudar os atributos divinos *unicidade e onipotência*;
- 3) elaborar um texto que analise o atributo estudado.

Grupo 4:

- 1) ler os subsídios do Roteiro;
- 2) estudar o atributo divino *suprema e soberana inteligência*;
- 3) elaborar um texto que analise o atributo estudado.

Grupo 5:

- 1) ler os subsídios do Roteiro;

- 2) estudar os atributos divinos *Soberana Justiça e bondade*;
- 3) elaborar um texto que analise o atributo estudado.

Grupo 6:

- 1) ler os subsídios do Roteiro;
- 2) estudar o atributo divino *perfeição infinita*;
- 3) elaborar um texto que analise o atributo estudado.

Solicitar aos representantes dos grupos que leiam, em voz alta, os textos elaborados.

Prestar os esclarecimentos necessários.

Conclusão

Pedir aos participantes que releiam a poesia entregue no início da aula, identificando no texto os atributos da divindade.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): análise de texto (poesia); trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; poesia.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Entregar a cada participante uma cópia da poesia *Deus*, de Antero de Quental, que deverá ser lida em voz alta por um voluntário (veja Anexo). Interpretar, em conjunto com a turma, as ideias do autor expressas na poesia.

Desenvolvimento

Apresentar em recurso visual: a palavra DEUS (centro) e em torno dela os atributos.

Iniciar uma conversa rápida sobre o significado de cada atributo.

Propor a leitura e breves comentários dos subsídios, em duplas.

Em seguida convidá-los para uma discussão circular:

» *Podemos imaginar a ausência de um desses atributos? Justifique.*

» *É possível imaginarmos mais algum atributo, considerando os conhecimentos que temos hoje?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como percebo Deus?

Conclusão

Reler a poesia, entregue no início do estudo, identificando os atributos da divindade.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnicas: explosão de ideias, estudo em grupo, discussão circular.

Recursos: visual: cartaz ou projeção, subsídios do Roteiro.

4 SUBSÍDIOS

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da Humanidade, o homem o confunde muitas vezes com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui; mas, à medida que nele se desenvolve o senso moral, seu pensamento penetra melhor no âmago das coisas; então, faz ideia mais justa da Divindade e, ainda que sempre incompleta, mais conforme à sã razão.¹¹

Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos ideia completa de seus atributos?¹²

A este questionamento de Allan Kardec responderam os Espíritos Superiores:

“Do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita às vossas ideias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fosse infinita, já Ele não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber.”¹²

Deus é a suprema e soberana inteligência. *É limitada a inteligência do homem, pois que não pode fazer, nem compreender, tudo o que existe. A de Deus, abrangendo o infinito, tem que ser infinita. Se a supuséssemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser mais inteligente, capaz de compreender e fazer o que o primeiro não faria e assim por diante, até ao infinito.*¹

Deus é eterno, isto é, não teve começo e não terá fim. *Se tivesse tido princípio, houvera saído do nada. Ora, não sendo o nada coisa alguma, coisa nenhuma pode produzir. Ou, então, teria sido criado por outro ser anterior e, nesse caso, este ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou fim, poderíamos conceber uma entidade existente antes dele e capaz de lhe sobreviver, e assim por diante, ao infinito.*²

Deus é imutável. *Se estivesse sujeito a mudanças, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o Universo.*³

Deus é imaterial, isto é, a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. *De outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.*

Deus carece de forma apreciável pelos nossos sentidos, sem o que seria matéria. *Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem, nada mais conhecendo além de si mesmo, toma a si próprio por termo de comparação para tudo o que não compreende. São ridículas essas imagens em que Deus é representado pela figura de um ancião de longas barbas e envolto num manto. Têm o inconveniente de rebaixar o Ente Supremo até às mesquinhas proporções da Humanidade. Daí a lhe emprestarem as paixões humanas e a fazerem-no um Deus colérico e ciumento, não vai mais que um passo.*⁴

Deus é onipotente. *Se não possuísse o poder supremo, sempre se poderia conceber uma entidade mais poderosa e assim por diante, até chegar-se ao ser cuja potencialidade nenhum outro ultrapassasse. Esse então é que seria Deus.*⁵

Deus é soberanamente justo e bom. *A providencial sabedoria das Leis Divinas se revela nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, não permitindo essa sabedoria que se duvide da sua justiça, nem da sua bondade.*

O fato de ser infinita uma qualidade, exclui a possibilidade de uma qualidade contrária, porque esta a apoucaria ou anularia. Um ser infinitamente bom não poderia conter a mais insignificante parcela de malignidade, nem o ser infinitamente mau conter a mais insignificante parcela de bondade, do mesmo modo que um objeto não pode ser de um negro absoluto, com a mais ligeira nuance de branco, nem de um branco absoluto com a mais pequenina mancha preta.

Deus, pois, não poderia ser simultaneamente bom e mau, porque então, não possuindo qualquer dessas duas qualidades no grau supremo, não seria Deus; todas as coisas estariam sujeitas ao seu capricho e para nenhuma haveria estabilidade. Não poderia Ele, por conseguinte, deixar de ser ou infinitamente bom ou infinitamente mau. Ora, como suas obras dão testemunho da sua sabedoria, da sua bondade e da sua solicitude, concluir-se-á que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, ele necessariamente tem de ser infinitamente bom.

A soberana bondade implica a soberana justiça, porquanto, se Ele procedesse injustamente ou com parcialidade numa só circunstância que fosse, ou com relação a uma só de suas criaturas, já não seria soberanamente justo e, em consequência, já não seria soberanamente bom.⁶

Deus é infinitamente perfeito. É impossível conceber-se Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, faz-se mister que Ele seja infinito em tudo.

Sendo infinitos, os atributos de Deus não são suscetíveis nem de aumento, nem de diminuição, visto que, do contrário, não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se lhe tirassem a qualquer dos atributos a mais mínima parcela, já não haveria Deus, pois que poderia existir um ser mais perfeito.⁷

Deus é único. A unicidade de Deus é consequência do fato de serem infinitas as suas perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que, se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao poder desse outro e, então, não seria Deus. Se houvesse entre ambos igualdade absoluta, isso equivaleria a existir, de toda eternidade, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder. Confundidos assim, quanto à identidade, não haveria, em realidade, mais que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um não faria o que o outro fizesse; mas, então, não existiria igualdade perfeita entre eles, pois que nenhum possuiria a autoridade soberana.⁸

A mais elevada concepção de Deus que podemos abrigar no santuário do Espírito é aquela que Jesus nos apresentou, em no-lo revelando Pai amoroso e justo, à espera dos nossos testemunhos de compreensão e de amor.¹³

Jesus não [...] se sentou na praça pública para explicar a natureza de Deus e, sim, chamou-lhe simplesmente nosso Pai, indicando os deveres de amor e reverência com que nos cabe contribuir na extensão e no aperfeiçoamento da Obra Divina.¹⁴

Por este ensinamento, o Cristo nos esclarece que todos [...] somos irmãos, filhos de um só Pai, que nos aguarda sempre, de braços abertos, para a suprema felicidade no eterno bem!...¹⁶

O Mestre queria dizer-nos que Deus, acima de tudo, é nosso Pai.

Criador dos homens, das estrelas e das flores.

Senhor dos céus e da Terra.

Para Ele, todos somos filhos abençoados.

Com essa afirmativa, Jesus igualmente nos explicou que somos no mundo uma só família e, por isso, todos somos irmãos, com o dever de ajudar-nos uns aos outros

[...]

Na condição de aprendizes do nosso Divino Mestre, devemos seguir-lhe o exemplo.

Se sentirmos Deus como Nosso Pai, reconheceremos que os nossos irmãos se encontram em toda parte e estaremos dispostos a ajudá-los, a fim de sermos ajudados, mais cedo ou mais tarde. A vida só será realmente bela e gloriosa, na Terra, quando pudermos aceitar por nossa grande família a Humanidade inteira.¹⁵

Em resumo, Deus não pode ser Deus, senão sob a condição de que nenhum outro o ultrapasse, porquanto o ser que o excedesse no que quer que fosse, ainda que apenas na grossura de um cabelo, é que seria o verdadeiro Deus. Para que tal não se dê, indispensável se torna que Ele seja infinito em tudo.

É assim que, comprovada pelas suas obras a existência de Deus, por simples dedução lógica se chega a determinar os atributos que o caracterizam.⁹

Deus é, pois, a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições, e não pode ser diverso disso.¹⁰

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 2, it. 9.
- 2 _____. _____. it. 10.
- 3 _____. _____. it. 11.
- 4 _____. _____. it. 12.
- 5 _____. _____. it. 13.
- 6 _____. _____. it. 14.
- 7 _____. _____. it. 15.
- 8 _____. _____. it. 16.
- 9 _____. _____. it. 18.
- 10 _____. _____. it. 19.
- 11 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. comentário de Kardec à q. 11.
- 12 _____. _____. q. 13.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. cap. 14 – *Deus*.
- 14 _____. _____.
- 15 _____. *Pai nosso*. Pelo Espírito Meimei. 28. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2019. *Pai Nosso, que estás nos Céus*, it. I.
- 16 _____. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 40 – *Ante o Infinito*.

ANEXO

DEUS

Quem, senão Deus, criou obra tamanha,
O espaço e o tempo, as amplidões e as eras,
Onde se agitam turbilhões de esferas,
Que a luz, a excelsa luz, aquece e banha?

Quem, senão Ele, fez a esfinge estranha
No segredo inviolável das moneras,
No coração dos homens e das feras,
No coração do mar e da montanha?!

Deus!... somente o Eterno, o Impenetrável,
Poderia criar o imensurável
E o Universo infinito criaria!...

Suprema paz, intérmina piedade,
E que habita na eterna claridade
Das torrentes da luz e da harmonia!

ANTERO DE QUENTAL

(XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de além-túmulo*. 19. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2016).

A PROVIDÊNCIA DIVINA

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Refletir sobre o conceito de Providência Divina, segundo o Espiritismo.
- » Analisar a ação providencial de Deus para com as criaturas, segundo a Doutrina Espírita.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *A providência é a solícitude de Deus para com as suas criaturas. Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial (Allan Kardec, A gênese, cap. 2, it. 20).*
- » *Para estender a sua solícitude a todas as criaturas, não precisa Deus lançar o olhar do Alto da imensidade. As nossas preces, para que Ele as ouça, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, pois que, estando de contínuo ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem n'Ele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente (Allan Kardec, A gênese, cap. 2, it. 24).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Citar os objetivos do estudo.

Mostrar com o uso de recursos visuais, os versículos 19 a 21 e 25 a 31 do capítulo 6 de *Mateus* (veja Anexo).

Pedir a um ou mais participantes que leiam o texto evangélico em voz alta.

Solicitar à turma que, em duplas, responda às seguintes perguntas:

- » *Como se manifesta a Providência de Deus entre os seres inferiores da criação?*
- » *Como se realiza a ação providencial de Deus para com os seres humanos?*

Ouvir as respostas das duplas em seguida, destacando que a solicitude de Deus para com os seres da Criação é dada de acordo com as necessidades de sua subsistência.

Desenvolvimento

Em conjunto com os participantes, conceituar Providência Divina, esclarecendo a forma como ela se manifesta.

Pedir a um ou outro participante que relatem uma experiência que fique demonstrada a ação providencial de Deus.

Conclusão

Concluir o estudo, retornar aos objetivos do roteiro, estabelecendo uma ligação com os assuntos estudados.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): estudo em duplas; exposição; trabalho em plenária.

Recurso(s): cartaz/transparência; texto evangélico.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Mostrar em recurso visual os versículos 19 a 21 e 25 a 31 do capítulo 6 de *Mateus* (veja Anexo). Solicitar a um ou mais participantes que leiam o texto evangélico em voz alta.

Em seguida, dividir a turma em grupos. Os temas podem ser repetidos (dois ou mais grupos do Roteiro; dois ou mais grupos de *A gênese*).

Grupo Roteiro:

- » Leitura e breves comentários dos subsídios do Roteiro.

Grupo A *gênese* (fornecer a obra aos participantes ou cópia dos textos):

» Leitura e breves comentários de *A gênese*, capítulo 2, itens 20 a 26.

Logo após, propor discussão circular:

» *Qual o entendimento de Providência Divina, segundo a Doutrina Espírita?*

» *Como se manifesta a providência de Deus entre os seres inferiores da criação?*

» *Como se realiza a ação providencial de Deus para com os seres humanos?*

» *Qual a participação de cada ser na Providência Divina?*

» *Podemos citar exemplos da ação providencial na vida prática? etc.*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como a Providência Divina age em minha vida?

Conclusão

Concluir o estudo reforçando a ideia de Providência Divina segundo a Doutrina Espírita.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): estudo em duplas; exposição; trabalho em plenária, discussão circular.

Recurso(s): visual; texto evangélico.

4 SUBSÍDIOS

A Providência é a [...] *solicitude de Deus para com as suas criaturas* [...].¹ É a Suprema Sabedoria com que o Criador conduz todas as coisas, é o cuidado constante, o zelo ininterrupto [...], é o *Espírito superior*, é o *anjo velando sobre o infortúnio*, é o *consolador invisível* [...], é o *farol aceso no meio da noite, para a salvação dos que erram sobre o mar tempestuoso da*

vida. A Providência é, ainda, principalmente, o Amor divino derramando-se a flux sobre suas criaturas [...].⁸

Deus

[...] está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às menores coisas. É nisto que consiste a ação providencial.

“Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, imiscuir-se em pormenores ínfimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo?” Esta a interrogação que a si mesmo dirige o incrédulo, concluindo por dizer que, admitida a existência de Deus, só se pode admitir, quanto à sua ação, que ela se exerça sobre as leis gerais do Universo; que o Universo funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que haja mister a intervenção incessante da Providência.²

[...] Achemo-nos então, constantemente, em presença da Divindade; nenhuma das nossas ações lhe podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contato ininterrupto com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refulhos do nosso coração. Estamos n’Ele, como Ele está em nós, segundo a palavra do Cristo.

Para estender a sua solicitude a todas as criaturas, não precisa Deus lançar o olhar do Alto da imensidade. As nossas preces, para que Ele as ouça, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, pois que, estando de contínuo ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem n’Ele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.³

Nada obsta a que se admita, para o princípio da soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal a irradiar incessantemente, inundando o Universo com seus eflúvios, como o Sol com a sua luz. Mas onde esse foco? É o que ninguém pode dizer. Provavelmente, não se acha fixado em determinado ponto, como não o está a sua ação, sendo também provável que percorra constantemente as regiões do espaço sem-fim. Se simples Espíritos têm o dom da ubiquidade, em Deus há de ser sem limites essa faculdade. Enchendo Deus o Universo, poder-se-ia ainda admitir, a título de hipótese, que esse foco não precisa transportar-se, por se formar em todas as partes onde a soberana vontade julga conveniente que ele se produza, donde o poder dizer-se que está em toda parte e em parte nenhuma.⁴

A ação providencial de Deus pode ser percebida nas seguintes palavras de Emmanuel:

Se acreditas que o hálito das entidades angélicas bafeja exclusivamente os cultivadores da virtude, medita na Providência divina que honra o Sol, na grandeza do Espaço, mas induzindo-o a sustentar os seres que ainda jazem colados à crosta do planeta, inclusive os últimos vermes que rastejam no chão.

Contempla os quadros que te circundam, em todas as direções, e reconhecerás o Amor infinito buscando suprimir, em silêncio, as situações deprimentes da Natureza.

Cachoeiras cobrem abismos.

Fontes alimentam a terra seca.

Astros clareiam o céu noturno.

Flores valorizam espinheirais.

No campo de pensamento em que estagias, surpreenderás esse mesmo infinito Amor, procurando extinguir as condições inferiores da Humanidade.

Pais transfigurados em gênios de ternura.

Professores desfazendo as sombras da ignorância.

Médicos a sanarem doenças.

Almas generosas socorrendo a necessidade.⁹

Entendemos, assim, que “Deus se ocupa com todos os seres que criou, por mais pequeninos que sejam. Nada, para a sua bondade, é destituído de valor”⁶

Devemos, entretanto, considerar que, a despeito da ação providencial de Deus para com todas as suas criaturas, estamos vinculados aos resultados do nosso livre-arbítrio. Dessa forma,

Todas as nossas ações estão submetidas às Leis de Deus. Nenhuma há, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofreremos as consequências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos, que desse modo nos fazemos os causadores da nossa felicidade, ou da nossa infelicidade futuras.⁷

Fica claro, portanto, que a Providência Divina se manifesta duplamente: sob a forma de misericórdia e de justiça, porque

– A compaixão, filha do amor, desejará estender sempre o braço que salva, mas a justiça, filha da Lei, não prescinde da ação que retifica. Haverá recursos da misericórdia para as situações mais deploráveis. Entretanto, a ordem legal do universo cumprir-se-á, invariavelmente. Em virtude, pois, da realidade, é justo que cada filho de Deus assuma responsabilidades e tome resoluções por si mesmo.¹⁰

As provações da vida representam, assim, os cuidados de Deus para com todos os seus filhos, oferecendo-lhes benditas oportunidades de progresso espiritual, como nos esclarece o benfeitor Emmanuel:

Em todas as provas que te assaltem os dias, considera a cota das bênçãos que te rodeiam, e, escorando-te na fé e na paciência, reconhecerás que a Divina

Providência está agindo contigo e por teu intermédio, sustentando-te, em meio aos problemas que te marcam a estrada para doar-lhes a solução.¹¹

Diante desses problemas insondáveis, cumpre que a nossa razão se humilhe. Deus existe: disso não poderemos duvidar. É infinitamente justo e bom: essa a sua essência. A tudo se estende a sua solicitude: compreendemo-lo. Só o nosso bem, portanto, pode Ele querer, donde se segue que devemos confiar n'Ele: é o essencial. Quanto ao mais, esperemos que nos tenhamos tornado dignos de o compreender.⁵

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 2, it. 20.
- 2 _____.
- 3 _____, it. 24.
- 4 _____, it. 29.
- 5 _____, it. 30.
- 6 _____, *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica) Brasília: FEB, 2019. q. 963.
- 7 _____, comentário de Kardec à q. 964.
- 8 DENIS, Léon. *Depois da morte*. Trad. João Lourenço de Souza. 28. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 40 – *Livre-arbítrio e providência*.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Justiça divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2017. cap. 40 – *Divino amparo*.
- 10 _____, *Obreiros da vida eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 35. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2017. cap. 9 – *Louvor e gratidão*.
- 11 _____, *Rumo certo*. Pelo Espírito Emmanuel. 9. ed. imp. Brasília: FEB, 2006. cap. 3 – *Provas e bênçãos*.

ANEXO

OBSERVAI OS PÁSSAROS DO CÉU

Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam. Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

[...]

Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer, ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que

a vestimenta? Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai Celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? E, quanto ao vestuário, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam. E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé? Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos? (Porque todas essas coisas os gentios procuram). Decerto, vosso Pai Celestial bem sabe que necessitais de todas essas coisas; mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal. (*Mateus*, 6:19 a 21; 25 a 34).

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO IV

Existência e sobrevivência do Espírito

OBJETIVO GERAL

Propiciar conhecimento a respeito da existência e da sobrevivência do Espírito.

“O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que foi gerado do espírito” – Jesus (*João*, 3:8).

ORIGEM E NATUREZA DO ESPÍRITO

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Refletir sobre a origem e a natureza do Espírito, conforme os ensinamentos espíritas.
- » Refletir sobre a natureza do Espírito, como individualização do princípio inteligente.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » “[...] Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 79).
- » O [...] *princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e se elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades [...]* (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 11, it. 23).
- » Os [...] *Espíritos são imateriais?* “[...] Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos.” *Dizemos que os Espíritos são imateriais, porque, pela sua essência, diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria [...]* (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 82 e comentário de Kardec à q. 82).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Introduzir o tema, explicando em linhas gerais: a) a origem e a natureza do Espírito, segundo a Doutrina Espírita; b) a diferença que existe entre princípio inteligente e Espírito.

Em seguida, fazer aos participantes perguntas objetivas a respeito do conteúdo exposto, realizando breves comentários sobre as respostas dadas, se necessário.

Desenvolvimento

Dividir a turma em quatro grupos. Cada grupo recebe uma ficha que contém, em uma de suas faces, uma questão (ver exemplos no Anexo 1), extraída do item 4.2 dos subsídios (Evolução do princípio inteligente).

Orientar os grupos na realização das seguintes atividades:

- » ler e debater a questão constante da ficha recebida;
- » escrever no verso da ficha o entendimento do grupo a respeito da questão proposta;
- » escolher o relator que deverá apresentar as conclusões da atividade, em plenário.

Apresentar, em recurso visual, as questões propostas, à medida que os relatores apresentam as conclusões do trabalho em grupo.

Dirimir dúvidas.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Que ideia faço da origem e da natureza do Espírito?*

Conclusão

Fazer as considerações finais do assunto, enfatizando o seguinte: *a evolução do princípio inteligente, ocorrendo nos dois planos de vida, é necessária para a construção do veículo perispiritual e do corpo físico. Sendo assim, quando o princípio inteligente se individualiza, tornando-se Espírito, a modelagem do perispírito atinge o ápice da escala anímica, estando, então, preparado para produzir o corpo humano.*

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as explicações dadas pelos grupos às questões propostas na fichas, e expressas nos relatos subsequentes, demonstrarem que houve entendimento do tema.

Técnica(s): exposição; fichas de estudo.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; recursos multimídia; fichas contendo questões; lápis/caneta.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Introduzir o tema, explicando em linhas gerais: a) a origem e a natureza do Espírito, segundo a Doutrina Espírita; b) a diferença que existe entre princípio inteligente e Espírito.

Desenvolvimento

Em seguida, dividir a turma em grupos.

Propor aos grupos a reflexão das seguintes questões, com base na leitura dos subsídios:

- » *Onde e como se inicia o processo de individualização do princípio inteligente?*
- » *Quais são as principais conquistas do princípio inteligente ao longo das etapas evolutivas até as faixas inaugurais da razão?*

Após a atividade nos grupos propor uma reflexão circular:

Qual a origem do Espírito (princípio inteligente individualizado) segundo a Doutrina Espírita?

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Que ideia faço da origem e da natureza do Espírito?*

Conclusão

Fazer as considerações finais do assunto, enfatizando o seguinte:

O Espírito é a individualização do princípio inteligente assim como o corpo é a individualização do princípio material.¹¹

Essa individualização do princípio inteligente se efetua numa série de existências que precedem o período da Humanidade,²² existências essas onde o princípio inteligente passa a primeira fase do seu desenvolvimento, ensaiando-se para a vida. Esse seria para o Espírito, por assim dizer, o seu período de incubação.⁴

É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos.²³

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; exposição dialógica, estudo em grupo, discussão circular.

Recurso(s): visual(cartaz ou outro), subsídios do Roteiro.

4 SUBSÍDIOS

4.1 ORIGEM DO ESPÍRITO

Ensina a Doutrina Espírita que o espírito (escrito em letra minúscula) é o [...] *princípio inteligente do Universo*,⁶ sendo a inteligência seu atributo essencial.⁷ Esse princípio inteligente, que tem sua origem no [...] *elemento inteligente universal*,²¹ passa por um processo de elaboração e individualização até transformar-se no ser denominado Espírito.^{4, 23}

Assim, a palavra Espírito, tanto é empregada para designar o princípio inteligente do Universo, quanto para designar esse mesmo princípio após a sua individualização. O Espírito (princípio inteligente individualizado) é criado por Deus. Não é, porém, uma emanção ou uma porção da Divindade. É sua obra, [...] *exatamente como uma máquina o é do homem que a fabrica. Esta máquina é obra do homem, não é o próprio homem* [...].¹⁰

Deus cria o Espírito pela sua vontade, como o faz em relação a tudo no Universo.¹³ Como Deus jamais deixou de criar, a criação dos Espíritos é permanente.¹²

O Espírito é a individualização do princípio inteligente assim como o corpo é a individualização do princípio material.¹¹ Essa individualização do princípio inteligente se efetua numa série de existências que precedem o período da Humanidade,²² existências essas em que o princípio inteligente passa a primeira fase do seu desenvolvimento, ensaiando-se para a vida. Esse seria para o Espírito, por assim dizer, o seu período de incubação.⁴

[...] É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos [...].²³

4.2 EVOLUÇÃO DO PRINCÍPIO INTELIGENTE

A propósito, ensinam os Espíritos Superiores que os elementos orgânicos formadores dos germens que propiciaram a união do princípio inteligente à matéria achavam-se, “[...] por assim dizer, em estado de fluido no Espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra para começarem existência nova em novo globo”.⁹ Depois de criada a Terra, esses germens ficaram aguardando as condições propícias para se desenvolverem no planeta.⁸ Assim, podemos dizer que o princípio inteligente se individualiza

[...] lentamente por um processo de elaboração das formas inferiores da natureza, a fim de atingir gradativamente a Humanidade [...]. Por meio de mil modelos inferiores, nos labirintos de uma escalada ininterrupta; por meio das mais bizarras formas; sob a pressão dos instintos e a sevicia de forças inverossímeis [...] vai tendendo para a luz, para a consciência esclarecida, para a liberdade... Esses inúmeros avatares, em milhares de organismos diferentes, devem dotar [...] [o princípio inteligente] de todas as forças que lhe hajam de servir mais tarde. Eles têm por objeto desenvolver o envoltório fluídico, dar-lhe a necessária plasticidade, fixando nele as leis cada vez mais complexas que regem as formas vivas, criando-lhes, assim, um tesouro [potencial], mediante o qual possam, um dia, manipular a matéria, de modo inconsciente, para que o Espírito possa operar sem o entrave dos liames terrestres.

Quem recusará ver nos milhões de existências a palpitem no planeta a elaboração sublime da inteligência, prosseguindo incessante na extensão indefinita do tempo e do espaço?

São as eternas leis da evolução que arrastam o princípio inteligente a destinos cada vez mais altanados, para um futuro sempre melhor, desdobrando-se em panorama de renovadas perspectivas, a partir da idade primária aos nossos dias.

[...]

*Não foi o acaso que gerou essas espécies animais e vegetais. No seu desfile, a consequente possui sempre algo mais que a antecedente e, quando a Ciência nos desvenda os quadros sucessivos dessas transmutações, é que vemos a inapreciável riqueza nelas contida, a ampliar-se sempre. Quanta majestade nessas fases de transição! Que grandeza nessa marcha lenta, porém firme, para chegar ao homem, florescência da força criadora joia que resume e sintetiza todo o progresso [...]*²⁴

Tudo no Universo está submetido à Lei do Progresso.

[...] Desde a célula verde, desde o embrião errante, boiando à flor das águas, a cadeia das espécies [diferentes manifestações do princípio inteligente] tem-se desenrolado através de séries variadas, até nós.

*Cada elo dessa cadeia representa uma forma da existência que conduz a uma forma superior, a um organismo mais rico, mais bem adaptado às necessidades, às manifestações crescentes da vida; mas, na escala da evolução, o pensamento, a consciência e a liberdade só aparecem passados muitos graus. Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se, e torna-se consciente [...]*²⁵

A união do princípio inteligente à matéria, assim como o processo evolutivo desse mesmo princípio inteligente, até atingir a sua individualização plena, são descritos pelo Espírito André Luiz da seguinte maneira:

A matéria elementar [...] dera nascimento à província terrestre, no estado solar a que pertencemos [...].

A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos gênios construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espalhar-se no colo da paisagem primitiva. Dessa geleia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações...

Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes [princípio inteligente] exprimem-se no mundo pela rede filamentososa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no globo constituído.

Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos...²⁶ [por meio dos quais o princípio inteligente faz seu longo percurso pelos reinos da Natureza até atingir a faixa da razão].

Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais do período pré-cambriano aos fetos e às lycopodiáceas, aos trilobites e cistídeos, aos cefalópodes, foraminíferos e radiolários dos terrenos silurianos, o princípio espiritual [ou princípio inteligente] atingiu os espongiários e celenterados da era paleozoica, esboçando a estrutura esquelética.

Avançando pelos equinodermos e crustáceos, entre os quais ensaiou, durante milênios, o sistema vascular e o nervoso, caminhou na direção dos ganóides e teleósteos, arqueossauros e labirintodontes para culminar nos grandes lacertinos e nas aves estranhas, descendentes dos pterossáurios, no jurássico superior, chegando à época supracretácea para entrar na classe dos primeiros mamíferos, procedentes dos répteis teromorfos.

Viajando sempre, adquire entre os dromatérios e anfitérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência.²⁷

Estagiando nos marsupiais e cetáceos do eoceno médio, nos rinocerotídeos, cervídeos, antilopídeos, equídeos, canídeos, proboscídeos e antropóides inferiores do mioceno e exteriorizando-se nos mamíferos mais nobres do plioceno, incorpora aquisições de importância entre os megatérios e mamutes, precursores da fauna atual da Terra, e, alcançando os pitecantropóides da era quaternária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a mônada vertida do plano espiritual sobre o planeta físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão.²⁸

Compreendendo-se, porém, que o princípio divino aportou na Terra, emanando da esfera espiritual, trazendo em seu mecanismo o arquétipo a que se destina, qual a bolota de carvalho encerrando em si a árvore veneranda que será de futuro, não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico simplesmente considerado, porquanto, por meio do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta, razão pela qual variados elos da evolução fogem à pesquisa dos naturalistas, por representarem estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito, nas regiões extrafísicas, em que essa mesma consciência incompleta prossegue elaborando o seu veículo sutil, então classificado como protoforma humana, correspondente ao grau evolutivo em que se encontra.²⁹

Como se vê, por tudo que foi exposto, o princípio inteligente vai modelando, ao longo das eras, em seu processo de individualização, não só as suas estruturas físicas, mas também o seu envoltório fluídico, até tornar-se Espírito e estar apto para ingressar no período da Humanidade. Esse processo de modelagem, contudo, não se interrompe aí, antes se aprimora, pela evolução do Espírito, conforme deflui do seguinte ensino de Kardec:

O corpo é, pois, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada.¹

Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe-lhe a ele empregá-los [...].²

Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, tem, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças [...].³

Quanto ao envoltório fluídico do Espírito, esse também se modifica com o progresso moral que o Espírito realiza em cada encarnação.⁵

4.3 NATUREZA DO ESPÍRITO

Existem poucas informações a respeito da natureza do Espírito.

Dizem os Espíritos Superiores que o Espírito – na sua condição de princípio inteligente individualizado –, é incorpóreo, constituído de matéria quintessenciada, ainda sem analogia para nós.¹⁴ A sua forma é também, para nós, indefinida. Podemos compreendê-lo como uma chama, um clarão, ou a uma centelha, tendo uma coloração que vai do escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, de acordo com a sua menor ou maior pureza.^{15, 16}

Em virtude da sua natureza, o Espírito pode transportar-se com a rapidez do pensamento, sem que a matéria mais densa lhe ofereça qualquer obstáculo.^{17, 18} O seu poder de irradiação se amplia, à medida que evolui, podendo, assim, projetar-se para diversos pontos ao mesmo tempo, sem se dividir, consistindo, nisso, o chamado dom de ubiquidade dos Espíritos.^{19, 20}

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 11, it. 10.
- 2 _____. _____. it. 11.
- 3 _____. _____. it. 12.
- 4 _____. _____. it. 23.
- 5 _____. _____. cap. 14, it. 10.
- 6 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. q. 23.
- 7 _____. _____. q. 24.
- 8 _____. _____. q. 44.

- 9 _____ . _____ . q. 45.
 10 _____ . _____ . q. 77.
 11 _____ . _____ . q. 79.
 12 _____ . _____ . q. 80.
 13 _____ . _____ . q. 81.
 14 _____ . _____ . q. 82.
 15 _____ . _____ . q. 88.
 16 _____ . _____ . q. 88-a.
 17 _____ . _____ . q. 89.
 18 _____ . _____ . q. 91.
 19 _____ . _____ . q. 92.
 20 _____ . _____ . q. 92-a.
 21 _____ . _____ . q. 606.
 22 _____ . _____ . q. 607.
 23 _____ . _____ . q. 607-a.
 24 DELANNE, Gabriel. *A evolução anímica*. Trad. Manuel Quintão. 12. ed. 5. imp. Brasília: FEB, 2010. cap. 2 – *A alma animal*, it. A evolução da alma.
 25 DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. 32. ed. 11. imp. Brasília: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 9 – *Evolução e finalidade da alma*.
 26 XAVIER, Francisco Cândido.; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. 1ª pt., cap. 3 – *Evolução e corpo espiritual*, it. Primórdios da vida.
 27 _____ . _____ . it. Dos artrópodos aos dromatérios e anfitérios.
 28 _____ . _____ . it. Faixas inaugurais da razão.
 29 _____ . _____ . it. Elos desconhecidos da evolução.

ANEXO 1

Questões retiradas dos subsídios para o trabalho em grupo

1) Podemos dizer que os elementos necessários à vida estavam dispersos [...] *em estado de fluido no Espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra, para começarem existência nova em novo globo (O livro dos espíritos, q. 45)*. Depois de criada a Terra, esses germens (ou elementos) ficaram aguardando as condições propícias para se desenvolverem no planeta (q. 44). Começa, assim a individualização do princípio inteligente que passa [...] *lentamente por um processo de elaboração das formas inferiores da natureza, a fim de atingir gradativamente a Humanidade [...]*.

Por meio de mil modelos inferiores, nos labirintos de uma escalada ininterrupta, por meio das mais bizarras formas; sob a pressão dos instintos e a sevícia de forças inverossímeis [...] vai tendendo para a luz, para a consciência esclarecida, para a liberdade... (A evolução anímica, cap. 2, it. A evolução da alma).

Responder:

a) Onde se encontravam os elementos necessários à vida?

b) Onde e como se inicia o processo de individualização do princípio inteligente?

2) A união do princípio inteligente à matéria, assim como o processo evolutivo desse mesmo princípio inteligente até atingir a sua individualização plena, é descrita assim pelo Espírito André Luiz: *A matéria elementar [...] dera nascimento à província terrestre, no estado solar a que pertencemos [...].*

A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos gênios construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da terra recoberto de mares mornos, invadindo por gigantesca massa viscosa a espraiair-se no colo da paisagem primitiva. Dessa geleia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações... (Evolução em dois mundos, cap. 3).

Responder:

a) De que forma o princípio inteligente surge em suas primeiras manifestações na Terra?

3) *Trabalhadas, nos transcurtos dos milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes [ou princípio inteligente] exprimem-se no mundo pela rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no globo constituído.*

Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos... (Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais [...]) (Evolução em dois mundos, cap. 3), dos invertebrados e dos vertebrados, o princípio inteligente incorpora as conquistas da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão.

Responder:

a) Quais são as principais conquistas do princípio inteligente ao longo das etapas evolutivas até as faixas inaugurais da razão?

4) Alcançando [...] *os pitecantropoides* [símios] *da era quartenária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a mônada* [ou princípio inteligente] *vertida do plano espiritual sobre o planeta físico* (*Evolução em dois mundos*, cap. 3) organiza a forma humana. Acrescentamos que o princípio inteligente, oriundo da Esfera Espiritual e cumprindo um planejamento divino, manifestou-se na Terra para sua culminância na humanização. Não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico simplesmente considerado, porquanto, por meio do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta. No Plano Espiritual o princípio inteligente continua o processo evolutivo, elaborando o veículo sutil (perispírito), necessário à formação do corpo físico das diferentes espécies, até atingir a culminância no ser humano.

Responder:

a) Como se operou o processo de evolução humana, na concepção espírita?

ANEXO 2

Glossário

Anfitérios: designação dos mamíferos primitivos sem placenta, que deram origem aos mamíferos com membrana abdominal (marsupiais) e aos mamíferos placentários.

Antilopídeos: mamíferos ruminantes providos de chifres em forma de galho, tais como a gazela, o cabrito-montês e o antílope.

Antropoides: macacos dos tipos chimpanzés, orangotangos e gorilas.

Arqueossauros: lagartos primitivos que precederam às primeiras aves.

Canídeos: mamíferos carnívoros a cujo grupo pertencem o cão, o lobo, a raposa e o chacal.

Cefalópodes: animais marinhos que apresentam cabeça proeminente e tentáculos (lulas e polvos).

Celenterados: animais marinhos, de simetria radiada, com uma cavidade para digestão e circulação (pólipos, medusas e corais).

Cervídeos: animais mamíferos a que pertencem o veado, o alce e a rena.

Cistídeos: grupo primitivo de equinodermos (estrela-do-mar).

Crustáceos: animais de esqueleto externo e respiração branquial (carranguejos, camarões e lagostas).

Dromatérios: répteis vegetarianos que existiram no período triássico da Era Mesozoica, extintos com a chegada dos répteis carnívoros.

Eoceno: segundo período da Era Cenozoica, ou Terciária, em que ocorreu a expansão dos mamíferos.

Equídeos: mamíferos aos quais pertencem o cavalo e a zebra.

Equinodermos: animais de estrutura radiada, com espinhos (ouriço-do-mar). Era Quaternária Última era geológica, importante pelo surgimento do homem.

Espongiários: animais marinhos de estrutura rudimentar, cujo tipo representativo é a esponja.

Fetos: plantas da família das criptogâmicas, que têm os órgãos reprodutores ocultos.

Foraminíferos: classe de infusórios, situada entre os equinodermos e os pólipos.

Ganoides: peixes cartilaginosos, com escamas.

Jurássico: período mediano da Era Mesozoica, ou Secundária, caracterizado pela proliferação dos dinossauros e das primeiras aves.

Labirintodontes: nome genérico dos anfíbios primitivos.

Lacertinos: animais com características de lagarto.

Licopodiáceas: plantas rasteiras, cujas folhas miúdas se assemelham a escamas.

Mamutes: mamíferos fósseis que deram origem ao elefante.

Marsupiais: mamíferos que possuem bolsa formada de pele abdominal, denominada marsúpio.

Megatérios: grandes mamíferos fósseis desdentados, da América do Sul (tamanduá).

Mioceno: quarto período da Era Cenozoica, em que surgiram os antropóides.

Mônada: entendida como princípio inteligente, ou espiritual (mônada celeste); e como unidade física básica, que dá origem à matéria (protoplasma).

Paleozoica: era Primária, formada de seis períodos (cambriano, ordoviciano, siluriano, devoniano, carbonífero e permiano), em que surgem os animais invertebrados e vertebrados primitivos, e as primeiras plantas.

Pitecantropoides: antropoides fósseis intermediários entre o macaco e o homem (hominídeos).

Plioceno: quinto período da Era Cenozoica, no qual surgiram os hominídeos.

Pré-câmbrico ou pré-cambriano: período extenso da Era Arqueozoica, caracterizada pela formação e consolidação do planeta e pelo surgimento da vida.

Proboscídeos: mamíferos que têm o focinho em forma de tromba (elefante e tamanduá).

Protoplasma: substância gelatinosa na qual estão inseridos todos os corpúsculos responsáveis pelas funções vitais da célula.

Pterossauros: répteis primitivos voadores, marinhos.

Radiolários: classe de protozoários, ou seres unicelulares, caracterizada por uma membrana quitinosa, no meio do protoplasma, e rodeada por pseudópodes radiantes (gregorinas – conchas marinhas).

Rinocerotídeos: animais quadrúpedes, com dedos em forma de casco e dois chifres no focinho.

Siluriano: um dos períodos da Era Paleozoica, caracterizado pelo surgimento dos insetos e das plantas terrestres.

Supracretácea: fase do período cretáceo da Era Mesozoica.

Teleosteos: peixes com barbatanas e esqueleto ósseo.

Teromorfos: répteis existentes no período permiano da Era Paleozoica.

Trilobites ou trilobitas: grupo extinto de artrópodes (insetos), que habitaram a Era Paleozoica.

PERISPÍRITO: CONCEITO E NATUREZA

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar o conceito de perísprito.
- » Refletir sobre sua natureza.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito (Allan Kardec, O livro dos espíritos, comentário de Kardec à q. 93).*
- » *O [...] laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro [corpo físico]. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal [...] (Allan Kardec, O livro dos espíritos, Introdução, it. VI).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Apresentar à turma uma figura esquemática do corpo físico, do perispírito e do Espírito, explicando que o corpo físico é construído pelo Espírito a partir do molde, ou matriz, denominado *perispírito*.

Esclarecer que, devido à importância do tema, o *perispírito* será estudado em outros roteiros, cabendo a este apenas a sua conceituação.

Desenvolvimento

Dividir a turma em grupos, de acordo com o número de participantes. Cada grupo recebe um pequeno texto, uma cartolina, pincéis atômicos, fita adesiva, e as seguintes instruções:

- a) leitura do texto e troca de ideias sobre o assunto (veja Anexo);
- b) elaboração de um conceito de *perispírito*, tendo como base as ideias expressas no texto lido;
- c) registro escrito do conceito de *perispírito* na folha de cartolina, de forma que todos possam ler à distância;
- d) afixação da cartolina no mural da sala de aula;
- e) indicação de um relator que, em plenário, deve fazer a leitura do texto e apresentar o conceito de *perispírito* elaborado pelo grupo.

Ouvir os resultados do trabalho dos grupos, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

Fazer a integração do tema, fundamentando-se nas citações 2 e 3 da Referência deste Roteiro (*O livro dos espíritos*, questões 93 e 135 – comentário), e na figura apresentada no início da reunião.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição; elaborando conceitos.

Recurso(s): figuras; textos; cartolinas; pincéis atômicos; fita adesiva; *O livro dos espíritos*.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Introduzir o tema com a seguinte pergunta, em explosão de ideias:

Como será a união da matéria (princípio material) ao Espírito (princípio espiritual)?

Desenvolvimento

Explicar em linhas gerais que entre a matéria e o Espírito existe um “elemento [corpo] semimaterial”, perispírito, que participa e faz a união dos dois princípios (material e espiritual).

Em seguida fazer a leitura oral e comentada dos textos: subsídios e Anexo.

Refletir, em discussão circular, sobre:

Qual a natureza do perispírito? Como nossos sentimentos, pensamentos e ações impactam no perispírito?

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva, destacando pontos importantes do assunto.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Se meu corpo espiritual recebe impressões físicas, psíquicas e emocionais, como cuidar de mim para que eu tenha uma vida mais saudável?*

Conclusão

Encaminhar o fechamento do tema, fundamentando-se nas citações 2 e 3 da Referência deste Roteiro (*O livro dos espíritos*, questões 93 e 135 – comentário).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; exposição dialógica, discussão circular.

Recurso(s): visual(cartaz ou quadro), subsídios do Roteiro.

3.3 SUGESTÃO 3

Vídeos:

1) Haroldo Dutra – formação do perispírito (5:10), disponível em: https://drive.google.com/file/d/1ft36KAUuhm4021licu_MTjoiLJorwddQ/view?usp=sharing

Reflexões para orientar o debate, após leitura dos subsídios:

- » *Como entender a formação do perispírito?*
- » *E sua função?*
- » *Como definir perispírito?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas enriquecendo a discussão em construção coletiva.

2) Chico Xavier – Pinga Fogo: O Corpo Espiritual, Fotografias Kirlian e as Doenças, disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1lzDOgOhwN65RoELH-UJl2tnbbplClX9p/view?usp=sharing>

Reflexões para orientar o debate, após leitura dos subsídios:

- » *É possível à Ciência provar a existência de um corpo espiritual?*
- » *O que é perispírito?*
- » *Qual a sua função?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Se meu corpo espiritual recebe impressões físicas, psíquicas e emocionais, como cuidar de mim para que eu tenha uma vida mais saudável?

Conclusão

Encaminhar o fechamento do tema, fundamentando-se nas citações 2 e 3 da Referência deste Roteiro (*O livro dos espíritos*, questões 93 e 135 – comentário).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Atividade de preparação para a próxima reunião de estudo:

Solicitar aos participantes que façam uma pesquisa com os familiares, amigos ou colegas de trabalho, pedindo a essas pessoas que respondam às seguintes perguntas:

- » Você acredita na sobrevivência do Espírito? Sim () Não ()
- » Considerando a resposta anterior, dê um exemplo do que você entende por prova da sobrevivência ou da não-sobrevivência do Espírito.

Observação: As respostas devem ser tabuladas para a apresentação na próxima reunião de estudo.

4 SUBSÍDIOS

Allan Kardec indaga aos Espíritos Superiores:

O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?

A que os Espíritos respondem:

“Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.”²

Comentando essa resposta, Kardec cria a palavra *perispírito* (do grego *peri*, em torno, e do latim *spiritus*, alma, espírito) para designar esse envoltório do Espírito, por comparação com o *perisperma*, que envolve o gérmen do fruto.²

*Hão dito [afirma Kardec] que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e se eleva na hierarquia espiritual. De sorte que, para nós, a ideia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos uma sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, como o corpo o faz do homem. Porém, o perispírito, só por só, não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo não constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua ação.*⁴

Quando encarnado o Espírito, o perispírito é o laço que o prende ao corpo físico. Esse laço

*[...] é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do involúcro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal [...].*¹

O homem é, portanto, formado de três partes essenciais:

1º) o corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2º) a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação;

*3º) o princípio intermediário, ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tal, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.*³

A respeito do uso dos termos *alma* e *Espírito*, Kardec assinala:

Seria mais exato reservar a palavra alma para designar o princípio inteligente, e o termo Espírito para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico; mas como não se pode conceber o princípio inteligente isolado da matéria, nem o perispírito sem ser animado pelo princípio inteligente, as palavras alma e Espírito são, no uso, indiferentemente empregadas uma pela outra [...]; filosoficamente, porém, é essencial fazer-se a diferença.⁵

É oportuno ressaltar que o *perispírito* tem tido outras denominações, das quais destacamos: *corpo espiritual* ou *psicossoma* (Espírito André Luiz); *corpo fluídico* (Leibniz); *mediador plástico* (Cudworth); e *modelo organizador biológico* (Ernani G. Andrade).⁶

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. *Introdução*, it. VI.
- 2 _____. _____. q. 93.
- 3 _____. _____. q. 135.
- 4 _____. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. 1ª pt., cap. 1, it. 55.
- 5 _____. *O que é o espiritismo*. Trad. Redação de *Reformador* em 1884. 56. ed. 1. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2013. cap. 2, it. 14, Observação.
- 6 ZIMMERMANN, Zalmino. *Perispírito*. 2. ed. Campinas: CEAK, 2002. cap. 1 – *Conceito e natureza*, p. 23 e 24.

ANEXO

Textos para conceituação de perispírito

1) Considerado parte “[...] essencial do complexo humano, o perispírito ou psicossoma se constitui de variados fluidos que se agregam, decorrentes da energia universal primitiva de que se compõe cada Orbe, gerando uma matéria hiperfísica, que se transforma em mediador plástico entre o Espírito e o corpo físico.

[...]

Revestimento temporário, imprescindível à encarnação e à reencarnação, é tanto mais denso ou sutil, quanto evoluído seja o Espírito que dele se utiliza. Também considerado corpo astral, exterioriza-se através e além do envoltório carnal, irradiando-se como energia específica ou aura” (FRANCO, Divaldo, *Estudos espíritas*, pelo Espírito Joanna de Ângelis, cap. 4 – *Perispírito*, it. Conceito. FEB Editora).

2) “O perispírito é, ainda, corpo organizado que, representando o molde fundamental da existência para o homem, subsiste, além do sepulcro, demorando-se na região que lhe é própria, de conformidade com o seu peso específico.

Formado por substâncias químicas que transcendem a série estequiogenética conhecida até agora pela ciência terrena, é aparelhagem de matéria rarefeita, alterando-se, de acordo com o padrão vibratório do campo interno.

Organismo delicado, com extremo poder plástico, modifica-se sob o comando do pensamento. É necessário, porém, acentuar que o poder apenas existe onde prevaleçam a agilidade e a habilitação que só a experiência consegue conferir.

Nas mentes primitivas, ignorantes e ociosas, semelhante vestidura se caracteriza pela feição pastosa, verdadeira continuação do corpo físico, ainda animalizado ou enfermiço” (XAVIER, Francisco Cândido, *Roteiro*, pelo Espírito Emmanuel, cap. 6 – *O perispírito*. FEB Editora).

3) “Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental [envoltório sutil da mente] que lhe preside a formação.

Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja.

Todas as alterações que apresenta, depois do estágio berço-túmulo, verificam-se na base da conduta espiritual da criatura [...]

(XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo, *Evolução em dois mundos*, pelo Espírito André Luiz, 1ª pt., cap. 2 – *Corpo espiritual*).

PROVAS DA EXISTÊNCIA E DA SOBREVIVÊNCIA DO ESPÍRITO

1 OBJETIVO ESPECÍFICO

- » Analisar as provas da existência e da sobrevivência do Espírito.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *A alma do homem sobrevive ao corpo e conserva a sua individualidade após a morte deste (Allan Kardec, Obras póstumas, 1ª pt., § – A Alma, it. 7).*
- » *Provam a existência da alma os atos inteligentes do homem, por isso eles não de ter uma causa inteligente e não uma causa inerte. Que ela independe da matéria está demonstrado de modo patente pelos fenômenos espíritas que a mostram agindo por si mesma [...] (Allan Kardec, Obras póstumas, 1ª pt., § – A Alma, it. 6).*
- » *A sobrevivência desta [da alma] à morte do corpo está provada de maneira irrecusável e até certo ponto palpável, pelas comunicações espíritas. Sua individualidade é demonstrada pelo caráter e pelas qualidades peculiares a cada um. Essas qualidades, que distinguem umas das outras as almas, lhes constituem a personalidade. [...]*

Além dessas provas inteligentes, há também a prova material das manifestações visuais, ou aparições, tão frequentes e autênticas, que não é lícito pô-las em dúvida (Allan Kardec, Obras póstumas, 1ª pt., § – A Alma, it. 7).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Iniciar a reunião com a apresentação dos resultados – previamente tabulados – da pesquisa indicada, na semana anterior, como atividade extrarreunião.

Passar a palavra a cada participante para apresentação do seu trabalho.

Desenvolvimento

Fazer comentários pertinentes aos resultados apresentados, destacando, por exemplo, se o número de respondentes que acreditam na sobrevivência do Espírito é significativo; quais foram as melhores provas apresentadas etc.

Em seguida, pedir à turma que se organize em duplas ou trios. Cada grupo tem a incumbência de fornecer provas da existência e sobrevivência do Espírito, após a leitura de texto específico dos subsídios. A organização dos grupos é a seguinte:

Grupo 1 – texto: *fenômeno de exteriorização da alma;*

Grupo 2 – texto: *casas mal-assombradas;*

Grupo 3 – textos: *fenômeno de mesas girantes e manifestação dos Espíritos pela audição e pela palavra;*

Grupo 4 – texto: *manifestação dos Espíritos pela escrita;*

Grupo 5 – texto: *aparições e materializações dos Espíritos;*

Grupo 6 – textos: *xenoglossia e transcomunicação instrumental;*

Grupo 7 – textos: *experiência de quase-morte e visões no leito da morte;*

Grupo 8 – texto: *fenômenos que demonstram a reencarnação.*

Pedir aos grupos que citem, em plenário, as provas da existência e sobrevivência do Espírito, retiradas do texto lido.

Conclusão

Para fechar a reunião, fazer comentários gerais a respeito das apresentações, utilizando as ideias constantes da primeira página dos subsídios deste Roteiro.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as provas apresentadas pelos participantes, a partir da pesquisa realizada e do trabalho desenvolvido pelas duplas, demonstrarem que houve comprovação da existência e sobrevivência do Espírito.

Técnica(s): pesquisa; estudo em duplas.

Recurso(s): questões e dados da pesquisa; subsídios do Roteiro; lápis/caneta; papel.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar a reunião com a apresentação dos resultados da pesquisa indicada, na semana anterior, como atividade extrarreunião. Cada participante apresenta seu trabalho comentando-o.

Desenvolvimento

Comentar os resultados apresentados com os participantes:

Que conclusão pode ser observada na pesquisa?

Em seguida passar para a turma os vídeos, seguidos de breves comentários:

Haroldo Dutra: Postulados Espíritas – Espírito – Haroldo Dutra Dias (1:09), disponível em: https://drive.google.com/file/d/1YBGotUgjklym8UAWXwZS_o3ok59Hmke4/view?usp=sharing

Neurocirurgião volta do coma e se convence que há vida após a morte (6:57), disponível em: https://drive.google.com/file/d/1xI0Lt2hzpK_C3SXXKzF4Imf0jbI9XAZZ/view?usp=sharing

Logo após, comentar os fenômenos que evidenciam a existência e sobrevivência do Espírito constantes nos subsídios, dirimindo dúvidas.

Propor a leitura oral e comentada do texto de Léon Denis em *Depois da morte*, Segunda parte, capítulo 10 – *A vida imortal*. FEB Editora:

A VIDA IMORTAL

O estudo do Universo conduz-nos ao estudo da alma, à investigação do princípio que nos anima e dirige-nos os atos.

[...] a inteligência não pode provir da matéria. A Fisiologia ensina-nos que as diferentes partes do corpo humano renovam-se em um lapso de tempo que não vai além de alguns meses. [...] A matéria do cérebro pode renovar-se, mas

o pensamento é sempre idêntico a si mesmo, e com ele subsiste a memória, a recordação de um passado de que não participou o corpo atual. Há, pois, em nós um princípio da matéria, uma força indivisível que persiste e se mantém entre essas perpétuas substituições.

Sabemos que, por si mesma, não pode a matéria organizar-se e produzir a vida. Desprovida de unidade, ela desagrega-se e divide-se ao infinito. Em nós, ao contrário, todas as faculdades, todas as potências intelectuais e morais grupam-se em uma unidade central que as abraça, liga, e esclarece, e esta unidade é a consciência, a personalidade, o eu, ou, por outra, a alma.

A alma é o princípio da vida, a causa da sensação; é a força invisível, indissolúvel que rege o nosso organismo e mantém o acordo entre todas as partes do nosso ser. Nada de comum têm as faculdades da alma com a matéria. A inteligência, a razão, o discernimento, a vontade, não poderiam ser confundidos com o sangue das nossas veias, ou com a carne do nosso corpo. O mesmo sucede com a consciência, esse privilégio que temos para medir os nossos atos, para discernir o bem do mal. Essa linguagem íntima, que se dirige a todo homem, ao mais humilde ou ao mais elevado, essa voz cujos murmúrios podem perturbar o estrondo das maiores glórias nada tem de material.

Iniciar uma reflexão circular encaminhando para a conclusão do estudo.

A que conclusão chegamos quanto à existência e sobrevivência do Espírito?

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Acredito na continuidade da minha vida após a vida?*

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; exposição dialógica, discussão circular.

Recurso(s): vídeos, subsídios e texto do Roteiro.

4 SUBSÍDIOS

À pergunta – existe a alma? [ou Espírito] – a ciência responde talvez, os fenômenos do magnetismo, do hipnotismo e da anestesia dizem que sim, e nisso confirmam todas as deduções da filosofia e as afirmações da consciência.

Constrangidos, pela evidência dos fatos, a admitir uma força diretriz no homem, grande número de materialistas se refugiam em uma última negativa, sustentando que essa energia se extingue com o corpo, de que ela não era senão uma emanção. Como todas as forças físicas e químicas, dizem eles, a alma, essa resultante vital, cessa com a causa que a produz; morto o homem, está aniquilada a alma.

Será possível? Não seremos mais que um simples conglomerado vulgar de moléculas sem solidariedade umas com as outras? Deve desaparecer para sempre nossa individualidade cheia de amor e, do que foi um homem, não restará verdadeiramente senão um cadáver destinado a desagregar-se, lentamente, na fria noite do túmulo?¹⁶

A primeira refutação a esse pensamento de que o Espírito – ou a alma – se origina da matéria vem do raciocínio lógico de Descartes: *cogito, ergo sum* (penso, logo existo), que poderia ser entendido assim: a matéria por si mesma não pensa, logo existe em mim, além da matéria, algo que é o agente do meu pensamento. Poder-se-ia admitir que é o cérebro que segrega esse pensamento, como o fígado segrega a bÍlis? Seria isso ilógico considerarmos que, sendo o pensamento um efeito inteligente, não reclamaria a existência de uma causa também inteligente?

Allan Kardec assinala que

A dúvida, no que concerne à existência dos EspÍritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. [...]

[...]

Seja qual for a ideia que dos EspÍritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio [...].¹

Afirma ainda Kardec:

Se a crença nos EspÍritos e nas suas manifestações representasse uma concepção singular, fosse produto de um sistema, poderia, com visos de razão, merecer a suspeita de ilusória. Digam-nos, porém, por que com ela deparamos tão vivaz entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, respondem os críticos, porque, desde todos os tempos, o homem

teve o gosto do maravilhoso. – Mas, que entendeis por maravilhoso? – O que é sobrenatural. – Que entendeis por sobrenatural? – O que é contrário às Leis da Natureza. – Conheceis, porventura, tão bem essas leis, que possais marcar limite ao poder de Deus? Pois bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às Leis da Natureza; que não é, nem pode ser uma destas leis. Acompanhai a Doutrina Espírita e vede se todos os elos, ligados uniformemente à cadeia, não apresentam todos os caracteres de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver.²

Os fenômenos que evidenciam a existência e a sobrevivência do Espírito vêm sendo pesquisados, sobretudo a partir do século XIX, por pessoas sérias e conceituadas em vários países. A pesquisa existente a respeito desse assunto é muito rica. Citaremos aqui apenas algumas modalidades desse trabalho investigativo.

4.1 FENÔMENO DE EXTERIORIZAÇÃO DA ALMA

[...] durante o sono [...] quando o corpo descansa e os sentidos estão inativos, podemos verificar que um ser vela e age em nós, vê e ouve através dos obstáculos materiais, paredes ou portas, e a qualquer distância. [...] O ser fluídico se desloca, viaja, paira sobre a Natureza, assiste a uma multidão de cenas [...] e tudo isso se realiza sem a intervenção dos sentidos materiais, estando fechados os olhos, e os ouvidos nada percebendo.¹⁷

Kardec denomina este fenômeno, de *clarividência sonambúlica*. Assim se expressa o Codificador do Espiritismo:

Sendo de natureza diversa das que ocorrem no estado de vigília, as percepções que se verificam no estado sonambúlico não podem ser transmitidas pelos mesmos órgãos. É sabido que neste caso a visão não se efetua por meio dos olhos que, aliás, se conservam, em geral, fechados [...]. Ademais, a visão à distância e através dos corpos opacos exclui a possibilidade do uso dos órgãos ordinários da vista [...].

[...]

É a alma que confere ao sonâmbulo as maravilhosas faculdades de que ele goza.¹²

4.2 CASAS MAL-ASSOMBRADAS E TRANSPORTES DE OBJETOS

O fenômeno das casas mal-assombradas é um dos mais conhecidos e frequentes. Encontramo-lo um pouco por toda a parte. Numerosíssimos são os lugares mal-assombrados, as casas, em cujas paredes e em cujos soalhos e móveis se ouvem ruídos e pancadas. Em certas habitações, os objetos se deslocam sem contato; caem pedras lançadas do exterior por uma força desconhecida; ouvem-se estrépitos de louça a quebrar-se, gritos, rumores diversos, que incomodam e atemorizam as pessoas impressionáveis.¹⁹

*A história do Moderno Espiritualismo [Espiritismo] começou por um caso de natureza mal-assombrada. As manifestações da casa de Hydesville, assim visitada, em 1848, e as tribulações da família Fox, que nela residia, são bem conhecidas [...]*¹⁸ (Veja o Roteiro 1 do Módulo II).

4.3 FENÔMENO DAS MESAS GIRANTES

Mesas girantes são o nome dado às comunicações dos Espíritos por meio do movimento circular que eles imprimem a uma mesa. [...] *Este efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa o móvel com que, pela sua comodidade, mais se tem procedido a tais experiências, a designação de mesas girantes prevaleceu, para indicar esta espécie de fenômenos.*³

4.4 MANIFESTAÇÃO DOS ESPÍRITOS PELA ESCRITA

Variadas são as formas de comunicação dos Espíritos pela escrita, a saber:

a) Psicografia indireta: obtida por meio de pranchas, cestas e mesinhas às quais se adapta um lápis.^{7, 8}

b) Psicografia direta ou manual: obtida pelo próprio médium sob a influência dos Espíritos, podendo aquele ter, ou não, consciência do que escreve.⁹

c) Escrita direta ou pneumatografia: produzida [...] *espontaneamente, sem o concurso da mão do médium, nem do lápis. Basta tomar-se de uma folha de papel branco [...], dobrá-la e depositá-la em qualquer parte, numa gaveta, ou simplesmente sobre um móvel. Feito isso, se a pessoa estiver nas devidas condições, ao cabo de mais ou menos longo tempo, encontrar-se-ão, traçados no papel, letras, sinais diversos, palavras, frases e até dissertações, as mais das vezes com uma substância acizentada, análoga à plumbagina, doutras vezes com lápis vermelho, tinta comum e, mesmo, tinta de imprimir.*⁶

4.5 MANIFESTAÇÃO DOS ESPÍRITOS PELA AUDIÇÃO E PELA PALAVRA

Os Espíritos podem-se comunicar pelo aparelho auditivo do médium, o que possibilita a este manter com eles conversação regular.¹⁰ Podem, de igual modo, atuar sobre os seus órgãos da palavra. Nesse caso, o médium transmite as ideias dos Espíritos muitas vezes sem ter consciência do que está falando e, frequentemente, [...] *diz coisas completamente estranhas às*

suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência [...].¹¹

4.6 APARIÇÕES E MATERIALIZAÇÕES DE ESPÍRITOS

Dão-se as aparições dos Espíritos

[...] quando o vidente se acha em estado de vigília e no gozo da plena e inteira liberdade das suas faculdades. Apresentam-se, em geral, sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. [...] Doutras vezes, as formas se mostram nitidamente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se tornar possível fazer-se da aparição uma descrição completa [...].⁴

Por vezes, o Espírito se apresenta sob

[...] uma forma ainda mais precisa, com todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm adiante de si um ser corpóreo. Em alguns casos, finalmente, e sob o império de certas circunstâncias, a tangibilidade se pode tornar real, isto é, possível se torna ao observador tocar, palpar, sentir, na aparição, a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, o que não impede que a tangibilidade se desvanesça com a rapidez do relâmpago. Nesses casos, já não é somente com o olhar que se nota a presença do Espírito, mas também pelo sentido tátil.

Dado se possa atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, o mesmo já não ocorre quando se consegue segurá-la, palpá-la, quando ela própria segura o observador e o abraça, circunstâncias em que nenhuma dúvida mais é lícita.

Os fatos de aparições tangíveis [materializações] são os mais raros; porém, os que se têm dado [...] pela influência de alguns médiuns de grande poder e absolutamente autenticados por testemunhos irrecusáveis, provam e explicam o que a história refere acerca de pessoas que, depois de mortas, se mostraram com todas as aparências da realidade.⁵

4.7 XENOGLOSSIA

Por fenômenos de xenoglossia entendem-se os casos em que o médium não só fala ou escreve em línguas que ignora, mas fala ou escreve nessas línguas, formulando observações originais, ou conversando com os presentes [...].¹⁵

4.8 TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL (TCI)

Esse fenômeno abrange a manifestação dos Espíritos pelos meios técnicos, tais como, gravador, rádio, secretária eletrônica, computador, fax, televisão, telefone e, mais recentemente, TV-fone (uma composição de

aparelhos que possibilita à entidade espiritual aparecer no monitor de TV e falar simultaneamente pelo telefone).²¹

4.9 EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE

É o estado de morte clínica que uma pessoa experimenta durante alguns instantes, após o que retorna à vida física. Os relatos feitos pelas pessoas que passaram por essa experiência coincidem com os ensinamentos do Espiritismo e das religiões que aceitam a reencarnação.¹³

4.10 VISÕES NO LEITO DA MORTE

No momento da morte, são comuns percepções do Mundo Espiritual e dos Espíritos, podendo, inclusive, aquele que está em processo de desencarnação visitar parentes e amigos, a fim de despedir-se deles. Investigações criteriosas têm demonstrado que esses fenômenos não são mera alucinação.¹⁴

4.11 FENÔMENOS QUE DEMONSTRAM A REENCARNAÇÃO

Esses fenômenos, que serão vistos no Roteiro 2, do Módulo VI, se juntam às demais provas da sobrevivência do Espírito nas diversas existências corporais.

As modalidades de fenômenos que referimos são, como dissemos, apenas ilustrativas do grande acervo de fatos que têm sido observados ao longo do tempo por eminentes pesquisadores de diversas nacionalidades. Essa gama de fenômenos, apenas explicados integralmente pelo Espiritismo, leva-nos a dizer com Léon Denis:

[...] que a sobrevivência está amplamente demonstrada. Nenhuma outra teoria, a não ser a da intervenção dos sobrevividos, seria capaz de explicar o conjunto dos fenômenos, em suas variadas formas. Alfred Russel Wallace o disse: “O Espiritismo está tão bem demonstrado como a lei de gravitação”. E William Crookes repetia: “O Espiritismo está cientificamente demonstrado”.

[...]

Em resumo, podemos dizer que são copiosas as provas da sobrevivência para aqueles que as procuram de ânimo sincero, com inteligência e perseverança. Assim, a noção de imortalidade se destaca pouco a pouco das sombras acumuladas pelos sofismas e negações, e a alma humana se afirma em sua imperecedoura realidade.²⁰

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. 1ª pt., cap. 1, it. 1.
- 2 _____. _____. cap. 2, it. 7.
- 3 _____. _____. 2ª pt., cap. 2, it. 60.
- 4 _____. _____. cap. 6, it. 102.
- 5 _____. _____. it. 104.
- 6 _____. _____. cap. 8, it. 127.
- 7 _____. _____. it. 152.
- 8 _____. _____. it. 156.
- 9 _____. _____. cap. 13, it. 157.
- 10 _____. _____. cap. 14, it. 165.
- 11 _____. _____. it. 166.
- 12 _____. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. 1ª pt., *Causa e natureza da clarividência sonambúlica*, it. Explicação do fenômeno da lucidez.
- 13 ANDRADE, Hernani G. *Morte: uma luz no fim do túnel*. 2. ed. São Paulo: FE, 1999. *Prefácio*, p. 16.
- 14 _____. _____. cap. 3, p. 29.
- 15 BOZZANO, Ernesto. *Xenoglossia*. Trad. Guillon Ribeiro. 6. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2019. (Casos de xenoglossia obtidos com o automatismo escrevente), p. 60.
- 16 DELANNE, Gabriel. *O espiritismo perante a ciência*. Trad. Carlos Imbassahy. 5. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2010. Pt. 3, cap. 1 – *Provas da imortalidade da alma pela experiência*.
- 17 DENIS, Léon. *No invisível*. Trad. Leopoldo Cirne. 26. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2014. 2ª pt., cap. 12 – *Exteriorização do ser humano. Telepatia. Desdobramento. Os fantasmas dos vivos*.
- 18 _____. _____. cap. 16 – *Fenômenos espontâneos. Casas mal-assombradas. Tiptologia*.
- 19 _____. _____.
- 20 _____. _____. cap. 21 – *Identidade dos Espíritos*.
- 21 MOURA, Marta Antunes. (Org.). *Mediunidade: estudo e prática*. Programa 2. 2. ed. 5. imp. Brasília: FEB, 2017. Módulo II – Tema 7, it. 4.

PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar as características do processo de progressão dos Espíritos para atingir a perfeição.
- » Refletir sobre a hierarquia dos Espíritos, segundo a escala espírita.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?* “São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 114).
- » Os Espíritos são classificados em “[...] diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 96).
- » As ordens ou graus de perfeição dos Espíritos são “[...] ilimitadas em número, porque entre elas não há linhas de demarcação traçadas como barreiras, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente. Todavia, considerando-se os caracteres gerais dos Espíritos, elas podem reduzir-se a três principais.

Na primeira, colocar-se-ão os que atingiram a perfeição máxima: os puros Espíritos. Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 97).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Explicar, em linhas gerais, como se dá a progressão dos Espíritos (primeira página dos subsídios).

Desenvolvimento

Pedir aos participantes que leiam, em voz alta e sequencialmente, o item 4.2 dos subsídios, de forma que todos possam contribuir com a leitura de um pequeno trecho.

Solicitar a formação de três grupos de estudo, entregando folhas de papel em branco e lápis/caneta a cada equipe. Esclarecer que o trabalho em grupo deve ser realizado assim:

a) Grupo 1 – escrever numa folha de papel em branco duas características dos Espíritos da terceira ordem da escala espírita: *Espíritos imperfeitos* (subitem 4.2.1 dos subsídios); Grupo 2 – escreve duas características dos Espíritos da segunda ordem: *Bons Espíritos* (subitem 4.2.2 dos subsídios); Grupo 3 – escreve duas características dos Espíritos da primeira ordem: *Espíritos puros* (subitem 4.2.3 dos subsídios);

b) terminada essa etapa do trabalho, recolher as folhas de papel, redistribuindo-as entre os grupos, como num rodízio: as anotações do Grupo 1 vão para o Grupo 2; as do Grupo 2, para o Grupo 3; as do Grupo 3, para o Grupo 1. Solicitar aos grupos que escrevam mais duas características dos Espíritos, segundo a ordem da escala espírita que têm em mãos;

c) continuar na execução do rodízio, repetindo o procedimento descrito no item “b”, até que todas as características dos Espíritos tenham sido registradas nas folhas de papel;

d) recolher as anotações, solicitar a presença de três voluntários à frente da turma (cada voluntário deve representar um grupo), pedindo-lhes que leiam as características dos Espíritos, registradas pelos grupos e identificadas por Allan Kardec na escala espírita (q. 100 a 107 de *O livro dos espíritos*).

Observação: O controle do tempo é fundamental na execução dessa atividade. Sendo assim, estabelecer a média de 2 minutos, por rodízio, nos grupos de até 8 participantes (turma de 24 pessoas).

Conclusão:

Verificar se alguma característica importante foi excluída, fazendo as correções necessárias. Encerrar a reunião, ressaltando a importância do próximo módulo (Comunicabilidade dos Espíritos), em razão de ter sido a mediunidade o instrumento pelo qual a Revelação Espírita chegou até nós.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes executarem a atividade com ordem e entusiasmo, escrevendo, na folha de papel, as características dos Espíritos, de acordo com a escala espírita.

Técnica(s): exposição; leitura sequencial; rodízio de textos.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; folhas de papel em branco; lápis/caneta.

3.2 SUGESTÃO 2**Introdução**

Propor uma explosão de ideias a partir da questão (*O livro dos espíritos*, questão 96):

São iguais os Espíritos, ou há entre eles qualquer hierarquia?

Ouvir os comentários e em seguida ler a resposta da questão.

Desenvolvimento

Propor o vídeo, seguido de breve comentário:

Haroldo Dutra: Origem dos Espíritos – Escala evolutiva (9:16), disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Vpja6a2m2H7zLcnomrceHUd1EbktBt2h/view?usp=sharing>

Dividir a turma em grupos e propor a leitura e breve comentário das seguintes questões de *O livro dos espíritos*, destacando os pontos principais:

Grupo 1 – leitura da questão 100;

Grupo 2 – leitura das questões 101 a 106;

Grupo 3 – leitura das questões 107 a 112;

Grupo 4 – leitura das questões 115 a 127.

Terminada a atividade acima, cada grupo apresenta os pontos principais das questões estudadas nos grupos.

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Como me situo na escala espírita?*

Conclusão

Encaminhar a conclusão destacando como se dá a progressão dos Espíritos para atingir a perfeição, reforçando nosso compromisso conosco em nosso processo evolutivo.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; estudo de grupo.

Recurso(s): vídeo, subsídios do Roteiro; *O livro dos espíritos*.

3.3 SUGESTÃO 3

Introdução

Propor uma explosão de ideias a partir da questão (*O livro dos espíritos*, questão 96):

São iguais os Espíritos, ou há entre eles qualquer hierarquia?

Ouvir os comentários, em seguida ler a resposta da questão.

Desenvolvimento

Propor a leitura silenciosa dos subsídios da apostila, marcando os pontos que julgarem mais marcantes.

Após a leitura convidar os participantes que queiram compartilhar suas impressões do texto lido, iniciando assim uma construção coletiva.

Dividir a turma em duplas. Propor às duplas a seguinte discussão (no máximo 15 minutos):

Qual será o efeito da presença no planeta, na maioria da população, encarnada e desencarnada, de Espíritos de segunda ordem? Na família? Nas leis? Na educação? Na música? Nas artes? Nas relações internacionais? Na política? etc. Citar exemplos.

Terminado o tempo de atividade das duplas, propor reflexão circular:

Qual será o efeito da presença no planeta, na maioria da população, encarnada e desencarnada, de Espíritos de segunda ordem?

Na família? (colocar um contexto de cada vez).

Não há relator da dupla. Cada participante compartilha suas reflexões.

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como me situo na escala espírita?

Conclusão

Encaminhar a conclusão destacando como se dá a progressão dos Espíritos para atingir a perfeição, reforçando nosso compromisso conosco em nosso processo evolutivo.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura silenciosa; estudo de grupo; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro.

4 SUBSÍDIOS

4.1 PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS

Ensina a Doutrina Espírita que

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem [nenhum] saber. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi destinada. Outros só a suportam lamentando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.”¹²

Os Espíritos, portanto, não foram criados uns bons e outros maus. Todos tiveram como ponto de partida a simplicidade e a ignorância, chegando à perfeição por meio das provas que lhes são impostas por Deus para atingi-la. Essas provas são por eles enfrentadas durante as reencarnações, necessárias ao seu progresso.¹²

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça; mas a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação [...].¹

Deflui desses ensinamentos a importância do livre-arbítrio para a progressão dos Espíritos. Contudo, como poderiam esses Espíritos, em sua origem, quando ainda não possuem consciência de si mesmos, escolher entre o bem e o mal? Haveria neles algum princípio ou alguma tendência que os encaminhasse para um caminho em relação a outro? Essa pergunta, formulada por Kardec aos Espíritos Superiores, recebeu desses a seguinte resposta:

“O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.”¹³

Acrescentam os Espíritos Superiores que essas influências acompanham o Espírito “[...] até que haja conseguido tanto império sobre si mesmo, que os maus desistem de obsidiá-lo”¹⁴

4.2 DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS. ESCALA ESPÍRITA

Assinala o Codificador que

A classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se.

Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta. Apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido. De um grau a outro a transição é insensível e, nos limites extremos, os matizes se apagam, como nos reinos da Natureza, como nas cores do arco-íris, ou, também, como nos diferentes períodos da vida do homem. Podem, pois, formar-se maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista donde se considere a questão. Dá-se aqui o que se dá com todos os sistemas de classificação científica, que podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência. Sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da ciência [...].

[...]

Os Espíritos, em geral, admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão para o mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição.²

Essas três categorias principais ou ordens podem ser subdivididas em classes, como veremos a seguir.

4.2.1 Terceira ordem – Espíritos imperfeitos

- » **Décima classe. Espíritos impuros.** *São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos pérfidos, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-los à perdição, satisfeitos com o conseguirem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas por que passam. [...]*

Alguns povos os arvoraram em divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal [...].³

- » **Nona classe. Espíritos levianos.** *São ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, a tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maldosamente em erro, por meio de mistificações e de espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente tratados de duendes, trasgos, gnomos, diabretes.⁴*
- » **Oitava classe. Espíritos pseudossábios.** *Dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém, creem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a*

*linguagem deles aparenta um cunho de seriedade, de natureza a iludir com respeito às suas capacidades e luzes [...].*⁵

- » **Sétima classe. Espíritos neutros.** *Nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal. Pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da Humanidade, quer no que concerne ao moral, quer no que toca à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas grosseiras alegrias sentem saudades.*⁶
- » **Sexta classe. Espíritos batedores e perturbadores.** *Estes Espíritos, propriamente falando, não formam uma classe distinta pelas suas qualidades pessoais [...]. Manifestam geralmente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar etc. [...]*⁷

4.2.2 Segunda ordem – Bons Espíritos

- » **Quinta classe. Espíritos benévolos.** *A bondade é neles a qualidade dominante. Apraz-lhes prestar serviço aos homens e protegê-los. Limitados, porém, são os seus conhecimentos. Não progredido mais no sentido moral do que no sentido intelectual.*⁸
- » **Quarta classe. Espíritos sábios.** *Distinguem-se pela amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais, do que com as de natureza científica, para as quais têm maior aptidão. Entretanto, só encaram a ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões próprias dos Espíritos imperfeitos.*⁹
- » **Terceira classe. Espíritos de sabedoria.** *As qualidades morais da ordem mais elevada são o que os caracteriza. Sem possuírem ilimitados conhecimentos, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes faculta juízo reto sobre os homens e as coisas.*¹⁰
- » **Segunda classe. Espíritos Superiores.** *Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. [...] Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele, ou que, por influência da matéria, fogem à prática do bem.*

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo.¹¹

4.2.3 Primeira ordem – Espíritos puros

- » **Primeira classe. Classe única.** *Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus. Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém, não é a de uma ociosidade monótona, a transcorrer em perpétua contemplação. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. [...] São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.¹²*

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017. cap. 4, it. 25.
- 2 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. q. 100.
- 3 _____. _____. q. 102.
- 4 _____. _____. q. 103.
- 5 _____. _____. q. 104.
- 6 _____. _____. q. 105.
- 7 _____. _____. q. 106.
- 8 _____. _____. q. 108.
- 9 _____. _____. q. 109.
- 10 _____. _____. q. 110.
- 11 _____. _____. q. 111.
- 12 _____. _____. q. 115.
- 13 _____. _____. q. 122.
- 14 _____. _____. q. 122-b.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO V

Comunicabilidade dos Espíritos

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento do processo de comunicação dos Espíritos com o mundo corporal.

“Maria! [...] Não me toques, pois ainda não subi ao Pai. Vai aos meus irmãos e diz a eles: “Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus” – JESUS (*João*, 20:16 e 17).

INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS EM NOSSOS PENSAMENTOS E ATOS, E NOS ACONTECIMENTOS DA VIDA

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar a natureza da influência que os Espíritos exercem sobre nossos pensamentos e atos, e nos acontecimentos da vida.
- » Refletir sobre os meios de neutralizar as más influências espirituais.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?* “Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 459).
- » *Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau?* “Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir.” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 464).
- » *Atuando sobre a matéria, podem os Espíritos manifestar-se de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, quais os ruídos e a movimentação de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música etc. Numa palavra, por todos os meios que sirvam a pô-los em comunicação com os homens* (Allan Kardec, *Obras póstumas*, 1ª pt., § I – O perispírito como princípio das manifestações, it. 14).

- » *Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?*
“Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança [...]”
(Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 469).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Apresentar o assunto e os objetivos do Roteiro.

Mostrar, em recurso visual, a questão 459 de *O livro dos espíritos*, e solicitar aos participantes que, em grupos de três, expliquem o conteúdo da referida questão.

Desenvolvimento

Ouvir as ideias expostas pelos grupos, comentando-as. Ressaltar que a possibilidade de os Espíritos nos dirigirem está subordinada ao acolhimento que lhes damos em nossos pensamentos.

Dividir a turma em pequenos grupos, que deverão realizar as seguintes tarefas:

- 1) Ler os subsídios do Roteiro.
- 2) Responder às seguintes perguntas:

a) Como distinguir se um pensamento que nos é sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito imperfeito?

b) Qual a relação entre a nossa conduta moral e a natureza da influência que recebemos dos Espíritos?

c) Dizem os Espíritos Superiores que temos a liberdade de seguir os bons Espíritos ou os Espíritos imperfeitos. Que procedimentos, então, deveremos adotar para atrair a atenção dos bons Espíritos?

Ouvir o relato dos grupos, prestando-lhes os esclarecimentos necessários.

Explicar como se processa a influência dos Espíritos em nossos pensamentos e atos, e nos acontecimentos da vida.

Distribuir entre os participantes cópias da narrativa do Espírito Neio Lúcio intitulada *O poder das trevas (Jesus no lar, cap. 39)*, fazendo a leitura em voz alta.

Destacar, em conjunto com os participantes, pontos significativos da narrativa.

Conclusão

Concluir o estudo ressaltando a determinação dos Espíritos imperfeitos no sentido de nos atrair para o mal e a vigilância que devemos ter, sobre nós mesmos, a fim de neutralizar-lhes a ação e não perder as oportunidades de progresso que as Leis Divinas nos oferecem.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes realizarem corretamente os trabalhos de grupo.

Técnica(s): zunzum; exposição; trabalho em pequenos grupos; leitura reflexiva.

Recurso(s): cartaz/transparência; textos; papel; lápis/caneta.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Apresentar a questão 459 de *O livro dos espíritos*, com a resposta, para que comentem:

Influem os Espíritos em nossos pensamentos e atos?

“Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem.”

Desenvolvimento

Ouvir os comentários dirimindo dúvidas.

Propor a leitura oral comentada das questões 459 a 472 de *O livro dos espíritos*. (Sugerimos a leitura direto na obra. O participante pode levar o seu exemplar, ou baixar arquivo em PDF no *site* da FEB, ou serem oferecidas cópias das questões para todos.)

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a leitura comentada em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como tenho cuidado das minhas ações, pensamentos e sentimentos ou tenho apenas pedido para que meu protetor me proteja?

Encaminhar a conclusão com a seguinte atividade:

Distribuir para os participantes o trecho do texto de Emmanuel, do livro *Pensamento e vida*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, capítulo 8 – *Associação*, FEB Editora.

Convidar um participante para fazer a leitura oral e comentá-lo, se quiser.

Assim também na vida comum, a alma entra em ressonância com as correntes mentais em que respiram as almas que se lhe assemelham.

Assimilamos os pensamentos daqueles que pensam como pensamos.

É que sentindo, mentalizando, falando ou agindo, sintonizamo-nos com as emoções e ideias de todas as pessoas, encarnadas ou desencarnadas, da nossa faixa de simpatia.

Estamos invariavelmente atraindo ou repelindo recursos mentais que se agregam aos nossos, fortificando-nos para o bem ou para o mal, segundo a direção que escolhemos.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Onde andam meus pensamentos? Quais companhias encarnadas e desencarnadas estou buscando?*

Conclusão

Concluir o estudo ressaltando a importância de mantermos bons pensamentos, vigiando-os para afastar a influência dos maus espíritos. Ensinou-nos Jesus: *Vigiai e orai incessantemente para não cair em tentação.*

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura oral comentada; leitura reflexiva.

Recurso(s): recurso visual; textos; *O livro dos espíritos.*

3.3 SUGESTÃO 3

Introdução

Passar o vídeo, Divaldo Pereira Franco – a influência dos Espíritos nos nossos pensamentos (28:39), disponível em: https://drive.google.com/file/d/1uQwtkQXiTIwSLfT9P3Y8ut0mHZGGM52_/view?usp=sharing

Desenvolvimento

Em seguida fazer a leitura em dupla dos subsídios ou a leitura oral comentada das questões 459 a 472 de *O livro dos espíritos*.

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a leitura comentada em construção coletiva (o ideal é que todos tenham a obra ou cópia das questões).

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Onde andam meus pensamentos? Quais companhias encarnadas e desencarnadas estou buscando?

Conclusão

Concluir o estudo ressaltando a importância de mantermos bons pensamentos, vigiando-os para afastar a influência dos maus espíritos. Ensinou-nos Jesus: *Vigiai e orai incessantemente para não cair em tentação*.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura oral comentada.

Recurso(s): vídeo; *O livro dos espíritos*; subsídios.

4 SUBSÍDIOS

Allan Kardec pergunta aos Espíritos Superiores:

Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos? “Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.”²

A resposta dada pelos Espíritos não nos deve causar estranheza, pois, se analisarmos o assunto fazendo uma comparação com o que sucede em

nossas relações sociais, chegaremos à conclusão de que vivemos em permanente sintonia com as pessoas que nos rodeiam, familiares ou não, das quais recebemos influência por meio das ideias que exteriorizam e dos exemplos que nos dão, do mesmo modo que as influenciemos com as nossas ideias e com a nossa conduta.

O mesmo ocorre, naturalmente, com os habitantes do Mundo Espiritual, pois são eles os seres humanos desencarnados que, pelo simples fato de terem deixado o invólucro carnal, não mudaram as características de sua personalidade ou a sua maneira de pensar.

Assim, somos alvo não só da atenção de benfeitores e amigos espirituais – incluindo entre eles os parentes e amigos desta e de outras reencarnações, os quais, vencendo o túmulo, desejam prosseguir auxiliando-nos – como também daqueles outros a quem prejudicamos com atos de maior ou menor gravidade, nesta ou em anteriores existências, e que nos procuram para cobrar a dívida que com eles contraímos.

Portanto, a resposta dos Espíritos a Kardec nos dá uma noção exata do intercâmbio existente entre os Espíritos desencarnados e encarnados, intercâmbio esse real e constante.

O Espiritismo torna compreensível o processo pelo qual se dá a influência dos Espíritos no mundo corporal. Essa influência tem origem na possibilidade de transmissão do pensamento. Para que entendamos como o pensamento se transmite,

[...] precisamos conceber mergulhados no fluido universal, que ocupa o espaço, todos os seres, encarnados e desencarnados, tal qual nos achamos, neste mundo, dentro da atmosfera. Esse fluido recebe da vontade uma impulsão; ele é o veículo do pensamento, como o ar o é do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao infinito. Dirigido, pois, o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som.¹

Ensina ainda a Doutrina Espírita que por meio

[...] do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte [...]. Sua natureza etérea [do perispírito] não é que a isso obstaria, pois se sabe que os mais poderosos motores se nos deparam nos fluidos mais rarefeitos e nos mais imponderáveis. Não há, pois, motivo de espanto quando, com essa alavanca [o perispírito], os Espíritos produzem certos efeitos físicos [...].⁷

*Atuando sobre a matéria, podem os Espíritos manifestar-se de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, quais os ruídos e a movimentação de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música etc. Numa palavra, por todos os meios que sirvam a pô-los em comunicação com os homens.*⁸

Deflui desses ensinamentos que os Espíritos exercem influência nos acontecimentos da vida, por meio da transmissão de pensamento e por sua ação direta no mundo material, tudo, no entanto, dentro das Leis da Natureza.⁶

Se a influência dos Espíritos em nossos pensamentos é de tal intensidade que, ordinariamente, são eles que nos dirigem,² é preciso saber identificar a natureza dessa influência, a fim de que não atendamos aos alvitreiros dos Espíritos imperfeitos. *Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau?* – indaga Kardec aos Espíritos Superiores. A resposta dos benfeitores da Humanidade é um apelo ao nosso bom senso. Dizem eles: “Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir.”³

“Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a pôr em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito. Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho. Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atraís, desejando o mal; porquanto os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo. Só quando queiras o mal, podem eles ajudar-te para a prática do mal. Se fores propenso ao assassinio, terás em torno de ti uma nuvem de Espíritos a te alimentarem no íntimo esse pendor. Outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos.”

É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha do caminho que devamos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.⁴

Assim, compete exclusivamente a nós neutralizar a influência dos Espíritos imperfeitos. Os Espíritos Superiores são bastante claros ao nos indicarem o meio para isso:

“Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois

que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: ‘Senhor! Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.’⁵

O Espiritismo trouxe ensinamentos preciosos sobre a importância da nossa atitude mental no sentido do bem, para que não nos desviemos do caminho que nos compete seguir rumo à perfeição, que é a nossa meta. Desse modo, é preciso aprender a disciplinar os nossos pensamentos, a fim de atrairmos os bons Espíritos, que nos auxiliarão a percorrer esse caminho, tornando-o menos árido, e pleno de realizações espirituais.

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017. cap. 27, it. 10.
- 2 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2019. q. 459.
- 3 _____. _____. q. 464.
- 4 _____. _____. q. 466.
- 5 _____. _____. q. 469.
- 6 _____. _____. q. 525-a.
- 7 _____. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. 1ª pt., *Manifestações dos Espíritos*, § I – O perispírito como princípio das manifestações, it. 13 it. 13.
- 8 _____. _____. it. 14.

MEDIUNIDADE E MÉDIUM

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar o conceito de mediunidade e de médium.
- » Refletir sobre as qualidades essenciais ao médium para atrair os bons Espíritos.
- » Refletir sobre a responsabilidade do médium no intercâmbio mediúnico.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » [...] *a mediunidade é inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. [...] A mediunidade é conferida sem distinção, a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos, para os fortificar no bem, aos viciosos para os corrigir. [...] A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos Superiores. É apenas uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espíritos, em geral. O bom médium, pois, não é aquele que comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e somente deles tem assistência [...] (Allan Kardec, O evangelho segundo o espiritismo, cap. 24, it. 12).*
- » *Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o*

que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva [...]
(Allan Kardec. *O livro dos médiuns*, 2ª pt., cap. 14, it. 159).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Apresentar o assunto e os objetivos do Roteiro.

Solicitar aos participantes que se organizem, livremente, em duplas.

Entregar a cada dupla 5 tiras de papel (tamanho 21cm x 10cm, aproximadamente), caneta hidrográfica.

Desenvolvimento

Pedir às duplas que leiam atentamente os subsídios do Roteiro.

Em sequência, propor-lhes as questões a seguir, cujas respostas deverão ser escritas nas tiras de papel recebidas (uma resposta em cada tira):

1) Que se entende por mediunidade?

2) Elaborar um conceito para médium.

3) Comentar a seguinte assertiva, constante nos subsídios: *A mediunidade é concedida sem distinção [...]*.

4) Por que a mediunidade não implica relações habituais com os Espíritos Superiores?

5) Qual a finalidade da mediunidade?

Observação: Após cada questão, dar tempo razoável para a resposta. Nesta fase da tarefa, não deve haver consulta aos subsídios do Roteiro.

Quando todas as respostas tiverem sido dadas, pedir a um representante de cada dupla que afixe as referidas tiras de papel à vista de todos, conforme o exemplo abaixo:

Dupla 1	Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3	Resposta 4	Resposta 5
Dupla 2	Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3	Resposta 4	Resposta 5

(E assim por diante.)

Depois de serem afixadas todas as tiras, pedir a dois participantes que marquem as respostas que julgarem adequadas, lendo-as a seguir. Fazer a correção das respostas em conjunto com a turma, prestando os esclarecimentos devidos.

Conclusão

Concluir o estudo reforçando os conceitos de mediunidade e de médium, e a finalidade da mediunidade.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes souberem emitir conceitos corretos de mediunidade e de médium, e esclarecer a finalidade da mediunidade.

Técnica(s): exposição; trabalho em duplas.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; tiras de papel; canetas hidrográficas; questões; mural.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar conversando sobre a comunicabilidade dos Espíritos. Perguntar se dentre os presentes tem alguém com alguma sensibilidade mediúnica. Ouvir comentários dos participantes.

Desenvolvimento

Em seguida, propor a leitura oral e comentada dos subsídios. Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a leitura comentada em construção coletiva do conceito de mediunidade e de tarefa mediúnica.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como eu vejo a atividade mediúnica?

Conclusão

Concluir o estudo com a leitura e comentário do texto abaixo:

RAIOS, ONDAS, MÉDIUNS, MENTES...

[...] Todos somos médiuns, dentro do campo mental que nos é próprio [...]

Cada criatura com os sentimentos que lhe caracterizam a vida íntima emite raios específicos e vive na onda espiritual com que se identifica.

[...]

Cada médium com a sua mente.

Cada mente com os seus raios, personalizando observações e interpretações.
– Emmanuel (XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz, cap. 5. FEB Editora).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): conversa inicial; leitura oral comentada; leitura reflexiva.

Recurso(s): vídeo; texto; subsídios.

4 SUBSÍDIOS

Digamos, antes de tudo, que a mediunidade é inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. Ora, nenhuma há de que o homem, por efeito do seu livre-arbítrio, não possa abusar, e se Deus não houvesse concedido, por exemplo, a palavra senão aos incapazes de proferirem coisas más, maior seria o número dos mudos do que o dos que falam. Deus outorgou faculdades ao homem e lhe dá a liberdade de usá-las, mas não deixa de punir o que delas abusa.

Se só aos mais dignos fosse concedida a faculdade de comunicar com os Espíritos, quem ousaria pretendê-la? Onde, ademais, o limite entre a dignidade e a indignidade? A mediunidade é conferida sem distinção, a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos, para os fortificar no bem, aos viciosos para os corrigir. Não são estes últimos os doentes que necessitam de médico? Por que Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria do socorro que o pode arrancar ao lameiro? Os bons Espíritos lhe vêm em auxílio e seus conselhos, dados diretamente, são de natureza a impressioná-lo de modo mais vivo, do que se os recebesse indiretamente. Deus, em sua bondade, para lhe poupar o trabalho de ir buscá-la longe, nas mãos lhe coloca a luz. Não será ele bem mais culpado, se não a quiser ver? Poderá desculpar-se com a sua ignorância, quando ele mesmo haja escrito com suas mãos, visto com seus próprios olhos, ouvido com seus próprios ouvidos, e pronunciando com a própria boca a sua condenação? Se não aproveitar, será então punido pela perda ou pela perversão da faculdade que lhe fora outorgada e da qual, nesse caso, se aproveitam os maus Espíritos para o obsidiarem e enganarem, sem prejuízo das aflições reais com que Deus castiga os servidores indignos e os corações que o orgulho e o egoísmo endureceram.

A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos Superiores. É apenas uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espíritos, em geral.¹

Segundo Emmanuel,

– A mediunidade é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo divino Mestre aos tempos do Consolador, atualmente em curso na Terra.

[...]

Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.⁷

Mediunidade [é ainda Emmanuel quem o diz] é talento do céu, para o serviço de renovação do mundo. Lâmpada, que nos cabe acender, aproveitando o óleo da humildade, é indispensável nutrir com ela a sublime luz do amor, a irradiar-se em caridade e compreensão, para todos os que nos cercam.⁸

Por outro lado,

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva [...].³

O médium, assim, é

[...] o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer natureza que seja.⁴

Note-se, entretanto, que

O bom médium [...] não é aquele que comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e somente deles tem assistência. Unicamente neste sentido é que a excelência das qualidades morais se torna onipotente sobre a mediunidade.²

A missão mediúnica, se tem os seus percalços e as suas lutas dolorosas, é uma das mais belas oportunidades de progresso e de redenção concedidas por Deus aos seus filhos misérrimos.⁶

Assim é que

Os grandes instrutores da Espiritualidade utilizam-se dos médiuns para a transmissão de mensagens edificantes, enriquecendo o mundo com novas revelações,

conselhos e exortações que favorecem a definitiva integração a programas emancipadores.

Tudo isso pode o mediunismo conseguir se o pensamento de nosso Senhor, repleto de fraternidade e sabedoria, for a bússola de todas as realizações.⁵

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017. cap. 24, it. 12.
- 2 _____.
- 3 _____.
- 4 _____.
- 5 PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 27. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2017. cap. 29 – *Objetivos do mediunismo*.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. q. 382.
- 7 _____.
- 8 _____.

MEDIUNIDADE COM JESUS

1 OBJETIVO ESPECÍFICO

- » Analisar as características da mediunidade com Jesus.
- » Refletir sobre o ensino evangélico “dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes”, segundo o Espiritismo.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido (Mateus, 10:8; Allan Kardec, O evangelho segundo espiritismo, cap. 26, it. 1).*
- » *A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. [...] O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam (Allan Kardec, O evangelho segundo espiritismo, cap. 26, it. 10).*
- » *Os médiuns atuais [...] igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, a eles médiuns, visto que não são fruto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique dela privado [...]. Tal a razão por que a mediunidade não constitui privilégio e se encontra por toda parte. Fazê-la paga seria, pois, desviá-la do seu providencial objetivo (Allan Kardec, O evangelho segundo espiritismo, cap. 26, it. 7).*

- » *A par da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que entende com a natureza mesma da faculdade. [...] É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade, pois, ninguém pode contar [...] (Allan Kardec, O evangelho segundo espiritismo, cap. 26, it. 9).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Apresentar em recursos visuais, as seguintes palavras de Jesus: “Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai” (*Mateus*, 10:8).

Em seguida, solicitar aos participantes que manifestem seu entendimento sobre esse ensino. Não comentar as ideias emitidas.

Desenvolvimento

Dividir a turma em grupos de 5 participantes para a realização da seguinte tarefa:

- 1) ler os subsídios do Roteiro;
- 2) trocar ideias a respeito do conteúdo lido, pedindo esclarecimentos ao facilitador, se necessário;
- 3) elaborar quatro perguntas, que serão, oportunamente, dirigidas aos demais grupos (uma pergunta para cada grupo).

A seguir, solicitar ao representante do Grupo 1 que dirija as perguntas formuladas pelo seu grupo aos demais. O mesmo procedimento deverá ser adotado em relação aos outros grupos.

Observação: À medida que os grupos vão respondendo as perguntas, um dos participantes, escolhido pelo facilitador, registrará os pontos ganhos pelas respostas certas (um ponto para cada acerto).

Ao final da tarefa, destacar o grupo ou os grupos que mais acertaram. Em sequência, fazer uma exposição sobre as características da mediunidade com Jesus, tendo por base os subsídios e a Referência do Roteiro, prestando os esclarecimentos necessários.

Conclusão

Voltar à citação evangélica apresentada na introdução, ressaltando o significado das palavras de Jesus: “De graça recebestes, de graça dai”.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes conseguirem caracterizar a mediunidade com Jesus.

Técnica(s): torneio entre grupos; exposição.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; recursos visuais; papel; lápis/caneta.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Apresentar, em recurso visual, as seguintes palavras de Jesus: “Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai” (*Mateus*, 10:8).

Solicitar aos participantes que manifestem seu entendimento sobre esse ensino. Não comentar as ideias emitidas.

Desenvolvimento

Em seguida pedir para que façam a leitura dos subsídios silenciosamente, marcando o que julgar importante. Não comentar a leitura, nesse momento.

Após a atividade acima, convidá-los para assistir ao vídeo no qual Haroldo traz reflexões sobre a mediunidade com Jesus, disponível em: https://drive.google.com/file/d/1L0H15nyH3ZkgF_W4YAlvUJR0GR46BpR6/view?usp=sharing

Propor uma discussão circular com base em todo conteúdo apresentado:

- » *Como definirmos mediunidade com Jesus?*
- » *Qual a tarefa do médium que segue os ensinamentos de Jesus?*
- » *Como deve ser as ações do médium cristão?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo o estudo em construção coletiva sobre a mediunidade com Jesus.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Como eu compreendo a mediunidade com Jesus?*

Conclusão

Concluir o estudo reforçando que a mediunidade com Jesus é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura silenciosa; discussão circular.

Recurso(s): vídeo; texto; subsídios.

4 SUBSÍDIOS

“Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido”, diz Jesus a seus discípulos. Com essa recomendação, prescreve que ninguém se faça pagar daquilo por que nada pagou. Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos. Esse dom Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé; Jesus, pois, recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem de meio de vida.¹

Ressalta dessas palavras do Cristo, que

A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam.⁵

Os médiuns

[...] receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, a eles médiuns, visto que não são fruto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique dela privado [...]. Tal a razão por que a mediunidade não constitui privilégio e se encontra por toda parte. Fazê-la paga seria, pois, desviá-la do seu providencial objetivo.²

Além disso,

Quem conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, a repulsão que sentem por tudo o que é de interesse egoístico, e sabe quão pouca coisa se

faz mister para que eles se afastem, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os convoque a tanto por sessão [...].³

Note-se, entretanto, que

Médiuns interesseiros não são apenas os que porventura exijam uma retribuição fixa; o interesse nem sempre se traduz pela esperança de um ganho material, mas também pelas ambições de toda sorte, sobre as quais se fundem esperanças pessoais. É esse um dos defeitos de que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem tirar partido e de que se aproveitam com uma habilidade, uma astúcia verdadeiramente notáveis, embalando com falaciosas ilusões os que desse modo se lhes colocam sob a dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem e os bons Espíritos se afastam de quem pretenda fazer dela um degrau para chegar ao que quer que seja, que não corresponda às vistas da Providência [...].⁶

A par da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que entende com a natureza mesma da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e não o será nunca uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, identificada para logo com a dos ledores da boa sorte, como também porque um obstáculo a isso se opõe. É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade, pois, ninguém pode contar. Constituiria, portanto, para o explorador, uma fonte absolutamente incerta de receitas, de natureza a poder faltar-lhe no momento exato em que mais necessária lhe fosse. Coisa diversa é o talento adquirido pelo estudo, pelo trabalho e que, por essa razão mesma, representa uma propriedade da qual naturalmente lícito é, ao seu possuidor, tirar partido. A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante. Explorar alguém a mediunidade é, conseqüentemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. Há mais: não é de si próprio que o explorador dispõe; é do concurso dos Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço de moeda. Essa ideia causa instintiva repugnância [...].⁴

– Todos os homens têm o seu grau de mediunidade, nas mais variadas posições evolutivas, e esse atributo do Espírito representa, ainda, a alvorada de novas percepções para o homem do futuro, quando, pelo avanço da mentalidade do mundo, as criaturas humanas verão alargar-se a janela acanhada dos seus cinco sentidos.

Na atualidade, porém, temos de reconhecer que no campo imenso das potencialidades psíquicas do homem existem os médiuns com tarefa definida, precursores das novas aquisições humanas. É certo que essas tarefas reclamam sacrifícios e

se constituem, muitas vezes, de provações ásperas; todavia, se o operário busca a substância evangélica para a execução de seus deveres, é ele o trabalhador que faz jus ao acréscimo de misericórdia prometido pelo Mestre a todos os discípulos de boa vontade.⁹

Mesmo o médium sob excelente assistência espiritual

[...] não deve descurar-se da própria vigilância, lembrando sempre que é uma criatura humana, sujeita, por isso, a oscilações vibratórias, a pensamentos e desejos inadequados.

Devemos ter sempre na lembrança a palavra de Emmanuel:

Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das Leis Divinas e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizes e erros clamorosos.

Quando médium guarda a noção de fragilidade e pequenez, pela convicção de que é uma alma em processo de redenção e aperfeiçoamento, pelo trabalho e pelo estudo, está-se preparando, com segurança, para o triunfo nas lides do Espírito eterno.⁸

Assim, podemos dizer que

– A primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo, poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão.¹⁰

Em suma, o médium

[...] que vigia a própria vida, disciplina as emoções, cultiva as virtudes cristãs e oferece ao Senhor, multiplicados, os talentos que por empréstimo lhe foram confiados, estará, no silêncio de suas dores e de seus sacrifícios, preparando o seu caminho de elevação para o Céu.

Estará, sem dúvida, exercendo a “mediunidade com Jesus”...⁷

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017. cap. 26, it. 2.
- 2 _____. _____. it. 7.
- 3 _____. _____. it. 8.
- 4 _____. _____. it. 9.
- 5 _____. _____. it. 10.

- 6 _____. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 28, it. 306.
- 7 PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 27. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2017. cap. 1 – *Mediunidade com Jesus*.
- 8 _____. _____. cap. 7 – *Médiuns*.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. q. 383.
- 10 _____. _____. q. 387.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO VI

Reencarnação

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento da reencarnação à luz da Doutrina Espírita.

“Em verdade, em verdade te digo que se alguém não for gerado de novo, não pode ver o Reino de Deus” – JESUS (*João*, 3:5).

FUNDAMENTOS E FINALIDADE DA REENCARNAÇÃO

1 OBJETIVO ESPECÍFICO

- » Refletir sobre a relação entre a reencarnação e a Justiça Divina.
- » Analisar as finalidades da reencarnação.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que formamos da Justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam (Allan Kardec, O livro dos espíritos, comentário de Kardec à q. 171).*
- » *Se admitimos a Justiça de Deus, não podemos deixar de admitir que esse efeito tem uma causa; e se esta causa não se encontra na vida presente, deve achar-se antes desta, porque em todas as coisas a causa deve preceder ao efeito [...] (Allan Kardec, O que é o espiritismo, cap. 3, it. O homem durante a vida terrena, it. 134).*
- » *Qual o fim objetivado com a reencarnação? “Expiação, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?” [...] (Allan Kardec, O livro dos espíritos, q. 167).*
- » *A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover ao alimento do corpo, à sua segurança, ao seu bem-estar, o força a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Útil, portanto, ao seu adiantamento é a sua união com a matéria. Daí*

o constituir uma necessidade a encarnação [...] (Allan Kardec, A gênese, cap. 11, it. 24).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1

Introdução

Iniciar com a pergunta:

Como pensar em Justiça Divina diante de tantas injustiças no mundo?

Solicitar aos participantes que manifestem suas reflexões.

Desenvolvimento

Em seguida dividir a turma em grupos e pedir para que façam, entre eles, a leitura comentada dos subsídios do Roteiro. (Não haverá apresentação de grupo, o assunto será discutido por todos na próxima atividade.)

Propor uma discussão circular.

Abrir a discussão com a questão inicial acima, seguida das demais:

- » *Como pensar em Justiça Divina diante de tantas injustiças no mundo?*
- » *Como compreender os fundamentos da reencarnação?*
- » *Qual a finalidade da reencarnação?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Faz alguma diferença em minha vida acreditar na reencarnação?*

Conclusão

Concluir o estudo reforçando que a reencarnação explica as diferenças materiais, morais e intelectuais entre os homens fortalecendo a ideia de Justiça de Deus para com todos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura comentada; estudo de grupo; discussão circular.

Recurso(s): subsídios.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar com a pergunta:

Como pensar em Justiça Divina diante de tantas injustiças no mundo?

Solicitar aos participantes que manifestem suas reflexões.

Desenvolvimento

Em seguida fazer a leitura comentada das questões 166 a 171 de *O livro dos espíritos* (o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia das questões).

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo o assunto.

Propor uma discussão circular.

Abrir a discussão com a questão inicial acima, seguida das demais:

- » *Como pensar em Justiça Divina diante de tantas injustiças no mundo?*
- » *Como compreender os fundamentos da reencarnação?*
- » *Qual a finalidade da reencarnação?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Faz alguma diferença em minha vida acreditar na reencarnação?*

Conclusão

Concluir o estudo reforçando que a reencarnação explica as diferenças materiais, morais e intelectuais entre os homens fortalecendo a ideia de Justiça de Deus para com todos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): *O livro dos espíritos.*

3.3 SUGESTÃO 3

Introdução

Iniciar com a pergunta:

Como pensar em Justiça Divina diante de tantas injustiças no mundo?

Solicitar aos participantes que manifestem suas reflexões.

Desenvolvimento

Passar o vídeo – Divaldo comenta a reencarnação. (9':59"), disponível em: https://drive.google.com/file/d/1_dZlWiQxWciFxaCuiOHcM-ANM1HUo7wZ/view?usp=sharing

Propor uma discussão circular.

Iniciar a discussão com a questão inicial, seguida das demais:

- » *Como pensar em justiça divina diante de tantas injustiças no mundo?*
- » *Como compreender os fundamentos da reencarnação?*
- » *Qual a finalidade da reencarnação?*

Em seguida fazer a leitura comentada dos subsídios do Roteiro.

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo o assunto.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Faz alguma diferença em minha vida acreditar na reencarnação?*

Conclusão

Concluir o estudo reforçando que a reencarnação explica as diferenças materiais, morais e intelectuais entre os homens fortalecendo a ideia de Justiça de Deus para com todos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): vídeo; subsídios do Roteiro.

Atividade de preparação para a próxima reunião de estudo – Sugestão de atividade 2:

Solicitar aos participantes que façam uma pesquisa junto aos familiares, amigos ou colegas de trabalho, pedindo que respondam às seguintes perguntas:

Você acredita em reencarnação? Sim () Não ()

Considerando a resposta anterior, dê um exemplo do que você entende por prova da reencarnação.

Pesquisar sobre provas da reencarnação. (Esta atividade pode ser proposta em grupos.)

4 SUBSÍDIOS

A ideia da reencarnação não é recente nem foi inventada pelo Espiritismo. Trata-se, na verdade, de uma crença muito antiga, cuja origem se perde no tempo.

[...] A ideia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar, aceita pelos homens mais eminentes. De que modo a adquiriram? Por uma revelação, ou por intuição? Ignoramo-lo. Seja, porém, como for, o que não padece dúvida é que uma ideia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a ancianidade desta doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor. [...]

Portanto, ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo e que se conservou no íntimo de muitas pessoas, até aos nossos dias. Simplesmente, eles a apresentam de um ponto de vista mais racional, mais acorde com as leis progressivas da Natureza e mais de conformidade com a sabedoria do Criador, despidendo-a de todos os acessórios da superstição [...].¹³

4.1 FUNDAMENTOS DA REENCARNAÇÃO

Em resposta dada pelos Espíritos Superiores a Kardec, encontramos, na questão 171 de *O livro dos espíritos*, a afirmação de que a ideia da reencarnação está fundamentada na Justiça de Deus e na revelação, visto que

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua Justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.

Não obraria Deus com equidade, nem de acordo com a sua bondade, se condenasse para sempre os que talvez hajam encontrado, oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que os animava, obstáculos ao seu melhoramento. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa.

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.¹²

[...] Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas mais ou menos perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria [...] lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se à teoria que explica tudo a uma das que nada explicam?¹⁴

O princípio da reencarnação é uma consequência necessária da Lei do Progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas, quanto as que viviam há mil anos; acrescentemos que nenhuma conexão haveria entre elas, nenhuma relação necessária; seriam de todo estranhas umas às outras. Por que, então, as de hoje haviam de ser melhor dotadas por Deus, do que as que precederam? Por que têm aquelas melhor compreensão? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas, sem as haverem aprendido? Duvidamos de que alguém saia desses dilemas, a menos admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma justiça soberana.⁸

A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho (João, 3:1 a 12 – Diálogo entre Jesus e Nicodemos)

[...] é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, pois que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu, e traz, nascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores.⁵

Com a doutrina da criação da alma no instante do nascimento, vem-se a cair no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnavais; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida; os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, são solidários no passado e no futuro e, como as suas relações se perpetuam, tanto no mundo espiritual como no corporal, a fraternidade tem por base as próprias Leis da Natureza; o bem tem um objetivo e o mal, conseqüências inevitáveis.⁶

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. [...] Se, pois, a reencarnação funda numa Lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.⁷

Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, se mantém inexplicável; que é altamente consoladora e conforme à mais rigorosa justiça; que constitui para o homem a âncora de salvação que Deus, por misericórdia, lhe concedeu.¹⁵

4.2 FINALIDADES DA REENCARNAÇÃO

O fim objetivado da reencarnação, para os Espíritos Superiores, pode ser resumido no seguinte esclarecimento: “Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?”¹¹

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da Criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.”⁹

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar d'Ele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.¹⁰

A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual, pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade recíproca dos homens entre si. A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades.

A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, em uma palavra, tudo o que constitui o homem de bem ou o perverso tem por móvel, por alvo e por estímulo as relações do homem com os seus semelhantes.

Para o homem que vivesse isolado não haveria vícios nem virtudes; preservando-se do mal pelo insulamento, o bem de si mesmo se anularia.²

O progresso nos Espíritos é o fruto do próprio trabalho; mas, como são livres, trabalham no seu adiantamento com maior ou menor atividade, com mais ou menos negligência, segundo sua vontade, acelerando ou retardando o progresso e, por conseguinte, a própria felicidade.

[...]

Todo Espírito que se atrasa não pode queixar-se senão de si mesmo, assim como o que se adianta tem o mérito exclusivo do seu esforço, dando por isso maior apreço à felicidade conquistada.

O progresso intelectual e o progresso moral raramente marcham juntos, mas o que o Espírito não consegue em dado tempo, alcança em outro, de modo que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível.

Eis por que se veem muitas vezes homens inteligentes e instruídos pouco adiantados moralmente, e vice-versa.¹

Uma só existência corporal é manifestadamente insuficiente para o Espírito adquirir todo o bem que lhe falta e eliminar o mal que lhe sobra. [...] Para cada nova existência de permeio à matéria, entra o Espírito com o cabedal adquirido nas anteriores, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é, assim, um passo avante no caminho do progresso.³

É importante considerar, entretanto, que

[...] O estado corporal é transitório e passageiro. É no estado espiritual, sobretudo que o Espírito colhe os frutos do progresso realizado pelo trabalho da encarnação; é também nesse estado que se prepara para novas lutas e toma as resoluções que há de pôr em prática na sua volta à Humanidade [reencarnação].⁴

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Manuel Justiniano Quintão. 61. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2018. 1ª pt., cap. 3, it. 7.
- 2 _____. _____. it. 8.
- 3 _____. _____. it. 9.
- 4 _____. _____. it. 10.
- 5 _____. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 1, it. 34.
- 6 _____. _____. it. 35.
- 7 _____. _____. it. 36.
- 8 _____. _____. cap. 11, it. 33.
- 9 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019, q. 132.
- 10 _____. _____. comentário de Kardec à q. 132.
- 11 _____. _____. q. 167.
- 12 _____. _____. comentário de Kardec à q. 171.
- 13 _____. _____. q. 222.
- 14 _____. _____.
- 15 _____. _____.

ANEXO

Listagem de itens sobre fundamentos e finalidades da reencarnação:

1) *A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover ao alimento do corpo, à sua segurança, ao seu bem-estar, o força a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Útil, portanto, ao seu adiantamento é a sua união com a matéria [...]* (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 11, it. 24).

2) [...] *Mediante as diversas existências corpóreas é que os Espíritos se vão expungindo, pouco a pouco, de suas imperfeições. As provações da vida os fazem adiantar-se, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam. São o remédio que limpa as chagas e cura o doente [...]* (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 5, it. 10).

3) Pelo [...] *trabalho inteligente que ele [o Espírito] executa em seu proveito, sobre a matéria, auxilia a transformação e o progresso material do globo que lhe serve de habitação. É assim que, progredindo, colabora na obra do Criador, da qual se torna fator inconsciente* (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 11, it. 24).

4. Os Espíritos Superiores esclarecem que há expiação nas diferentes existências no plano material, tendo em vista o “[...] melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, questão 167).

5. Os [...] *Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. [...] A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral* (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, Introdução VI).

6. As [...] *diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas [...]* (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, Introdução, it. VI).

7. Os Espíritos Superiores ensinam [...] *não haver faltas irremissíveis que a expiação não possa apagar. Meio de consegui-lo encontra o homem nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conforme aos seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final* (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, Introdução VI).

8. *A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência* (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 4, it. 25).

9. *Todavia, por virtude do axioma segundo o qual todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que não de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa [...]* (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 5, it. 6).

10. *A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que formamos da Justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provas. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam* (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, comentário de Kardec à q. 171).

PROVAS DA REENCARNAÇÃO

1 OBJETIVO ESPECÍFICO

- » Analisar as provas filosóficas e experimentais da reencarnação.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » As qualidades inatas que as pessoas [...] *trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso [...]* (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 3, it. 13).
- » As lembranças espontâneas ou provocadas de existências passadas são evidências da reencarnação. *Os casos espontâneos de lembranças reencarnatórias, manifestados por crianças e adultos, não são raros, como pode pensar-se* (Hernani Guimarães Andrade, *Reencarnação no Brasil*, cap. 1 – *Casos resolvidos e não-resolvidos*).
- » *O conhecimento do pretérito, por meio das revelações ou das lembranças, chega sempre que a criatura se faz credora de um benefício como esse, o qual se faz acompanhar, por sua vez, de responsabilidades muito grandes no plano do conhecimento [...]* (Emmanuel, *O consolador*, q. 370).
- » A reencarnação pode ainda ser comprovada por outros meios, tais como: ditados mediúnicos e de transcomunicação instrumental.

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Introduzir o tema, explicando, em linhas gerais, provas ou evidências da reencarnação.

Apresentar em recurso visual duas colunas. A primeira coluna deve conter uma listagem de provas ou evidências da reencarnação (veja subsídios deste Roteiro). A segunda coluna traz esclarecimentos ou exemplos de cada prova ou evidência citada.

Desenvolvimento

Pedir à turma que colabore no desenvolvimento do tema da reunião. Neste sentido, esclarecer que os participantes devem realizar, respectivamente, uma tarefa individual e uma tarefa grupal, de acordo com o seguinte roteiro:

Primeira etapa – trabalho individual:

a) leitura de pequenos textos (veja Anexo);

b) registro escrito dos fatos que comprovam a reencarnação em cada texto lido (se necessário, buscar orientação nas colunas apresentadas).

Segunda etapa – trabalho em grupo:

a) integração num grupo de até 6 pessoas;

b) leitura dos subsídios do Roteiro;

c) desenvolvimento de tarefa cooperativa que pressupõe: troca de ideias, seleção e complementação do que foi realizado, individualmente, na primeira etapa;

d) elaboração de um relatório conclusivo do grupo, contendo: os fatos ou evidências que comprovam a reencarnação; a explicação sucinta do fato ou evidência assinalada;

e) indicação de relator que deverá apresentar as conclusões.

Conclusão

Ouvir os relatos com atenção, verificando se todas as provas, citadas e explicadas nos subsídios, foram atendidas. Caso contrário, fazer as correções devidas.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes citarem corretamente, no relatório, as provas da reencarnação.

Técnica(s): exposição; estudo cooperativo.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; recurso visual; textos; lápis/caneta; folhas de papel.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar a reunião com a apresentação dos resultados da entrevista e da pesquisa indicadas, na semana anterior, como atividade extrarreunião.

Solicitar aos participantes ou grupos que apresentem a conclusão de seus trabalhos.

Desenvolvimento

Fazer comentários pertinentes aos resultados apresentados, destacando, por exemplo, se o número dos que acreditam na reencarnação é significativo; quais foram as melhores provas apresentadas etc.

Passar o vídeo – Provas científicas da reencarnação, disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1QB0G5jSUy-csWGM8RjREvcy7kUdsh2W/view?usp=sharing>

Em seguida propor uma discussão circular:

Que conclusão podemos chegar acerca da reencarnação, diante das informações que já temos?

Fazer a leitura comentada dos subsídios do Roteiro.

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Qual a necessidade da minha reencarnação?*

Conclusão

Concluir o estudo reforçando que a reencarnação é um fato natural da Lei de Deus.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): entrevista; pesquisa; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): vídeo; subsídios do Roteiro.

3.3 SUGESTÃO 3

Cinedebate: *Minha vida em outra vida* (1:33:36), disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1kaAdUgo7f2egsY5NDTVP8UzoXtM5OoPC/view?usp=sharing>

Sugerimos a apresentação do filme em dia ou horário especial, ou se possível assistir em casa.

O debate poderá ocorrer após os estudos do Roteiro, como atividade reflexiva.

1. Em discussão circular abrir para perguntas dos participantes. Os próprios participantes podem responder questionamentos dos colegas, sendo acompanhados e complementadas as informações pelo facilitador.

2. Em discussão circular propor:

- » *O que mais marcou no filme? Por quê?*
- » *É possível que a Ciência comprove a reencarnação? Por quê?*
- » *Acreditar na reencarnação traz benefício? Ou não? Por quê?*
- » *Conhece alguma pesquisa científica que comprove casos sugestivos de reencarnação? etc.*

Conclusão

Concluir o estudo reforçando que a reencarnação é um fato natural da Lei de Deus. É uma bênção, pois demonstra que estamos aqui por um motivo: nossa evolução.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Será a reencarnação uma Lei Divina da qual não podemos escapar?*

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

4 SUBSÍDIOS

4.1 PROVAS DA REENCARNAÇÃO

As provas ou evidências da reencarnação baseiam-se, essencialmente, nas ideias inatas que

[...] o homem traz, ao renascer, o gérmen das suas imperfeições, dos defeitos de que se não corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou tal vício.¹

[...] Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes. São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contêm, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acreditais que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria [...] lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se à teoria que não explica tudo a uma das que nada explicam?³

As ideias inatas podem ser observadas na infância, porém, a rigor, elas são mais facilmente identificadas a partir da adolescência, período que o “[...] Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era”.⁴

[...] o Espírito reencarnado retoma a herança de si mesmo, na estrutura psicológica do destino, reavendo o patrimônio das realizações e das dívidas que acumulou, a se lhe regravarem no ser, em forma de tendências inatas, e reencontrando as pessoas e as circunstâncias, as simpatias e as aversões, as vantagens e as dificuldades, com as quais se ache afinizado ou comprometido.

[...]

*A moldura social ou doméstica, muitas vezes, é diferente, mas no quadro do trabalho e da luta, a consciência é a mesma, com a obrigação de aprimorar-se, ante a bênção de Deus, para a luta da imortalidade.*¹³

4.2 NAS LEMBRANÇAS DAS EXISTÊNCIAS PRETÉRITAS

As lembranças das existências pretéritas podem ser espontâneas ou provocadas. Em geral, surgem sob a forma de imagens fragmentárias, mas podem ocorrer *flashes* (clarões) de memória que permitem recordações mais completas.

As lembranças espontâneas aparecem, naturalmente, no estado de vigília ou durante o sono, não sendo possível a identificação da causa desencadeadora dessas lembranças, na maioria das vezes. Neste estado, a pessoa se vê envolvida por uma sensação de algo conhecido, experimentado, ou visto (*déjà-vu*). Segundo o estudioso espírita brasileiro e pesquisador rigoroso deste tipo específico de lembranças pretéritas, Hernani Guimarães de Andrade, os

*[...] casos espontâneos de lembranças reencarnatórias, manifestados por crianças e adultos, não são tão raros, como pode pensar-se. Entretanto, apenas cerca de 5% podem ser considerados suficientemente fortes e representando evidências seguras em apoio à tese da reencarnação.*¹⁰

Nem sempre as lembranças espontâneas são cercadas de detalhes, sobretudo quando o Espírito recorda experiências desagradáveis

*[...] adicionada aos amargores de uma nova existência, a lembrança, muitas vezes aflitiva e humilhante, do passado poderia turbá-lo e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, por lhe ser isso útil. Se às vezes lhe é dado ter uma intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugitivo [...].*²

As lembranças provocadas ocorrem por indução de Espíritos desencarnados ou encarnados. No primeiro caso a ação pode estar relacionada a um fim útil e bom, entretanto, pode estar vinculada a propósitos inferiores, tal como ocorre nos processos obsessivos. No segundo caso as lembranças provocadas por médicos ou psicólogos têm representado, no mundo atual, uma ferramenta de auxílio terapêutico a pessoas portadoras de distúrbios psíquicos.

Kardec nos dá oportuno esclarecimento a respeito do assunto em artigo da *Revista Espírita*, de 1865, em que alega que não é

[...] somente depois da morte que o Espírito recobra a lembrança de seu passado. Pode dizer-se que não a perde jamais, mesmo na encarnação, porquanto, durante o sono do corpo, quando goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre, e que sofre justamente; a lembrança

*não se apaga senão durante a vida exterior de relação. Porém, em falta de uma lembrança precisa, que lhe poderia ser penosa e prejudicar suas relações sociais, haure novas forças nos instantes de emancipação da alma, se os soube aproveitar.*⁸

Finalmente, para Emmanuel, o

*[...] conhecimento do pretérito, por meio das revelações ou das lembranças, chega sempre que a criatura se faz credora de um benefício como esse, o qual se faz acompanhar, por sua vez, de responsabilidades muito grandes no plano do conhecimento; tanto assim que, para muitos, essas reminiscências costumam constituir um privilégio doloroso, no ambiente das inquietações e ilusões da Terra.*¹¹

4.3 NAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

As comunicações mediúnicas oferecem duas grandes contribuições em apoio à tese reencarnacionista: a informação da identidade de Espíritos que viveram experiências reencarnatórias e a revelação de vidas passadas de pessoas que ainda estão encarnadas.

A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controversas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. [...]

*A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral [...].*⁵

*Muito mais fácil de se comprovar é a identidade, quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos se conhecem, porque, precisamente, esses hábitos, de que eles ainda não tiveram tempo de despojar-se, são que os fazem reconhecíveis e desde logo dizemos que isso constitui um dos sinais mais seguros de identidade [...].*⁶

Em relação às revelações mediúnicas de vidas passadas, destacamos a pergunta 15, do item 290 de *O livro dos médiuns*, e as respectivas respostas que os Espíritos Superiores deram a Allan Kardec:

Podem os Espíritos dar-nos a conhecer as nossas existências passadas?

“Deus algumas vezes permite que elas vos sejam reveladas, conforme o objetivo. Se for para vossa edificação e instrução, as revelações serão verdadeiras e, nesse caso, feitas quase sempre espontaneamente e de modo inteiramente imprevisto. Ele, porém, não o permite nunca para satisfação de vã curiosidade.”

a) *Por que é que alguns Espíritos nunca se recusam a fazer esta espécie de revelações?*

“São Espíritos brincalhões, que se divertem à vossa custa. Em geral, deveis considerar falsas, ou, pelo menos, suspeitas, todas as revelações desta natureza que não tenham um fim eminentemente sério e útil. Aos Espíritos zombeteiros apraz lisonjear o amor-próprio, por meio de pretendidas origens. Há médiuns e crentes que aceitam como boa moeda o que lhes é dito a esse respeito e que não veem que o estado atual de seus Espíritos em nada justifica a categoria que pretendem ter ocupado. Vaidadezinha que serve de divertimento aos Espíritos brincalhões, tanto quanto para os homens [...]”

b) *Assim como não podemos conhecer a nossa individualidade anterior, segue-se que também nada podemos saber do gênero de existência que tivemos, da posição social que ocupamos, das virtudes e dos defeitos que em nós predominaram?*

“Não, isso pode ser revelado, porque dessas revelações podeis tirar proveito para vos melhorardes. Aliás, estudando o vosso presente, podeis vós mesmos deduzir o vosso passado.”⁷

Para Emmanuel,

– Os Espíritos que se revelam, por meio das organizações mediúnicas, devem ser identificados por suas ideias e pela essência espiritual de suas palavras.

Determinados médiuns, com tarefa especializada, podem ser auxiliares preciosos à identificação pessoal, seja no fenômeno literário, nas equações da Ciência, ou satisfazendo a certos requisitos da investigação; todavia, essa não é a regra geral, salientando-se que as entidades espirituais, muitas vezes, não encontram senão um material deficiente que as obriga tão só ao indispensável, no que se refere à comunicação.

Devemos entender, contudo, que a linguagem do Espírito é universal, pelos fios invisíveis do pensamento, o que, aliás, não invalida a necessidade de um estudo atento acerca de todas as ideias lançadas nas mensagens medianímicas, guardando-se muito cuidado no capítulo dos nomes ilustres que porventura as subscrevam.

*Nas manifestações de toda natureza, porém, o crente ou o estudioso do problema da identificação não pode dispensar aquele sentido espiritual de observação que lhe falará sempre no imo da consciência.*¹²

4.4 NOS FENÔMENOS DE TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL

A transcomunicação instrumental – que é a forma de os Espíritos se comunicarem por meio de aparelhos ou equipamentos eletrônicos – representa igualmente mais uma evidência da reencarnação. Tal como ocorre nas comunicações mediúnicas, propriamente ditas, os Espíritos podem dar informações a respeito de encarnações anteriores, de si ou de outrem. Devem ser dispensados aos fenômenos de transcomunicação instrumental

os mesmos cuidados indicados para a análise e divulgação das mensagens provenientes das práticas mediúnicas.

4.5 NOS FENÔMENOS DAS EXPERIÊNCIAS DE QUASE-MORTE

A chamada Experiência de Quase-morte é o estado de morte clínica experimentado durante alguns momentos, após os quais a pessoa retorna à vida do corpo físico. Os relatos do que se passou, feitos aos médicos e enfermeiras, por indivíduos de várias culturas e credos, coincidem com o que diz o Espiritismo e demais religiões reencarnacionistas.⁹

Essas pessoas relatam a ocorrência de acontecimentos semelhantes, vividos nos breves instantes entre uma parada cardíaca mais prolongada e a ressuscitação corporal, subsequente. Entre essas ocorrências, afirmam encontrar, após a travessia de um túnel ou de outras passagens, seres de luz que as acolhem carinhosamente. *É frequente a recepção pelos parentes e amigos falecidos [...].¹⁰*

Atualmente, existe uma significativa produção de livros espíritas e não espíritas que trazem boas contribuições à tese reencarnacionista. Recomendamos a leitura da seguintes obras: *A reencarnação*, de Gabriel Delanne, FEB Editora; *Reencarnação no Brasil*, de Hernani Guimarães de Andrade, Editora O Clarim; *Casos sugestivos de reencarnação*, de Ian Stevenson, Editora Difusora Cultural; *A vida pretérita e futura*, de H. N. Banerjee, Editora Nórdica; *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian L. Weiss, Editora Salamandra; *Reencarnação baseada nos fatos*, de Karl E. Muller, Editora Edicel.

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 1, it. 38.
- 2 _____. _____. cap. 11, it. 21.
- 3 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. q. 222.
- 4 _____. _____. q. 385.
- 5 _____. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 24, it. 255.
- 6 _____. _____. it. 257.
- 7 _____. _____. cap. 26, it. 290, perg. 15.

- 8 _____. *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos*. ano 8, n. 1, jan. 1865. *Evocação um surdo-mudo encarnado*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 4. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2015.
- 9 ANDRADE, Hernani Guimarães. *Morte: uma luz no fim do túnel*. Prefácio de Carlos Eduardo Noronha Luz. São Paulo: FÉ, 1999. p. 16.
- 10 _____. *Reencarnação no Brasil*. Prefácio de José de Freitas Nobre. Matão: 1988. p. 7.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. q. 370.
- 12 _____. _____. q. 379.
- 13 _____. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 22. ed. 5. imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 45 – *Esquecimento e reencarnação*.

ANEXO

Provas da reencarnação:

1) *Qual a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, o das línguas, do cálculo etc.? “Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência. [...]” (Allan Kardec, O livro dos espíritos, q. 219).*

2) *Podemos ter algumas revelações a respeito de nossas vidas anteriores? “Nem sempre. Contudo, muitos sabem o que foram e o que faziam. Se se lhes permitisse dizê-lo abertamente, extraordinárias revelações fariam sobre o passado.” (Allan Kardec, O livro dos espíritos, q. 395).*

3) *[...] os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. [...]*

A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral. [...]

Muito mais fácil de se comprovar é a identidade, quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos se conhecem, porque, precisamente, esses hábitos, de que eles ainda não tiveram tempo de despojar-se, são que os fazem reconhecíveis e desde logo dizemos que isso constitui um dos sinais mais seguros de identidade [...] (Allan Kardec, O livro dos médiuns, cap. 24, its. 255 e 257).

4) Os Espíritos podem comunicar-se por diversas [...] *maneiras: por meio de gravadores, de fitas magnéticas, por telefone (secretária eletrônica), por computador e, também, por via mediúnica* (Hernani Guimarães de Andrade, *A transcomunicação através dos tempos*, cap. 2, São Paulo: FE, 1997).

5) No auxílio a Espíritos presos a ideias fixas, os benfeitores espirituais podem atuar no centro da memória desses infelizes sofredores. Por meio da movimentação fluídica e indução verbal, é possível fazê-los recordar traumas. No livro *Entre a Terra e o céu*, o Espírito André Luiz nos traz um exemplo:

Ante a surpresa que se estampou no semblante da interpelada, a orientadora, num gesto que nos era conhecido, nas operações magnéticas de Clarêncio, acariciou-lhe a fronte, de leve, e repetiu:

– Lembre-se! lembre-se!...

Bafejada pelo poder de irmã Clara, em determinados centros da memória, Antonina fez-se pálida e exclamou, controlando a própria emoção:

– Sim, sou eu a cantora! Revejo, dentro de mim, os quadros que se foram!... Os conflitos no Paraguai!... Uma chácara em Luque!... A família ao abandono!... José Esteves, hoje Mário... [...] (Francisco Cândido Xavier, *Entre a Terra e o céu*, cap. 39 – *Ponderações*, FEB Editora).

6) O fenômeno de quase-morte [...] *é o estado de morte clínica experimentado durante alguns momentos, após os quais a pessoa retorna à vida do corpo físico. Os relatos do que se passou, feitos aos médicos e enfermeiras, por meio de indivíduos de várias culturas e credos, coincidem com o que diz o Espiritismo e demais religiões reencarnacionistas* (Hernani Guimarães de Andrade, *Morte: uma luz no fim do túnel*. São Paulo: FE, 1999, p. 16).

RETORNO À VIDA CORPORAL: O PLANEJAMENTO REENCARNATÓRIO

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar as características do planejamento reencarnatório.
- » Refletir sobre a responsabilidade do Espírito no planejamento de sua reencarnação.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » De acordo com a Doutrina Espírita, o planejamento reencarnatório pode ser concebido pelo próprio Espírito que deseja reencarnar ou por Espíritos mais esclarecidos, especialmente designados para esta tarefa.
- » Na primeira situação, o Espírito “[...] escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio.”(Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 258).
- » Na outra situação, “Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com a criancinha. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha [...]” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 262).
- » *Cada entidade reencarnante apresenta particularidades essenciais na recorporificação a que se entrega na esfera física [...]. Os Espíritos categoricamente superiores [...] podem plasmar por si mesmos [...] o corpo em que continuarão as futuras experiências [...]. Os Espíritos categoricamente inferiores, na maioria das ocasiões [...] entram em*

*simbiose fluídica com as organizações femininas a que se agregam [...] em moldes inteiramente dependentes da hereditariedade [...]. Entre ambas as classes, porém, contamos com milhões de Espíritos medianos na evolução, portadores de créditos apreciáveis e dívidas numerosas, cuja reencarnação exige cautela de preparo e esmero de previsão (André Luiz, *Evolução em dois mundos*, 1ª pt., cap. 19 – *Alma e reencarnação*, it. Particularidades da reencarnação).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Apresentar, no início da reunião, os objetivos específicos do tema, comentando-os rapidamente.

Desenvolvimento

Explicar como é realizado o planejamento reencarnatório, tendo como base os subsídios. É importante que esta exposição seja objetiva e que destaque os principais pontos necessários à compreensão do tema. Se possível, utilizar projeções ou outro recurso que auxilie a transmissão das ideias.

Em seguida, solicitar à turma que se organize em grupos, formados por afinidade, para a realização das seguintes tarefas:

- a) leitura do caso: *A história de Stella* (veja Anexo 1);
- b) anotações ou destaques que facilitem a compreensão do texto;
- c) troca de ideias entre os colegas do grupo a respeito de pontos que revelam a ocorrência de planejamento reencarnatório para os personagens citados no texto lido;
- d) respostas ao questionário inserido no Anexo 2;
- e) indicação de um participante para apresentar, em plenário, as conclusões do trabalho em grupo.

Ouvir, atentamente, as respostas dadas pelos grupos, anotando os pontos relevantes.

Observações: tempo para a realização das tarefas “a” e “b”: 20 minutos; tempo destinado a cada rodízio: 10 minutos, no máximo.

Conclusão

Fazer considerações sobre o trabalho realizado, destacando as impressões que o caso despertou na turma.

Observação: É importante que essas apresentações não fiquem repetitivas nem monótonas. Sugere-se, como exemplo de dinamização, que cada relator apresente somente a resposta de uma ou de duas perguntas do questionário. Os demais relatores participam com ideias complementares, enriquecendo, assim, a apresentação dos colegas.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se houve entendimento no assunto estudado.

Técnica(s): exposição; estudo de caso (simplificado).

Recurso(s): subsídios do Roteiro; recursos multimídia; lápis/caneta; folha de papel; texto: *A história de Stella*; questionário.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar o estudo apresentando a questão 338 de *O livro dos espíritos*:

Se acontecesse que muitos Espíritos se apresentassem para tomar determinado corpo destinado a nascer, o que é que decidiria sobre qual deles pertenceria o corpo?

Solicitar aos participantes que manifestem suas reflexões.

Após reflexões da turma, fazer a leitura da resposta, seguida de comentários.

“Muitos podem pedi-lo; mas, em tal caso, Deus é quem julga qual o mais capaz de desempenhar a missão a que a criança se destina. Porém, como já eu disse, o Espírito é designado antes que soe o instante em que haja de unir-se ao corpo.” (Grifo nosso.)

Desenvolvimento

Após comentários breves, fazer uma exposição dialogada acerca do planejamento reencarnatório tendo como base os subsídios do Roteiro.

Propor a leitura comentada das questões 330 a 343 de *O livro dos espíritos* (o ideal é que todos tenham a obra ou a cópia das questões em mãos).

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Será que eu estou cumprindo meu planejamento reencarnatório?*

Conclusão

Concluir o estudo reforçando que no planejamento escolhemos nossas provas, quando temos condições de participar conscientemente do planejamento.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): *O livro dos espíritos*; subsídios do Roteiro.

Atividade de preparação para a próxima reunião de estudo – (Roteiro 4 – Retorno à vida corporal: união da alma ao corpo) Sugestão de atividade 2:

Solicitar aos participantes que façam a leitura e um resumo do capítulo 13 de *Missionários da luz* de André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, FEB Editora.

(Esta atividade pode ser proposta em grupos.)

4 SUBSÍDIOS

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua Justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.¹

Partindo desta assertiva, compreendemos que não há improvisação nos procedimentos que antecedem as experiências reencarnatórias. Existe, na verdade, uma planificação fundamentada na lógica e na moralidade, tendo em vista o progresso espiritual da criatura humana. Neste sentido, a escolha das provas no planejamento reencarnatório merece cuidados especiais por parte dos Espíritos planejadores.

Conscientes das implicações desses esclarecimentos, ocorrem-nos automaticamente algumas indagações: Quando é definido o momento da reencarnação? Quais são as condições que determinam que é chegada a hora do retorno à vida corporal? Podemos selecionar as provas ou experiências que vivenciaremos no plano físico? Que critérios são utilizados, por exemplo, para a escolha dos nossos pais e demais familiares, ou da cidade e país em que renasceremos? Como são definidas questões relativas ao casamento, aos filhos, à profissão?

A Doutrina Espírita coloca ao nosso dispor esclarecidas respostas para essas e outras questões:

O homem, que tem consciência da sua inferioridade, haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na Justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele. Sustém-no, porém, e lhe reanima a coragem a ideia de que aquela inferioridade não o deserda eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito? Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência.²

A reencarnação, porém, não dispensa planejamento, mesmo em se tratando das reencarnações mais simples. Este planejamento pode ser elaborado pelo próprio Espírito que deseja ou necessita reencarnar, desde que ele tenha condições morais e intelectuais para tanto. O planejamento, pode, no entanto, ser delegado a um Espírito esclarecido, caso o reencarnante não ofereça, no momento, condições para planejar a própria reencarnação, ou opinar sobre a mesma. O Espírito mais adiantado em moralidade e em conhecimento “[...] escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio”.³ Neste assunto, como em outros, sabemos que não existe livre-arbítrio absoluto, mesmo em se tratando de Espíritos verdadeiramente superiores.

“Nada ocorre sem a permissão de Deus, porquanto foi Deus quem estabeleceu todas as leis que regem o Universo. [...] Dando ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa a inteira responsabilidade de seus atos e das consequências que estes tiverem. Nada lhe estorva o futuro; abertos se lhe acham, assim, o caminho do bem, como o do mal. Se vier a sucumbir, restar-lhe-á a consolação de que nem tudo se lhe acabou e que a Bondade divina lhe concede a liberdade de recomençar o que foi malfeito [...]”.⁴

É importante destacar que o planejamento reencarnatório prevê, em geral, apenas os principais acontecimentos que poderão ocorrer no mundo físico.⁵ Os orientadores espirituais nos esclarecem:

“[...] Escolheste apenas o gênero das provações. As particularidades correm por conta da posição em que vos achais; são, muitas vezes, consequências das vossas próprias ações. Escolhendo, por exemplo, nascer entre malfeitores, sabia o Espírito a que arrastamentos se expunha; ignorava, porém, quais os atos que viria a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. Sabe o Espírito que, escolhendo tal caminho, terá que sustentar lutas de determinada espécie; sabe, portanto, de que natureza serão as vicissitudes que se lhe depararão, mas ignora se se verificará este ou aquele êxito. Os acontecimentos secundários se originam das circunstâncias e da força mesma das coisas. Previstos só são os fatos principais, os que influem no destino. Se tomares uma estrada cheia de sulcos profundos, sabes que terás de andar cautelosamente, porque há muitas probabilidades de caíres; ignoras, contudo, em que ponto cairás e bem pode suceder que não caias, se fores bastante prudente. Se, ao percorreres uma rua, uma telha te cair na cabeça, não creias que estava escrito, segundo vulgarmente se diz.”⁶

Independentemente de um Espírito ter elaborado ou participado efetivamente do próprio planejamento reencarnatório, não há garantias de que esse planejamento será cumprido, total ou parcialmente.

“[...] sabeis haver Espíritos que desde o começo tomam um caminho que os exime de muitas provas. Aquele, porém, que se deixa arrastar para o mau caminho, corre todos os perigos que o inçam. Pode um Espírito, por exemplo, pedir a riqueza e ser-lhe esta concedida. Então, conforme o seu caráter, poderá tornar-se avaro ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda lançar-se a todos os gozos da sensualidade.”⁷

Percebe-se, pois, que a questão do planejamento reencarnatório está ligada às consequências do uso do livre-arbítrio, situação que sempre reflete o nosso nível de evolução moral e intelectual. O livre-arbítrio, repetidamente utilizado de forma incorreta, restringe a nossa capacidade de opinar em um novo planejamento. É por esta razão que os Espíritos dedicados a esse gênero de tarefa consideram todas as ações que executamos, antes e depois da desencarnação, definindo critérios norteadores do planejamento reencarnatório que nos cabe.

Efetivamente, logo após a morte do corpo físico, sofre a alma culpada minucioso processo de purgação, tanto mais produtivo quanto mais se lhe exteriorize a dor do arrependimento, e, apenas depois disso, consegue elevar-se a esferas de reconforto e reeducação.

Se a moléstia experimentada na veste somática foi longa e difícil, abençoadas depurações terão sido feitas, pelo ensejo de autoexame [...].

Todavia, se essa operação natural não foi possível no círculo carnal, mais se lhe agravam os remorsos, depois do túmulo, por recalçados na consciência, a aflorarem, todos eles, por meio de reflexão [...].

Criminosos que mal ressarciram os débitos contraídos, instados pelo próprio arrependimento, plasmam, em torno de si mesmos, as cenas degradantes em que arruinaram a vida íntima [...].

Caluniadores que aniquilaram a felicidade alheia vivem pesadelos espantosos, regravando nas telas da memória os padecimentos das vítimas [...].

Tiranetes diversosolvem a sentir nos tecidos da própria alma os golpes que desferiram nos outros, e os viciados de toda sorte [...] experimentam agoniada insatisfação, qual ocorre também aos desequilibrados do sexo [...].

As vítimas do remorso padecem, assim, por tempo correspondente às necessidades de reajuste, larga internação em zonas compatíveis com o estado espiritual que demonstram.¹³

Passado esse período de perturbação espiritual, ocorrido após a desencarnação, e

[...] tão logo revele os primeiros sinais de positiva renovação para o bem, regista [o Espírito] o auxílio das esferas superiores, que, por agentes inúmeros, apoiam os serviços da Luz divina onde a ignorância e a crueldade se transviam na sombra.

Qual doente, agora acolhido em outros setores pela encorajadora convalescença de que dá testemunho, o devedor desfruta suficiente serenidade para rever os compromissos assumidos na encarnação recentemente deixada, sopesando os males e sofrimentos de que se fez responsável [...].

Muita vez, ascendem a escolas beneméritas, nas quais recolhem mais altas noções da vida, aprimoram-se na instrução, aperfeiçoam impulsos e exercem preciosas atividades, melhorando os próprios créditos; todavia, as lembranças dos erros voluntários, ainda mesmo quando as suas vítimas tenham já superado todas as sequelas dos golpes sofridos, entranham-se-lhes no espírito por sementes de destino, uma vez que eles mesmos, reconhecendo-se necessitados de promoção a níveis mais nobres, pedem novas reencarnações com as provas de que carecem para se quitarem consciencialmente consigo próprios.

Nesses casos, a escolha da experiência é mais que legítima, porquanto, por meio da limpeza de limiar, efetuada nas regiões retificadoras, e pelos títulos adquiridos nos trabalhos que abraça, no plano extrafísico, merece a criatura os cuidados preparatórios da nova tarefa em vista, a fim de que haja conjugação de todos os fatores, para que reencontre os credores ou as circunstâncias imprescindíveis, junto aos quais se redima perante a Lei.¹⁴

Os Espíritos no início do processo evolutivo, ou portadores de marcante perturbação espiritual, ou ainda que demonstram persistente estado de rebeldia perante a Lei de Deus, estão temporariamente impedidos de opinar no próprio planejamento reencarnatório. Nesta situação, a experiência reencarnatória é tutelada por um Espírito esclarecido, apresentando

características de compulsoriedade. Como o Espírito não tem condições de programar a sua reencarnação,

“Deus lhe supre a inexperiência [no caso do Espírito simples e ignorante], traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com a criancinha. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha e só então é que muitas vezes lhe acontece extraviar-se, tomando o mau caminho, por desatender os conselhos dos bons Espíritos [...]”⁸

Deus impõe ainda a tutela de um Espírito esclarecido sobre outro

“[...] quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, ao mesmo tempo que lhe sirva de expiação.”⁹

Entretanto, reencarnações se processam, muita vez, sem qualquer consulta, aos que necessitam segregação em certas lutas no plano físico, providências essas comparáveis às que assumimos no mundo com enfermos e criminosos que, pela própria condição ou conduta, perderam temporariamente a faculdade de resolver quanto à sorte que lhes convém no espaço de tempo em que se lhes perdura a enfermidade ou em que se mantenham sob as determinações da justiça.

*São os problemas especiais, em que a individualidade renasce de cérebro parcialmente inibido ou padecendo mutilações congênicas, ao lado daqueles que lhe devem abnegação e carinho.*¹⁵

*O momento preciso para iniciar um planejamento reencarnatório é infinitamente variável de Espírito para Espírito. Depende do grau de entendimento de cada um. Sabe-se, por exemplo, que o Espírito leva mais tempo para fazer a escolha das suas provas quando acredita na eternidade das penas após a desencarnação.*¹⁰

O que motiva um Espírito a fazer a escolha de suas provações, ou concordar com a escolha feita por outro Espírito, é

“[...] a natureza de suas faltas, as que o levem à expiação destas e a progredir mais depressa. Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, objetivando suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar, pelas paixões inferiores que [...] desenvolvem; muitos, finalmente, se decidem a experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contato com o vício.”¹¹

O certo é que

Se soubermos, porém, suar no trabalho honesto, não precisaremos suar e chorar no resgate justo.

E não se diga que todos os infortúnios da marcha de hoje estejam debitados a compromissos de ontem, porque, com a prudência e a imprudência, com a preguiça e o trabalho, com o bem e o mal, melhoramos ou agravamos a nossa

*situação, reconhecendo-se que todo dia, no exercício de nossa vontade, formamos novas causas, refazendo o destino.*¹⁶

Em suma, podemos afirmar que os planejamentos reencarnatórios são muito diversificados, porque diversas são as necessidades humanas.

Cada entidade reencarnante apresenta particularidades essenciais na reconstituição a que se entrega na esfera física, quando cada pessoa expõe características diferentes quando se rende ao processo liberatório, não obstante o nascimento e a morte parecerem iguais.

Os Espíritos categoricamente superiores, quase sempre, em ligação sutil com a mente materna que lhes oferta guarida, podem plasmar por si mesmos, e, não raro, com a colaboração de instrutores da Vida Maior, o corpo em que continuarão as futuras experiências, interferindo nas essências cromossômicas, com vistas às tarefas que lhes cabem desempenhar.

Os Espíritos categoricamente inferiores, na maioria das ocasiões, padecendo monoidéismo tiranizante, entram em simbiose fluídica com as organizações femininas a que se agregam, experimentando o definhamento do corpo espiritual [...], sendo inelutavelmente atraídos ao vaso uterino, em circunstâncias adequadas, para a reencarnação que lhes toca, em moldes inteiramente dependentes da hereditariedade [...].

*Entre ambas as classes, porém, contamos com milhões de Espíritos medianos na evolução, portadores de créditos apreciáveis e dívidas numerosas, cuja reencarnação exige cautela de preparo e esmero de previsão.*¹⁷

No livro de André Luiz *E a vida continua...*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, há o relato, no início do capítulo 26, sobre a existência de um *Instituto de Serviço para Reencarnação* no Plano Espiritual.¹⁸ Na colônia *Nosso Lar* (livro *Nosso lar*, do mesmo autor espiritual), o planejamento reencarnatório está afeto ao *Ministério do Auxílio*.²⁰ Na *Colônia Correccional Maria de Nazaré*, voltada para atendimento aos suicidas, existe o *Departamento de Reencarnação* localizado no extremo da Colônia, segundo as informações que fazem parte do livro *Memórias de um suicida*, segunda parte, obra mediúmica de Yvonne do Amaral Pereira.¹² Os livros *Missionários da luz*, capítulos 12 e 13 e *E a vida continua...*, capítulos 16 a 26 trazem relatos elucidativos sobre o planejamento reencarnatório e as condições de execução das reencarnações.^{18, 19}

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. comentário de Kardec à q. 171.

- 2 _____.
- 3 _____ . q. 258.
- 4 _____ . q. 258-a.
- 5 _____ . q. 259.
- 6 _____.
- 7 _____ . q. 261.
- 8 _____ . q. 262.
- 9 _____ . q. 262-a.
- 10 _____ . q. 263.
- 11 _____ . q. 264.
- 12 PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Memórias de um suicida. Pelo Espírito Camilo Cândido Botelho*. 27. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2018. 2ª pt., cap. 12 – *Prelúdios da reencarnação*.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido.; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. 1ª pt., cap. 19 – *Alma e reencarnação*, it. Depois da morte.
- 14 _____ . it. Sementes de destino.
- 15 _____ . it. Reencarnações especiais.
- 16 _____ . it. Reencarnação e evolução.
- 17 _____ . it. Particularidades da reencarnação.
- 18 XAVIER, Francisco Cândido. *E a vida continua...* Pelo Espírito André Luiz. 35. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2018. caps. 16 a 26.
- 19 _____ . *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 45. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2017. cap. 12 – *Preparação de experiências*; cap. 13 – *Reencarnação*.
- 20 _____ . *Nosso lar*. Pelo Espírito André Luiz. 64. ed. 7. imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 8 – *Organização de serviços*.

ANEXO 1

Estudo de caso simplificado: *A história de Stella*

A seguinte história foi relatada por Edgar Cayce, notável médium americano, cuja última encarnação ocorreu no período de 1877–1945.

Stela Kirby, uma senhora simpática, tranquila e algo tímida, sempre teve vida difícil, sobretudo depois que, por motivos conjugais e financeiros, se viu na contingência de educar a única filha às próprias custas. Amigos aconselharam-na, então, a trabalhar na área de enfermagem.

Tempos depois, Stella foi encaminhada a uma família rica que procurava alguém para cuidar de um parente enfermo. No acerto das condições de trabalho, ficou estipulado que Stella receberia bom salário e local para morar com a filha, em aposentos próprios, na residência dos seus empregadores.

Quando Stella viu, pela primeira vez, o enfermo do qual deveria cuidar, quase desmaiou, chocada com a situação do mesmo. Tratava-se de um homem de 57 anos, em completo estado de retardamento mental. Sua cama era cercada por uma jaula de ferro. O doente ficava, a maior parte do dia, sentado, rasgando a roupa que lhe vestiam; recusava-se a comer, mantendo-se em permanente estado de imundície, devido à falta de controle das funções fisiológicas; o olhar era vago, perdido em si mesmo; a inexpressividade ao falar indicava que não tinha a menor consciência do que ocorria à sua volta.

Tomada de coragem, Stella entrou na jaula para cuidar do seu paciente, mas, devido às condições reinantes, passou tão mal que teve que correr ao banheiro, por não poder controlar as náuseas. Presa de angustiante sentimento de desânimo, imaginou que a tarefa poderia ser superior às suas forças.

Entretanto, ao buscar auxílio com os benfeitores espirituais, por intermédio da mediunidade de Edgar Cayce, estes esclareceram [...] *que já duas vezes no passado os caminhos de Stella e daquele homem se haviam cruzado. No Egito, ele havia sido filho dela; o asco que ora sentia por ele, no entanto, provinha de uma existência no Oriente Médio, na qual ele fora um rico filantropo que, no entanto, levava uma vida de devassidão, numa espécie de harém, onde praticava abusos de toda sorte. Stella fora, então, uma das infelizes que tinham de se submeter aos seus caprichos.* O reencontro de ambos, na presente reencarnação, visava ao perdão mútuo, reajustando-os perante a Lei de Deus.

Stella foi também esclarecida por Cayce que, se soubesse agir com afeto, o doente responderia aos seus cuidados. Cabia-lhe, portanto, aprender a amar o enfermo, disposta a reparar o passado desditoso. Abandoná-lo não seria [...] *solução, porque a ligação entre os dois continuaria em suspenso, a invadir os domínios de futuras existências. Stella jamais ouvira falar de reencarnação. Cayce lhe disse, ainda, que numa outra existência, na Palestina, ela cuidara de crianças defeituosas e que, portanto, estava habilitada ao trabalho junto ao paciente. Ela voltou à tarefa com nova carga de coragem e nova compreensão dos seus problemas. Para encurtar a história: o pobre homem de fato respondeu ao tratamento carinhoso de Stella; começou a alimentar-se espontaneamente, a conservar-se limpo e vestido. Com o olhar pacificado ele seguia Stella, sem perdê-la de vista um minuto.* (Hermínio Corrêa de Miranda. *Reencarnação e imortalidade*. 6. ed. Brasília: FEB, 2010. cap. 21; História adaptada.)

ANEXO 2

Estudo de caso simplificado: Questionário

- 1) Onde, na história, encontramos evidências de um planejamento reencarnatório?
- 2) Que ideias o texto oferece para justificar as evidências indicadas na resposta anterior?

3) Que trecho da história indica que, efetivamente, não há improvisação nos procedimentos que antecedem as experiências reencarnatórias?

4) Seria correto afirmar que todos os personagens citados na história conceberam, por livre iniciativa, o próprio planejamento reencarnatório? Por quê?

5) Tendo como referência as informações que os Espíritos transmitiram a Cayce, que hipóteses poderiam ser concebidas para justificar o estado de debilidade mental do enfermo?

6) Por que o afeto de Stella, em especial, teve o poder de melhorar as condições espirituais do doente?

7) Por que outras pessoas, inclusive os familiares do enfermo, não conseguiram obter os resultados alcançados por Stella?

8) Um ponto – que não escapa à história – diz respeito ao enfermo: ter renascido em uma família rica, a qual poderia assegurar-lhe conforto e recursos materiais. Que explicação espírita poderíamos dar para tal fato, considerando a exposição que foi realizada pelo monitor no início da aula?

9) Será que o médium Edgar Cayce estaria, de alguma forma, vinculado à problemática evidenciada na história? Justifique a resposta.

10) E os pais do enfermo? Teriam eles alguma ligação com Stella? Por que tiveram que passar pela provação de receber aquele Espírito, em especial, como filho?

RETORNO À VIDA CORPORAL: UNIÃO DA ALMA AO CORPO

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar as características do processo da união da alma ao corpo.
- » Refletir sobre a responsabilidade dos pais durante o processo de união da alma ao corpo.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Em que momento a alma se une ao corpo? “A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. [...]” (Allan Kardec, O livro dos espíritos, q. 344).*
- » *Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vital e material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria [do plano físico], se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior (Allan Kardec, A gênese, cap. 11, it. 18).*
- » “[...] A partir do instante da concepção, começa o Espírito a ser tomado de perturbação, que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Essa perturbação cresce de contínuo até o nascimento. Nesse intervalo, seu estado é quase

idêntico ao de um Espírito encarnado durante o sono. [...]” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 351).

- » [...] em milhares de renascimentos, na Terra, os princípios embriogênicos funcionam, automáticos, cada dia. A Lei de Causa e Efeito executa-se sem necessidade de fiscalização da nossa parte. Na reencarnação, basta o magnetismo dos pais, aliado ao forte desejo daquele que regressa ao campo das formas físicas [...] (André Luiz, *Entre a Terra e o céu*, cap. 28 – Retorno).
- » O útero funciona como [...] um vaso anímico de elevado poder magnético ou um molde vivo destinado à fundição e refundição das formas, ao sopro criador da Bondade Divina [...] (André Luiz: *Entre a Terra e o céu*, cap. 28 – Retorno).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Apresentar, no início da reunião, o objetivo do roteiro, realizando breves comentários a respeito do processo de união da alma ao corpo.

Desenvolvimento

Dividir a turma em quatro grupos, orientando-os na realização das seguintes atividades:

Grupo 1 – leitura, troca de ideias e resumo escrito do item 4.1 dos subsídios (União da alma ao corpo), até o primeiro parágrafo da continuação desse item;

Grupo 2 – leitura, troca de ideias e resumo escrito do item 4.1 dos subsídios (União da alma ao corpo), a partir do segundo parágrafo, subitens a, b, c, d;

Grupo 3 – leitura, troca de ideias e resumo escrito do subitem 4.1.1 dos subsídios (O processo da concepção ou fecundação);

Grupo 4 – leitura, troca de ideias e resumo escrito do subitem 4.1.2 dos subsídios (Gravidez ou gestação).

Cada grupo deve indicar um participante para apresentar as conclusões em plenário.

Ouvir os relatos dos grupos, destacando os pontos mais importantes.

Conclusão

Retomar o objetivo, apresentado no início da reunião, explicando o processo de união da alma ao corpo, de acordo com a orientação constante da Referência 2, 5, 7, 11 e 12 deste Roteiro.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as conclusões do trabalho em grupo indicarem que houve correto entendimento do assunto.

Técnica(s): leitura; trabalho em grupo.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; Referências indicadas.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar o estudo com a questão 344 de *O livro dos espíritos*:

Em que momento a alma se une ao corpo?

Solicitar aos participantes que manifestem suas reflexões.

Após reflexões da turma, fazer a leitura da resposta, seguida de breves comentários.

“A união começa na concepção, mas só se completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ele se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

Desenvolvimento

Em seguida, convidar os participantes para apresentarem os resumos da leitura indicada, na semana anterior, como atividade extrarreunião: capítulo 13 – *Reencarnação*, de *Missionários da luz* – André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, obra publicada pela FEB Editora.

Pedir aos participantes ou grupos para apresentarem a conclusão de seus estudos.

Logo após, propor a leitura comentada das questões 344 a 360 de *O livro dos espíritos* (o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia das questões).

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações, relacionando o conteúdo do capítulo 13 – *Reencarnação*, de *Missionários da luz*, com as questões de *O livro dos espíritos*, enriquecendo e aprofundando o assunto.

Propor uma discussão circular.

Que conclusão chegamos acerca da união da alma ao corpo?

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Eu valorizo minha reencarnação?

Conclusão

Concluir o estudo reforçando:

“A união começa na concepção, mas só se completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ele se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): estudo dirigido; atividade de grupo; explosão de ideias; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): *O livro dos espíritos*; *Missionários da luz*.

4 SUBSÍDIOS

4.1 UNIÃO DA ALMA AO CORPO

“A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz.”⁵

[...] *Este laço se estreita cada vez mais, à medida que o corpo se vai desenvolvendo. Desde esse momento, o Espírito sente uma perturbação que cresce*

*sempre; ao aproximar-se do nascimento, ocasião em que ela se torna completa, o Espírito perde a consciência de si e não recobra as ideias senão gradualmente, a partir do momento em que a criança começa a respirar; a união então é completa e definitiva.*⁹

“É definitiva a união, no sentido de que outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo. Mas, como os laços que ao corpo o prendem são ainda muito fracos, facilmente se rompem e podem romper-se por vontade do Espírito, se este recua diante da prova que escolheu. Em tal caso, porém, a criança não vinga.”⁶

A perturbação que acompanha o Espírito

“[...] o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Essa perturbação cresce de contínuo até ao nascimento. Nesse intervalo, seu estado é quase idêntico ao de um Espírito encarnado durante o sono. À medida que a hora do nascimento se aproxima, suas ideias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual deixa de ter consciência na condição de homem, logo que entra na vida. Essa lembrança, porém, lhe volta pouco a pouco ao retornar ao estado de Espírito.”⁷

Assim, o Espírito

*[...] jamais presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, começa o Espírito a recobrar as faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e consolidam os órgãos que lhes hão de servir às manifestações.*³

*Mas, ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões anteriormente adquiridas, que haviam ficado temporariamente em estado de latência e que, voltando à atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que antes. Ele renasce qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir.*⁴

O laço fluídico que prende o Espírito ao corpo é o próprio perispírito, que, como sabemos,

É semimaterial [...], isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. [...]

*O fluido perispírico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Enquanto aquele se acha unido ao corpo, serve-lhe ele de veículo ao pensamento, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações que os agentes exteriores produzam. Servem-lhe de fios condutores os nervos como, no telégrafo, ao fluido elétrico serve de condutor o fio metálico.*¹

Dessa forma, quando

[...] o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vital e material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior.²

As elucidativas informações sobre a reencarnação de Segismundo e a de Mancini, relatadas pelo Espírito André Luiz, respectivamente, nos capítulos 13 e 14 do livro *Missionários da luz*, e a partir do capítulo 16 de *E a vida continua...*, representam fontes de conhecimentos sobre o assunto. Resumidamente, André Luiz nos informa o seguinte:

a) Os processos de reencarnação estão subordinados à evolução do Espírito reencarnante.

[...] Há companheiros de grande elevação que, ao voltarem à esfera mais densa em apostolado de serviço e iluminação, quase dispensam o nosso concurso. Outros irmãos nossos, contudo, procedentes de zonas inferiores, necessitam de cooperação muito mais complexa que a exercida no caso de Segismundo.

[...]

– A reencarnação de Segismundo obedece às diretrizes mais comuns. Traduz expressão simbólica da maioria dos fatos dessa natureza, porquanto o nosso irmão pertence à enorme classe média dos Espíritos que habitam a crosta, nem altamente bons, nem conscientemente maus [...].¹⁷

b) O processo de redução, miniaturização ou restringimento do perispírito, ocorrido no [...] *Plano Espiritual*, significa estágio preparatório para nova reencarnação.¹⁰ A tarefa de redução perispiritual, executada por Espíritos construtores, tem como base os processos de magnetização e mentalização. O Espírito submetido a esses processos desenvolve uma palidez característica no perispírito e significativa diminuição da lucidez mental. Ao mesmo tempo, o Espírito em vias de reencarnar é induzido a mentalizar a forma pré-infantil e o retorno ao útero materno, como também a lembrar-se da organização fetal, imaginando a necessidade de tornar-se criança. Essa tarefa não é curta, nem simples, requisitando esforço geral dos colaboradores para a redução necessária.¹⁶

c) Um colaborador espiritual é designado para acompanhar a reencarnação do Espírito [...] *até que ele atinja os 7 anos, após o renascimento, ocasião em que o processo reencarnacionista estará consolidado. Depois desse período, a sua tarefa de amigo e orientador será amenizada, visto que seguirá o nosso irmão em sentido mais distante. [...] tomará todas as providências indispensáveis à harmoniosa organização fetal, seja auxiliando o reencarnante, seja defendendo o templo maternal contra o assédio de forças menos dignas [...].*¹⁸

d) Em relação à herança genética, o [...] *organismo dos nascituros, em sua expressão mais densa, provém do corpo dos pais, que lhes entretêm a vida e lhes criam os caracteres com o próprio sangue; todavia, em semelhante imperativo das Leis Divinas para o serviço de reprodução das formas, não devemos ver a subversão dos princípios de liberdade espiritual, imanente na ordem da Criação Infinita. Por isso mesmo, a criatura terrena herda tendências e não qualidades. As primeiras cercam o homem que renasce, desde os primeiros dias de luta, não só em seu corpo transitório, mas também no ambiente geral a que foi chamado a viver, aprimorando-se; as segundas resultam do labor individual da alma encarnada, na defesa, educação e aperfeiçoamento de si mesma nos círculos benditos da experiência [...].*¹⁹

Em relação à influência genética no corpo de Segismundo, encontramos os seguintes esclarecimentos do benfeitor Alexandre a André Luiz:

*[...] A forma física futura de nosso amigo Segismundo dependerá dos cromossomos paternos e maternos; adicione, porém, a esse fator primordial, a influência dos moldes mentais de Raquel [genitora de Segismundo], a atuação do próprio interessado, o concurso dos Espíritos construtores, que agirão como funcionários da natureza divina, invisíveis ao olhar terrestre, o auxílio afetivo das entidades amigas que visitarão constantemente o reencarnante, nos meses de formação do novo corpo, e poderá fazer uma ideia do que vem a ser o templo físico que ele possuirá [...].*²⁰

4.1.1 O processo da concepção ou fecundação

Nos [...] *milhares de renascimentos, na Terra, os princípios embriogênicos funcionam, automáticos, cada dia. A Lei de Causa e Efeito executa-se sem necessidade de fiscalização da nossa parte. Na reencarnação, basta o magnetismo dos pais, aliado ao forte desejo daquele que regressa ao campo das formas físicas. [...] De modo geral, a maioria das almas que reencarnam satisfazem à fome inquietante de recomeço. [...] Milhões de destinos se reestruturam dessa forma, qual se refaz uma grande floresta. A sementeira cresce, estimulada pelo magnetismo do solo; a existência corpórea germina de novo, incentivada pelo magnetismo da carne...*¹¹

Nesse sentido, o útero funciona como

[...] um vaso anímico de elevado poder magnético ou um molde vivo destinado à fundição e refundição das formas, ao sopro criador da Bondade Divina, que, em toda parte, nos oferece recursos ao desenvolvimento para a sabedoria e para o amor. Esse vaso atrai a alma sequiosa de renascimento e que lhe é afim, reproduzindo-lhe o corpo denso, no tempo e no espaço, como a terra engole a semente para doar-lhe nova germinação, consoante os princípios que encerra. Maternidade é sagrado serviço espiritual em que a alma se demora séculos, na maioria das vezes aperfeiçoando qualidades do sentimento.¹²

É oportuno considerar que, em atendimento a certas imposições do planejamento reencarnatório, o processo de fecundação pode ser conduzido por orientadores espirituais altamente qualificados. Na reencarnação de Segismundo temos a informação de que o benfeitor Alexandre,

[...] em vista de ser o missionário mais elevado do grupo em operação de auxílio, dirigia os serviços graves da ligação primordial [concepção]. Segundo depreendi [esclarece André Luiz], ele podia ver as disposições cromossômicas de todos os princípios masculinos em movimento, depois de haver observado, atentamente, o futuro óvulo materno, presidindo ao trabalho prévio de determinação do sexo do corpo a organizar-se.

Após acompanhar, profundamente absorto no serviço, a marcha dos minúsculos competidores que constituíam a substância fecundante, identificou o mais apto, fixando nele o seu potencial magnético, dando-me a ideia de que o ajudava a desembaraçar-se dos companheiros para que fosse o primeiro a penetrar a pequenina bolsa maternal. O elemento focalizado por ele ganhou nova energia sobre os demais e avançou rapidamente na direção do alvo. A célula feminina que, em face do microscópico projétil espermático, se assemelhava a um pequeno mundo arredondado de açúcar, amido e proteínas, aguardando o raio vitalizante, sofreu a dilaceração da cutícula, à maneira de pequenina embarcação torpedeada, e enrijeceu-se, de modo singular, cerrando os poros tenuíssimos [...], e impedindo a intromissão de qualquer outro dos competidores, que haviam perdido a primeira posição na grande prova. Sempre sob o influxo luminoso-magnético de Alexandre, o elemento vitorioso prosseguiu a marcha, depois de atravessar a periferia do óvulo, gastando pouco mais de quatro minutos para alcançar o seu núcleo. Ambas as forças, masculina e feminina, formavam agora uma só, convertendo-se ao meu olhar em tenuíssimo foco de luz. O meu orientador, absolutamente entregue ao seu trabalho, tocou a pequenina forma com a destra, mantendo-se no serviço de divisão da cromatina [substância constituinte do cromossomo de todas as células evolutivamente superiores (células eucariotas), composta de DNA, RNA e proteínas. A cromatina sexual ou corpúsculo de Barr é uma estrutura formada de cromossomo X, condensado e inativo, encontrada apenas nas células das mulheres e demais mamíferos do sexo feminino] [...] conservando a atitude do cirurgião seguro de si, na técnica operatória. Em seguida, Alexandre

*ajustou a forma reduzida de Segismundo, que se interpenetrava com o organismo perispiritico de Raquel, sobre aquele microscópico globo de luz, impregnado de vida, e observei que essa vida latente começou a movimentar-se.*²¹

4.1.2 Gravidez ou gestação

Durante a vida intrauterina, tanto o embrião quanto o feto têm uma vida semelhante à “[...] da planta que vegeta. A criança vive vida animal. O homem tem a vida vegetal e a vida animal que, pelo seu nascimento, se completam com a vida espiritual”⁸

*– O organismo maternal fornecerá todo o alimento para a organização básica do aparelho físico, enquanto a forma reduzida [do Espírito reencarnante] [...], atuará como ímã entre limalhas de ferro, dando forma consistente à sua futura manifestação no cenário da crosta.*²²

Retornemos ao exemplo da reencarnação de Segismundo. Nesse caso, André Luiz reconhece que, após a fecundação ocorrida sob a direção de Alexandre,

*[...] o serviço de segmentação celular e ajustamento dos corpúsculos divididos ao molde do corpo perispiritico, em redução, era francamente mecânico, obedecendo a disposições naturais do campo orgânico, mas toda a entidade microscópica do desenvolvimento da estrutura celular recebia o toque magnético das generosas entidades em serviço, dando-me a ideia de que toda a célula-filha era convenientemente preparada para sustentar a tarefa da iniciação do aparelho futuro.*²³

*[...] A mulher grávida, além da prestação de serviço orgânico à entidade que se reencarna, é igualmente estrangida a suportar-lhe o contato espiritual, que sempre constitui um sacrifício quando se trata de alguém com escuros débitos de consciência. A organização feminina, durante a gestação, sofre verdadeira enxertia mental. Os pensamentos do ser que se acolhe ao santuário íntimo, envolvem-na totalmente, determinando significativas alterações em seu cosmo biológico. Se o filho é senhor de larga evolução e dono de elogiáveis qualidades morais, consegue auxiliar o campo materno, prodigalizando-lhe sublimadas emoções e convertendo a maternidade, habitualmente dolorosa, em estação de esperanças e alegrias intraduzíveis [...].*¹³

*[...] A corrente de troca entre mãe e filho não se circunscreve à alimentação de natureza material; estende-se ao intercâmbio constante das sensações diversas. [...] As mentes de um e de outro como que se justapõem, mantendo-se em permanente comunhão, até que a Natureza complete o serviço que lhe cabe no tempo. De semelhante associação, procedem os chamados “sinais de nascença”. Certos estados íntimos da mulher alcançam, de algum modo, o princípio fetal, marcando-o para a existência inteira. É que o trabalho da maternidade assemelha-se a delicado processo de modelagem, requisitando, por isso mesmo, muita cautela e harmonia para que a tarefa seja perfeita.*¹⁴

– É comum a verificação de exagerada sensibilidade na mulher que engravida. A transformação do sistema nervoso, nessas circunstâncias, é indiscutível. [...]

[...]

– A explicação é muito clara. A gestante é uma criatura hipnotizada a longo prazo. Tem o campo psíquico invadido pelas impressões e vibrações do Espírito que lhe ocupa as possibilidades para o serviço de reincorporação no mundo. Quando o futuro filho não se encontra suficientemente equilibrado diante da Lei, e isso acontece quase sempre, a mente maternal é suscetível de registrar os mais estranhos desequilíbrios, porque, à maneira de um médium, estará transmitindo opiniões e sensações da entidade que a empolga.¹⁵

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 11, it. 17.
- 2 _____. _____. it. 18.
- 3 _____. _____. it. 20.
- 4 _____. _____. it. 21.
- 5 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. q. 344.
- 6 _____. _____. q. 345.
- 7 _____. _____. q. 351.
- 8 _____. _____. q. 354.
- 9 _____. *O que é o espiritismo*. Trad. Redação de Reformador em 1884. 56. ed. 1. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2013. cap. 3 – *Solução de alguns problemas pela Doutrina Espírita*, it. O homem durante a vida terrena, perg. 116.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *E a vida continua...* Pelo Espírito André Luiz. 35. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2018. cap. 16 – *Trabalho renovador*, (nota de rodapé).
- 11 _____. *Entre a Terra e o Céu*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. cap. 28 – Retorno.
- 12 _____. _____.
- 13 _____. _____. cap. 30 – *Luta para renascer*.
- 14 _____. _____.
- 15 _____. _____.
- 16 _____. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 45. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2017. cap. 13 – *Reencarnação*.
- 17 _____. _____.
- 18 _____. _____.

- 19 _____.
- 20 _____.
- 21 _____.
- 22 _____.
- 23 _____, cap. 14 – *Proteção*.

RETORNO À VIDA CORPORAL: A INFÂNCIA

1 OBJETIVO ESPECÍFICO

- » Refletir sobre a importância da passagem do Espírito pelo estado de infância.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Qual, para este [o Espírito], a utilidade de passar pelo estado de infância? “Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.” (Allan Kardec, O livro dos espíritos, q. 383).*
- » *A partir do nascimento, suas ideias [do Espírito] tomam gradualmente impulso, à medida que os órgãos se desenvolvem, pelo que se pode dizer que, no curso dos primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, por se acharem ainda adormecidas as ideias que lhe formam o fundo do caráter [...] (Allan Kardec, O evangelho segundo o espiritismo, cap. 8, it. 4).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Introduzir o tema por meio de uma pergunta:

Por que temos que passar pelo estado de infância?

Projetar, simultaneamente, uma imagem de crianças brincando com alegria e descontração.

Desenvolvimento

Anotar as colocações feitas pelos participantes com referência à pergunta.

Propor, em seguida, a leitura individual do subsídios, para posterior discussão em plenária. Para melhor condução do debate, ter como referência as questões 183, 199, 383 e 385 de *O livro dos espíritos*, e o item 4 do capítulo 8 de *O evangelho segundo o espiritismo*.

Conduzir o debate de forma a possibilitar a participação de todos, levando a uma ampla discussão do assunto.

Conclusão

Ao final, o facilitador deverá reagrupar as ideias dispersas, realizando um fechamento do assunto.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes debaterem o assunto com interesse, demonstrando entendimento das ideias desenvolvidas no estudo.

Técnica(s): leitura individual e debate.

Recurso(s): recursos visuais e subsídios do Roteiro.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Introduzir o tema por meio de uma pergunta:

Por que temos que passar pelo estado de infância?

Desenvolvimento

Após comentários breves, dividir a turma em grupos e propor:

- » A leitura comentada, entre eles, dos subsídios;
- » A criação de uma linha do tempo contendo as informações dos conteúdos estudados sobre a reencarnação, iniciando no planejamento reencarnatório indo até a infância.

Os participantes devem consultar, se precisarem, subsídios do Roteiro e *O livro dos espíritos*, ou outros indicados nas Referências.

Chamar os grupos para apresentarem seus trabalhos, comentando-os.

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva.

Convidar os participantes:

Todos nós temos momentos que nos marcaram. Alguém tem uma lembrança boa, de sua infância, que gostaria de compartilhar?

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Supondo que estivesse no Plano Espiritual e fosse convidado para planejar sua próxima encarnação, o que planejaria?

Conclusão

Concluir o estudo reforçando a importância da reencarnação como oportunidade de recomeço, aprendizagens novas e crescimento moral e intelectual.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): atividade de grupo; explosão de ideias; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; *O livro dos espíritos*.

4 SUBSÍDIOS

[...] ao aproximar-se-lhe a encarnação, o Espírito entra em perturbação e perde, pouco a pouco a consciência de si mesmo, ficando, por certo tempo, numa espécie de sono, durante o qual todas as suas faculdades permanecem em estado latente. É necessário esse estado de transição para que o Espírito tenha um novo ponto de partida e para que esqueça, em sua nova existência, tudo aquilo que a possa entorpecer. Sobre ele, no entanto, reage o passado. [...] renasce melhor, mais forte, moral e intelectualmente, sustentado e secundado pela intuição que conserva da experiência adquirida.

A partir do nascimento, suas ideias tomam gradualmente impulso, à medida que os órgãos se desenvolvem, pelo que se pode dizer que, no curso dos primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, por se acharem ainda adormecidas as ideias que lhe formam o fundo do caráter. Durante o tempo em que seus instintos se conservam amodorrados, ele é mais maleável e, por isso mesmo, mais acessível às impressões capazes de lhe modificarem a natureza e de fazê-lo progredir, o que torna mais fácil a tarefa que incumbe aos pais.²

A infância começa com o nascimento. Compreende o período de desenvolvimento da personalidade, iniciado no parto e completado com a chegada das primeiras manifestações da puberdade, marco inicial da adolescência. Durante o período de infância a criança não só muda com a idade, como revela características individuais, cujo ritmo varia de indivíduo para indivíduo. Para o Espiritismo, infância é um estado que “[...] corresponde a uma necessidade, está na ordem da natureza e de acordo com as vistas da Providência. *É um período de repouso do Espírito*”⁷

“Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.”⁸

As diferenças individuais observadas nas crianças resultam da carga genética herdada dos pais, da educação recebida, das tendências instintivas e das ideias inatas que o Espírito traz ao renascer. As transformações neurofisiológicas e bioquímicas do corpo físico seguem as leis da genética, tendo em vista a moldagem da personalidade infantil prevista no planejamento reencarnatório. A educação, ou fator cultural, propicia condições ao desenvolvimento intelecto-moral e à explicitação de conquistas evolutivas anteriormente adquiridas pelo Espírito. As tendências instintivas e as ideias inatas surgem sob a forma de lembranças fragmentárias das conquistas e dos fracassos que o Espírito traz consigo à luta reencarnatória.

É importante destacar que a memória integral das experiências reencarnatórias encontra-se bloqueada, a fim de que o Espírito possa melhor aproveitar os benefícios objetivados pela reencarnação.

[...] Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entrar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.

Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido.

Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial.

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se

se vê punido, é que praticou o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações.¹

“As crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhes possam imputar excessiva severidade, dá-lhes ele todos os aspectos da inocência. Ainda quando se trata de uma criança de maus pendores, cobrem-se-lhe as más ações com a capa da inconsciência. Essa inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes, não. É a imagem do que deveriam ser e, se não o são, o conseqüente castigo exclusivamente sobre elas recai.

Não foi, todavia, por elas somente que Deus lhes deu esse aspecto de inocência; foi também e sobretudo por seus pais, de cujo amor necessita a fraqueza que as caracteriza. Ora, esse amor se enfraqueceria grandemente à vista de um caráter áspero e intratável, ao passo que, julgando seus filhos bons e doces, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados. Desde que, porém, os filhos não mais precisam da proteção e assistência que lhes foram dispensadas durante 15 ou 20 anos, surge-lhes o caráter real e individual em toda a nudez. Conservam-se bons, se eram fundamentalmente bons; mas, sempre irisados de matizes que a primeira infância manteve ocultos.”⁹

Aliás, não é racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Não se veem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação? Algumas não há que parecem trazer do berço a astúcia, a felonía, a perfídia, até pendor para o roubo e para o assassinio, não obstante os bons exemplos que de todos os lados se lhes dão? A lei civil as absolve de seus crimes, porque, diz ela, obraram sem discernimento. Tem razão a lei, porque, de fato, elas obram mais por instinto do que intencionalmente. Donde, porém, provirão instintos tão diversos em crianças da mesma idade, educadas em condições idênticas e sujeitas às mesmas influências? Donde a precoce perversidade, senão da inferioridade do Espírito, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso? As que se revelam viciosas, é porque seus Espíritos muito pouco hão progredido. Sofrem então, por efeito dessa falta de progresso, as conseqüências, não dos atos que praticam na infância, mas dos de suas existências anteriores. Assim é que a lei é uma só para todos e que todos são atingidos pela Justiça de Deus.⁵

“A infância ainda tem outra utilidade. Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas.

Assim, portanto, a infância é não só útil, necessária, indispensável, mas também conseqüência natural das Leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.”¹⁰

Nesse sentido, tanto a paternidade quanto a maternidade são consideradas uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve

[...] “mais do que o pensa o homem, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização débil e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Muitos há, no entanto, que mais cuidam de apumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que de formar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem.”¹¹

Por outro lado, os pais que dispensaram todos os cuidados na educação do filho, não devem sentir-se responsáveis pelo transviamento deste, “[...] porém, quanto piores forem as propensões do filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior o mérito dos pais, se conseguirem desviá-lo do mau caminho”¹²

Durante a infância não há possibilidade da livre manifestação do Espírito, porque,

“Desde que se trate de uma criança, é claro que, não estando ainda nela desenvolvidos, não podem os órgãos da inteligência dar toda a intuição própria de um adulto ao Espírito que a anima. Este, pois, tem, efetivamente, limitada a inteligência, enquanto a idade lhe não amadurece a razão. A perturbação que o ato da encarnação produz no Espírito não cessa de súbito, por ocasião do nascimento. Só gradualmente se dissipa, com o desenvolvimento dos órgãos.”⁶

O estado de infância parece ser uma lei de ocorrência universal nos diferentes mundos habitados, porque, quando Allan Kardec perguntou aos Espíritos Superiores: *Indo de um mundo para outro, o Espírito passa por nova infância?* Como resposta, recebeu o seguinte esclarecimento: “Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas não é, em toda parte, tão obtusa como no vosso mundo.”³

Finalmente, é importante saber que justificativa o Espiritismo apresenta para a elevada mortalidade infantil existente no nosso planeta, em especial nos países de condições socioeconômicas precárias. Para os Espíritos orientadores,

“A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes

do momento em que devera terminar, e sua morte, também não raro, constitui provação ou expiação para os pais.”⁴

*Se uma única existência tivesse o homem e se, extinguindo-se-lhe ela, sua sorte ficasse decidida para a eternidade, qual seria o mérito de metade do gênero humano, da que morre na infância, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna e com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão duras, a que se vê submetida a outra metade? Semelhante ordem de coisas não corresponderia à Justiça de Deus. Com a reencarnação, a igualdade é real para todos. O futuro a todos toca sem exceção e sem favor para quem quer que seja. Os retardatários só de si mesmos se podem queixar. Forçoso é que o homem tenha o merecimento de seus atos, como tem deles a responsabilidade.*⁵

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017. cap. 5, it. 11.
- 2 _____. _____. cap. 8, it. 4.
- 3 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica) Brasília: FEB, 2019. q. 183.
- 4 _____. _____. q. 199.
- 5 _____. _____. comentário de Kardec à q. 199-a.
- 6 _____. _____. q. 380.
- 7 _____. _____. q. 382.
- 8 _____. _____. q. 383.
- 9 _____. _____. q. 385.
- 10 _____. _____.
- 11 _____. _____. q. 582.
- 12 _____. _____. q. 583.

O ESQUECIMENTO DO PASSADO: JUSTIFICATIVAS DA SUA NECESSIDADE

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar as justificativas para o esquecimento do passado.
- » Refletir sobre os benefícios do esquecimento do passado para o processo educativo do Espírito.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Por que perde o Espírito encarnado a lembrança do seu passado? “Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Deus assim o quer em sua sabedoria [...]. Esquecido de seu passado ele é mais senhor de si.” (Allan Kardec, O livro dos espíritos, q. 392).*
- » *Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores [...]. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entravar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais (Allan Kardec, O evangelho segundo o espiritismo, cap. 5, it. 11).*
- » *Não temos, é certo, durante a vida corpórea, lembrança exata do que fomos e do que fizemos em anteriores existências; mas temos de tudo isso a intuição, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado (Allan Kardec, O livro dos espíritos, comentário de Kardec à q. 393).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Projetar, por meio de recurso visual, a questão 392 de *O livro dos espíritos*.

Pedir aos participantes que respondam à indagação, emitindo livremente opiniões.

Ouvir as respostas, apresentando, em outra projeção, a que foi dada a Kardec pelos Espíritos Superiores. Prestar esclarecimentos a respeito dessas orientações.

Desenvolvimento

Dividir a turma em dois grandes grupos, orientando-os na realização das seguintes atividades:

Grupo 1 – recebimento de uma folha de papel-pardo e de alguns pincéis atômicos. Os participantes deste grupo devem escrever, no cartaz, justificativas sobre a importância do esquecimento das experiências reencarnatórias anteriores.

Grupo 2 – recebimento de uma folha de papel pardo e de alguns pincéis atômicos. Os participantes deste grupo devem escrever, no cartaz, justificativas sobre a importância de se recordar experiências reencarnatórias anteriores.

Pedir aos grupos que afixem os cartazes no mural da sala e que defendam, em plenário, as ideias anotadas. Fazer as intervenções consideradas úteis ao bom desenvolvimento do trabalho.

Em seguida, entregar aos participantes um texto contendo uma síntese dos conteúdos das Referências 2, 3 e 7.

Solicitar a leitura silenciosa e atenta da síntese.

Terminada a leitura, sugerir à turma que faça:

a) uma avaliação dos pontos de vista emitidos, anteriormente, no trabalho em plenário;

b) possíveis correções nas ideias anotadas nos cartazes, adequando-as ao pensamento espírita.

Conclusão

Encerrar o estudo apresentando a orientação que o Espírito Emmanuel dá sobre o tema, e que consta no capítulo 14 – *A subconsciência nos fenômenos psíquicos*, a mensagem no item 14.2 – *Olvido temporário* (veja no livro *Emmanuel*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, FEB Editora).

Ao final, o facilitador deverá reagrupar as ideias dispersas, realizando um fechamento do assunto.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes demonstrarem aceitação e entendimento das ideias que tratam da necessidade do esquecimento do passado.

Técnica(s): explosão de ideias; defesa e avaliação de ideias.

Recurso(s): cartazes; pincel atômico; textos.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Introduzir o tema por meio da questão 392 de *O livro dos espíritos*:

Por que perde o Espírito encarnado a lembrança do seu passado?

Após a manifestação dos participantes, fazer a leitura da resposta, comentando-a.

Desenvolvimento

Após comentários, fazer a leitura comentada das questões 392 a 399 de *O livro dos espíritos* (o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia das questões).

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão em construção coletiva, com base nas questões de *O livro dos espíritos* e nos subsídios do Roteiro.

Convidá-los para a seguinte discussão circular:

De que me serve a lembrança do passado para as conquistas atuais?

O facilitador, nesse momento, reforça a bênção divina do esquecimento do passado.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Você tem condições psicológicas e emocionais para lembrar de seu passado?

Conclusão

Concluir o estudo apresentando a orientação que o Espírito Emmanuel dá sobre o tema, e que consta no capítulo 14 – *A subconsciência nos fenômenos psíquicos*, a mensagem no item 14.2 – *Olvido temporário* (veja no livro *Emmanuel*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, FEB Editora).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; *O livro dos espíritos*; texto de Emmanuel.

4 SUBSÍDIOS

Mergulhado na vida corpórea, perde o Espírito, momentaneamente, a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as cobrisse. Todavia, conserva algumas vezes vaga consciência dessas vidas, que, mesmo em certas circunstâncias, lhe podem ser reveladas. Esta revelação, porém, só os Espíritos Superiores espontaneamente lhe fazem, com um fim útil, nunca para satisfazer a vã curiosidade, [...]

O esquecimento das faltas praticadas não constitui obstáculo à melhoria do Espírito, porquanto, se é certo que este não se lembra delas com precisão, não menos certo é que a circunstância de as ter conhecido na erraticidade e de haver desejado repará-las o guia por intuição e lhe dá a ideia de resistir ao mal, ideia que é a voz da consciência, tendo a secundá-la os Espíritos Superiores que o assistem, se atende às boas inspirações que lhe dão.

O homem não conhece os atos que praticou em suas existências pretéritas, mas pode sempre saber qual o gênero das faltas de que se tornou culpado e qual o cunho predominante do seu caráter. Bastará então julgar do que foi, não pelo que é, sim, pelas suas tendências.

As vicissitudes da vida corpórea constituem expiação das faltas do passado e, simultaneamente, provas com relação ao futuro. Depuram-nos e elevam-nos, se as suportamos resignados e sem murmurar.

A natureza dessas vicissitudes e das provas que sofreremos também nos podem esclarecer acerca do que fomos e do que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos dos atos de um culpado pelo castigo que lhe inflige a lei. Assim, o orgulhoso será castigado no seu orgulho, mediante a humilhação de uma existência subalterna; o mau rico, o avarento, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado etc.³

Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entravar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.

Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quicá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido.

Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial.

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se se vê punido, é que praticou o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações.

Aliás, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Volvendo à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado; nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, a qual não obsta a que, no dia seguinte, nos recordemos do que tenhamos feito na véspera e nos dias precedentes.

E não é somente após a morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode dizer-se que jamais a perde, pois que, como a experiência o demonstra, mesmo encarnado, adormecido o corpo, ocasião em que goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre com justiça. A lembrança unicamente se apaga no curso da vida exterior, da vida de relação, mas na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicá-lo nas suas relações sociais, forças novas haure ele nesses instantes de emancipação da alma, se os sabe aproveitar.¹

Percebemos, dessa forma, que no esquecimento do passado

[...] a bondade do Criador se manifesta, porquanto, adicionada aos amargores de uma nova existência, a lembrança muitas vezes aflitiva e humilhante, do passado, poderia turbá-lo [o Espírito] e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, por lhe ser isso útil. Se às vezes lhe é dado ter uma intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugitivo. Ei-lo, pois, novo homem, por mais antigo que seja como Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições precedentes [...].²

O esquecimento do passado,

[...] obedecendo às leis superiores que presidem ao destino, representa a diminuição do estado vibratório do Espírito, em contato com a matéria. Esse olvido é necessário, e, afastando-se os benefícios espirituais que essa questão implica, à luz das concepções científicas, pode esse problema ser estudado atenciosamente.

Tomando um novo corpo, a alma tem necessidade de adaptar-se a esse instrumento. Precisa abandonar a bagagem dos seus vícios, dos seus defeitos, das suas lembranças nocivas, das suas vicissitudes nos pretéritos tenebrosos. Necessita de nova virgindade; um instrumento virgem lhe é então fornecido. Os neurônios desse novo cérebro fazem a função de aparelhos quebradores da luz; o sensorio limita as percepções do Espírito, e, somente assim, pode o ser reconstruir o seu destino. Para que o homem colha benefícios da sua vida temporária, faz-se mister que assim seja.

Sua consciência é apenas a parte emergente da sua consciência espiritual; seus sentidos constituem apenas o necessário à sua evolução no plano terrestre. Daí, a exiguidade das suas percepções visuais e auditivas, em relação ao número inconcebível de vibrações que o cercam.⁵

Todavia, como o esquecimento não é absoluto,

[...] dentro dessa obscuridade requerida pela sua necessidade de estudo e desenvolvimento, experimenta a alma, às vezes, uma sensação indefinível... é uma vocação inata que a impele para esse ou aquele caminho; é uma saudade vaga e incompreensível, que a persegue nas suas meditações; são os fenômenos introspectivos, que a assediam frequentemente.

Nesses momentos, uma luz vaga da subconsciência atravessa a câmara de sombras, impostas pelas células cerebrais, e, através dessa luz coada, entra o Espírito em vaga relação com o seu passado longínquo; tais fatos são vulgares nos seres evolidos, sobre quem a carne já não exerce atuação invencível. Nesses vagos instantes, parece que a alma encarnada ouve o tropel das lembranças que passam em revoada; aversões antigas, amores santificantes, gostos aprimorados, de tudo aparece uma fração no seu mundo consciente; mas, faz-se mister olvidar o passado para que se alcance êxito na luta.⁶

É oportuno lembrar que – conforme nos esclarece o Espiritismo –, a nitidez das lembranças acompanha o nosso progresso espiritual.

[...] Assim como as fibras do cérebro são as últimas a se consolidarem no veículo físico em que encarnamos na Terra, a memória perfeita é o derradeiro altar que instalamos, em definitivo, no templo de nossa alma, que, no planeta, ainda se encontra em fases iniciais de desenvolvimento. É por isso que nossas recordações são fragmentárias... Todavia, de existência a existência, de ascensão em ascensão, nossa memória gradativamente converte-se em visão imperecível, a serviço de nosso espírito imortal...⁷

Léon Denis assinala que

O esquecimento do passado é a condição indispensável de toda prova e de todo progresso. O nosso passado guarda as suas manchas e nódoas. Percorrendo a série dos tempos, atravessando as idades de brutalidade, devemos ter acumulado bastantes faltas, bastantes iniquidades. Libertos apenas ontem da barbaria, o peso dessas recordações seria acabrunhador para nós. A vida terrestre é, algumas vezes, difícil de suportar; ainda mais o seria se, ao cortejo dos nossos males atuais, acrescesse a memória dos sofrimentos ou das vergonhas passadas.

A recordação de nossas vidas anteriores não estaria também ligada à do passado dos outros?

Subindo a cadeia de nossas existências, o trecho de nossa própria história, encontraríamos o vestígio das ações de nossos semelhantes.

As inimizades perpetuar-se-iam; as rivalidades, os ódios e as discórdias agravar-se-iam de vida em vida, de século em século. Os nossos inimigos, as nossas vítimas de outrora, reconhecer-nos-iam e estariam a perseguir-nos com sua vingança.

Bom é que o véu do esquecimento nos oculte uns aos outros, e que, apagando momentaneamente de nossa memória penosas recordações, nos livre de um remorso incessante. O conhecimento das nossas faltas e suas conseqüências, erguendo-se diante de nós como ameaça medonha e perpétua, paralisaria os nossos esforços, tornaria estéril e insuportável a nossa vida.

Sem o esquecimento, os grandes culpados, os criminosos célebres estariam marcados a ferro em brasa por toda a eternidade. Vemos os condenados da justiça humana, depois de sofrida a pena, serem perseguidos pela desconfiança universal, repelidos com horror por uma sociedade que lhes recusa lugar em seu seio, e assim muitas vezes os atira ao exército do mal. Que seria se os crimes do passado longínquo se desenhasssem aos olhos de todos?

Quase todos temos necessidade de perdão e de esquecimento. A sombra que oculta as nossas fraquezas e misérias conforta-nos o ser, tornando-nos menos penosa a reparação [...].⁴

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017. cap. 5, it. 11.
- 2 _____. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 11, it. 21.
- 3 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. comentário de Kardec à q. 399.
- 4 DENIS, Léon. *Depois da morte*. Trad. João Lourenço de Souza. 28. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2016. 2ª pt., cap. 14 – *Objecções*.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 5. imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 14 – *A subconsciência nos fenômenos psíquicos*, it. 14.2 O olvido temporário.
- 6 _____. _____. it. 14.3 As recordações.
- 7 _____. *Entre a Terra e o Céu*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. cap. 8 – *Deliciosa excursão*.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO VII

Pluralidade dos mundos habitados

OBJETIVO GERAL

Possibilitar conhecimento a respeito da existência, da formação e das diversas categorias de mundos habitados.

“Deus disse: ‘Faça-se a luz!’
E a luz foi feita” (*Gênesis*, 1:3).

O FLUIDO CÓSMICO UNIVERSAL E O FLUIDO VITAL

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar o conceito de fluido cósmico universal.
- » Refletir sobre a função do fluido vital.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora do mundo e dos seres. Ao éter são inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo [...]* (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 6, it. 10).
- » *A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz [...]* (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 6, it. 17).
- » *[...] Como princípio elementar do Universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível [...]* (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 14, it. 2).
- » O fluido vital, existente em todos os corpos vivos da Natureza, “[...] tem por fonte o fluido universal. É o que chamais fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado [...]” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 65).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Fazer breve exposição sobre as ideias existentes no conteúdo básico deste Roteiro, de forma que fique especificado:

- a) o que é fluido cósmico universal;
- b) as características dos dois estados apresentados por este fluido;
- c) o que se deve entender por fluido vital.

Desenvolvimento

Dividir a turma em grupos de acordo com o número de participantes. Cada grupo recebe um envelope contendo uma questão e dois textos com ideias afins (veja Anexo 1).

Em seguida, orientar os grupos na realização das seguintes atividades:

- a) discussão das ideias evidenciadas na questão e nos textos;
- b) seleção do texto cujas ideias mais se relacionam à questão apresentada, justificando a escolha;
- c) indicação de um colega para apresentar, em plenária, as conclusões do trabalho em grupo.

Ouvir as conclusões, projetando por meio de recursos visuais, a questão e os textos estudados em cada grupo e a respectiva chave de correção (Anexo 2).

Conclusão

Terminadas as apresentações, fazer as considerações finais, esclarecendo possíveis dúvidas.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes souberem selecionar o texto cujas ideias mais se relacionem à questão apresentada.

Técnica(s): exposição; trabalho em grupo; correlação de ideias.

Recurso(s): questões; textos; recursos visuais.

3.2 SUGESTÃO 2

Observação: Essa sugestão pode ser dividida em dois ou mais encontros.

Introdução

Introduzir o tema por meio de uma pergunta:

De onde se originam os corpos materiais existentes no Universo?

Desenvolvimento

Após comentários, fazer a leitura comentada do item 10 do capítulo 6 de *A gênese* (o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia do texto).

Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora do mundo e dos seres. Ao éter são inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas múltiplas forças, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa. [...] Em outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, revelam outros caracteres desconhecidos na Terra e, na imensa amplidão dos céus, forças em número indefinido se têm desenvolvido numa escala inimaginável, cuja grandeza tão incapazes somos de avaliar, como o é o crustáceo, no fundo do oceano, para apreender a universalidade dos fenômenos terrestres.

Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos e que, pelos desígnios eternos, foi soberanamente imposta à criação, para lhe imprimir harmonia e estabilidade.

Dividir a turma em grupos:

Grupo 1 – leitura comentada, no grupo, dos subsídios do Roteiro;

Grupo 2 – leitura comentada, no grupo, dos itens 10 e 11 do capítulo 6 de *A gênese*;

Grupo 3 – leitura comentada, no grupo, dos itens 17 e 18 do capítulo 6 de *A gênese*;

Grupo 4 – leitura comentada, no grupo, dos itens 2, 3 e 4 do capítulo 14 de *A gênese*.

Em seguida propor uma discussão circular para construção coletiva dos conceitos:

- » *O que é fluido cósmico universal?*
- » *Qual a consequência da existência desse fluido?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base nos textos sugeridos para leitura.

Fazer a leitura comentada das questões 60 a 67 de *O livro dos espíritos* (o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia das questões).

Após a leitura, para construção coletiva dos conceitos, perguntar:

- » *O que é fluido ou princípio vital?*
- » *Qual a sua importância?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base em todos os textos estudados.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Você se sente parte do Universo, por quê?*

Conclusão

Concluir o estudo apresentando a reflexão de Léon Denis, em *O grande enigma*, Primeira parte, capítulo 2 – *Unidade substancial do universo*, FEB Editora:

O Universo é uno, posto que triplo na aparência.

Espírito, força e matéria não parecem ser mais que os modos, os três estados de uma substância imutável em seu princípio, variável ao infinito em suas manifestações.

[...]

[...] por esse sopro imenso, Deus, o Ser dos seres, a Alma no Universo, cria. Por seu amor atrai a si. As vibrações de seu pensamento e da sua vontade, fontes primeiras de todas as forças cósmicas, movem o Universo e geram a vida.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; estudo de grupo; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; *O livro dos espíritos*; *A gênese*.

4.4 SUGESTÃO 3

Observação: Essa sugestão pode ser dividida em dois ou mais encontros.

Introdução

Introduzir o tema por meio de uma pergunta:

De onde se originam os corpos materiais existentes no Universo?

Desenvolvimento

Após comentários, fazer a leitura comentada do item 10 do capítulo 6 de *A gênese* (o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia do texto).

Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora do mundo e dos seres. Ao éter são inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas múltiplas forças, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa. [...] Em outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, revelam outros caracteres desconhecidos na Terra e, na imensa amplitude dos céus, forças em número indefinido se têm desenvolvido numa escala inimaginável, cuja grandeza tão incapazes somos de avaliar, como o é o crustáceo, no fundo do oceano, para apreender a universalidade dos fenômenos terrestres.

Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos e que, pelos desígnios eternos, foi soberanamente imposta à criação, para lhe imprimir harmonia e estabilidade.

Passar o vídeo – Nós Somos Poeira das Estrelas – Neil DeGrasse Tyson (Legendado). (3:23), disponível em: https://drive.google.com/file/d/1FvhrCLn_h_BwE6gE0ZLvuzK5WzZc1DZb/view?usp=sharing

Convidar os participantes para comentarem suas reflexões sobre o vídeo.

Dividir a turma em grupos para a leitura comentada, dos subsídios do Roteiro.

Em seguida propor uma discussão circular para construção coletiva dos conceitos:

- » *O que é fluido cósmico universal?*
- » *Qual a consequência da existência desse fluido?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base nos textos sugeridos para leitura.

Fazer a leitura comentada das questões 60 a 67 de *O livro dos espíritos* (o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia das questões).

Após a leitura, para construção coletiva dos conceitos, perguntar:

» *O que é fluido ou princípio vital?*

» *Qual a sua importância?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base em todos os textos estudados.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Você se sente parte do Universo, por quê?*

Conclusão

Concluir o estudo apresentando a reflexão de Léon Denis, em *O grande enigma*, Primeira parte, capítulo 2 – *Unidade substancial do universo*, FEB Editora:

O Universo é uno, posto que triplo na aparência.

Espírito, força e matéria não parecem ser mais que os modos, os três estados de uma substância imutável em seu princípio, variável ao infinito em suas manifestações.

[...]

[...] por esse sopro imenso, Deus, o Ser dos seres, a Alma no Universo, cria. Por seu amor atrai a si. As vibrações de seu pensamento e da sua vontade, fontes primeiras de todas as forças cósmicas, movem o Universo e geram a vida.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; estudo de grupo; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): vídeo; subsídios do Roteiro, *O livro dos espíritos*.

5 SUBSÍDIOS

Os Espíritos Superiores nos esclarecem que

Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora do mundo e dos seres. Ao éter são inerentes

as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas múltiplas formas, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa. Os movimentos vibratórios do agente são conhecidos sob os nomes de som, calor, luz etc. Em outros mundos, as formas se apresentam sob outros aspectos, revelam outros caracteres desconhecidos na Terra e, na imensa amplidão dos céus, forças em número indefinito se têm desenvolvido numa escala inimaginável, cuja grandeza tão incapazes somos de avaliar, como o é o crustáceo, no fundo do oceano, para apreender a universalidade dos fenômenos terrestres.

Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos e que, pelos desígnios eternos, foi soberanamente imposta à criação, para lhe imprimir harmonia e estabilidade.²

A grande diversidade de corpos materiais existentes no Universo, inclusive no nosso planeta,

[...] é porque, sendo em número ilimitado as forças que hão presidido às suas transformações e as condições em que estas se produziram, também as várias combinações da matéria não podiam deixar de ser ilimitadas.

Logo, quer a substância que se considere pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, quer revista os caracteres e as propriedades ordinárias da matéria, não há, em todo o Universo, senão uma única substância primitiva; o cosmo, ou matéria cósmica dos uranógrafos.¹

Esclarecem ainda os Espíritos Superiores que

A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Absolutamente não desapareceu essa substância donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno.

A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, ricas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas.³

O Espírito André Luiz elucida que

O fluido cósmico é o plasma divino, *hausto do Criador ou força-nervosa do Todo-Sábio.*

Nesse elemento primordial *vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano.*¹²

[...] *Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor supremo, operam as Inteligências divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível [...], extraindo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da imensidade, em serviço de cocriação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes orientadores da Criação excelsa.*¹²

O fluido cósmico, entendido como o princípio elementar do Universo, demonstra possuir propriedades *sui generis* assumindo

[...] *dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca, porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados.*

*Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados fenômenos materiais, são da alçada da Ciência propriamente dita, os outros, qualificados de fenômenos espirituais ou psíquicos, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo. Como, porém, a vida espiritual e a vida corporal se acham incessantemente em contato, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se prendem à vida corpórea; os do domínio espiritual escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito.*⁴

No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos peculiares ao mundo invisível.

*Dentro da relatividade de tudo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material, quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, os Espíritos, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. ossos Espíritos elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes.*⁵

Devido à natureza e o tipo de forças que atuam na vida extrafísica,

Os elementos fluidicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos, feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Alguns há, pertencentes a um meio diverso a tal ponto do nosso, que deles só podemos fazer ideia mediante comparações tão imperfeitas como aquelas mediante as quais um cego de nascença procura fazer ideia da teoria das cores.

Mas, entre tais fluidos, há os tão intimamente ligados à vida corporal, que, de certa forma, pertencem ao meio terreno. Em falta de observação direta, seus efeitos podem observar-se, como se observam os do fluido do imã, fluido que jamais se viu, podendo-se adquirir sobre a natureza deles conhecimentos de alguma precisão. É essencial esse estudo, porque está nele a chave de uma imensidade de fenômenos que não se conseguem explicar unicamente com as leis da matéria.⁶

Finalmente, nos parece oportuno esclarecer a respeito de um subproduto do fluido cósmico, existente em todos os seres vivos. Trata-se do fluido ou princípio vital.

O princípio vital é

[...] o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Pois que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar, o princípio vital é coisa distinta e independente. [...] Para uns é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias.⁷

O princípio vital – também chamado de fluido magnético ou fluido elétrico animalizado –, e tendo como fonte o fluido cósmico universal, é encontrado em todos os corpos vivos da Natureza.^{8, 11} [...] *modificado segundo as espécies, é [...] ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte [...].⁹*

Podemos então dizer que o princípio ou fluido vital

[...] é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes entretém e desenvolve a atividade daquele agente, quase como sucede com o atrito, que desenvolve o calor.¹⁰

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 6, it. 7.
- 2 _____. _____. it. 10.
- 3 _____. _____. it. 17.
- 4 _____. _____. cap. 14, it. 2.
- 5 _____. _____. it. 3.
- 6 _____. _____. it. 4.
- 7 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2005. *Introdução*, it. II.
- 8 _____. _____. q. 65.
- 9 _____. _____. q. 66.
- 10 _____. _____. comentário de Kardec à q. 67.
- 11 _____. _____. q. 427.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. 1ª pt., cap. 1 – *Fluido cósmico*, its. Plasma divino; Cocriação em plano maior.

ANEXO 1

Correlação de assuntos doutrinários (exemplos)

Questão 1 – De onde se originam os corpos materiais existentes no Universo?

Textos

a) Sob a orientação das Inteligências Divinas, os Sistemas da Imensidade se construíram, em serviço de cocriação em Plano Maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Poderoso. b) Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos, chamado fluido, éter ou matéria cósmica primitiva. Nesta substância primordial, encontramos os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade (se necessário, consultar as Referências 2, 3 e 12 citadas no subsídios).

Questão 2 – O fluido cósmico é o princípio elementar do Universo. Ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, e o de materialização ou de ponderabilidade. Sendo assim, é correto afirmar:

Textos

a) A atmosfera da Terra é formada de diferentes gases, os quais, devido às suas propriedades, podem ser considerados como uma matéria tangível.

b) O oxigênio, hidrogênio e nitrogênio são exemplos de gases existentes na atmosfera do nosso planeta. Eles devem ser considerados fluidos imponderáveis, elementos de transição entre o fluido cósmico, propriamente dito, e a matéria tangível (se necessário, consultar as Referências 4 e 5 citadas no subsídios).

Questão 3. O fluido que dá vitalidade aos corpos orgânicos tem como fonte o fluido universal. É também conhecido como:

Textos

a) Princípio vital, fluido magnético, fluido elétrico animalizado.

b) Fluido elétrico, fluido luminoso, fluido calorífico (se necessário, consultar as Referências 8, 9, 10 e 11 citadas no subsídios).

ANEXO 2

Chave de correção

Questão 1 – De onde se originam os corpos materiais existentes no Universo?

Texto

Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos, chamado fluido, éter ou matéria cósmica primitiva. Nesta substância primordial, encontramos os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade.

Questão 2 – O fluido cósmico é o princípio elementar do Universo. Ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, e o de materialização ou de ponderabilidade. Sendo assim, é correto afirmar:

Texto

Oxigênio, hidrogênio e nitrogênio são exemplos de gases existentes na atmosfera do nosso planeta. Eles devem ser considerados fluidos

imponderáveis, elementos de transição entre o fluido cósmico, propriamente dito, e a matéria tangível.

Questão 3 – O fluido que dá vitalidade aos corpos orgânicos tem como fonte o fluido universal. É também conhecido como:

Texto

Princípio vital, fluido magnético, fluido elétrico animalizado.

ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO: ESPÍRITO E MATÉRIA

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar as características de espírito e matéria.
- » Refletir sobre as relações de ambos.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o Espírito?* “Sim e acima de tudo Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela [...]” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 27).
- » “A matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação.” (Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, q. 22-a).
- » *O espírito [ou princípio inteligente] independe da matéria, ou é apenas uma propriedade desta, como as cores o são da luz e o som o é do ar?* “São distintos um do outro; mas, a união do espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria.” (Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, q. 25).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1

Introdução

Apresentar aos participantes por meio de recursos visuais, as seguintes expressões:

- a) Princípio material ou matéria;
- b) Princípio inteligente ou espírito.

Realizar breve exposição sobre o assunto, explicando aos participantes por que, em *O livro dos espíritos*, o vocábulo Espírito aparece, ora escrito em letra maiúscula, ora em minúscula.

Desenvolvimento

Dividir a turma em dois grupos de estudo, orientando-os na realização das atividades que se seguem.

Grupo 1

- a) leitura dos subsídios deste Roteiro, item 4.1 (Formação da matéria);
- b) troca de ideias sobre o assunto lido;
- c) realização de uma síntese que explique o que é matéria ou elemento material, à luz do entendimento espírita.
- d) apresentação da síntese, em plenário, por um colega indicado pelo grupo.

Grupo 2

- a) leitura dos subsídios deste Roteiro, item 4.2 (Formação do princípio inteligente);
- b) troca de ideias sobre o assunto lido;
- c) realização de uma síntese que explique o que é princípio inteligente, à luz do entendimento espírita.
- d) apresentação da síntese, em plenário, por um colega indicado pelo grupo.

Ouvir as apresentações dos relatores dos grupos, realizando as devidas correções, se necessário.

Conclusão

Encerrar o assunto com apresentação do teor das questões 18 e 28 de *O livro dos espíritos*, as quais revelam, respectivamente: primeiro, que as nossas limitações evolutivas dificultam o real entendimento da origem e formação dos dois elementos gerais do Universo. Segundo, não nos basta o conhecimento científico sobre o princípio das coisas, sem que tenha ocorrido o aprimoramento moral do nosso Espírito, uma vez que Deus estabelece limites que não podem ser ultrapassados. O aprimoramento moral e intelectual propicia compreensão de tudo aquilo que, por enquanto, permanece oculto.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes elaborarem corretamente a síntese, explicando o que é espírito (princípio inteligente) e matéria (princípio material).

Técnica(s): exposição; trabalho em grupo com realização de síntese.

Recurso(s): recursos visuais; subsídios deste Roteiro; *O livro dos espíritos*.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Introduzir o tema por meio das perguntas:

- » *De onde se originam os corpos materiais existentes no Universo?*
- » *O que é Espírito?*

Após as discussões, fazer a leitura comentada do item 10 do capítulo 6 de *A gênese*; seguida da resposta de *O livro dos espíritos*, questão 23: Espírito é... “O princípio inteligente do Universo”.

Desenvolvimento

Apresentar aos participantes as seguintes expressões:

- a) Princípio material ou matéria;
- b) Princípio inteligente ou espírito.

Realizar breve exposição sobre o assunto, explicando aos participantes por que, em *O livro dos espíritos*, o vocábulo Espírito aparece, ora escrito em letra maiúscula, ora em minúscula.

Fazer a leitura comentada dos subsídios do Roteiro.

Propor a seguinte discussão circular:

A que conclusão chegamos acerca dos ensinamentos dos Espíritos sobre espírito e matéria?

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base em todos os textos estudados, incluindo os do Roteiro anterior.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como os elementos do Universo, espírito e matéria, refletem a grandeza de Deus?

Conclusão

Concluir o estudo apresentando a reflexão de Léon Denis, em *O grande enigma*, Primeira parte, capítulo 2 – *Unidade substancial do universo*, FEB Editora:

O Universo é uno, posto que triplo na aparência.

Espírito, força e matéria não parecem ser mais que os modos, os três estados de uma substância imutável em seu princípio, variável ao infinito em suas manifestações.

[...]

[...] por esse sopro imenso, Deus, o Ser dos seres, a Alma no Universo, cria. Por seu amor atrai a si. As vibrações de seu pensamento e da sua vontade, fontes primeiras de todas as forças cósmicas, movem o Universo e geram a vida.

A matéria, dissemos, é um modo, uma forma transitória da substância universal
[...]

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; exposição dialógica; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; *A gênese*.

3.3 SUGESTÃO 3

Introdução

Introduzir o tema por meio das perguntas:

- » *De onde se originam os corpos materiais existentes no Universo?*
- » *O que é Espírito?*

Após comentários, fazer a leitura comentada do item 10 do capítulo 6 de *A gênese*; seguida da resposta de *O livro dos espíritos*, questão 23: Espírito é... “O princípio inteligente do Universo”.

Desenvolvimento

Fazer a leitura comentada das questões 21 a 34 de *O livro dos espíritos*.

Propor a seguinte discussão circular:

A que conclusão chegamos acerca dos ensinamentos dos Espíritos sobre espírito e matéria?

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base em todos os textos estudados, incluindo os do Roteiro anterior.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como os elementos do Universo, espírito e matéria, refletem a grandeza de Deus?

Conclusão

Concluir o estudo, com base nos subsídios do Roteiro e nas questões de *O livro dos espíritos*, reforçando os conceitos sobre espírito e matéria, a relação entre ambos e a grandeza de Deus demonstrada na harmonia existente no Universo.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; *O livro dos espíritos*.

3.4 SUGESTÃO 4

Introdução

Introduzir o tema por meio do vídeo – Nós Somos Poeira das Estrelas – Neil deGrasse Tyson (Legendado). (3:23), disponível em: https://drive.google.com/file/d/1FvhrCLn_h_BwE6gE0ZLvuzK5WzZc1DZb/view?usp=sharing

Convidar participantes para comentarem suas reflexões sobre o vídeo.

Perguntar: *Sabemos da existência da matéria, mas o que é Espírito?*

Desenvolvimento

Fazer a leitura comentada das questões 21 a 34 de *O livro dos espíritos*.

Propor a seguinte reflexão circular:

A que conclusão chegamos acerca dos ensinamentos dos Espíritos sobre espírito e matéria?

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base em todos os textos estudados, incluindo os do Roteiro anterior.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como os elementos do Universo, espírito e matéria, refletem a grandeza de Deus?

Conclusão

Concluir o estudo, com base nos subsídios do Roteiro e nas questões de *O livro dos espíritos*, reforçando os conceitos sobre espírito e matéria, a relação entre ambos e a grandeza de Deus demonstrada na harmonia existente no Universo.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): vídeo; subsídios do Roteiro; *O livro dos espíritos*.

4 SUBSÍDIOS

Ensina o Espiritismo que há dois elementos gerais do Universo: matéria e espírito e, “[...] acima de tudo Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal [...]”⁸ Importa considerar que o elemento geral – espírito – escrito com *e* minúsculo, também denominado princípio inteligente do Universo, difere de Espírito (palavra escrita com *E* maiúsculo), que designa a individualidade humana, dotada de razão (veja, a propósito, as questões 23 a 28 e 76 a 81 de *O livro dos espíritos*).

4.1 FORMAÇÃO DA MATÉRIA

A matéria tem origem no *fluido cósmico universal*, também conhecido como *éter ou matéria cósmica primitiva*, conforme vimos no Roteiro anterior deste Módulo.³ Sabemos também que

*Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor supremo, operam as Inteligências divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível, os grandes deusas da teologia hindu ou os arcanjos da interpretação de variados templos religiosos, extraindo desse hálito espiritual os celeiros de energia com que constroem os sistemas da imensidade, em serviço de cocriação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes orientadores da Criação Excelsa.*¹²

*Sob a orientação das Inteligências superiores, congregam-se os átomos em colmeias imensas, e, sob a pressão, espiritualmente dirigida, de ondas eletromagnéticas, são controladamente reduzidas as áreas espaciais intra-atômicas, sem perda de movimento, para que se transformem na massa nuclear adensada, de que se esculpem os planetas, em cujo seio as mônadas celestes [princípio inteligente] encontrarão adequado berço ao desenvolvimento.*¹³

Temos, assim, a luz e o calor, que teoricamente classificamos entre as irradiações nascidas dos átomos supridos de energia. São estes que, excitados na íntima estrutura, despedem as ondas eletromagnéticas.

*Todavia, não obstante tatearmos com relativa segurança as realidades da matéria, definindo a natureza corpuscular do calor e da luz, e embora saibamos que outras oscilações eletromagnéticas se associam, insuspeitadas por nós, na vastidão universal, aquém do [espectro] infravermelho e além do ultravioleta, completamente fora da zona de nossas percepções, confessamos com humildade que não sabemos ainda, principalmente no que se refere à elaboração da luz, qual seja a força que provoca a agitação inteligente dos átomos, compelindo-os a produzir irradiações capazes de lançar ondas no Universo com a velocidade de 300.000 quilômetros por segundo, preferindo reconhecer, em toda parte, com a obrigação de estudarmos e progredirmos sempre, o hálito divino do Criador.*¹⁴

Esse processo de cocriação em Plano Maior resultou na produção de variados tipos de matéria no cosmos. Para se ter uma ideia da grandiosidade do processo, observamos que as nossas análises químicas apontam para a existência de [...] *cerca de um quarto de milhão de substâncias da Terra, que podem ser reduzidas, aproximadamente, como originárias de noventa elementos* [naturais da tabela periódica].¹⁵ Na verdade, a atual tabela periódica é formada por cerca de 118 elementos químicos, já que os seus 92 primeiros elementos são classificados como de ocorrência natural no nosso planeta. As substâncias químicas restantes foram produzidas pela inteligência humana (veja Anexo).

Emmanuel nos esclarece que

– A Química necessita apresentar essa divisão de elementos para a catalogação dos valores educativos, com vistas às investigações de natureza científica, no mundo; contudo, se na sua base estão os átomos, na mais vasta expressão de diversidade, mesmo assim tenderá sempre para a unidade substancial, em remontando com as verdades espirituais às suas fontes de origem. Aliás, em se tratando das individualizações químicas [acrescenta o benfeitor], já conheceis que o hidrogênio, no quadro dos conhecimentos terrestres, é o elemento mais simples de todos. Seu átomo é a forma primordial da matéria planetária, constituindo-se do sistema absolutamente simplificado, porque composto de um só elétron, de onde partem as demais individualizações no mecanismo evolutivo da matéria, em suas expressões rudimentares.¹⁶

Observando a matéria existente no nosso planeta, constatamos que

[...] não há o que pareça tão profundamente variado, nem tão essencialmente distinto como as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a Arte ou a Natureza nos fazem passar diariamente ante o olhar, haverá duas que revelem perfeita identidade, ou, sequer, paridade de composição? Quanta dessemelhança, sob os aspectos da solidez, da compressibilidade, do peso e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça óssea do globo! que diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que adornam o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade na Terra!

Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, quer do ponto de vista da constituição íntima, quer pelo prisma de suas ações recíprocas, são, de fato, apenas modos diversos sob que a matéria se apresenta; variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam.¹

Se se observa tão grande diversidade na matéria, é porque, sendo em número ilimitado as forças que não presidido às suas transformações e as condições em que estas se produziram, também as várias combinações da matéria não podiam deixar de ser ilimitadas.

Logo, quer a substância que se considere pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, quer revista os caracteres e as propriedades ordinárias da matéria, não há, em todo o Universo, senão uma única substância primitiva; o cosmo, ou matéria cósmica dos uranógrafos.²

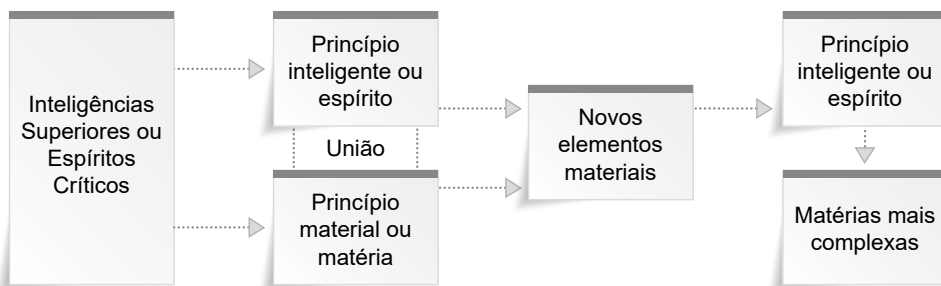
4.2 FORMAÇÃO DO PRINCÍPIO INTELIGENTE

Os Espíritos orientadores da Codificação Espírita afirmam que não é fácil analisar a natureza íntima do espírito – aqui entendido como princípio

inteligente – pela nossa linguagem, uma vez que esse princípio, mesmo sem representação inteligível para nós, significa alguma coisa para eles, Espíritos possuidores de esclarecimento superior.⁴ Informam também que a inteligência é um atributo essencial do espírito, mas não é o próprio princípio inteligente, e que, devido à limitação dos nossos conhecimentos, podemos facilmente confundir o atributo com a causa.⁵ Os Espíritos orientadores afirmam que o espírito ou princípio inteligente independe da matéria, sendo, ao contrário, distintos um do outro. No entanto, informam que “[...] a união do espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria [...]”⁶ Refletindo a respeito, perguntamos: qual é o verdadeiro significado da expressão “intelectualizar a matéria?” Como é que uma matéria pode ser intelectualizada? Realizando uma pesquisa mais aprofundada, vimos que no original francês está escrito “*intelligenter la matière*”, frase que Guillon Ribeiro traduziu por intelectualizar a matéria, uma vez que na Língua Portuguesa não existe o verbo “inteligenciar”. Na verdade, também não existe o verbo “*intelligenter*” na Língua Francesa. Compreendemos então que os Espíritos orientadores criaram um neologismo na tentativa de melhor explicar o assunto. Etimologicamente, o verbo intelectualizar origina-se de intelecto (do latim, *intellectus*) e quer dizer: dar caráter intelectual a; dar forma ou conteúdo racional; elevar algo (um sentimento, uma discussão) à categoria das coisas intelectuais. Por outro lado, “*intelligenter*” ou “inteligenciar”, caso existissem, respectivamente, em francês ou em português, originaria do vocábulo inteligência (do latim, *intelligentia*) de diferentes significados. Citemos alguns: inteligência é um substantivo que pode ser entendido como faculdade de entender, de compreender, de conhecer, de aprender; juízo; discernimento; penetração do espírito; conjunto de funções psíquicas e psicofisiológicas que contribuem para o conhecimento ou compreensão das coisas e significado dos fatos; para a Psicologia é a capacidade de apreender e organizar os dados de uma situação, em circunstâncias para as quais de nada servem o instinto, o aprendizado e o hábito; ainda na Psicologia, é a habilidade em tirar partido das circunstâncias; para a Metafísica, é a substância espiritual e abstrata considerada como fonte de toda a intelectualidade.

Entendemos, assim, que intelectualizar a matéria está relacionada, em última análise, à capacidade ou à habilidade de o princípio inteligente conhecer ou compreender a matéria, e, quando em contato com esta, imprime-lhe ajustes e organizações, tantas quantas forem necessárias. A ligação matéria–princípio inteligente é conduzida pela ação dos Espíritos crísticos

diretamente ligados à Inteligência Divina, os quais retiram do fluido cósmico universal os elementos necessários à formação de novas substâncias e novos corpos materiais. Em outro sentido, a ação dos Espíritos Superiores faz que também sejam repercutidas no princípio inteligente os ajustes e organizações impressos na matéria, de forma que novos aprendizados ocorram igualmente no princípio inteligente e este possa gerar, sucessivamente, matérias em níveis de complexidade inimagináveis. O seguinte esquema resume estas ideias:



Existe uma certa dificuldade em concebermos os princípios material e inteligente atuando, isoladamente, na Natureza. Acreditamos que este foi um dos motivos que levou Kardec a perguntar aos Espíritos Superiores: *Essa união é igualmente necessária para a manifestação do espírito?* (Entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência, abstração feita das individualidades que por esse nome se designam). “É necessária [dizem eles] a vós outros, porque não tendes organização apta a perceber o espírito sem a matéria. A isto não são apropriados os vossos sentidos.”⁷ Esta resposta nos faz concluir que a nossa condição evolutiva representa um impedimento natural à percepção, mais aprofundada, dos dois princípios gerais existentes no Universo. Parece que a compreensão do assunto requer, não apenas condições intelectivas adiantadas, mas, também, uma organização física mais especializada.

As orientações da Revelação Espírita indicam, em síntese, que há dois elementos gerais do Universo: matéria e espírito,

“[...] e acima de tudo Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito [princípio inteligente] e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido

universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o espírito não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá”⁹

Reconhecemos, com o Codificador, que os vocábulos matéria e espírito produzem, na nossa linguagem, equívocos de interpretação. Aliás, Kardec até sugeriu denominar os elementos gerais do Universo, respectivamente, de matéria inerte e de matéria inteligente. Os Espíritos Superiores, porém, lhe responderam dizendo:

“As palavras pouco nos importam. Compete-vos a vós formular a vossa linguagem de maneira a vos entenderdes. As vossas controvérsias provêm, quase sempre, de não vos entenderdes acerca dos termos que empregais, por ser incompleta a vossa linguagem para exprimir o que não vos fere os sentidos”¹⁰

O certo mesmo é o que constata admiravelmente o lúcido Codificador do Espiritismo:

*Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria destituída de inteligência e vemos um princípio inteligente que independe da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas. Se promanam ou não de uma só fonte; se há pontos de contato entre ambas; se a inteligência tem existência própria, ou se é uma propriedade, um efeito; se é mesmo, conforme à opinião de alguns, uma emanção da Divindade, ignoramos. Elas se nos mostram como distintas; daí o considerarmo-las formando os dois princípios constitutivos do Universo. Vemos, acima de tudo isso, uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que se distingue delas por atributos essenciais. A essa inteligência suprema é que chamamos Deus.*¹¹

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 6, it. 3.
- 2 _____. _____. it. 7.
- 3 _____. _____. it. 10.
- 4 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. q. 23-a.
- 5 _____. _____. q. 24.
- 6 _____. _____. q. 25.

- 7 _____. _____. q. 25-a.
- 8 _____. _____. q. 27.
- 9 _____. _____. q. 27.
- 10 _____. _____. q. 28.
- 11 _____. _____. comentário de Kardec à q. 28.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. 5. imp. Brasília: FEB, 2016. 1ª pt., cap. 1 – *Fluido cósmico*, it. Cocriação em plano maior.
- 13 _____. _____. it. Forças atômicas.
- 14 _____. _____. it. Luz e calor.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. q. 4.
- 16 _____. _____. _____.

ANEXO

Tabela periódica atual de elementos químicos:

Tabela periódica

1 H hidrogênio 1,008																	2 He hélio 4,0026
3 Li lítio 6,94	4 Be berílio 9,0122											13 B boro 10,81	14 C carbono 12,011	15 N nitrogênio 14,007	16 O oxigênio 15,999	17 F flúor 18,998	18 Ne neônio 20,180
11 Na sódio 22,990	12 Mg magnésio 24,305											13 Al alumínio 26,982	14 Si silício 28,085	15 P fósforo 30,974	16 S enxofre 32,06	17 Cl cloro 35,45	18 Ar argônio 39,95
19 K potássio 39,098	20 Ca cálcio 40,078(4)	21 Sc escândio 44,956	22 Ti titânio 47,867	23 V vanádio 50,942	24 Cr cromo 51,996	25 Mn manganês 54,938	26 Fe ferro 55,845(2)	27 Co cobalto 58,933	28 Ni níquel 58,693	29 Cu cobre 63,546(3)	30 Zn zinco 65,38(2)	31 Ga gálio 69,723	32 Ge germânio 72,630(6)	33 As arsênio 74,922	34 Se selênio 78,971(8)	35 Br bromo 79,904	36 Kr criptônio 83,798(2)
37 Rb rubídio 85,468	38 Sr estrôncio 87,62	39 Y ítrio 88,906	40 Zr zircônio 91,224(2)	41 Nb níbio 92,906	42 Mo molibdênio 95,95	43 Tc tecnécio	44 Ru rútenio 101,07(2)	45 Rh ródio 102,91	46 Pd paládio 106,42	47 Ag prata 107,87	48 Cd cádmio 112,41	49 In índio 114,82	50 Sn estanho 118,71	51 Sb antimônio 121,76	52 Te telúrio 127,60(3)	53 I iodo 126,90	54 Xe xenônio 131,29
55 Cs césio 132,91	56 Ba bário 137,33	57 a 71 Lantanídeos	72 Hf hafnício 178,49(2)	73 Ta tântalo 180,95	74 W tungstênio 183,84	75 Re rênio 186,21	76 Os ósio 190,23(3)	77 Ir irídio 192,22	78 Pt platina 195,08	79 Au ouro 196,97	80 Hg mercúrio 200,59	81 Tl talho 204,38	82 Pb chumbo 207,2	83 Bi bismuto 208,98	84 Po polônio	85 At astato	86 Rn radônio
87 Fr frâncio	88 Ra rádio	89 a 103 Atinídeos	104 Rf rúterfórdio	105 Db dúbnio	106 Sg seabórgio	107 Bh bohrio	108 Hs hássio	109 Mt meitnério	110 Ds darmstádio	111 Rg roentgênio	112 Cn copernício	113 Nh nihônio	114 Fl fleróvio	115 Mc moscóvio	116 Lv livermório	117 Ts tennesso	118 Og oganessônio
57 La lantânio 138,91	58 Ce cério 140,12	59 Pr praseodímio 140,91	60 Nd neodímio 144,24	61 Pm promécio	62 Sm samário 150,36(2)	63 Eu europio 151,96	64 Gd gadolínio 157,25(3)	65 Tb térbio 158,93	66 Dy disprósio 162,50	67 Ho hólmio 164,93	68 Er érbio 167,26	69 Tm tulio 168,93	70 Yb ítrio 173,05	71 Lu lutécio 174,97			
89 Ac actínio	90 Th tório 232,04	91 Pa protactínio 231,04	92 U urânio 238,03	93 Np neptúnio	94 Pu plutônio	95 Am américio	96 Cm cúrio	97 Bk berquélio	98 Cf califórnio	99 Es einstênio	100 Fm fêrmio	101 Md mendelívio	102 No nobólio	103 Lr laurêncio			

www.tabelaperiodica.org

Licença de uso Creative Commons BY-NC-SA 4.0 - Use somente para fins educacionais

Caso encontre algum erro favor avisar pelo mail luisbrudna@gmail.com

Versão LUPAC/IBQ (pt-br) com 5 algarismos significativos, baseada em DOI:10.1515/ptac-2015-0305 - atualizada em 19 de março de 2019

Disponível em: <https://www.tabelaperiodica.org/wp-content/uploads/2019/08/Tabela-completa-5-algarismos-sem-intervalo-v7.pdf>

Pelo número atômico, facilmente identificamos sua localização na tabela periódica. Assim obtemos:

» sua massa atômica;

» sua distribuição eletrônica.

Em tabelas sofisticadas, encontramos:

- » ponto de fusão e ebulição;
- » densidade;
- » eletronegatividade;
- » potencial de ionização etc.

Cada coluna vertical da tabela periódica agrupa uma família de elementos. Geralmente, aqueles que fazem parte da mesma família apresentam propriedades químicas muito semelhantes. Por meio da tabela periódica, tomamos conhecimento das propriedades químicas e físicas dos elementos, o que facilita os trabalhos de pesquisa e análise químicas. Em resumo: a tabela periódica é o “dicionário da Química”, de onde retiramos importantes informações dos elementos para usá-las adequadamente, conforme os parâmetros da linguagem da ciência química, cujos propósitos básicos são a montagem de fórmulas e a elaboração e uso das equações químicas.

Veja informações mais detalhadas sobre cada um dos elementos químicos da Tabela no *site*: <https://www.todamateria.com.br/tabela-periodica/>

FORMAÇÃO DOS MUNDOS E DA TERRA

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar, à luz dos ensinamentos espíritas, o processo de formação dos mundos e do planeta Terra.
- » Analisar o processo de formação dos mundos e da Terra, segundo a Ciência.
- » Analisar as relações entre ambos.
- » Refletir sobre a grandiosidade da criação universal.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluidicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. [...] A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, ricas de aglomerações de estrelas [...], nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas (Allan Kardec, A gênese, cap. 6, it. 17).*
- » *[...] A história da formação da Terra está escrita nas camadas geológicas [...]* (Allan Kardec, A gênese, cap. 7, it. 1).
- » *Poder-se-á conhecer o tempo que dura a formação dos mundos: da Terra, por exemplo? “Nada te posso dizer a respeito, porque só o Criador o sabe [...].”* (Allan Kardec, O livro dos espíritos, q. 42).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Apresentar o assunto e o objetivo do estudo.

Mostrar, por meio de recursos visuais, a seguinte pergunta de Kardec aos Espíritos Superiores (*O livro dos espíritos*, questão 38): *Como criou Deus o Universo?*

Solicitar aos participantes que respondam a essa pergunta segundo os seus próprios conhecimentos.

Ouvir as respostas e, em seguida, pedir a um dos participantes que leia a resposta dada pelos Espíritos.

Fazer os esclarecimentos cabíveis.

Desenvolvimento

Dividir a turma em dois grupos, solicitando-lhes a realização das seguintes tarefas:

Grupo 1:

- a) ler os subsídios, item 4.2 (Formação da Terra);
- b) trocar opiniões a respeito do assunto lido;
- c) registrar num cartaz as ideias principais relativas à formação da Terra;
- d) escolher um relator para apresentar em plenário, as conclusões do trabalho em grupo.

Grupo 2:

- a) ler os subsídios, item 4.1 (Formação dos mundos);
- b) trocar opiniões a respeito do assunto lido;
- c) registrar num cartaz as ideias principais relativas à formação dos mundos;
- d) escolher um relator para apresentar em plenário as conclusões do trabalho em grupo.

Ouvir os relatos, esclarecendo pontos que não ficaram claros.

Conclusão

Fazer a integração do assunto, apresentando por meio de recursos visuais, as seguintes palavras contidas na resposta à questão 38 citado no início da aula: “Deus disse: ‘Faça-se a luz’ e a luz foi feita” (*Gênesis*, 1:3).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes explicarem corretamente a formação dos mundos e da Terra, segundo o Espiritismo.

Técnica(s): trabalho em grupo; exposição.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; cartazes; pincéis de cores variadas.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Introduzir o tema por meio das perguntas:

- » *Como os mundos são formados?*
- » *E a Terra?*

Desenvolvimento

Após as respostas, propor a leitura comentada dos subsídios do Roteiro, em grupos.

Em seguida, fazer a leitura comentada das questões 37 a 42 de *O livro dos espíritos*, com toda a turma.

Convidar os participantes para assistirem o vídeo – Origem da Terra 1 - Formação do planeta, disponível em: <https://drive.google.com/file/d/12GE5cBtAe2E7elagffZsvLTD1PI5zm1T/view?usp=sharing>

Seguido da discussão circular:

- » *Como os mundos são formados, segundo a Ciência?*
- » *Como os mundos são formados, segundo a Doutrina dos Espíritos?*
- » *Existe divergência entre as duas teorias, a espírita e a científica, ou uma complementa a outra?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base nos textos estudados e no vídeo, fazendo ligação com o conteúdo do Roteiro anterior.

Propor a seguinte reflexão: *A criação divina reflete a grandeza de Deus?*

Conclusão

Concluir o estudo com base nos textos estudados.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; estudo de grupo; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; vídeo.

Outras sugestões de vídeos, disponíveis em:

1) Origem da Terra 1 – Formação do planeta (6:58): <https://drive.google.com/file/d/12GE5cBtAe2E7elagffZsvLTD1PI5zm1T/view?usp=sharing>

2) Origem da Terra 2 – Formação da crosta terrestre (11:08): https://drive.google.com/file/d/1XWr4sRSakpyd_sEs0-xirTD8_pJP58jo/view?usp=sharing

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

4 SUBSÍDIOS

4.1 FORMAÇÃO DOS MUNDOS

Allan Kardec assinala em *O livro dos espíritos*:

*O Universo abrange a infinidade dos mundos que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como os fluidos que o enchem.*⁷

Continua Kardec: *Diz-nos a razão não ser possível que o Universo se tenha feito a si mesmo e que, não podendo também ser obra do acaso, há de ser obra de Deus.*⁸

Como, entretanto, terá Deus criado o Universo? Allan Kardec, ouvindo os Espíritos Superiores, nos apresenta os esclarecimentos que se seguem.

Existindo, naturalmente, desde toda eternidade, Deus criou desde toda eternidade e não poderia ser de outro modo, visto que, por mais longínqua que seja a época a que recuemos, pela imaginação, os supostos limites da Criação, haverá sempre, além desse limite, uma eternidade [...] durante a qual as divinas hipóteses

[Hipóstase: (Fil.) para os pensadores da Antiguidade, realidade permanente, concreta e fundamental; substância. Dicionário Houaiss da língua portuguesa.], *as volições infinitas teriam permanecido sepultadas em muda letargia inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá vida aos seres, de mutismo indiferente para o Verbo que os governa; de esterilidade fria e egoísta para o Espírito de amor e vivificação.*

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e a sua perpetuidade sob a mão do Ser absoluto! Deus é o Sol dos seres, é a Luz do mundo. Ora, a aparição do Sol dá nascimento instantâneo a ondas de luz que se vão espalhando por todos os lados, na extensão. Do mesmo modo, o Universo, nascido do eterno, remonta aos períodos inimagináveis do infinito de duração, ao fiat lux! [faça-se a luz!] do início.²

O começo absoluto das coisas remonta, pois, a Deus. As sucessivas aparições delas no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que mortal poderia dizer das magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das idades que se desdobraram nesses tempos antigos, em que nenhuma das maravilhas do Universo atual existia; nessa época primitiva em que, tendo-se feito ouvir a voz do Senhor, os materiais que no futuro haviam de agregar-se por si mesmos e simetricamente, para formar o templo da Natureza, se encontraram de súbito no seio das vácuos infinitos; quando aquela voz misteriosa, que toda criatura venera e estima como a de uma mãe, produziu notas harmoniosamente variadas, para irem vibrar juntas e modular o concerto dos céus imensos!

O mundo, ao nascer, não foi estabelecido na sua virilidade e na plenitude da sua vida, não. O poder criador nunca se contradiz e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança. Revestido das leis mencionadas acima e da impulsão inicial inerente à sua formação mesma, a matéria cósmica primitiva fez que sucessivamente nascessem turbilhões, aglomerações desse fluido difuso, amontoados de matéria nebulosa que se cindiram por si próprios e se modificaram ao infinito para gerar, nas regiões incomensuráveis da amplidão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em virtude das forças que predominaram sobre um ou sobre outro deles e das circunstâncias ulteriores que presidiram aos seus desenvolvimentos, esses centros primitivos se tornaram focos de uma vida especial: uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde logo a sua particular vida astral; os outros, ocupando ilimitada extensão, cresceram com lentidão extrema, ou de novo se dividiram em outros centros secundários.³

Transportando-nos a alguns milhões de séculos somente, além da época atual, verificamos que a nossa Terra ainda não existe, que mesmo o nosso sistema solar ainda não começou as evoluções da vida planetária; entretanto, já esplêndidos sóis iluminam o éter; já planetas habitados dão vida e existência a uma multidão de seres, nossos predecessores na carreira humana, que as produções opulentas de uma natureza desconhecida e os maravilhosos fenômenos do céu desdobram, sob outros olhares, os quadros da imensa Criação. Que digo! Já deixaram de existir esplendores que muito antes fizeram palpitar o coração de outros mortais, sob

o pensamento da potência infinita! E nós, pobres seres pequeninos, que viemos após uma eternidade de vida, nós nos cremos contemporâneos da Criação!

Ainda uma vez, compreendamos melhor a Natureza. Saibamos que atrás de nós, como à nossa frente, está a eternidade, que o espaço é teatro de inimaginável sucessão e simultaneidade de criações. Tais nebulosas, que mal percebemos nos mais longínquos pontos do céu, são aglomerados de sóis em vias de formação; tais outras são vias lácteas de mundos habitados; outras, finalmente, sedes de catástrofes e de deprecimento. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações, anteriores e posteriores; que a criação universal não se acha restrita a nós, que não nos é lícito aplicar essa expressão à formação isolada do nosso pequenino globo.⁴

Podemos então afirmar, como nos esclarecem os Espíritos Superiores, que Deus criou o Universo e os seres pela sua Vontade.⁹

A base de construção dos mundos e dos corpos materiais é o *fluido cósmico universal*, igualmente chamado de *matéria cósmica primitiva*.

A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Absolutamente não desapareceu essa substância donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno.

A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, ricas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas.⁵

Conforme estudamos no Roteiro 1 deste Módulo, encontramos no fluido cósmico as forças inerentes

[...] que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas múltiplas forças, indefinidamente variáveis segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas [atômicas], diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa. Os movimentos vibratórios do agente [ou dessas forças] são conhecidos sob os nomes de som, calor, luz etc. [...]¹

Os mundos, assim, “[...] se formam pela condensação da matéria disseminada no Espaço”.¹⁰

4.2 FORMAÇÃO DA TERRA

Rezam as tradições do mundo espiritual que [...] existe uma comunidade de Espíritos puros e eleitos pelo Senhor supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias.

Essa comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos [...], apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no tempo e no espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção.¹¹

Assim, sob a direção de Jesus – o Governador Espiritual da Terra – e seus propostos divinos, temos informações sobre a formação do Planeta.

A Terra conserva em si os traços evidentes da sua formação. Acompanham-se-lhe as fases com precisão matemática, nos diferentes terrenos que lhe constituem o arcabouço. O conjunto desses estudos forma a ciência chamada Geologia, ciência nascida neste século (XIX) e que projetou luz sobre a tão controvertida questão da origem do globo terreno e da dos seres vivos que o habitam. Neste ponto, não há simples hipótese; há o resultado rigoroso da observação dos fatos e, diante dos fatos, nenhuma dúvida se justifica. A história da formação da Terra está escrita nas camadas geológicas, de maneira bem mais certa do que nos livros preconcebidos, porque é a própria Natureza que fala, que se põe a nu, e não a imaginação dos homens a criar sistemas. [...]

[...] Sem as descobertas da Geologia, como sem as da Astronomia, a Gênese do mundo ainda estaria nas trevas da lenda. Graças a elas, o homem conhece hoje a história da sua habitação, tendo desmoronado, para não mais tornar a erguer-se a estrutura de fábulas que lhe rodeavam o berço.⁶

Que força sobre-humana pôde manter o equilíbrio da nebulosa terrestre, destacada do núcleo central do sistema, conferindo-lhe um conjunto de leis matemáticas, dentro das quais se iam manifestar todos os fenômenos inteligentes e harmônicos de sua vida, por milênios de milênios? Distanciando do Sol cerca de 149.600.000 quilômetros e deslocando-se no espaço com a velocidade diária de 2.500.000 quilômetros, em torno do grande astro do dia, imaginemos a sua composição nos primeiros tempos de existência, como planeta.

Laboratório de matérias ignescentes, o conflito das forças telúricas e das energias físico-químicas opera as grandiosas construções do teatro da vida, no imenso cadinho onde a temperatura se eleva, por vezes, a 2.000 graus de calor, como se a matéria colocada num forno, incandescente, estivesse sendo submetida aos mais diversos ensaios, para examinar-se a sua qualidade e possibilidades na edificação

*da nova escola dos seres. As descargas elétricas, em proporções jamais vistas da Humanidade, despertam estranhas comoções no grande organismo planetário, cuja formação se processa nas oficinas do Infinito.*¹²

Na grande oficina surge, então, a diferenciação da matéria ponderável, dando origem ao hidrogênio.

As vastidões atmosféricas são amplo repositório de energias elétricas e de vapores que trabalham as substâncias torturadas no orbe terrestre. O frio dos espaços atua, porém, sobre esse laboratório de energias incandescentes e a condensação dos metais verifica-se com a leve formação da crosta solidificada.

É o primeiro descanso das tumultuosas comoções geológicas do globo. Formam-se os primitivos oceanos, onde a água tépida sofre pressão difícil de descrever-se. A atmosfera está carregada de vapores aquosos e as grandes tempestades varrem, em todas as direções, a superfície do planeta, mas sobre a Terra o caos fica dominado como por encanto. As paisagens aclaram-se, fixando a luz solar, que se projeta nesse novo teatro de evolução e vida.

*As mãos de Jesus haviam descansado, após o longo período de confusão dos elementos físicos da organização planetária.*¹³

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 6, it. 10.
- 2 _____. _____. it. 14.
- 3 _____. _____. it. 15.
- 4 _____. _____. it. 16.
- 5 _____. _____. it. 17.
- 6 _____. _____. cap. 7, it. 1.
- 7 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 3 – *Formação dos mundos*.
- 8 _____. _____. comentário de Kardec à q. 37.
- 9 _____. _____. q. 38.
- 10 _____. _____. q. 39.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 38. ed. 5. imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 1 – *A Gênese Planetária*, it. A comunidade dos Espíritos puros.
- 12 _____. _____. it. Os primeiros tempos do orbe terrestre.
- 13 _____. _____. it. A solidificação da matéria.

OS REINOS DA NATUREZA: MINERAL, VEGETAL, ANIMAL E HOMINAL

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar os reinos da Natureza, do ponto de vista moral, segundo a interpretação espírita.
- » Refletir sobre a relação entre eles.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » “[...] Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.”
- » *Esses quatro graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se nos seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte [mineral], são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus (Allan Kardec, O livro dos espíritos, q. 585 e comentário de Kardec à q. 585).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Citar o objetivo do estudo.

Explicar que o assunto deste Roteiro será apresentado por meio de uma exposição, ao final da qual os participantes terão oportunidade de fazer perguntas.

Desenvolvimento

Fazer uma exposição detalhada do conteúdo do Roteiro, usando os recursos disponíveis.

Em seguida, abrir espaço para que sejam feitas as perguntas dos participantes, previamente elaboradas durante a explanação do assunto.

Esclarecer outras questões colocadas pelos participantes até que o assunto esteja bem compreendido.

Conclusão

Encerrar o estudo, enfatizando o seguinte conteúdo, existente no subitem 4.1.2 dos subsídios deste Roteiro:

Ressalte-se [...] que os reinos vegetal, animal e hominal existem em todos os mundos destinados à encarnação dos Espíritos. “[...] As plantas, porém, são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens” (*O livro dos espíritos*, q. 591).

Atividade de preparação para o próximo estudo, para a Sugestão 1:

Pesquisar na internet, em livros, em revistas etc., os resultados mais recentes da Ciência acerca da existência de vida em outros planetas, em especial os relacionados ao planeta Marte.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se ao final do estudo, os participantes demonstrarem compreensão das características dos reinos da Natureza, segundo o Espiritismo.

Técnica(s): exposição.

Recurso(s): recursos visuais e perguntas.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Utilizando-se de recurso visual, introduzir o tema por meio de exposição dialógica, breve, acerca dos reinos da Natureza, definidos na questão 585 de *O livro dos espíritos*:

Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos?

Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível?

“Todas são boas, conforme o ponto de vista. Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.”

Esses quatro graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se nos seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

Desenvolvimento

Após comentários, propor a leitura comentada dos subsídios do Roteiro, em grupos:

Grupo 1 – 1ª parte dos subsídios.

Grupo 2 – subitem 4.1.1 dos subsídios.

Grupo 3 – subitem 4.1.2 dos subsídios.

Grupo 4 – subitem 4.1.3 dos subsídios.

Grupo 5 – item 4.2 dos subsídios.

Após a discussão nos grupos, propor a apresentação dos assuntos. Cada grupo apresenta breves reflexões acerca dos assuntos estudados, destacando aspectos importantes. Os grupos poderão ir relacionando aspectos peculiares de seu reino diante dos demais.

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, com base em todos os textos estudados destacando princípios importantes dos graus apresentados pelos Espíritos.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Existe inter-relação entre os reinos da Natureza, segundo a classificação “moral” dos Espíritos?*

Conclusão

Encerrar o estudo, enfatizando o seguinte conteúdo, existente no subitem 4.1.2 dos subsídios deste Roteiro:

Ressalte-se [...] que os reinos vegetal, animal e hominal existem em todos os mundos destinados à encarnação dos Espíritos. “[...] As plantas, porém, são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens” (*O livro dos espíritos*, q. 591).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição dialógica; estudo de grupo; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro, recurso visual.

Atividade de preparação para a próxima reunião de estudo, Sugestão 2:

Esta atividade pode ser proposta a um grupo pequeno de participantes ou pesquisa livre para todos:

Pesquisar sobre a vida em outros planetas. O que dizem os cientistas?

Fazer o estudo dos itens: 3, 8 a 12, 13 a 18 do capítulo 3 de *O evangelho segundo o espiritismo*, ou dos subsídios do Roteiro 5.

3.3 SUGESTÃO 3

Introdução

Utilizando-se de recurso visual, introduzir o tema por meio de exposição dialógica, breve, acerca dos reinos da Natureza, definidos na questão 585 de *O livro dos espíritos*:

Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos?

Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível?

“Todas são boas, conforme o ponto de vista. Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.”

Esses quatro graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se nos seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus. (Comentário de Kardec à q. 585.)

Desenvolvimento

Após comentários, em discussão circular, fazer a leitura comentada das questões de *O livro dos espíritos*: 585 a 595, 597, 598, 601 e 602 (o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia das questões).

Observação: Sugerimos ao facilitador, como subsídio, consultar *A gênese*, cap. 10, itens 11, 12, 16, 17 e 26.

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, destacando princípios importantes dos graus apresentados pelos Espíritos.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Existe inter-relação entre os reinos da natureza, segundo a classificação “moral” dos Espíritos?*

Conclusão

Encerrar o estudo, enfatizando o seguinte conteúdo, existente no subitem 4.1.2 dos subsídios deste Roteiro:

Ressalte-se [...] que os reinos vegetal, animal e hominal existem em todos os mundos destinados à encarnação dos Espíritos. “[...] As plantas,

porém, são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens” (*O livro dos espíritos*, q. 591).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição dialógica; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): subsídios da apostila, recurso visual; *O livro dos espíritos*.

Atividade de preparação para a próxima reunião de estudo, Sugestão 2:

Esta atividade pode ser proposta a um grupo pequeno de participantes ou pesquisa livre para todos:

Pesquisar sobre a vida em outros planetas. O que dizem os cientistas?

Fazer o estudo dos itens: 3, 8 a 12, 13 a 18 do capítulo 3 de *O evangelho segundo o espiritismo*, ou dos subsídios do Roteiro 5.

4 SUBSÍDIOS

Allan Kardec faz a seguinte pergunta aos Espíritos Superiores: *Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos? Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível?* Respondem os instrutores da Humanidade: “Todas são boas, conforme o ponto de vista. Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.”¹³

Comentando a resposta dos Espíritos, assinala o Codificador:

*Esses quatro graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se no seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte [mineral], são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais, e o conhecimento de Deus.*¹³

A propósito dessa vitalidade de que são dotados os seres orgânicos, assinala Kardec:

Sem falar do princípio inteligente, que é questão à parte, há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o princípio vital. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha extinto no ser morto; mas nem por isso deixa de dar à substância propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém, jamais chegou a reconstituir, sequer, uma folha morta, prova evidente de que há nestes últimos o que quer que seja, inexistente nos outros.³

Será o princípio vital alguma coisa particular, que tenha existência própria? Ou, integrado no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico, pela qual este se torne princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? [...]

Seja, porém, qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, o certo é que ele existe, pois que se lhe apreciam os efeitos. Pode-se, portanto, logicamente, admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital, por ser necessário à destinação deles; ou, se o preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo, por efeito mesmo da combinação dos elementos, tal como se desenvolvem, dadas certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade⁴ (veja Roteiro 1 deste Módulo).

A classificação dos seres existentes na Natureza em orgânicos e inorgânicos está relacionada à presença, ou não, de fluido vital em seus organismos.

Assim, os

[...] seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá vida. Nascerem, crescerem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar etc.¹²

O aparecimento dos seres vivos (orgânicos) na Terra em determinada época, por sua vez, deveu-se ao fato de que o nosso planeta

[...] “lhes continha os germens, que aguardavam momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se congregaram, desde que cessou a atuação da força que os mantinha afastados, e formaram os germens de todos os seres vivos. Estes germens permaneceram em estado latente de inércia, como a crisálida e as sementes das plantas, até o momento propício

ao surto de cada espécie. Os seres de cada uma destas se reuniram, então, e se multiplicaram.”⁶

Esses elementos orgânicos, antes da formação da Terra se achavam,

“[...] por assim dizer, em estado de fluido no Espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra para começarem existência nova em novo globo”⁷

4.1 OS SERES ORGÂNICOS

4.1.1 Os vegetais

Ensina a Doutrina Espírita que as plantas não têm consciência de que existem, uma vez que não pensam; “[...] só têm vida orgânica”¹⁴

“Recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Conseqüentemente, não têm a sensação da dor.”¹⁵ A força que as atrai umas às outras é apenas “[...] uma força mecânica da matéria, que atua sobre a matéria, sem que elas possam a isso opor-se”¹⁶

Algumas [...] plantas, como a sensitiva e a dioneia, por exemplo, executam movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, conforme se observa na segunda, cujos lóbulos apanham a mosca que sobre ela pousa para sugá-la, parecendo que urde uma armadilha com o fim de capturar e matar aquele inseto. [...] Podem ser, essas espécies, consideradas uma transição entre a natureza vegetal e a animal, porque tudo “[...] na Natureza é transição, por isso mesmo que uma coisa não se assemelha a outra e, no entanto, todas se prendem umas às outras [...]”¹⁷ Contudo, carecem de vontade própria, porque não pensam. “[...] Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: têm apenas um instinto cego e natural”¹⁷

Entretanto, *Não haverá nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que as induza a procurar o que lhes possa ser útil e a evitar o que lhes possa ser nocivo?*¹⁸

A essa pergunta de Kardec, respondem os Espíritos Superiores:

“Há, se quiserdes, uma espécie de instinto, dependendo disso da extensão que se dê ao significado desta palavra. É, porém, um instinto puramente mecânico. Quando, nas operações químicas, observais que dois corpos se reúnem, é que um ao outro convém; quer dizer: é que há entre eles afinidade. Ora, a isto não dais o nome de instinto.”¹⁹

Atualmente, entendemos melhor as leis de afinidade e repulsão moleculares, em decorrência dos avanços significados da Química.

4.1.2 Os animais

Kardec pergunta aos Espíritos Superiores se os animais possuem algum princípio independente da matéria, que lhes sobreviva ao corpo, e se esse princípio seria semelhante à alma humana.^{26, 27} E os Espíritos afirmam:

“É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus.”²⁷

Após a morte, a alma dos animais conserva a sua individualidade, mas não a consciência do seu eu. “[...] A vida inteligente lhe permanece em estado latente”²⁸

A progressão dos animais, por outro lado, não se dá, como no homem, por ato de vontade própria, mas sim “Pela força das coisas, razão por que não estão sujeitos à expiação”²⁹

O Espírito André Luiz nos esclarece que

Na moradia de continuidade para a qual se transfere, encontra, pois, o homem as mesmas leis de gravitação que controlam a Terra, com os dias e as noites marcando a conta do tempo, embora os rigores das estações estejam suprimidos pelos fatores de ambiente que asseguram a harmonia da Natureza, estabelecendo clima quase constante e quase uniforme, como se os equinócios e solstícios entrelaçassem as próprias forças, retificando automaticamente os excessos de influenciação com que se dividem.

Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na romagem evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelas quais auxiliam a flora e a fauna habituais à Terra, com os benefícios das chamadas mutações espontâneas.

*As plantas, pela configuração celular mais simples, atendem, no plano extrafísico, à reprodução limitada, aí deixando descendentes que, mais tarde, voltam também à leira do homem comum, favorecendo, porém, de maneira espontânea, a solução de diferentes problemas que lhes dizem respeito, sem exigir maior sacrifício dos habitantes em sua conservação.*³⁰

Ressalte-se, finalmente, que os reinos vegetal, animal e hominal existem em todos os mundos destinados à encarnação dos Espíritos. Nos mundos superiores, entretanto, tudo é mais perfeito: as plantas, os animais e os

homens. “[...] As plantas, porém, são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens”²⁰

A maioria dos animais obra por instinto, mas muitos deles denotam acentuada vontade, revelando sua inteligência, embora limitada.²² Sobre a relação entre o instinto e a inteligência nos animais, Kardec comenta:

*Não se poderia negar que, além de possuírem o instinto, alguns animais praticam atos combinados, que denunciam vontade de operar em determinado sentido e de acordo com as circunstâncias. Há, pois, neles, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício quase que se circunscreve à utilização dos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem à conservação própria. Nada, porém, criam, nem melhora alguma realizam. Qualquer que seja a arte com que executem seus trabalhos, fazem hoje o que faziam outrora e o fazem, nem melhor, nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. A cria, separada dos de sua espécie, não deixa por isso de construir o seu ninho de perfeita conformidade com os seus maiores, sem que tenha recebido nenhum ensino. O desenvolvimento intelectual de alguns, que se mostram suscetíveis de certa educação, desenvolvimento, aliás, que não pode ultrapassar acanhados limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza maleável, porquanto não há aí progresso que lhe seja próprio. Mesmo o progresso que realizam pela ação do homem é efêmero e puramente individual, visto que, entregue a si mesmo, não tarda que o animal volte a encerrar-se nos limites que lhe traçou a Natureza.*²²

Os animais, embora não tenham uma linguagem formada de palavras, possuem meios de se comunicarem.

“[...] Dizem uns aos outros muito mais coisas do que imaginais [ensinam os Espíritos Superiores], mas essa mesma linguagem de que dispõem é restrita às necessidades, como restritas também são as ideias que podem ter.”²³

*Efetivamente [comenta Kardec], os peixes que, como as andorinhas, emigram em cardumes, obedientes ao guia que os conduz, devem ter meios de se advertirem, de se entenderem e combinarem. É possível que disponham de uma vista mais penetrante e esta lhes permita perceber os sinais que mutuamente façam. Pode ser também que tenham na água um veículo próprio para a transmissão de certas vibrações. Como quer que seja, o que é incontestável é que lhes não falecem meios de se entenderem [...].*²⁴

Deflui desses ensinamentos que os animais têm inteligência, conquanto limitada, demonstram vontade própria e se comunicam entre si. Possuiriam, assim, livre-arbítrio, para praticar os seus atos? Kardec fez essa indagação aos instrutores espirituais, obtendo desses a seguinte resposta:

“Os animais não são simples máquinas, como supondes. Contudo, a liberdade de ação, de que desfrutam, é limitada pelas suas necessidades e não se pode

comparar à do homem. Sendo muitíssimo inferiores a este, não têm os mesmos deveres que ele. A liberdade, possuem-na restrita aos atos da vida material.”²⁵

4.1.3 A espécie humana

A respeito da espécie humana, esclarece a Doutrina Espírita que os seus germens também se encontravam entre os elementos orgânicos existentes na Terra e que o homem veio a seu tempo.⁸

“[...] os homens, uma vez espalhados pela Terra, absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua própria formação, para os transmitir segundo as leis da reprodução. O mesmo se deu com as diferentes espécies de seres vivos.”⁹

É difícil estabelecer-se um limite entre os animais e o homem, no tocante à estrutura orgânica, porque alguns animais demonstram, nesse aspecto, uma visível superioridade sobre o homem.

Todavia,

“[...] O homem é um ser à parte, que desce muito baixo algumas vezes e que pode também elevar-se muito alto. Pelo físico, é como os animais e menos bem dotado do que muitos destes. A Natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado a inventar com a sua inteligência, para satisfação de suas necessidades e para sua conservação. Seu corpo se destrói, como o dos animais, é certo, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. [...] Reconheci o homem pela faculdade de pensar em Deus.”²¹

Com efeito,

*Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais unicamente difere por alguns matizes na forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há, em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais. Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto [nitrogênio] e o carbono que se haviam combinado para formá-lo; e esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. É tão grande a analogia que suas funções orgânicas são estudadas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio.*⁵

A religião cristã, por influência do Judaísmo, prega que a origem da espécie humana está em Adão. O Espiritismo nos ensina, porém, que

O homem, cuja tradição se conservou sob o nome de Adão, foi dos que sobreviveram, em certa região, a alguns dos grandes cataclismos que revolveram em diversas épocas a superfície do globo, e se constituiu tronco de uma das raças

que atualmente o povoam. As Leis da Natureza se opõem a que os progressos da Humanidade, [...] se tenham realizado em alguns séculos, como houvera sucedido se o homem não existisse na Terra senão a partir da época indicada para a existência de Adão. Muitos, com mais razão, consideraram Adão um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo.¹⁰

As diferenças físicas e morais que distinguem as raças humanas na Terra estão relacionadas à ação do “[...] clima, da vida e dos costumes. Dá-se aí o que se dá com dois filhos de uma mesma mãe que, educados longe um do outro e de modos diferentes, em nada se assemelharão, quanto ao moral”.¹¹

4.2 OS SERES INORGÂNICOS

Os seres inorgânicos são também conhecidos como seres inertes (sem vida), tais como os minerais – inclusive a água – as rochas e os cristais.

A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química mostra que todas as substâncias vegetais e animais são compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono os que desempenham papel principal. Os outros entram acessoriamente. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação dos referidos elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bilis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que igualmente não se encontre no reino mineral.²

Na formação dos corpos sólidos, um dos mais notáveis fenômenos é o da cristalização, que consiste na forma regular que assumem certas substâncias, ao passarem do estado líquido, ou gasoso, ao estado sólido. Essa forma, que varia de acordo com a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Toda gente conhece os cristais de açúcar cândi; [cândi ou cande: é o açúcar que resulta da cristalização da sacarose e que apresenta grandes cristais prismáticos. É açúcar de farmácia]; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces que terminam em pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro, ou carvão cristalizado. Os desenhos que no inverno se produzem sobre as vidraças são devidos à cristalização do vapor de água durante a congelação, sob a forma de agulhas prismáticas.¹

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 10, it. 11.
- 2 _____. _____. it. 12.
- 3 _____. _____. it. 16.
- 4 _____. _____. it. 17.
- 5 _____. _____. it. 26.
- 6 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. q. 44.
- 7 _____. _____. q. 45.
- 8 _____. _____. q. 47.
- 9 _____. _____. q. 49.
- 10 _____. _____. comentário de Kardec à q. 51.
- 11 _____. _____. q. 52.
- 12 _____. _____. Introdução ao capítulo 4 – *Do princípio vital*.
- 13 _____. _____. q. 585; comentário de Kardec à q. 585.
- 14 _____. _____. q. 586.
- 15 _____. _____. q. 587.
- 16 _____. _____. q. 588.
- 17 _____. _____. q. 589.
- 18 _____. _____. q. 590.
- 19 _____. _____. q. 590.
- 20 _____. _____. q. 591.
- 21 _____. _____. q. 592.
- 22 _____. _____. q. 593.
- 23 _____. _____. q. 594.
- 24 _____. _____. comentário de Kardec à q. 594.
- 25 _____. _____. q. 595.
- 26 _____. _____. q. 597.
- 27 _____. _____. q. 597-a.
- 28 _____. _____. q. 598.
- 29 _____. _____. q. 602.
- 30 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. 8. imp. Brasília. FEB, 2018. 1ª pt., cap. 13 – *Alma e fluidos*, it. Vida na Espiritualidade.

DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS. ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS NESSES MUNDOS

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar as características das diferentes categorias de mundos habitados.
- » Refletir sobre as encarnações dos Espíritos nesses mundos.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *São habitados todos os globos que se movem no Espaço?* “Sim e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. [...]” (Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, q. 55).
- » *Há muitas moradas na casa de meu Pai* (João, 14:2).
- » *A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no Espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos* (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 3, it. 2).
- » [...] *Muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes [...]. Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual* (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 3, it. 3).

- » *Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. [...] (Allan Kardec, O evangelho segundo o espiritismo, cap. 3, it. 4).*
- » *De acordo com a classificação dada por Kardec, os mundos podem ser: [...] primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. [...] (Allan Kardec, O evangelho segundo o espiritismo, cap. 3, it. 4).*
- » *Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingir a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos. [...] (Allan Kardec, O evangelho segundo o espiritismo, cap. 3, it. 5).*
- » *Da mesma forma que diariamente ocorrem partidas e chegadas de Espíritos entre os planos material e espiritual, promovendo renovações intelecto-morais, [...] igualmente [essa movimentação] se efetua entre os mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer por massas, em circunstâncias especiais. Há [...] emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos. Novas raças de Espíritos, vindo misturar-se às existentes, constituem novas raças de homens. [...] (Allan Kardec, A gênese, cap. 11, it. 37).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Apresentar a pergunta: *Existe vida em outros planetas?*

Solicitar à turma que, em grupos de três, troque ideias a respeito do assunto, respondendo à pergunta.

Ouvir as respostas dos grupos.

Desenvolvimento

Exibir dois cartazes com os seguintes conteúdos:

1º cartaz: “Não se turbe o vosso coração; crede em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar” (*João*, 14:1 e 2).

2º cartaz: *São habitados todos os globos que se movem no Espaço?* “Sim e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição [...]” (*O livro dos espíritos*, q. 55).

Em seguida, com os participantes, relacionar o ensino de Jesus com o de *O livro dos espíritos*, questões 56 e 57, enfatizando os seguintes tópicos: a) a semelhança desses ensinamentos; b) a diferença da constituição física desses diversos mundos e a conseqüente diversidade de organização dos seres que os habitam.

Trocar ideias com os participantes a respeito das pesquisas científicas em torno deste assunto, baseando-se, inclusive, no resultado da atividade extrarreunião. Referir-se, às informações transmitidas pelo Espírito Humberto de Campos sobre o planeta Marte (*Novas mensagens*, cap. 6 – *Marte*, FEB Editora), ressaltando as diferenças de manifestação da vida no Universo, ainda não detectadas pelos instrumentos da nossa Ciência.

Dividir a turma em cinco grupos para a leitura dos subsídios do Roteiro, devendo cada um deles estudar uma categoria de mundo habitado. Em seqüência, cada grupo deverá preparar um resumo referente à categoria de mundo que lhe coube estudar.

Pedir aos representantes dos grupos que leiam os resumos elaborados.

Prestar os comentários cabíveis.

Conclusão

Pedir aos participantes que enumerem as diferentes categorias de mundos habitados, solicitando a um voluntário que as escreva num cartaz, colocado em local visível a todos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes souberem:

a) relacionar os ensinamentos de Jesus com o dos Espíritos;

b) enumerar e caracterizar as diferentes categorias de mundos habitados.

Técnica(s): zunzum; exposição dialogada; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): subsídios e Anexo do Roteiro; cartazes; textos/figuras da internet/revistas; papel; lápis/caneta; pincel atômico; folha de papel-pardo ou cartolina.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar a reunião com a apresentação dos resultados da pesquisa solicitada, na semana anterior, como atividade extrarreunião.

Pedir aos participantes ou grupos apresentarem a conclusão de seus trabalhos.

Desenvolvimento

Fazer comentários pertinentes aos resultados apresentados, destacando pontos interessantes e importantes das categorias dos mundos, segundo os Espíritos.

Em seguida propor a leitura comentada, em discussão circular, das questões 172 a 188 de *O livro dos espíritos*, relacionando-as com os textos estudados em *O evangelho segundo o espiritismo* (o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia das questões e dos textos).

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, destacando pontos importantes das diferentes categorias de mundos habitados, segundo a Doutrina Espírita.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como avalio a minha existência neste mundo? Estou preparado(a) para mudar de mundo?

Conclusão

Encerrar o estudo, refletindo sobre as palavras de Jesus: “Não se turbe o vosso coração; crede em Deus, crede também em mim. Na casa de meu

Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar” (João, 14:1 e 2).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): apresentação de grupo; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): subsídios e Anexo do Roteiro; *O livro dos espíritos*.

3.3 SUGESTÃO 3

Introdução

Iniciar o estudo fazendo uma exposição dialógica, utilizando recurso visual, sobre a encarnação nos diferentes mundos, com base no Anexo e nas questões 172 a 188 de *O livro dos espíritos*.

Desenvolvimento

Dividir a turma em grupo para o estudo dos seguintes textos de *O evangelho segundo o espiritismo* (o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia dos textos):

Grupo 1 – cap. 3, its. 3 a 5 e 8 a 12;

Grupo 2 – cap. 3, its. 3 a 5 e 13 a 15;

Grupo 3 – cap. 3, its. 3 a 5 e 16 a 18.

Após o estudo dos textos, cada grupo apresenta seu assunto, destacando pontos importantes.

Em seguida propor uma reflexão circular unindo os assuntos estudados nas questões de *O livro dos espíritos* e nos textos de *O evangelho segundo o espiritismo*:

- » *Que conclusões podemos chegar acerca das diferentes categorias de mundos habitados?*
- » *Quais as relações existentes entre o mundo e seus habitantes?*
- » *Em que se assenta a mudança de categoria de um mundo, elevando-o a outra?*
- » *O Universo é imenso. A Ciência tem apresentado provas da matéria em estados imperceptíveis aos sentidos humanos. Podemos acreditar na existência de vida somente material, e na Terra? etc.*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a discussão, destacando pontos importantes das diferentes categorias de mundos habitados, segundo a Doutrina Espírita e a relação com seus habitantes.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Como avalio a minha existência neste mundo? Estou preparado(a) para mudar de mundo?

Conclusão

Encerrar o estudo, refletindo sobre as palavras de Jesus: “Não se turbe o vosso coração; crede em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar” (João, 14:1 e 2).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição dialógica; estudo de grupo; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): recurso visual; subsídios e Anexo do Roteiro; *O livro dos espíritos*; *O evangelho segundo o espiritismo*.

4 SUBSÍDIOS

4.1 DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS

Ensina o Espiritismo que são habitados todos os mundos que existem no Universo “[...] e o homem terreno está longe de ser [...] o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição [...]”¹⁴ Comentando esse assunto, diz Allan Kardec:

Deus povoou de seres vivos os mundos, concorrendo todos esses seres para o objetivo final da Providência. Acreditar que só os haja no planeta que habitamos fora duvidar da sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma inútil. Certo, a esses mundos há de Ele ter dado uma destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista. Aliás, nada há, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, que possa induzir à suposição de que ela goze do privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de milhões de mundos semelhantes.¹⁴

Ensino semelhante se encontra no Evangelho, quando o Cristo afirma: *Há muitas moradas na casa de meu Pai.*¹ A propósito dessa expressão evangélica, Kardec faz o seguinte comentário:

*A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no Espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos.*²

*Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. [...] Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.*⁴

*Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. Embora se não possa fazer, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se contudo, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais salientes, dividi-los, de modo geral, como segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem [...].*⁵

4.1.1 Mundos primitivos

*Tomada a Terra por termo de comparação, pode-se fazer ideia do estado de um mundo inferior, supondo os seus habitantes na condição das raças selvagens ou das nações bárbaras que ainda entre nós se encontram, restos do estado primitivo do nosso orbe. Nos mais atrasados, são de certo modo rudimentares os seres que os habitam. Revestem a forma humana, mas sem nenhuma beleza. Seus instintos não têm a abrandá-los qualquer sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem as noções do justo e do injusto. A força bruta é, entre eles, a única lei. Carentes de indústrias e de invenções, passam a vida na conquista de alimentos. Deus, entretanto, a nenhuma de suas criaturas abandona; no fundo das trevas da inteligência jaz, latente, a vaga intuição, mais ou menos desenvolvida, de um Ente supremo [...].*⁶

4.1.2 Mundos de expiação e provas

São mundos onde domina o mal, destinados aos Espíritos que necessitam expiar as faltas cometidas em suas encarnações anteriores. A variedade desses mundos é infinita, [...] *mas revelando todos, como caráter comum, o servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à Lei de Deus. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e*

com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência [...].⁹

4.1.3 Mundos de regeneração ou regeneradores

Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as frentes, vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis.

Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da expiação [...].¹⁰

4.1.4 Mundos ditosos ou felizes

Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são muitíssimo diversas [...]. Como por toda parte, a forma corpórea aí é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre e não está, conseguintemente, sujeito às necessidades, nem às doenças ou deteriorações que a predominância da matéria provoca. Mais apurados, os sentidos são aptos a percepções a que neste mundo a grosseria da matéria obsta. A leveza específica do corpo permite locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, a bem dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem qualquer outro esforço além do da vontade [...]. Em lugar de semblantes descorados, abatidos pelos sofrimentos e paixões, a inteligência e a vida cintilam com o fulgor que os pintores não figurado no nimbo ou auréola dos santos.

A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta ou quase nula a infância. Isenta de cuidados e angústias, a vida é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade guarda proporção com o grau de adiantamento dos mundos. A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição; longe de causar pavor, é considerada uma transformação feliz, por isso que lá não existe a dúvida sobre o porvir [...].⁷

Nesses mundos venturosos, as relações, sempre amistosas entre os povos, jamais são perturbadas pela ambição, da parte de qualquer deles, de escravizar o seu vizinho, nem pela guerra que daí decorre [...]. A autoridade merece o respeito de todos, porque somente ao mérito é conferida e se exerce sempre com justiça. [...] Lá, todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana se acham

engrandecidos e purificados [...]; um laço de amor e fraternidade prende uns aos outros todos os homens [...].⁸

4.1.5 Mundos celestes ou divinos

Esses mundos são habitados pelos Espíritos puros, aqueles que atingiram a perfeição. Não ficam, contudo, esses Espíritos presos à sua habitação, “[...] como os homens à Terra; podem, melhor do que os outros, estar em toda parte”.¹⁵

O progresso é Lei da Natureza. A essa lei todos os seres da Criação, animados e inanimados, foram submetidos pela bondade de Deus, que quer que tudo se engrandeça e prospere. [...]

Ao mesmo tempo que todos os seres vivos progridem moralmente, progridem materialmente os mundos em que eles habitam. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados a constituí-lo, vê-lo-ia a percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso [...].¹¹

4.2 ENCARNAÇÃO NOS DIFERENTES MUNDOS

De acordo com o ensinamento da Doutrina Espírita, tendo

[...] o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos.¹⁶

Para chegar à perfeição, que é o seu destino final, os Espíritos não precisam, entretanto, passar pela imensa variedade de mundos existentes no Universo, uma vez que muitos desses mundos pertencem ao mesmo grau da escala evolutiva, e os Espíritos, ao se retirarem de um deles, nada aprenderiam nos outros que se lhe assemelhassem.¹⁷ Podem, no entanto, encarnar num mundo em que já viveram para desempenhar missões, que concorram para o seu adiantamento.¹⁹ Por outro lado, a pluralidade das existências de um Espírito num mesmo orbe se explica pela necessidade de ele ocupar, de cada vez, “[...] posição diferente das anteriores e nessas diversas posições se lhe deparam outras tantas ocasiões de adquirir experiência”.¹⁸

Ao passar de um planeta para outro, conserva o Espírito a sua inteligência, uma vez que

“[...] a inteligência não se perde. Pode, porém, acontecer que ele não disponha dos mesmos meios para manifestá-la, dependendo isto da sua superioridade e das condições do corpo que tomar.”²¹

Note-se, a propósito, que “Os Espíritos podem conservar-se estacionários, mas não retrogradam [...]”.²⁰ Dessa forma,

*Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingir a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim, por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos. São outras tantas estações, em cada uma das quais se lhes deparam elementos de progresso apropriados ao adiantamento que já conquistaram. É-lhes uma recompensa ascenderem a um mundo de ordem mais elevada, como é um castigo o prolongarem a sua permanência em um mundo desgraçado, ou serem relegados para outro ainda mais infeliz do que aquele a que se veem impedidos de voltar quando se obstinaram no mal.*³

Essa passagem dos Espíritos para um outro planeta mais ou menos adiantado, em relação ao mundo em que estavam encarnados, pode ser individual ou coletiva. Para melhor compreensão desse processo, comparemos essa transmigração de um mundo a outro à que se dá com as desencarnações e reencarnações na Terra.

Assim é que

*No intervalo de suas existências corporais, os Espíritos se encontram no estado de erraticidade e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e pelos nascimentos, as duas populações, terrestre e espiritual, deságuam incessantemente uma na outra. Há, pois, diariamente, emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual e imigrações deste para aquele: é o estado normal.*¹²

*Essa transfusão, que se efetua entre a população encarnada e desencarnada de um planeta, igualmente se efetua entre outros mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer por massas, em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos. Novas raças de Espíritos, vindo misturar-se às existentes, constituem novas raças de homens. Ora, como os Espíritos nunca mais perdem o que adquiriram, consigo trazem eles sempre a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem, o que faz que imprimam o caráter que lhes é peculiar à raça corpórea que venham animar. Para isso, só necessitam de que novos corpos sejam criados para serem por eles usados. Uma vez que a espécie corporal existe, eles encontram sempre corpos prontos para os receber. Não são mais, portanto, do que novos habitantes. Em chegando à Terra, integram-lhe, a princípio, a população espiritual; depois, encarnam, como os outros.*¹³

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste se aproxima igualmente da natureza espírita. Torna-se-lhe menos densa a matéria, deixa de rastejar penosamente pela superfície do solo, menos grosseiras se lhe fazem as necessidades físicas, não mais sendo preciso que os seres vivos se destruam mutuamente para se nutrirem. O Espírito se acha mais livre e tem, das coisas

longínquas, percepções que desconhecemos. Vê com os olhos do corpo o que só pelo pensamento entrevemos.

[...]

A duração da vida, nos diferentes mundos, parece guardar proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um, o que é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam. Quanto mais puro o Espírito, menos paixões a miná-lo [...].²³

Sendo assim,

Nas esferas superiores à Terra o império da matéria é menor. Os males por esta originados atenuam-se, à medida que o ser se eleva e acabam por desaparecer. Lá, o ser humano não mais se arrasta penosamente sob a ação de pesada atmosfera; desloca-se de um lugar para outro com muita facilidade. As necessidades corpóreas são quase nulas e os trabalhos rudes, desconhecidos. Mais longa que a nossa, a existência aí se passa no estudo, na participação das obras de uma civilização aperfeiçoada, tendo por base a mais pura moral, o respeito aos direitos de todos, a amizade e a fraternidade [...].²⁷

Isto posto, podemos dizer que os mundos, como tudo no Universo, estão sujeitos à Lei do Progresso.

“[...] Todos começaram, como o vosso [ensinam os Espíritos Superiores], por um estado inferior e a própria Terra sofrerá idêntica transformação. Tornar-se-á um paraíso, quando os homens se houveram tornado bons.”²⁴

Por sua vez, os corpos que servem de instrumentos aos Espíritos em suas encarnações nos diferentes mundos são mais ou menos materiais,

“[...] conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos. É isso o que assinala a diferença entre os mundos que temos de percorrer, porquanto muitas moradas há na casa de nosso Pai, sendo, conseqüentemente, de muitos graus essas moradas [...].²²

Aliás, não só o corpo material, mas também a substância do perispírito não é a mesma em todos os mundos. “[...] Passando de um mundo a outro, o Espírito se reveste da matéria própria desse outro [...].”²⁶ Há mesmo mundos em que o Espírito deixa de revestir corpos materiais, só tendo por envoltório o perispírito “[...] e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós” – dizem os instrutores da Codificação – “é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros”.²⁵

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017. cap. 3, it. 1.
- 2 _____. _____. it. 2.
- 3 _____. _____. it. 5.
- 4 _____. _____. it. 3.
- 5 _____. _____. it. 4.
- 6 _____. _____. it. 8.
- 7 _____. _____. it. 9.
- 8 _____. _____. it. 10.
- 9 _____. _____. it. 15.
- 10 _____. _____. it. 17 (Santo Agostinho).
- 11 _____. _____. it. 19 (Santo Agostinho).
- 12 _____. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 11, it. 35.
- 13 _____. _____. it. 37.
- 14 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. q. 55; comentário de Kardec à q. 55.
- 15 _____. _____. q. 188.
- 16 _____. _____. *Introdução*, it. VI.
- 17 _____. _____. q. 177.
- 18 _____. _____. q. 177-a.
- 19 _____. _____. q. 178.
- 20 _____. _____. q. 178-a.
- 21 _____. _____. q. 180.
- 22 _____. _____. q. 181.
- 23 _____. _____. comentário de Kardec à q. 182.
- 24 _____. _____. q. 185.
- 25 _____. _____. q. 186.
- 26 _____. _____. q. 187.
- 27 DENIS, Léon. *Depois da morte*. Trad. João Lourenço de Souza. 28. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 35 – *A vida superior*.

A TERRA: DE MUNDO DE EXPIAÇÃO E PROVAS PARA MUNDO DE REGENERAÇÃO

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar a situação da Terra como mundo de expiação e provas.
- » Refletir sobre o processo de sua transformação em mundo regenerador.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » [...] *A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias* (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 3, it. 4).
- » [...] *A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas também os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso os colocou Deus num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que haja merecido ascender a um planeta mais ditoso.* (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 3, it. 13).
- » *Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, ainda*

não tocados pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos [da Terra] [...] Substituí-los-ão Espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 18, it. 27).

- » *A Terra [...] não terá de transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas* (Allan Kardec, *A gênese*, cap. 18, it. 27).

Observação: Sugerir a leitura da trilogia: *Transição planetária; Amanhecer de uma nova era; e Perturbações espirituais*, do Espírito Manoel P. de Miranda, psicografia de Divaldo P. Franco.

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Sondar o entendimento dos participantes a respeito das expressões *final dos tempos* e *fim do mundo*, escrevendo as ideias apresentadas no quadro de giz ou *flip-chart* (não fazer comentários no momento).

Desenvolvimento

Dividir a turma em pequenos grupos para realizar a seguinte tarefa:

1. ler os subsídios do Roteiro;
2. responder às seguintes perguntas: a) O que é expiação e o que são provas? b) Que razões nos levam a considerar a Terra um mundo de expiação e provas? c) De que forma a Terra se transformará num mundo melhor?

Ouvir as respostas dos representantes dos grupos.

Prestar os esclarecimentos necessários à boa compreensão do assunto. Na oportunidade, fazer a correlação entre as ideias apresentadas na introdução do estudo e as respostas dadas à pergunta da letra “c”, item 2 do trabalho de grupo.

Conclusão

Encerrar o estudo destacando a nossa responsabilidade no processo de ascensão da Terra na hierarquia dos mundos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes, no trabalho em grupo, identificarem a Terra como mundo de expiação e provas em transição, explicando como o nosso planeta se transformará num mundo melhor.

Técnica(s): explosão de ideias; exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; quadro de giz/*flip-chart*; papel; lápis/caneta.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar o estudo apresentando a frase, em recurso visual ou escrito em cartaz ou no quadro: “[...] A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias.” (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 3, it. 4).

Desenvolvimento

Convidar os participantes para compartilharem de reflexões sobre o conteúdo acima, recordando os textos de *O evangelho segundo o espiritismo* sobre as categorias de mundos de expiações e provas e de regeneração, relacionando-o com a situação atual da Terra: fome, guerras, avanço de algumas leis em relação aos cuidados com: animais, crianças, idosos, mulheres e meio ambiente etc.

Fazer a leitura comentada dos textos de *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo 3, itens 6, 7 e 19. Os participantes revezam-se na leitura oral, comentando, se quiser (o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia dos textos).

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo o estudo, destacando pontos importantes, com base nos subsídios do Roteiro.

Propor uma discussão circular:

- » *Como a Terra passará de mundo de expiação e de provas para mundo regenerado?*
- » *Temos alguma participação nessa mudança? Ou herdaremos um futuro modificado?*
- » *Disse o Cristo: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”. O que entender dessas palavras?*

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

- » *Como andam minhas ações?*
- » *Como trato meu companheiro de trabalho, os parentes, os empregados, o público?*
- » *Como estão minhas atitudes na rua, no trânsito, em locais públicos?*
- » *O que faço com o meu “pouco” lixo: papéis, vasilhames, embalagens?*
- » *Qual a minha participação nos cuidados com o meio ambiente: água, animais selvagens, rios e nascentes, vegetação nativa etc., ou não me importo porque “não sou ativista”?*

“Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis e desobedientes, e reprovados para toda boa obra.” – PAULO (Tito, 1:16).

Conclusão

Encerrar o estudo, reforçando a importância de reconhecermos que:

Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, ainda não tocados pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos [da Terra] [...] Substituí-los-ão Espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade. (Allan Kardec, A gênese, cap. 18, it. 27).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura comentada; discussão circular.

Recurso(s): recurso visual; subsídios do Roteiro; *O evangelho segundo o espiritismo*.

3.3 SUGESTÃO 3

Introdução

Iniciar o estudo apresentando a frase, em recurso visual ou escrito em cartaz ou no quadro: “[...] A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias.” (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 3, it. 4).

Convidar os participantes para compartilharem de reflexões sobre o conteúdo acima, recordando os textos de *O evangelho segundo o espiritismo* sobre as categorias de mundos de expiações e provas e de regeneração, relacionando-o com a situação atual da Terra: fome, guerras, avanço de algumas leis em relação aos cuidados com: animais, crianças, idosos, mulheres e meio ambiente etc.

Desenvolvimento

Passar o vídeo – Divaldo P. Franco. Início do Planeta de Regeneração (25:36), disponível em: <https://drive.google.com/file/d/17idxQJXDBP4nSeGHbu9F2dAJSKXGnt9E/view?usp=sharing>

Pedir aos participantes que façam anotações para discussão posterior aos estudos em grupos.

Dividir a turma em grupo para o estudo dos textos de *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo 3, itens 6, 7 e 19 (não há apresentação de grupo e o ideal é que todos tenham o exemplar da obra, ou a cópia dos textos). Após o estudo em grupo iniciar uma reflexão circular:

- » *Como a Terra passará de mundo de expiação e de provas para mundo regenerado?*
- » *Temos alguma participação nessa mudança? Ou herdaremos um futuro modificado?*
- » *Disse o Cristo: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”. O que entender dessas palavras?*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo o estudo, destacando pontos importantes, com base nos subsídios da apostila, em *O evangelho segundo o espiritismo* e no vídeo.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

- » *Como andam minhas ações?*
- » *Como trato meu companheiro de trabalho, os parentes, os empregados, o público?*
- » *Como estão minhas atitudes na rua, no trânsito, em locais públicos?*
- » *O que faço com o meu “pouco” lixo: papéis, vasilhames, embalagens?*
- » *Qual a minha participação nos cuidados com o meio ambiente: água, animais selvagens, rios e nascentes, vegetação nativa, etc., ou não me importo porque “não sou ativista”?*

“Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis e desobedientes, e reprovados para toda boa obra.” – PAULO (Tito, 1:16).

Conclusão

Encerrar o estudo, reforçando a importância de reconhecermos que:

Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, ainda não tocados pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos [da Terra] [...] Substituí-los-ão Espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade (Allan Kardec, A gênese, cap. 18, it. 27).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura comentada; estudo de grupo; discussão circular.

Recurso(s): vídeo; recurso visual; subsídios do Roteiro; *O evangelho segundo o espiritismo*.

4 SUBSÍDIOS

Ensina a Doutrina Espírita que “A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período da humanização começa, geralmente, em mundos ainda inferiores à Terra [...]”⁹ As nossas existências no orbe terráqueo “[...] são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição”.⁸ [...] *A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias.*¹

Muitos se admiram de que na Terra haja tanta maldade e tantas paixões grosseiras, tantas misérias e enfermidades de toda natureza, e daí concluem que a espécie humana bem triste coisa é. Provém esse juízo do acanhado ponto de vista em que se colocam os que o emitem e que lhes dá uma falsa ideia de conjunto. Deve-se considerar que na Terra não está a Humanidade toda, mas apenas uma pequena fração da Humanidade. Com efeito, a espécie humana abrange todos os seres dotados de razão que povoam os inúmeros orbes do Universo. Ora, que é a população da Terra, em face da população total desses mundos? Muito menos que a de uma aldeia, em confronto com a de um grande império. A situação material e moral da humanidade terrena nada tem que espante, desde que se leve em conta a destinação da Terra e a natureza dos que a habitam.²

Faria dos habitantes de uma grande cidade falsíssima ideia quem os julgasse pela população dos seus quarteirões mais ínfimos e sórdidos. Num hospital, ninguém vê senão doentes e estropiados; numa penitenciária, veem-se reunidas todas as torpezas, todos os vícios; nas regiões insalubres, os habitantes, em sua maioria, são pálidos, franzinos e enfermiços. Pois bem: figure-se a Terra como um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, um sítio malsão, e ela é simultaneamente tudo isso, e compreender-se-á por que as aflições sobrelevam aos gozos, porquanto não se mandam para o hospital os que se acham com saúde, nem para as casas de correção os que nenhum mal praticaram; nem os hospitais e as casas de correção se podem ter por lugares de deleite.

*Ora, assim como, numa cidade, a população não se encontra toda nos hospitais ou nas prisões, também na Terra não está a Humanidade inteira. E, do mesmo modo que do hospital saem os que se curaram e da prisão os que cumpriram suas penas, o homem deixa a Terra, quando está curado de suas enfermidades morais.*³

[...] *A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas também os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso os colocou Deus num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que hajam merecido ascender a um planeta mais ditoso.*⁴

Note-se, entretanto, conforme assinala Emmanuel, que

– A capacidade intelectual do homem terrestre é excessivamente reduzida, em face dos elevados poderes da personalidade espiritual independente dos laços da matéria.

Os elos da reencarnação fazem o papel de quebra-luz sobre todas as conquistas anteriores do Espírito reencarnado. Nessa sombra, reside o acervo de lembranças vagas, de vocações inatas, de numerosas experiências, de valores naturais e espontâneos, a que chamais subconsciência.

O homem comum é uma representação parcial do homem transcendente, que será reintegrado nas suas aquisições do passado, depois de haver cumprido a prova ou a missão exigidas pelas suas condições morais, no mecanismo da Justiça Divina.

Aliás, a incapacidade intelectual do homem físico tem sua origem na sua própria situação, caracterizada pela necessidade de provas amargas.

O cérebro humano é um aparelho frágil e deficiente, onde o Espírito em queda tem de valorizar as suas realizações de trabalho.¹²

Por outro lado, também

[...] se explicam pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia, contudo, só existe na aparência, porque considerada tão só do ponto de vista da vida presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que lhe compete, sem prejuízo da que lhe tocará no Mundo dos Espíritos, e verá que a Justiça de Deus nunca se interrompe.⁵

Nem todo o sofrimento suportado na Terra, porém, constitui expiação de determinada falta cometida em pregressas reencarnações.

[...] Muitas vezes são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu progresso. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Provas e expiações, todavia, são sempre sinais de relativa inferioridade, porquanto o que é perfeito não precisa ser provado. Pode, pois, um Espírito haver chegado a certo grau de elevação e, nada obstante, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais recompensado será, se sair vitorioso, quanto mais rude haja sido a luta [...].⁶

Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, ainda não tocados pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, porque,

senão, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o endurecimento de seus corações, uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos daquela ordem, aos quais levarão os conhecimentos que hajam adquirido, tendo por missão fazê-las avançar. Substituí-los-ão Espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade.

A Terra, no dizer dos Espíritos, não terá de transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.

Tudo, pois, se processará exteriormente, como sói acontecer, com a única, mas capital diferença de que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra aí não mais tornarão a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e propenso ao bem.⁷

Dessa forma,

O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as Leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo [...].¹⁰

Assim, como vimos, avizinha-se o momento da transformação moral da Humanidade, e da conseqüente ascensão da Terra na hierarquia dos mundos.

[...] Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentem deter a marcha das coisas serão daí excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam [...].¹¹

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. (Edição Histórica) Brasília: FEB, 2017. cap. 3, it. 4.
- 2 _____. _____. it. 6.
- 3 _____. _____. it. 7.
- 4 _____. _____. it. 13.
- 5 _____. _____. cap. 5, it. 7.
- 6 _____. _____. it. 9.

- 7 _____. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 18, it. 27.
- 8 _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 8. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2019. q. 172.
- 9 _____. _____. q. 607-b.
- 10 _____. _____. q. 1.019.
- 11 _____. _____.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. q. 205.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO VIII

Movimento Espírita e Unificação

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento do Movimento Espírita e da Unificação.

“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” – JESUS (*João, 8:32*).

AS VIAGENS DE ALLAN KARDEC: AS PRIMEIRAS AÇÕES DE ALLAN KARDEC

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar a postura de Allan Kardec diante dos desafios do Espiritismo nascente.
- » Refletir sobre a força do Espiritismo nos primeiros tempos de sua propagação.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *No decorrer dos anos de 1860, 1861, 1862, 1864 e 1867, Allan Kardec empreendeu várias viagens pelo interior da França e da Bélgica, no interesse do Espiritismo nascente. Dentre todas essas viagens, destaca-se a de 1862, em que se deteve particularmente nas cidades de Lyon e Bordeaux. Como ele mesmo diz, havia duplo objetivo nessas viagens: dar instruções onde estas fossem necessárias e, ao mesmo tempo, nos instruímos (Allan Kardec, Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec, Nota do Tradutor).*
- » *A força do Espiritismo tem duas causas preponderantes: a primeira é tornar felizes os que o conhecem, o compreendem e o praticam. [...] A segunda é que o Espiritismo não se assenta na cabeça de homem algum, sujeitando-se assim a ser derrubado; não tem um foco único, que possa ser extinto; seu foco está em toda parte, porque em toda parte há médiuns que podem comunicar-se com os Espíritos; não há família que não os possua em seu seio e que não realizem estas palavras do Cristo: Vossos filhos e filhas profetizarão, e terão visões; porque, enfim, o Espiritismo é uma ideia e não há*

barreiras impenetráveis à ideia, nem bastante altas que estas não possam transpor [...] (Allan Kardec, Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Allan Kardec, Discurso de Allan Kardec aos espíritas de Bordeaux).

- » A postura de Kardec diante dos desafios do Espiritismo nascente, tal como em relação aos adversários do Espiritismo, aos médiuns interesseiros e aos adeptos que se afastam, constitui exemplo significativo para os espíritas de todas as épocas.

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Iniciar o estudo com uma exposição dialogada com base no item 4.1 dos subsídios: A força do Espiritismo nos primeiros tempos de propagação (tempo máximo de 20 a 30 minutos).

Desenvolvimento

Propor leitura individual do item 4.2 e seus subitens dos subsídios: A postura de Allan Kardec diante dos desafios do Espiritismo nascente (tempo 10 minutos).

Em seguida, iniciar uma discussão circular:

- » *No que consiste a força do Espiritismo destacada por Kardec?*
- » *Qual a importância das viagens empreendidas por Kardec?*
- » *Qual a postura de Kardec diante dos desafios do Espiritismo nascente? etc.*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações sobre o assunto.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Que sentimentos a mensagem trazida pelo Espiritismo desperta em mim?

Conclusão

Fazer o fechamento reforçando:

No decorrer dos anos de 1860, 1861, 1862, 1864 e 1867, Allan Kardec empreendeu várias viagens pelo interior da França e da Bélgica, no interesse do Espiritismo nascente. Dentre todas essas viagens, destaca-se a de 1862, em que se deteve particularmente nas cidades de Lyon e Bordeaux. Como ele mesmo diz, havia duplo objetivo nessas viagens: dar instruções onde estas fossem necessárias e, ao mesmo tempo, nos instruímos. (Allan Kardec, *Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec, Nota do Tradutor*).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias, discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro.

3.2 SUGESTÃO 2:

Introdução

Iniciar o estudo apresentando o tema e seus objetivos específicos.

Fazer ligeira exposição a respeito do preâmbulo dos subsídios, mostrando a imagem do roteiro de Kardec na viagem de 1862 (veja Anexo). A imagem poderá ser apresentada por meio de projeção.

Desenvolvimento

Fazer leitura compartilhada do conteúdo do item 4.1 dos subsídios. Cuidar para que, na medida do possível, todo o grupo possa lê-lo e comentá-lo. Para que as reflexões abranjam todos os aspectos do assunto, convém ler e comentar o texto paulatinamente.

No decorrer da atividade, prestar os esclarecimentos cabíveis, contribuindo para o estudo, por sua vez, com as próprias reflexões, de tal modo que, ao final da leitura, fique bem demonstrada a força do Espiritismo nos primeiros tempos de sua propagação.

Em sequência, os participantes serão divididos em três pequenos grupos, com as seguintes tarefas:

Ler o conteúdo do item 4.2 dos subsídios.

Grupo 1 – fazer comentários sobre a postura de Kardec diante dos adversários do Espiritismo.

Grupo 2 – comentar o posicionamento de Kardec à frente dos médiums interessados.

Grupo 3 – tecer comentários a respeito da posição de Kardec em relação aos adeptos que se afastam.

Ao final do trabalho, pedir que cada pequeno grupo compartilhe seus comentários com os demais participantes, estimulando todo o grande grupo a participar das reflexões sobre a postura de Kardec em relação aos pontos incluídos no item 4.2 do Roteiro.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Que sentimentos a mensagem trazida pelo Espiritismo desperta em mim?*

Conclusão

Concluir o assunto, levantando, com o grande grupo, os pontos considerados mais importantes do estudo, procurando, também com o grupo, extrair das instruções de Kardec as orientações necessárias para nossa conduta como espíritas.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição; leitura compartilhada; estudo em grupo.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; imagem do roteiro de Kardec na viagem de 1862; recursos visuais; lápis/caneta; papel.

4 SUBSÍDIOS

No decorrer dos anos de 1860, 1861, 1862, 1864 e 1867, Allan Kardec empreendeu várias viagens pelo interior da França e da Bélgica, no interesse do Espiritismo nascente. Dentre todas essas viagens, destaca-se a de 1862, em que se deteve particularmente nas cidades de Lyon e Bordeaux. Esta última viagem mereceu o lançamento, no mesmo ano, de um opúsculo, no qual apresenta ricas observações sobre o Espiritismo, que, então, comemorava seu quinto aniversário, além de várias instruções sobre a formação de grupos e sociedades espíritas e uma série de conselhos e orientações aos espíritas.¹

Como ele mesmo diz, havia duplo objetivo nessas viagens:

[...] dar instruções onde estas fossem necessárias e, ao mesmo tempo, nos instruírmos. Queríamos ver as coisas por nossos próprios olhos, para julgar o estado real da Doutrina e da maneira pela qual ela é compreendida; estudar as causas locais favoráveis ou desfavoráveis ao seu progresso, sondar as opiniões, apreciar os efeitos da oposição e da crítica e conhecer o julgamento que se faz de certas coisas. Estávamos desejosos, sobretudo, de apertar a mão de nossos irmãos espíritas e de lhes exprimir pessoalmente a nossa mui sincera simpatia, retribuindo as constantes provas de amizade que nos dão em suas cartas; de dar, em nome da Sociedade de Paris, e em nosso próprio nome, em particular, um testemunho especial de gratidão e de admiração a esses pioneiros da obra que, por sua iniciativa, seu zelo desinteressado e seu devotamento, constituem os seus primeiros e mais firmes sustentáculos, marchando sempre para a frente, sem se inquietarem com as pedras que lhes atiram e pondo o interesse da causa acima do interesse pessoal [...].²

Kardec deixou várias instruções aos espíritas dessas cidades por que passou. São orientações, contudo, que não se circunscrevem a uma época, mas interessam aos espíritas de todos os tempos.

Vamos alinhar algumas delas, dadas, em sua maioria, aos espíritas de Lyon e Bordeaux na viagem de 1862. Dizem respeito, de um lado, à força do Espiritismo em seus primeiros tempos de propagação pelo mundo e, de outro, à postura do Codificador diante dos acontecimentos que envolveram o Espiritismo nascente.

4.1 A FORÇA DO ESPIRITISMO NOS PRIMEIROS TEMPOS DE PROPAGAÇÃO

Nossa primeira turnê espírita [assinala Kardec], realizada em 1860, limitou-se a Lyon e algumas cidades que se encontravam em nosso trajeto. No ano seguinte acrescentamos Bordeaux ao itinerário e, este ano [1862], além dessas duas cidades principais, visitamos uma vintena de localidades e assistimos a mais de 50 reuniões, durante uma viagem de sete semanas e um percurso de 693 léguas. [...]

O primeiro resultado que pudemos constatar foi o imenso progresso das crenças espíritas. Um único fato poderá nos dar uma ideia disto. Quando de nossa primeira viagem a Lyon, em 1860, ali havia, no máximo, algumas centenas de adeptos; no ano seguinte já existiam 5 a 6 mil, tornando-se impossível saber o seu número agora. Pode-se, no entanto, e sem nenhum exagero, avaliá-los entre 25 e 30 mil. [...] Este é um fato comprovado, que ninguém pode negar. Mas há outro fato notável, que também pudemos constatar: numa porção de localidades onde era desconhecido, o Espiritismo penetrou graças às pregações desfavoráveis que lhe eram feitas, inspirando nas pessoas o desejo de saber em que ele se fundamentava. Em seguida, por que o achassem racional, conquistou partidários. Poderíamos citar, entre outras, uma pequena cidade do departamento de

Indre-et-Loire, em que jamais se ouvira falar de Espiritismo – pelo menos nos últimos seis meses; ali, aconteceu a um pregador a ideia de fulminar, do púlpito, o que ele chamava, falsa e impropriamente, a religião do século XIX e o culto a satã. A população, surpresa, quis saber do que se tratava; mandaram trazer livros e, hoje, ali, os adeptos organizaram um Centro. Razão tinham os Espíritos quando nos disseram, alguns anos atrás, que os nossos próprios adversários, sem o quererem serviriam à nossa causa. Está provado, em toda parte, que a propagação do Espiritismo tem ocorrido em razão dos ataques. Ora, para que uma ideia se vulgarize dessa maneira é preciso que agrade e que a julguem mais racional do que outras que lhe são opostas. Assim, um dos resultados de nossa viagem foi poder constatar, com os próprios olhos, o que já sabíamos por nossa correspondência.

É preciso admitir, todavia, que essa marcha ascendente está longe de ser uniforme. Se há regiões onde as ideias espíritas parecem germinar à medida que são semeadas, outras há onde penetram mais dificilmente, em virtude de causas locais, ligadas ao caráter de seus habitantes e, sobretudo, à natureza de suas ocupações. [...] Por toda parte a ideia espírita começa nas classes esclarecidas ou de mediana cultura. [...] Da classe média ela se estende às mais elevadas e às mais baixas categorias da escala social [...].

Um fato talvez mais importante ainda que o número de adeptos, deduzido de nossas observações, é a seriedade com que se considera a Doutrina. Onde quer que se investigue, pode-se dizer que o lado filosófico, moral e instrutivo é buscado com avidez. Em parte alguma vimos a fenomenologia espírita ser tomada como objeto de entretenimento, nem as experiências como distração. As perguntas fúteis e a curiosidade são descartadas em todos os lugares. [...] Todos estão unidos em torno dos propósitos defendidos pela Sociedade de Paris e não têm por bandeira senão os princípios ensinados em O livro dos espíritos.²

Em relação aos médiuns nesse período inicial, esclarece Kardec que eles

[...] igualmente se multiplicam, havendo poucos grupos que não contêm vários deles, sem falar da quantidade, bem mais considerável, dos que não pertencem a nenhum agrupamento, servindo-se de sua faculdade apenas para si e para os amigos. Nesse número, existe um núcleo de grande exclusividade, dotado de médiuns escreventes apropriados aos diferentes gêneros de manifestações [...]. Lyon dispõe de vários médiuns desenhistas notáveis [...]. Há muitos médiuns videntes, cuja faculdade podemos constatar. [...] Mas, o que é característico, é a evidente diminuição dos médiuns de efeitos físicos, à medida que se multiplicam os de comunicações inteligentes. É que, como bem o disseram os Espíritos, o período da curiosidade já passou; estamos, agora, no segundo período: o da filosofia. O terceiro, que em breve começará, será o de sua aplicação [do Espiritismo] à reforma da Humanidade.²

Outro sinal característico desses primeiros tempos, segundo assinala o Codificador

[...] é o número incalculável de adeptos que nada viram e que, nem por isso, deixam de ser menos fervorosos, simplesmente porque leram e compreenderam. Esse número aumenta sem cessar [...].²

Kardec refere-se também à coragem dos espíritas:

Um fato não menos característico do estado atual do Espiritismo é o desenvolvimento da coragem de opinião. Se ainda existem adeptos contidos pelo temor, hoje seu número é bem menos considerável ao lado dos que confessam abertamente suas crenças e já não temem dizer-se espíritas, como não receariam passar-se por católicos, judeus ou protestantes. A arma do ridículo, à força de ferir sem provocar danos, acabou por se desgastar e, diante de tantas pessoas notáveis, que proclamam altivamente a nova filosofia, viu-se obrigada a curvar-se. Uma única arma permanece ainda em suspenso: a ideia do diabo; mas é o próprio ridículo que faz justiça. Aliás, não foi apenas esse gênero de coragem que percebemos, mas também o da ação, o do devotamento e do sacrifício, isto é, dos que corajosamente, em certas localidades, se colocam na vanguarda do movimento das ideias novas, assumindo riscos e afrontando ameaças e perseguições [...].²

Todo esse avanço do Espiritismo nascente, em tão pouquíssimos anos, deve-se inegavelmente à sua força de convencimento. Kardec apresenta as razões dessa força:

A força do Espiritismo tem duas causas preponderantes: a primeira é tornar felizes os que o conhecem, o compreendem e o praticam. [...] A segunda é que o Espiritismo não se assenta na cabeça de homem algum, sujeitando-se, assim, a ser derrubado; não tem um foco único, que possa ser extinto; seu foco está em toda parte, porque em toda parte há médiuns que podem comunicar-se com os Espíritos; não há família que não os possua em seu seio e que não realizem estas palavras do Cristo: Vossos filhos e filhas profetizarão, e terão visões; porque, enfim, o Espiritismo é uma ideia e não há barreiras impenetráveis à ideia, nem bastante altas que estas não possam transpor [...].³

Um adversário asseverou em certo jornal que o Espiritismo é cheio de seduções. Ele não podia, mau grado seu, fazer maior elogio da Doutrina, condenando-se, ao mesmo tempo, de maneira mais peremptória. Dizer que uma coisa é sedutora é dizer que agrada. Ora, eis aí o grande segredo da propagação do Espiritismo. Que, então, lhe oponham algo de mais sedutor para suplantá-lo! Se não o fazem, é que não têm nada de melhor a oferecer. Por que ele agrada? É muito fácil dizê-lo.

Ele agrada:

- 1) Porque satisfaz à aspiração instintiva do homem quanto ao futuro;*
- 2) Porque apresenta o futuro sob um aspecto que a razão pode admitir;*
- 3) Porque a certeza da vida futura faz com que o homem sofra sem se queixar das misérias da vida presente;*

4) Porque, com a pluralidade das existências, essas misérias têm uma razão de ser, são explicáveis e, em vez de acusarem a Providência, consideram-nas justas e as aceitam sem murmurar;

5) Porque o homem é feliz por saber que os seres que lhe são caros não estão perdidos para sempre, que os encontrará novamente e que estão quase sempre ao seu lado;

6) Porque todas as máximas dadas pelos Espíritos tendem a tornar melhores os homens uns para com os outros.

*Existem ainda outros motivos, que só os espíritas são capazes de compreender. Em compensação, que meios de sedução oferece o materialismo? O nada. Eis aí toda a consolação que ele dá às misérias da vida!*⁴

4.2 A POSTURA DE ALLAN KARDEC DIANTE DOS DESAFIOS DO ESPIRITISMO NASCENTE

O posicionamento de Kardec diante de algumas situações, que surgiam nessa fase inicial do Espiritismo, constitui exemplo significativo para os espíritas de todas as épocas.

4.2.1 Os adversários do Espiritismo

Um outro resultado de nossa viagem foi permitir-nos julgar a opinião relativa a certas publicações, que se afastam mais ou menos dos nossos princípios, algumas das quais chegam mesmo a ser-lhes francamente hostis.

*Digamos, para começar, que encontramos uma aprovação unânime para o nosso silêncio, relativamente aos ataques que temos sofrido, haja vista as cartas de felicitações que diariamente temos recebido a este respeito. Em vários discursos que foram pronunciados, aplaudiu-se favoravelmente a nossa moderação; um deles, entre outros, contém a passagem seguinte: “A malevolência dos vossos inimigos produziu resultado inteiramente contrário ao que esperavam: o de engrandecer-vos aos olhos dos vossos numerosos discípulos e de apertar os laços que os unem a vós. Por vossa indiferença, mostrais que tendes consciência de vossa força. Opondo mansidão às injúrias, dais um exemplo que saberemos aproveitar.” [...]*²

Em sequência, comenta Kardec:

Os ataques pessoais jamais nos abalaram. Outro tanto não se pode dizer dos que são dirigidos contra a Doutrina. Algumas vezes respondemos diretamente a certas críticas, quando isso nos pareceu necessário, a fim de provar, se preciso for, que sabemos entrar na liça. E o teríamos feito com mais frequência, se houvésemos constatado que esses ataques traziam prejuízo real ao Espiritismo; mas, quando ficou provado pelos fatos que, longe de prejudicá-lo, serviam à causa, louvamos a sabedoria dos Espíritos, empregando seus próprios inimigos para propagar a

Doutrina e, graças à censura, fazendo penetrar a ideia em meios onde jamais teria penetrado pelo elogio. Este é um fato que nossa viagem constatou de maneira peremptória, uma vez que, nesses meios, o Espiritismo recrutou mais de um partidário.

Quando as coisas caminham por si sós, por que, então, se bater em ataques sem proveito? [...]²

4.2.2 Os médiuns interesseiros

Não pretendo absolutamente dizer que entre os médiuns interessados não existam muitos que sejam honestos e dignos de estima. Mas a experiência tem provado, a mim e a tantos outros, que o interesse é um poderoso estimulante para a fraude, porque se quer ganhar dinheiro; e se os Espíritos não ajudam, o que acontece muitas vezes, já que não estão por conta de nossos caprichos, a astúcia, fecunda em expedientes, encontra facilmente meios de supri-los. [...]⁵

E acrescenta:

Ao lado da especulação material, há a que se poderia chamar de especulação moral, isto é, a satisfação do orgulho, do amor-próprio; é o caso daqueles que, mesmo sem interesse pecuniário, julgavam fazer do Espiritismo um pedestal honorífico para se porem em evidência. Não os favoreci, e meus escritos, assim como meus conselhos, se contrapuseram a mais de uma premeditação, mostrando que as qualidades do verdadeiro espírita são a abnegação e a humildade, segundo esta máxima do Cristo: Quem se exalta será humilhado.⁵

4.2.3 Os adeptos que se afastam

Não devo, entretanto, omitir uma censura que me foi dirigida: a de nada fazer para trazer novamente a mim as pessoas que se afastam. Isso é verdadeiro e, se é uma censura fundada, eu a mereço, porque jamais dei um passo nesse sentido; eis os motivos de minha indiferença:

Os que vêm a mim, fazem-no porque isso lhes convém; é menos por minha pessoa do que pela simpatia aos princípios que professo. Os que se afastam, fazem-no porque não lhes convenho ou porque não concordam com a nossa maneira de ver as coisas. Por que, então, eu iria contrariá-los, impondo-me a eles? Parece-me mais conveniente deixá-los em paz. Aliás, eu não teria mesmo tempo para isto, pois, como é sabido, minhas ocupações não me deixam um instante de repouso, e por um que parte, há mil que chegam; dedico-me, antes de tudo, a estes últimos, e é isso que faço. Orgulho? desprezo por outrem? Oh! seguramente não; não desprezo pessoa alguma; lamento os que agem mal e peço a Deus e aos bons Espíritos que façam renascer neles melhores sentimentos; eis tudo. Se voltam, são sempre bem-vindos, mas correr atrás deles, jamais o faço, em razão do tempo que reclamam as pessoas de boa vontade; e, depois, porque não concedo a certas pessoas a importância que elas se atribuem. Para mim, um homem é um homem e nada mais; meço seu valor pelos seus atos, por seus sentimentos, e não pela posição que ocupa. Ainda que esteja altamente colocado,

se agir mal, se for egoísta e presunçoso de sua dignidade, é a meus olhos inferior a um simples operário que age bem, e eu aperto mais cordialmente a mão de um pequeno que deixa falar o coração, do que a de um grande, cujo coração nada diz; a primeira me aquece, a segunda me enregela.

Personagens da mais alta condição social me honram com sua visita, sem que, por causa delas, jamais um proletário tenha ficado na antecâmara. Muitas vezes, em meu salão, o príncipe fica lado a lado com o artesão; e se se sentir humilhado, dir-lhe-ei que não é digno de ser espírita. Mas, sinto-me feliz em dizer, muitas vezes os tenho visto apertarem-se as mãos fraternalmente, e digo de mim para mim: “Espiritismo, eis um dos seus milagres; é o prelúdio de muitos outros prodígios!”

Não dependeria senão de mim abrir as portas da alta sociedade; contudo, jamais fui nelas bater. Isto me tomaria um tempo que creio poder empregar mais utilmente. Coloco em primeira linha consolar os que sofrem, levantar a coragem dos abatidos, arrancar um homem de suas paixões, do desespero, do suicídio, detê-lo talvez no abismo do crime. Isso não vale mais do que os lambris dourados? Tenho milhares de cartas que para mim são mais valiosas do que todas as honras da Terra, e que encaro como verdadeiros títulos de nobreza. Assim, não vos admireis se deixo partir aqueles que não me procuram.⁵

Como se vê, as instruções de Allan Kardec, acima reproduzidas, valem para os espíritas de ontem, de hoje e do futuro e, se seguidas com zelo, trarão, de certo, grandes benefícios ao trabalho de propagação do Espiritismo.

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. reimp. Brasília: FEB, 2011. *Nota do Tradutor*.
- 2 _____. _____. *Impressões Gerais*.
- 3 _____. _____. *Discurso de Allan Kardec aos Espíritas de Bordeaux*.
- 4 _____. _____. *Discursos Pronunciados em Reuniões Gerais dos Espíritas de Lyon e Bordeaux*, it. II.
- 5 _____. _____. it. I.

ANEXO

O roteiro da viagem espírita em 1862 (Allan Kardec, *Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec*).



A MISSÃO ESPIRITUAL DO BRASIL

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Discutir sobre a missão espiritual do Brasil.
- » Refletir sobre as responsabilidades do espírita no contexto dessa missão.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Todos os estudiosos que percorreram o Brasil, estudando alguns detalhes dos seus 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, se apaixonaram pela riqueza das suas possibilidades infinitas. Eminentes geólogos definiram-lhe os tesouros do solo, e naturalistas ilustres lhe classificaram a fauna e a flora, maravilhados ante as suas prodigiosas surpresas. Nas paisagens suntuosas e inéditas, onde o calor suave dos trópicos alimenta e perfuma todas as coisas, há sempre um traço de beleza e de originalidade empolgando o espírito do viajor sedento de emoções.*

Mas se numerosos pensadores e artistas notáveis lhe traduziram a grandiosidade de mundo novo, contando “lá fora” as inesgotáveis reservas do gigante da América, todo esse espírito analítico não passou da esfera superficial das apreciações, porque não viram o Brasil espiritual, o Brasil evangélico, em cujas estradas cheias de esperança, luta, sonha e trabalha o povo fraternal e generoso, cuja alma é a flor amorosa de três raças tristes, na expressão harmoniosa de um de seus poetas mais eminentes.

As reservas brasileiras não se circunscrevem ao mundo de aço do progresso material, que impressionou fortemente o espírito de Humboldt, mas se estendem, infinitamente, ao mundo de ouro dos corações, onde o país escreverá a sua epopeia de realizações morais, em favor do mundo (Francisco Cândido Xavier, Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho. Pelo Espírito Humberto de Campos. Esclarecendo).

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Iniciar o estudo apresentando o tema. Ressaltar a importância da obra *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, transmitida pelo Espírito Humberto de Campos pela psicografia de Francisco Cândido Xavier. Dizer que essa obra, descortinando a história do Brasil sob a visão da Espiritualidade Superior, contém estímulos preciosos de renovação moral, principalmente para os Espíritos que reencarnam no Brasil.

Desenvolvimento

Em seguida, dividir a turma em trios e propor a leitura do conteúdo dos subsídios, destacando trechos que julgaram interessantes e algum que tenha deixado dúvida (30 minutos).

Após o trabalho nos grupos, iniciar uma reflexão circular:

- » O que o trio marcou de interessante. Cada trio compartilha. Todos podem comentar. Se outro marcou os mesmos trechos, continuar a reflexão. Assim até se esgotarem os pontos marcados como interessantes.
- » Dirimir as dúvidas, se foram registradas, seguindo a mesma orientação acima.

Fazer comentários sobre a revelação do Espírito Humberto de Campos a respeito da missão espiritual do Brasil, enfocando dois pontos, em especial:

- » As possibilidades existentes no Brasil para cumprimento de sua missão.
- » O grau de responsabilidade dos espíritas nesse contexto.

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a reflexão, com base nos subsídios do Roteiro.

Conclusão

Concluir o assunto, ressaltando o fato de que a missão espiritual do Brasil não constitui qualquer privilégio para os brasileiros, mas tarefa a ser desempenhada por todos os Espíritos que reencarnam no país, quase sempre vindos de reencarnações em outras regiões do planeta, haja vista que os Espíritos, certamente, não têm pátrias na Terra.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição; leitura em voz alta; estudo em grupo.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; lápis/caneta; papel.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar o estudo apresentando o tema. Ressaltar a importância da obra *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, transmitida pelo Espírito Humberto de Campos pela psicografia de Francisco Cândido Xavier. Dizer que essa obra, descortinando a história do Brasil sob a visão da Espiritualidade Superior, contém estímulos preciosos de renovação moral, principalmente para os Espíritos que reencarnam no Brasil.

Desenvolvimento

Em seguida, fazer leitura oral do conteúdo dos subsídios (a leitura poderá ser dividida com um ou outro participante, observada sua habilidade para a tarefa). Durante a atividade cada participante deverá acompanhar a leitura com o texto em mãos.

Ao final da leitura, a qual não deverá ser seguida de comentários, os participantes serão divididos em pequenos grupos, com as seguintes tarefas:

Fazer comentários sobre a revelação do Espírito Humberto de Campos a respeito da missão espiritual do Brasil, enfocando dois pontos, em especial:

- » As possibilidades existentes no Brasil para cumprimento de sua missão.
- » O grau de responsabilidade dos espíritas nesse contexto.

Terminado o trabalho, pedir que cada pequeno grupo compartilhe seus comentários com os demais participantes, estimulando todo o grande grupo a participar da discussão sobre a missão espiritual do Brasil e das reflexões sobre as responsabilidades dos espíritas no contexto dessa missão. No decorrer da atividade, prestar os esclarecimentos pertinentes, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

Concluir o assunto, ressaltando o fato de que a missão espiritual do Brasil não constitui qualquer privilégio para os brasileiros, mas tarefa a ser desempenhada por todos os Espíritos que reencarnam no país, quase sempre vindos de reencarnações em outras regiões do planeta, haja vista que os Espíritos, certamente, não têm pátrias na Terra.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição; leitura em voz alta; estudo em grupo.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; lápis/caneta; papel.

Sugestões de vídeos: Haroldo Dutra Dias. A pátria do evangelho. (1:22:19), disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1xAPmnoWWlEjRbyKm3s91xQLCWmfGfECJ/view?usp=sharing>. Haroldo Dutra Dias. Brasil coração do mundo, pátria do evangelho (10:01), disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1zOmfiL-xeSo6aGNXRdegixfOMBZ-AnLG/view?usp=sharing>.

Os vídeos podem ser propostos como atividade extrarreunião ou utilizados no próprio encontro para posterior debate.

4 SUBSÍDIOS

Relata o Espírito Humberto de Campos, em seu inconfundível estilo literário, que no último quartel do século XIV, Jesus, acompanhado de vários Espíritos luminosos, visitou nosso planeta, com vistas a observar os progressos do Evangelho nos corações humanos.

[...] Mas, se Jesus vinha do coração luminoso das esferas superiores, trazendo nos olhos misericordiosos a visão dos seus impérios resplandecentes e na alma profunda o ritmo harmonioso dos astros, o planeta terreno lhe apresentava ainda aquelas mesmas veredas escuras, cheias da lama da impenitência e do orgulho das criaturas humanas, e repleta dos espinhos da ingratidão e do egoísmo. Embalde seus olhos compassivos procuraram o ninho doce do seu Evangelho; em vão procurou o Senhor os remanescentes da obra de um de seus últimos enviados à face do orbe terrestre. No coração da Úmbria haviam cessado os cânticos de amor e de fraternidade cristã. De Francisco de Assis só haviam ficado as tradições de carinho e de bondade; os pecados do mundo, como novos lobos de Gubbio, haviam descido outra vez das

selvas misteriosas das iniquidades humanas, roubando às criaturas a paz e aniquilando-lhes a vida.

– Helil – disse a voz suave e meiga do Mestre a um dos seus mensageiros, encarregado dos problemas sociológicos da Terra –, meu coração se enche de profunda amargura, vendo a incompreensão dos homens, no que se refere às lições do meu Evangelho. Por toda parte é a luta fratricida, como polvo de infinitos tentáculos, a destruir todas as esperanças; recomendei-lhes que se amassem como irmãos, e vejo-os em movimentos impetuosos, aniquilando-se uns aos outros como Cains desvairados.

[...]

E, como se sua vista devassasse todos os mistérios do porvir, continuou:

– Infelizmente, não vejo senão o caminho do sofrimento para modificar tão desoladora situação. [...]

A amargura divina empolgara toda a formosa assembleia [...]. Foi quando Helil, para renovar a impressão ambiente, dirigiu-se a Jesus com brandura e humildade:

– Senhor, se esses povos infelizes, que procuram na grandeza material uma felicidade impossível, marcham irremediavelmente para os grandes infortúnios coletivos, visitemos os continentes ignorados, onde espíritos jovens e simples aguardam a semente de uma vida nova. Nessas terras, para além dos grandes oceanos, poderíeis instalar o pensamento cristão, dentro das doutrinas do amor e da liberdade.

E a caravana fulgurante, deixando um rastro de luz na imensidade dos espaços, encaminhou-se ao continente que seria, mais tarde, o mundo americano.

O Senhor abençoou aquelas matas virgens e misteriosas. Enquanto as aves lhe homenageavam a inefável presença com seus cantares harmoniosos, as flores se inclinavam nas árvores ciclópicas, aromatizando-lhe as eterizadas sendas. O perfume do mar casava-se ao oxigênio agreste da selva bravia, impregnando todas as coisas de um elemento de força desconhecida. No solo, eram os silvícolas humildes e simples, aguardando uma era nova, com o seu largo potencial de energia e bondade.

Cheio de esperanças, emociona-se o coração do Mestre, contemplando a beleza do sublimado espetáculo.

– Helil – pergunta ele –, onde fica, nestas terras novas, o recanto planetário do qual se enxerga, no infinito, o símbolo da redenção humana?

– Esse lugar de doces encantos, Mestre, de onde se veem, no mundo, as homenagens dos céus aos vossos martírios na Terra, fica mais ao Sul.

E, quando no seio da paisagem repleta de aromas e de melodias, contemplavam as almas santificadas dos orbes felizes, na presença do Cordeiro, as maravilhas daquela terra nova, que seria mais tarde o Brasil, desenhou-se no firmamento,

formado de estrelas rutilantes, no jardim das constelações de Deus, o mais imponente de todos os símbolos.

Mãos erguidas para o Alto, como se invocasse a bênção de seu Pai para todos os elementos daquele solo extraordinário e opulento, exclama, então, Jesus:

– Para esta terra maravilhosa e bendita será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e de amor. No seu solo dadivoso e fertilíssimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal. Sob estes céus serão entoados os hosanas mais ternos à misericórdia do Pai celestial. Tu, Helil, te corporificarás na Terra, no seio do povo mais pobre e mais trabalhador do Ocidente; instituirás um roteiro de coragem, para que sejam transpostas as imensidades desses oceanos perigosos e solitários, que separam o Velho do Novo Mundo. Instalaremos aqui uma tenda de trabalho para a nação mais humilde da Europa, glorificando os seus esforços na oficina de Deus. Aproveitaremos o elemento simples de bondade, o coração fraternal dos habitantes desta terras novas e, mais tarde, ordenarei a reencarnação de muitos Espíritos já purificados no sentimento da humildade e da mansidão, entre as raças oprimidas e sofredoras das regiões africanas, para formarmos o pedestal de solidariedade do povo fraterno que aqui florescerá, no futuro, a fim de exaltar o meu Evangelho, nos séculos gloriosos do porvir. Aqui, Helil, sob a luz misericordiosa das estrelas da cruz, ficará localizado o coração do mundo.

Consoante a vontade piedosa do Senhor, todas as suas ordens foram cumpridas integralmente.

Daí a alguns anos, o seu mensageiro se estabelece na Terra, em 1394, como filho de D. João I e D. Filipa de Lencastre, e foi o heroico Infante de Sagres, que operou a renovação das energias portuguesas, expandindo as suas possibilidades realizadoras para além dos mares. O elemento indígena foi chamado a colaborar na edificação da pátria nova; almas bem-aventuradas pelas suas renúncias se corporificaram nas costas da África flagelada e oprimida e, juntas a outros Espíritos em prova, formaram a falange abnegada que veio escrever na Terra de Santa Cruz, com os seus sacrifícios e os seus sofrimentos, um dos mais belos poemas da raça negra em favor da Humanidade.

Foi por isso que o Brasil, onde confraternizam hoje todos os povos da Terra e onde será modelada a obra imortal do Evangelho do Cristo, muito antes do Tratado de Tordesilhas, que fincou as balizas das possessões espanholas, trazia já, em seus contornos, a forma geográfica do coração do mundo.¹

E acrescenta o Espírito Humberto de Campos:

Todos os estudiosos que percorreram o Brasil, estudando alguns detalhes dos seus 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, se apaixonaram pela riqueza das suas possibilidades infinitas. Eminentemente geólogos definiram-lhe os tesouros do solo, e naturalistas ilustres lhe classificaram a fauna e a flora, maravilhados ante as suas prodigiosas surpresas. Nas paisagens suntuosas e inéditas, onde

o calor suave dos trópicos alimenta e perfuma todas as coisas, há sempre um traço de beleza e de originalidade empolgando o espírito do viajor sedento de emoções.

Mas, se numerosos pensadores e artistas notáveis lhe traduziram a grandiosidade de mundo novo, contando “lá fora” as inesgotáveis reservas do gigante da América, todo esse espírito analítico não passou da esfera superficial das apreciações, porque não viram o Brasil espiritual, o Brasil evangélico, em cujas estradas cheias de esperança, luta, sonha e trabalha o povo fraternal e generoso, cuja alma é a flor amorosa de três raças tristes, na expressão harmoniosa de um de seus poetas mais eminentes.

As reservas brasileiras não se circunscrevem ao mundo de aço do progresso material, que impressionou fortemente o espírito de Humboldt, mas se estendem, infinitamente, ao mundo de ouro dos corações, onde o país escreverá a sua epopeia de realizações morais, em favor do mundo.²

O Espírito Emmanuel também ressalta a presença singular do Brasil entre as nações:

[...] Nossa tarefa [dos Espíritos Superiores] visa a esclarecer o ambiente geral do país, argamassando as suas tradições de fraternidade com o cimento das verdades puras, porque, se a Grécia e a Roma da Antiguidade tiveram a sua hora, como elementos primordiais das origens de todas as civilizações do Ocidente; se o império português e o espanhol se alastraram quase por todo o planeta; se a França, se a Inglaterra têm tido a sua hora proeminente nos tempos que assinalam as etapas evolutivas do mundo, o Brasil terá também o seu grande momento, no relógio que marca os dias da evolução da Humanidade.

Se outros povos atestaram o progresso pelas expressões materializadas e transitórias, o Brasil terá a sua expressão imortal na vida do Espírito, representando a fonte de um pensamento novo, sem as ideologias de separatividade, e inundando todos os campos das atividades humanas com uma nova luz [...].³

Segundo o Espírito Humberto de Campos, na obra *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, a partir do instante em que o Cristo decidiu transportar a árvore do seu Evangelho para a terra do Cruzeiro, a Espiritualidade Superior conduziu diretamente os destinos da nossa pátria, preservando-a dos eventos que pudessem comprometer-lhe a missão. Todos os acontecimentos da história do Brasil estiveram sob a supervisão direta das Entidades elevadas: do Descobrimento à Proclamação da República (época considerada pelo Plano Espiritual como de sua maioria política e social). Dessa forma, foram evitados, tanto quanto possível, os processos dolorosos de crescimento tão habituais em outros povos. Foi assim que o pequeno Portugal, surpreendentemente, em acontecimento inédito na história do mundo, conseguiu conservar, apesar das investidas estrangeiras, a

integridade do imenso território brasileiro, mantendo-lhe o mesmo formato de coração, apesar da fragmentação havida em toda a América espanhola. Foi ainda assim que a nossa independência política, a libertação dos nossos escravos, a Proclamação da República e tantos outros sucessos de importância, desdobraram-se naturalmente, em clima de relativa paz, sem os terríveis confrontos ocorridos em outras nações.

Não se poderia, entretanto, enfocar a missão espiritual do Brasil, sem ressaltar a figura ímpar de D. Pedro II, uma das peças mais importantes dessa missão, incumbido que foi ele, diretamente pelo Cristo, de preparar o país para atingir a sua maioria coletiva.

É o que narra o Espírito Humberto de Campos:

Recebendo as confidências de Ismael, que apelava para a sua misericórdia infinita, considerou o Senhor a necessidade de polarizar as atividades do Brasil num centro de exemplos e de virtudes, para modelo geral de todos. Chamando Longinus à sua presença, falou com bondade:

– Longinus, entre as nações do orbe terrestre, organizei o Brasil como o coração do mundo. Minha assistência misericordiosa tem velado constantemente pelos seus destinos e, inspirando a Ismael e seus companheiros do Infinito, consegui evitar que a pilhagem das nações ricas e poderosas fragmentasse o seu vasto território, cuja configuração geográfica representa o órgão do sentimento no planeta, como um coração que deverá pulsar pela paz indestrutível e pela solidariedade coletiva e cuja evolução terá de dispensar, logicamente, a presença contínua de meus emissários para a solução dos seus problemas de ordem geral. Bem sabes que os povos têm a sua maioria, como os indivíduos, e se bem não os percam de vistas os gênios tutelares do mundo espiritual, faz-se mister se lhes outorgue toda a liberdade de ação, a fim de aferirmos o aproveitamento das lições que lhes foram prodigalizadas.

“Sente o seu coração com a necessária fortaleza para cumprir uma grande missão na pátria do Evangelho?” [...]”⁴

Longinus, após referir-se às existências de dor que voluntariamente experimentara para gravar em seu Espírito a compreensão do Amor do Cristo, colocou-se à disposição do Senhor para qualquer gênero de serviços.

Então, Jesus lhe deu a espinhosa missão de imperador do Brasil, até que este atingisse a maioria como nação.

[...] Foi assim que Longinus preparou a sua volta à Terra, depois de outras existências tecidas de abnegações edificantes em favor da Humanidade, e, no dia 2 de dezembro de 1825, no Rio de Janeiro, nascia de D. Leopoldina, a virtuosa esposa de D. Pedro, aquele que seria, no Brasil, o grande imperador e que, na expressão dos seus próprios adversários, seria o maior de todos os republicanos de sua pátria.⁵

Em suma, à vista de tudo o que foi exposto, compreende-se que a missão espiritual do Brasil consiste em ser o coração do mundo e a pátria do Evangelho, tal como revelado pelo Espírito Humberto de Campos em sua bela obra *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Cumpre ressaltar, entretanto, que, longe de constituir privilégio imerecido de um povo, a missão se apresenta como acréscimo de responsabilidade para todos os Espíritos que têm a oportunidade grandiosa de reencarnar sob as luzes abençoadas da constelação do Cruzeiro.

REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 34. ed. 8. imp. Brasília: FEB. 2015. cap. 1 – *O coração do mundo*.
- 2 _____. _____. *Esclarecendo*.
- 3 _____. _____. *Prefácio*.
- 4 _____. _____. cap. 20 – *D. Pedro II*.
- 5 _____. _____.

MOVIMENTO ESPÍRITA: CONCEITO E OBJETIVO

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar Movimento Espírita e objetivo.
- » Refletir sobre a diferença entre Movimento Espírita e Doutrina Espírita.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Movimento Espírita é o conjunto das atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a Humanidade. As atividades que compõem o Movimento Espírita são realizadas por pessoas, isoladamente ou em conjunto, e por instituições espíritas. (Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional [FEB-CEI], *Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, p. 2).*
- » *Doutrina Espírita ou Espiritismo é [...] o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: O livro dos espíritos, O livro dos médiuns, O evangelho segundo o espiritismo, O céu e o inferno e A gênese. (Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional [FEB-CEI], *Conheça o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, p. 2).*
- » *Poderemos receber um novo ensino sobre os deveres que competem aos espíritistas? – Não devemos especificar os deveres do espírita cristão, porque palavra alguma poderá superar a exemplificação do Cristo, que todo discípulo deve tomar como roteiro da sua vida. (Emmanuel, *O consolador*, q. 362).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Iniciar o estudo solicitando aos participantes que, em duplas, troquem ideias a respeito do significado das expressões *Movimento Espírita* e *Doutrina Espírita*.

Em seguida, ouvir os comentários da turma, explicando que o assunto será estudado no transcorrer da reunião.

Desenvolvimento

Reunir os participantes em pequenos grupos, para realização das seguintes tarefas, com base nos subsídios do Roteiro:

- 1) conceituar *Movimento Espírita*, dando o seu objetivo;
- 2) estabelecer a diferença entre *Movimento Espírita* e *Doutrina Espírita*;
- 3) listar, em folha de papel-pardo ou cartolina, os procedimentos necessários à correta divulgação do Espiritismo.

Observar a apresentação das equipes, fazendo, se necessário, anotações de pontos a serem esclarecidos ou reforçados.

Realizar exposição sobre o assunto, a partir da apresentação dos grupos, tomando por base os subsídios e a Referência.

Conclusão

Concluir o estudo com as palavras de Emmanuel, questão 362 de *O consolador*, insertas no *conteúdo básico* do Roteiro.

Observação: Veja no Anexo deste Módulo: 1) Mensagens mediúnicas; 2) Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas; 3) Outras referências.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): cochicho; estudo em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; folhas de papel; lápis/canetas; folhas de papel-pardo/cartolina; canetas hidrográficas.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar o estudo perguntando se algum participante saberia falar sobre o Movimento Espírita.

Desenvolvimento

Ouvir os comentários, e convidar os participantes para assistirem a um vídeo:

Sugestões de vídeos: Em Defesa da Vida: Unificação Espírita, com Divaldo Franco (6:03), disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1foR1eU00Y02A75kAK8SOgAUQvHsEOAu9/view?usp=sharing>; Movimento Espírita X Doutrina Espírita – Momento de Unificação (10:36): disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1kR5S8wGgK9fsvnpVqrQM05gUUy mtZP30/view?usp=sharing>

Em seguida, fazer a leitura oral comentada dos subsídios da apostila.

Após a leitura, propor reflexões sobre os conteúdos dos subsídios e do vídeo assistido:

- » *Como compreender o conceito e o objetivo do Movimento Espírita?*
- » *Quais as características que definem a diferença entre Movimento Espírita e Doutrina Espírita?*
- » *Qual é a mensagem principal do Movimento Espírita?*
- » *Qual a importância da minha participação no Movimento Espírita? etc.*

Nesse momento, o facilitador esclarece as dúvidas e complementa informações sobre o assunto de acordo com os subsídios do Roteiro, referência sugerida, vídeo e anexos do módulo.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário): *Faço parte do Movimento Espírita?*

Conclusão

Fazer o fechamento reforçando:

Movimento Espírita é o conjunto das atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a Humanidade. As atividades que compõem o Movimento Espírita são realizadas por pessoas, isoladamente ou em

*conjunto, e por instituições espíritas. (Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional [FEB-CEI], *Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, p. 2).*

Doutrina Espírita ou Espiritismo é

*[...] o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: O livro dos espíritos, O livro dos médiuns, O evangelho segundo o espiritismo, O céu e o inferno e A gênese. (Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional [FEB-CEI], *Conheça o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, p. 2).*

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias, leitura oral comentada, discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro, anexos do módulo e vídeos.

Atividade de preparação para a próxima reunião de estudo: Sugestão 2.

Esta atividade pode ser proposta aos participantes.

Convidar 4 grupos para prepararem o estudo seguinte:

Grupo 1 – fazer o estudo dos subsídios do Roteiro 4.

Fazer resumo do item 4.1.1 – O Centro Espírita: O pensamento de Kardec.

Preparar a apresentação do assunto sob a supervisão do facilitador: apresentação de até 10 minutos.

Grupo 2 – fazer o estudo dos subsídios do Roteiro 4.

Fazer resumo do item 4.1.2 – O Centro Espírita: Conceitos.

Preparar a apresentação do assunto sob a supervisão do facilitador: apresentação de até 10 minutos.

Grupo 3 – fazer o estudo dos subsídios do Roteiro 4.

Fazer resumo do item 4.1.3 – O Centro Espírita: Objetivos.

Preparar a apresentação do assunto sob a supervisão do facilitador: apresentação de até 10 minutos.

Grupo 4 – fazer o estudo dos subsídios do Roteiro 4

Fazer resumo do item 4.1.4 – O Centro Espírita: Atividades básicas.

Preparar a apresentação do assunto sob a supervisão do facilitador: apresentação de até 10 minutos.

4 SUBSÍDIOS

4.1 MOVIMENTO ESPÍRITA: CONCEITO E OBJETIVO

Em verdade, não [...] *se pode falar em Movimento Espírita antes da Codificação, pois somente após esta é que o Espiritismo surgiu como Doutrina: a movimentação humana em torno das ideias espíritas só aconteceu após a revelação destas pelo Plano Espiritual e sua posterior compilação por Allan Kardec.*⁷

Só a partir daí, portanto, há que falar em ação dos espíritas visando à propagação do Espiritismo. Sendo assim, diremos que

[...] Movimento Espírita é o conjunto das atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a Humanidade. As atividades que compõem o Movimento Espírita são realizadas por pessoas, isoladamente ou em conjunto, e por instituições espíritas. As instituições espíritas compreendem:

Os grupos, centros ou sociedades espíritas que desenvolvem atividades gerais de estudo, difusão e prática da Doutrina Espírita e que podem ser de pequeno, médio ou grande porte.

As Entidades Federativas que desenvolvem as atividades de união das instituições espíritas e de Unificação do Movimento Espírita [este assunto será estudado no próximo Roteiro].

As Entidades Especializadas que desenvolvem atividades espíritas específicas, tais como as de assistência e promoção social e as de divulgação doutrinária.

*Os pequenos grupos de estudo do Espiritismo, fundamentalmente voltados para o estudo inicial da Doutrina Espírita.*⁵

A ação dos espíritas em torno da divulgação do Espiritismo enfrenta, porém, muitos obstáculos. Kardec os entrevê, como se constata em vários de seus escritos.

Muitas de suas palavras, embora reflitam a situação da época do surgimento da Doutrina Espírita, aplicam-se, com as devidas adaptações, à atualidade. Assim é que, conforme acentua,

Um dos maiores obstáculos capazes de retardar a propagação da Doutrina seria a falta de unidade. O único meio de evitá-la, senão quanto ao presente, pelo menos quanto ao futuro, é formulá-la em todas as suas partes e até nos mais mínimos detalhes, com tanta precisão e clareza, que impossível se torne qualquer interpretação divergente.

[...]

Somente o Espiritismo, bem entendido e bem compreendido, pode [...] tornar-se, conforme disseram os Espíritos, a grande alavanca da transformação da Humanidade [...].¹

Mais adiante, continua:

Dois elementos hão de concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da Doutrina e os meios de a popularizar. O desenvolvimento cada dia maior, que ela toma, multiplica as nossas relações, que somente tendem a ampliar-se, pelo impulso que lhe darão a nova edição de O livro dos espíritos e a publicidade que se fará a esse propósito.²

Como se vê, essas palavras do Codificador datam da época da segunda edição de *O livro dos espíritos*, em 1860, ocasião em que a Doutrina Espírita ainda estava sendo elaborada, denotando, contudo, a sua preocupação quanto à unidade do Espiritismo, para que fosse bem compreendido e, assim, corretamente divulgado.

O mesmo sucede quando se reporta, por exemplo, aos cismas ou divisões que podem surgir entre os espíritas. Diz o Codificador:

Uma questão que desde logo se apresenta é a dos cismas [divisões] que poderão nascer no seio da Doutrina. Estará preservado deles o Espiritismo?

Não, certamente, porque terá, sobretudo no começo, de lutar contra as ideias pessoais, sempre absolutas, tenazes, refratárias a se amalgamarem com as ideias dos demais; e contra a ambição dos que, a despeito de tudo, se empenham por ligar seus nomes a uma inovação qualquer; dos que criam novidades só para poderem dizer que não pensam ou agem como os outros, pois lhes sofre o amor-próprio por ocuparem uma posição secundária.

Se, porém, o Espiritismo não pode escapar às fraquezas humanas, com as quais se tem de contar sempre, pode todavia neutralizar-lhes as consequências e isto é o essencial.

É de notar-se que os vários sistemas divergentes, surgidos na origem do Espiritismo, sobre a maneira de explicarem-se os fatos, foram desaparecendo à medida que a Doutrina se completou por meio da observação e de uma teoria racional. [...] É este um fato notório, do qual se pode concluir que as últimas divergências se apagarão com a elucidação integral de todas as partes da Doutrina. Mas, haverá sempre os dissidentes, de ânimo prevenido e interessados, por um motivo ou outro, a constituir bando à parte. Contra a pretensão desses é que cumpre se premunam os demais.

Para assegurar-se, no futuro, a unidade, uma condição se faz indispensável: que todas as partes do conjunto da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem que coisa alguma fique imprecisa. Para isso, procedemos de maneira que os nossos escritos não se prestem a interpretações contraditórias e cuidaremos de que assim aconteça sempre. Quando for dito peremptoriamente

e sem ambigüidade que dois e dois são quatro, ninguém poderá pretender que se quis dizer que dois e dois fazem cinco.

Conseqüentemente, seitas poderão formar-se ao lado da Doutrina, seitas que não lhe adotem os princípios ou todos os princípios, porém não dentro da Doutrina, por efeito de interpretação dos textos, como tantas se formaram sobre o sentido das próprias palavras do Evangelho. É este um primeiro ponto de capital importância.

O segundo ponto está em não se sair do âmbito das ideias práticas. Se é certo que a utopia da véspera se torna muitas vezes a verdade do dia seguinte, deixemos que o dia seguinte realize a utopia da véspera, porém não atravanquemos a Doutrina de princípios que possam ser considerados quiméricos e fazer que a repilam os homens positivos.

O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão só nas Leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as ideias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade.³

Essas considerações do Codificador, como outras que se encontram esparsas por toda a sua obra, formam um conjunto de instruções que, ao serem seguidas, darão ao Movimento Espírita as condições necessárias para que atinja o seu objetivo, que, como vimos, são o estudo, a prática e a divulgação da Doutrina Espírita, colocando-a ao alcance e a serviço da Humanidade.

4.2 MOVIMENTO ESPÍRITA E DOUTRINA ESPÍRITA

O conceito de Movimento Espírita antes mencionado torna clara a diferença entre este e Doutrina Espírita. Movimento Espírita é, desse modo, a ação dos espíritas, enquanto que Doutrina Espírita é

[...] o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: O livro dos espíritos, O livro dos médiuns, O evangelho segundo o espiritismo, O céu e o inferno e A gênese.⁴

Todas as demais obras espíritas, por mais preciosas que sejam ou venham a ser, são e serão obras complementares, sem que isso diminua o extraordinário valor de muitas delas, pois a Doutrina Espírita é, como a definiu o próprio Codificador, essencialmente progressiva. [...] A Doutrina Espírita está imune a deturpações, porque qualquer ideia ou conceito que se mostre incompatível com os princípios consagrados nas obras da Codificação, poderá ser tudo, menos Espiritismo. Já o Movimento Espírita, por ser movimento livre de pessoas e instituições humanas,

sem obrigações de obediência compulsória a hierarquias religiosas que não possuamos, não goza da mesma imunidade, exigindo, em razão disso, de cada espírita em particular, e de cada grupo ou Instituição Espírita, uma vigilância permanente, no mais alto sentido, para que nenhuma deturpação comprometa a pureza dos ideais que abraçamos. A força da Doutrina Espírita está em seus princípios e na sua permanente possibilidade de comprovação. [...] A razão de ser do Movimento Espírita só pode ser a divulgação e a prática da Doutrina Espírita. É nesse sentido que todas as potencialidades dos espíritas devem ser canalizadas para a difusão e a vivência do Evangelho Redivivo, à luz da imortalidade e da reencarnação, da justiça perfeita e do inesgotável amor divino. Cada página de livro, jornal ou revista espírita, cada programa espírita de rádio ou televisão, cada palestra ou conferência espírita constituem sagrada oportunidade para a divulgação dos princípios e dos esclarecimentos da Doutrina dos Espíritos, levando à alma do povo as sementes da consolação e da esperança, do entendimento superior da vida e de uma nova conceituação da verdadeira fraternidade, com base nas sublimes verdades reveladas pelo Consolador Prometido e enviado por Jesus.

Todo aquele a quem a luz da Doutrina Espírita já iluminou tem o indeclinável dever de aproveitar integralmente as possibilidades que o Senhor da Vinha lhe concede, para estender a luz do conhecimento e do amor, com simplicidade e eficiência, desprendimento e sinceridade. Para falar ao povo simples, o exemplo de Jesus não deve ser esquecido: a linguagem deve ser singela e direta, franca e fácil como a própria verdade. Importante é levar a mensagem do Espiritismo ao povo com correção e nobreza, elevação e dignidade.⁶

Assim, como exorta Emmanuel, que

– Não devemos especificar os deveres do espírita cristão, porque palavra alguma poderá superar a exemplificação do Cristo, que todo discípulo deve tomar como roteiro da sua vida.⁸

Por isso,

– Os agrupamentos espíritas necessitam entender que o seu aparelhamento não pode ser análogo ao das associações propriamente humanas.

Um grêmio espírita cristão deve ter, mais que tudo, a característica familiar, onde o amor e a simplicidade figurem na manifestação de todos os sentimentos.

Em uma entidade doutrinária, quando surgem as dissensões e lutas internas, revelando partidarismos e hostilidades, é sinal de ausência do Evangelho nos corações, demonstrando-se pelo excesso de material humano e pressagiando o naufrágio das intenções mais generosas.

Nesses núcleos de estudo, nenhuma realização se fará sem fraternidade e humildade legítimas, sendo imprescindível que todos os companheiros, entre si, vigiem na boa vontade e na sinceridade, a fim de não transformarem a excelência do seu patrimônio espiritual numa reprodução dos conventículos católicos, inutilizados pela intriga e pelo fingimento.⁹

Cuidemos, pois, para que a Doutrina Espírita se apresente sempre diante do mundo com a sua pureza original, buscando vivenciar os seus princípios enquanto realizamos as atividades que nos competem dentro do Movimento Espírita.

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. 2ª pt., *Projeto – 1868*.
- 2 _____.
- 3 _____.
- 4 FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Conheça o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*. Documento aprovado pelo Conselho Federativo Nacional (CFN), em 1996 e pelo Conselho Espírita Internacional (CEI), em 1998. Brasília: FEB, p. 2.
- 5 _____.
- 6 _____.
- 7 _____.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2018. q. 362.
- 9 _____.

MENSAGEM

A PRECE DO FARISEU E DO PUBLICANO

Dois homens subiram ao Templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. O fariseu, de pé, orava interiormente deste modo: Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões, injustos, adúlteros, e nem como este publicano; jejuo duas vezes por semana, pago o dízimo de todos os meus rendimentos.

O publicano, mantendo-se a distância, não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: “Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!” Eu vos digo que este último desceu para casa justificado, mais do que o outro. Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado (*Lucas, 18:10 a 14*).

O CENTRO ESPÍRITA: CONCEITOS, OBJETIVOS E ATIVIDADES BÁSICAS

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar os objetivos do Centro Espírita.
- » Refletir sobre as atividades básicas do Centro Espírita.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Os grupos, centros ou sociedades espíritas: são núcleos de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, praticados dentro dos princípios espíritas [...]; escolas de formação espiritual e moral, que trabalham à luz da Doutrina Espírita [...]; postos de atendimento fraternal para todos os que os procuram com propósito de obter orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação; [...]; oficinas de trabalho que proporcionam aos seus frequentadores oportunidade de exercitarem o próprio aprimoramento íntimo pela prática do Evangelho em suas atividades [...]; casas onde as crianças, os jovens, os adultos e os idosos têm oportunidade de conviver, estudar e trabalhar, unindo a família sob a orientação do Espiritismo [...]; recantos de paz construtiva, que oferecem aos seus frequentadores oportunidades para o refazimento espiritual e a união fraternal pela prática do “Amai-vos uns aos outros” [...]; núcleos que se caracterizam pela simplicidade própria das primeiras casas do Cristianismo nascente, pela prática da caridade e pela total ausência de imagens, símbolos, rituais ou outras quaisquer manifestações exteriores; são as unidades fundamentais do Movimento Espírita (Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional [FEB-CEI], *Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, p. 3).*

- » *Os grupos, centros ou sociedades espíritas têm por objetivo: promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita, atendendo às pessoas que buscam esclarecimento, orientação e amparo para seus problemas espirituais, morais e materiais; que querem conhecer e estudar a Doutrina Espírita; que querem trabalhar, colaborar e servir em qualquer área de ação que a prática espírita oferece (Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional [FEB-CEI], *Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, p. 3).*
- » *As atividades básicas dos centros, grupos ou sociedades espíritas são: reuniões de estudo da Doutrina Espírita; de explanação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, de aplicação de passes e atendimento fraterno por meio do diálogo; de estudo, educação e prática da mediunidade; de evangelização espírita para crianças e jovens; de divulgação da Doutrina Espírita; de serviço de assistência e promoção social espírita; de orientação para o estudo do Evangelho no Lar; de atividades do trabalho de Unificação do Movimento Espírita; de atividades administrativas necessárias ao seu funcionamento (Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional [FEB-CEI], *Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, p. 4).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1:

Introdução

Iniciar o estudo apresentando os objetivos específicos do Roteiro. Dizer que o Centro Espírita tem tido várias denominações ao longo do tempo, tais como: Grupo, Sociedade, Casa, Templo.

Entretanto, sendo a denominação *Centro Espírita* a mais aceita, vem sendo usada pelo Conselho Federativo Nacional (CFN) em seus documentos norteadores do Movimento Espírita.

Desenvolvimento

Fazer uma exposição a respeito do pensamento de Kardec sobre o Centro Espírita, constante no item 4.1 dos subsídios, salientando que os preciosos ensinamentos aí contidos permeiam a moderna concepção de Centro Espírita.

Em seguida, reunir os participantes em três grupos para realização das seguintes tarefas:

Grupo 1 – a) fazer leitura individual do subitem 4.1.2 dos subsídios; b) sublinhar os pontos considerados mais significativos; c) trocar ideias sobre esses pontos com os demais integrantes do Grupo. Logo após, o Grupo deverá, com palavras próprias, elaborar um conceito único de Centro Espírita, que seja a síntese dos conceitos estudados.

Grupo 2 – a) ler o subitem 4.1.3 dos subsídios; b) trocar ideias a respeito do conteúdo lido; c) fazer uma reflexão sobre os objetivos do Centro Espírita, estabelecendo relação entre a amplitude desses objetivos e a responsabilidade dos trabalhadores espíritas; c) compor um texto sintetizando as conclusões do grupo.

Grupo 3 – a) ler o subitem 4.1.4 dos subsídios; b) trocar ideias acerca do conteúdo lido, fazendo uma relação entre as inúmeras atividades do Centro Espírita e a necessidade da preparação dos trabalhadores espíritas para realizá-las de forma adequada; c) elaborar um quadro dessas atividades para apresentação em plenário.

Observação: Colocar à disposição dos grupos folhas de papel-pardo/cartolina; canetas hidrográficas; papel; lápis/canetas, para serem usados de acordo com as suas tarefas específicas.

Solicitar aos representantes dos grupos que façam a apresentação dos trabalhos realizados.

Fazer a integração do assunto, com base nos objetivos do Roteiro, enfocando, em especial, os desafios a serem enfrentados pelos trabalhadores espíritas, a fim de conduzirem o Centro Espírita à realização dos seus objetivos. Dar oportunidade aos participantes para fazerem perguntas, de modo que todas as suas eventuais dúvidas sejam dirimidas.

Conclusão

Apresentar, num cartaz, para reflexão, as seguintes palavras de Emmanuel, contidas no subitem 4.1.2 dos subsídios:

Um templo espírita, revivendo o Cristianismo, é um lar de solidariedade humana, em que os irmãos mais fortes são apoio aos mais fracos e em que os mais felizes são trazidos ao amparo dos que gemem sob o infortúnio.

Observação: Veja no Anexo do presente Módulo: 1) Mensagens mediúnicas; 2) Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas; 3) Outras referências.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; cartaz; folhas de papel-pardo/cartolina; canetas hidrográficas; papel; lápis/canetas.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar o estudo perguntando se algum participante gostaria de falar algo sobre Casa Espírita, conforme seu conhecimento e vivência.

Desenvolvimento

Ouvir os comentários e em seguida introduzir brevemente o assunto.

Convidar os grupos para apresentação dos estudos extrarreunião.

Os demais participantes poderão fazer perguntas ao grupo, após a apresentação do assunto.

Nesse momento, o facilitador acompanha os grupos, esclarece dúvidas e complementa informações sobre o assunto de acordo com subsídios do Roteiro, referência sugerida e anexos do módulo.

Em seguida, convidar a turma para assistir a um dos vídeos sugeridos como complemento do estudo: A Atividade na Casa Espírita – Divaldo Franco(13:19), disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1rO2a9B-JI1qvL5tbtcXtAeTnNGKJt2sT/view?usp=sharing> ; Gestão de centros espíritas condutor de mudanças (8:38), disponível em: https://drive.google.com/file/d/1nxqh_dtZ4A2v5dPKKzBSXglk47j57kQj/view?usp=sharing

Propor reflexões sobre os conteúdos estudados e o vídeo assistido:

Como definirmos Centro Espírita?

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

- » Minhas ações refletem minha crença e evolução espiritual.
- » A Casa Espírita é um foco de bênçãos quando estabelecida nas diretrizes do Evangelho.

Conclusão

Fazer o fechamento reforçando:

*Os grupos, centros ou sociedades espíritas têm por objetivo: promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita, atendendo às pessoas que buscam esclarecimento, orientação e amparo para seus problemas espirituais, morais e materiais; que querem conhecer e estudar a Doutrina Espírita; que querem trabalhar, colaborar e servir em qualquer área de ação que a prática espírita oferece (Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional [FEB-CEI], *Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, p. 3).*

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias, discussão circular, atividade extrarreunião.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; anexos do módulo e vídeos.

4 SUBSÍDIOS

4.1 O CENTRO ESPÍRITA

4.1.1 O pensamento de Kardec

A importância do Centro Espírita é tal que o próprio Kardec houve por bem dar instruções precisas a respeito do seu funcionamento, como se lê no capítulo 29 de *O livro dos médiuns*, intitulado *Das reuniões e das Sociedades Espíritas*. Extrairemos dessas instruções alguns pontos que se afiguram básicos ao norteamento do nosso estudo. Assinala o Codificador, logo no início do referido capítulo, que

As reuniões espíritas oferecem grandíssimas vantagens, por permitirem que os que nelas tomam parte se esclareçam, mediante a permuta das ideias, pelas questões e observações que se façam, das quais todos aproveitam. Mas, para que produzam todos os frutos desejáveis, requerem condições especiais, que vamos examinar, porquanto erraria quem as comparasse às reuniões ordinárias [...].¹

Mais adiante, prossegue:

O objetivo de uma reunião séria deve consistir em afastar os Espíritos mentirosos. Incorreria em erro, se se supusesse ao abrigo deles, pelos seus fins e pela qualidade de seus médiuns. Não o estará, enquanto não se achar em condições favoráveis.

[...] Imagine-se que cada indivíduo está cercado de certo número de acólitos invisíveis, que se lhe identificam com o caráter, com os gostos e com os pendores. Assim sendo, todo aquele que entra numa reunião traz consigo Espíritos que lhe são simpáticos. Conforme o número e a natureza deles, podem esses acólitos exercer sobre a assembleia e sobre as comunicações influência boa ou má. Perfeita seria a reunião em que todos os assistentes, possuídos de igual amor ao bem, consigo só trouxessem bons Espíritos. Em falta da perfeição, a melhor será aquela em que o bem suplante o mal [...].²

Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe tanto mais força terá, quanto mais homogêneo for [...].³

E arremata: *Toda reunião espírita deve, pois, tender para a maior homogeneidade possível.*⁴ A seguir, aborda a questão da regularidade das reuniões, esclarecendo ser este um ponto não menos importante. Diz o Codificador:

Em todas [reuniões], sempre estão presentes Espíritos a que poderíamos chamar frequentadores habituais, sem que com isso pretendamos referir-nos aos que se encontram em toda parte e em tudo se metem. Aqueles são os Espíritos protetores [...].

Ninguém suponha que esses Espíritos nada mais tenham que fazer, senão ouvir o que lhes queiramos dizer, ou perguntar. Eles têm suas ocupações e, além disso, podem achar-se em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões se efetuam em dias e horas certos, eles se preparam antecipadamente para comparecer [...].⁵

Entrando no assunto das Sociedades Espíritas propriamente ditas, diz Kardec:

Tudo o que dissemos das reuniões em geral se aplica naturalmente às Sociedades regularmente constituídas, as quais, entretanto, têm que lutar com algumas dificuldades especiais, oriundas dos próprios laços existentes entre os seus membros.[...]

O Espiritismo, que apenas acaba de nascer, ainda é diversamente apreciado e muito pouco compreendido em sua essência, por grande número de adeptos, de modo a oferecer um laço forte que prenda entre si os membros do que se possa chamar uma Associação, ou Sociedade. Impossível é que semelhante laço exista, a não ser entre os que lhe percebem o objetivo moral, o compreendem e o aplicam a si mesmos. Entre os que nele veem fatos mais ou menos curiosos, nenhum laço sério pode existir. Colocando os fatos acima dos princípios, uma simples divergência, quanto à maneira de os considerar, basta para dividi-los. O mesmo já não se dá com os primeiros, porquanto, acerca da questão moral, não pode haver duas maneiras de encará-la. Tanto assim que, onde quer que eles se encontrem, confiança mútua os atrai uns para os outros e a recíproca benevolência, que entre todos reina, exclui o constrangimento e o vexame que

nascem da suscetibilidade, do orgulho que se irrita à menor contradição, do egoísmo que tudo reclama para a pessoa em quem domina.

Uma Sociedade, onde aqueles sentimentos se achassem partilhados por todos, onde os seus componentes se reunissem com o propósito de se instruírem pelos ensinamentos dos Espíritos e não na expectativa de presenciarem coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer cada um que a sua opinião prevaleça, seria não só viável, mas também indissolúvel [...].⁶

Continua o Codificador:

Já vimos de quanta importância é a uniformidade de sentimentos, para a obtenção de bons resultados. Necessariamente, tanto mais difícil é obter-se essa uniformidade, quanto maior for o número [de participantes]. Nos agregados pouco numerosos, todos se conhecem melhor e há mais segurança quanto à eficácia dos elementos que para eles entram. O silêncio e o recolhimento são mais fáceis e tudo se passa como em família. As grandes assembleias excluem a intimidade, pela variedade dos elementos de que se compõem; exigem sedes especiais, recursos pecuniários e um aparelho administrativo desnecessários nos pequenos grupos. A divergência dos caracteres, das ideias, das opiniões, aí se desenha melhor e oferece aos Espíritos perturbadores mais facilidade para semear a discórdia. Quanto mais numerosa é a reunião, tanto mais difícil é conterem-se todos os presentes [...].⁷

Orienta ainda Kardec:

Visto ser necessário evitar toda causa de perturbação e de distração, uma Sociedade espírita deve, ao organizar-se, dar toda a atenção às medidas apropriadas a tirar aos promotores de desordem os meios de se tornarem prejudiciais e a lhes facilitar por todos os modos o afastamento. As pequenas reuniões apenas precisam de um regulamento disciplinar, muito simples, para a boa ordem das sessões. As Sociedades regularmente constituídas exigem organização mais completa. A melhor será a que tenha menos complicada a entrosagem. Umhas e outras poderão haurir o que lhes for aplicável, ou o que julgarem útil, no regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas [...] [primeira Sociedade Espírita, fundada].⁸

Finalmente, é importante destacar as condições que, segundo o Codificador, seriam mais favoráveis para um Centro Espírita atrair a simpatia dos bons Espíritos. Essas condições, que se relacionam com as disposições morais dos seus integrantes, são as seguintes:

Perfeita comunhão de vistas e de sentimentos;

Cordialidade recíproca entre todos os membros;

Ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;

Um único desejo: o de se instruírem e melhorarem, por meio dos ensinamentos dos Espíritos e do aproveitamento dos seus conselhos. [...]

Exclusão de tudo o que, nas comunicações pedidas aos Espíritos, apenas exprima o desejo de satisfação da curiosidade;

Recolhimento e silêncio respeitoso, durante as confabulações com os Espíritos;

União de todos os assistentes, pelo pensamento, ao apelo feito aos Espíritos [...];

Concurso dos médiuns da assembleia, com isenção de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia e com o só desejo de serem úteis.⁹

Assim, Kardec aponta, como condição básica para o funcionamento adequado de um Centro Espírita, a conduta moral dos seus participantes. Defluem dessas considerações do Codificador preciosos ensinamentos, que, como se verá a seguir, permeiam a moderna concepção de Centro Espírita.

4.1.2 Conceitos

Segundo consta no documento “A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades”, produzido pelo Conselho Federativo Nacional (CFN), em 1975, o Centro Espírita, “[...] para bem atender às suas finalidades, deve ser um núcleo de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, com base no Evangelho de Jesus à luz da Doutrina Espírita”.¹² Deve ser o local semelhante à “[...] casa de uma grande família, onde as crianças, os jovens, os adultos e os idosos tenham oportunidade de conviver, estudar e trabalhar”¹³ O Centro Espírita deve também:

- » “[...] proporcionar aos seus frequentadores oportunidades de exercer o seu aprimoramento íntimo pela vivência do Evangelho [...]”¹⁴
- » “[...] criar condições para um eficiente atendimento a todos os que o procuram com o propósito de obter orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação.”¹⁵
- » “[...] manter-se em clima de ordem, de respeito mútuo, de harmonia, de fraternidade e de trabalho, minimizando divergências e procurando superar o personalismo individual ou de grupo, para o bem do trabalho doutrinário, propiciando a união de seus frequentadores na vivência da recomendação de Jesus: ‘Amai-vos uns aos outros.’”¹⁶
- » “[...] caracterizar-se pela simplicidade própria das primeiras casas do Cristianismo nascente, com total ausência de imagens, paramentos, símbolos, rituais, sacramentos ou outras quaisquer manifestações exteriores, tais como batizados e casamentos.”¹⁷

- » Deve, “[...] na condição de sociedade civil, organizar-se não apenas para desenvolver com eficiência as atividades básicas, mas também para cumprir as suas obrigações legais.”¹⁸

O Conselho Espírita Internacional (CEI) aprovou, anos depois, o *folder* “Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade”, em que as orientações em referência complementam o conceito de Centro Espírita, segundo o entendimento espírita.¹⁰

Dentre as orientações dos Espíritos Superiores a respeito do Centro Espírita, destacamos as seguintes, proferidas por Emmanuel, que sintetizam os conceitos antes apresentados. Este benfeitor espiritual afirma que o Centro Espírita, que ele chama de templo, é,

[...] na essência, um educandário em que as leis do ser, do destino, da evolução e do universo são examinadas claramente, fazendo luz e articulando orientação [...].

[...]

Prestigiara a ciência do mundo que suprime as enfermidades e valorizará o benefício da prece e do magnetismo curativo, no socorro aos doentes.

Divulgará o conceito filosófico e a frase consoladora.

Propiciará o ensino, multiplicando o pão.

*Um templo espírita, revivendo o Cristianismo, é um lar de solidariedade humana, em que os irmãos mais fortes são apoio aos mais fracos e em que os mais felizes são trazidos ao amparo dos que gemem sob o infortúnio.*²¹

4.1.3 Objetivos

Os objetivos do Centro Espírita são, em essência, os mesmos do Movimento Espírita, isto é, o estudo, a divulgação ou difusão, e a prática do Espiritismo. Não poderia ser de outro modo, por ser aquele – o Centro Espírita –, a unidade fundamental do Movimento Espírita.

O Conselho Espírita Internacional, no *folder* “Divulgue o Espiritismo”, define como objetivos dos centros, grupos ou sociedades espíritas:

*[...] promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita, atendendo às pessoas que buscam esclarecimento, orientação e amparo para seus problemas espirituais, morais e materiais [...]; querem conhecer e estudar a Doutrina Espírita [...]; querem trabalhar, colaborar e servir em qualquer área de ação que a prática espírita oferece.*¹⁰

À vista desses objetivos, pode-se dizer que, quando

[...] consideramos os objetivos do Espiritismo, que outros não são senão os de esclarecer e instruir, de assistir e orientar, de melhorar e educar, e avaliamos a extensão dos dramas e conflitos, das tragédias e convulsões sociais por que passa a Humanidade, compreendemos melhor o que significa a disseminação das luzes e bênçãos da Terceira Revelação pela superfície do mundo, florescendo e frutificando em outros solos, em outros meios, sob outros céus, para preservação e defesa dos Espíritos encarnados, tão desejosos e necessitados de felicidade e quase sempre sem condições de conquistá-la. Dirigir um Centro Espírita, com senso de responsabilidade e espírito de abnegação, conduzindo-o de acordo com os postulados kardequianos, é trabalho de sacrifício para o qual nem todos oferecem condições satisfatórias de adaptação e entrosamento, nem disposições de ânimo satisfatórias a enfrentar a realidade dos fatos ou os imprevistos das situações, fazendo o possível pelo engrandecimento da Casa. Por isso, é sempre louvável o vermos companheiros verdadeiramente dispostos a darem prosseguimento ao programa de edificação da Humanidade, aceitando incumbências que lhes foram cometidas pelos Espíritos do Senhor e empenhando-se ao máximo por darem a elas profícuo desempenho. Deprequeamos, portanto, ao Pai Celestial suas bênçãos para que os diretores das Sociedades Espíritas sejam bem sucedidos no exercício de suas funções, levando de vencida as dificuldades que se lhes antepuserem aos passos. O fato de uma Casa Espírita ser modesta e composta de pessoas simples é antes um título de recomendação, uma razão de crédito de confiança, do que um fator contrário ao seu bom conceito, pois a simplicidade é, por excelência, a característica essencial do Espiritismo. Isto não quer dizer que nós, como seus adeptos, não nos esforcemos por aprender mais, por estudar sempre, melhorando nossas condições morais e intelectuais, acentuando o trabalho de cultura da mente e do coração. Não podemos difundir a luz se não nos iluminarmos, nem dar se não cuidarmos do nosso suprimento próprio. E semelhante conquista só é possível nos centros espíritas verdadeiramente bem estruturados nos ensinamentos doutrinário- evangélicos da Codificação Kardequiana.

O que importa, em essência e em última análise, como condição primordial, é a natureza do trabalho cristão e o caráter de renovação do trabalhador empenhado na criteriosa execução do mesmo. Ante as necessidades que nos acozzam e os problemas que nos rondam e desafiam, variáveis em natureza e extensão, é de todo imprescindível que estejamos deveras compenetrados da natureza de nossas responsabilidades doutrinário-administrativas e atentos ao esmerado cumprimento dos deveres delas decorrentes, a fim de fazermos jus às bênçãos dos nossos Maiores e podermos atender àqueles que algo esperam, efetivamente, dos centros espíritas.²⁰

4.1.4 Atividades básicas

As atividades básicas do Centro Espírita são apresentadas no documento “Adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de

suas finalidades”, já referido. Em outro documento emanado do Conselho Federativo Nacional – “Orientação ao Centro Espírita” –, essas atividades se encontram detalhadas. O Conselho Espírita Internacional, por sua vez, no multicitado folder “Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade”, sintetiza essas atividades. Valemo-nos deste último documento para fundamentar o estudo deste tópico, utilizando o “Orientação ao Centro Espírita” como fonte de consulta para os necessários complementos. Assim, são atividades básicas do Centro Espírita:

- » *Reuniões de estudo da Doutrina Espírita, de forma programada, metódica ou sistematizada, destinadas às pessoas de todas as idades e de todos os níveis culturais e sociais, que possibilitem um conhecimento abrangente e aprofundado do Espiritismo em todos os seus aspectos [...].*¹¹ A Federação Espírita Brasileira lançou dois programas específicos para o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, além de uma proposta para Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE).
- » *Reuniões públicas [...] para a explanação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, de maneira programada e com uma sequência de trabalho previamente estabelecida.*¹⁹ *Reuniões de estudo, educação e prática da mediunidade, com base nos princípios e objetivos espíritas, esclarecendo, orientando e preparando trabalhadores para as atividades mediúnicas [...].*¹¹ A Federação Espírita Brasileira publicou um programa para o Estudo e Educação da Mediunidade, com vistas à preparação desses trabalhadores.
- » *Reuniões de evangelização espírita para crianças e jovens, de forma programada, metódica ou sistematizada, atendendo-os, esclarecendo-os e orientando-os dentro dos ensinamentos da Doutrina Espírita [...].*¹¹
- » *Trabalho de divulgação da Doutrina Espírita por meio de todos os veículos e meios de comunicação social compatíveis com os princípios espíritas, tais como: palestras, conferências, livros, jornais, revistas, boletins, folhetos, mensagens, rádio, TV, cartazes, fitas de vídeo e áudio [...].*¹¹ Hoje, a internet tem sido utilizada como um dos principais meios de divulgação do Espiritismo.
- » *Serviço de assistência e promoção social espírita destinado a pessoas carentes que buscam ajuda material: assistindo-as em suas necessidades mais imediatas; promovendo-as por meio de cursos e trabalhos de formação profissional e pessoal e esclarecendo-as com os ensinamentos morais do Evangelho à luz da Doutrina Espírita [...].*¹¹ Atualmente,

com o “Manual de Apoio para as Atividades do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita” – elaborado, em conjunto, pela FEB e as Federativas Estaduais –, as orientações e recomendações, contidas no opúsculo *Orientação ao centro espírita*, foram desenvolvidas e explicitadas com vistas à sua operacionalização.

- » *Reunião de estudo do Evangelho no Lar, como apoio para a harmonia espiritual de suas famílias [...].*¹¹ Com esse propósito, a Federação Espírita Brasileira editou o folheto *Evangelho no lar*.
- » *Atividades que têm por objetivo a união dos espíritas e das instituições espíritas e a Unificação do Movimento Espírita, conjugando esforços, somando experiências, permutando ajuda e apoio, aprimorando as atividades espíritas e fortalecendo a ação dos espíritas [...].*¹¹ As atividades de Unificação estão hoje sintetizadas no folheto *Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, lançado pelo Conselho Espírita Internacional em diversas línguas.
- » *Atividades administrativas necessárias ao seu normal funcionamento, compatíveis com a sua estrutura organizacional e com a legislação de seu país.*¹¹ A orientação para essas atividades encontra-se no “Manual de Administração das Instituições Espíritas”, aprovado pelo Conselho Federativo Nacional.

As atividades do Centro Espírita, desse modo sintetizadas, demonstram a amplitude da ação que lhe compete desenvolver para atingir os seus objetivos, competindo a nós – os trabalhadores espíritas – envidar os melhores esforços no sentido de promover o estudo, a difusão e a prática do Espiritismo com todos aqueles que buscam o Centro Espírita para esclarecimento, orientação e amparo.

É importante que o trabalhador espírita conheça e divulgue o livro Orientação ao centro espírita, que contém explicações básicas sobre essas e outras atividades.

Neste sentido, relacionamos, em seguida, os principais conteúdos constantes da obra *Orientação ao centro espírita*:

- » Missão dos espíritas.
- » Os centros espíritas.
- » Palestras públicas.
- » Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita.

- » Atendimento espiritual no centro espírita.
- » Estudo e educação da mediunidade.
- » Reunião mediúnica.
- » Evangelização espírita da infância e da juventude.
- » Divulgação da Doutrina Espírita.
- » Serviço de assistência e promoção social espírita.
- » Atividades administrativas.
- » Participação do centro espírita nas atividades de Unificação do Movimento espírita.
- » Recomendações jurídicas.
- » Recomendações e observações gerais.
- » Anexos 1 e 2.

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 29 – *Das reuniões e das Sociedades Espíritas*, it. 324.
- 2 _____. _____. it. 330.
- 3 _____. _____. it. 331.
- 4 _____. _____. it. 331.
- 5 _____. _____. it. 333.
- 6 _____. _____. it. 334.
- 7 _____. _____. it. 335.
- 8 _____. _____. it. 339.
- 9 _____. _____. it. 341.
- 10 FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*. Documento aprovado pelo Conselho Espírita Nacional (CFN), em 1996 e pelo Conselho Espírita Internacional (CEI), p. 3.
- 11 _____. _____. p. 4.
- 12 FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Orientação ao centro espírita*. (Org.). Antonio Cesar Perri de Carvalho. Brasília: FEB, 2007. Anexo 1 – A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades, it. 4.
- 13 _____. _____. it. 5.
- 14 _____. _____. it. 6.

- 15 _____. _____. it. 7.
16 _____. _____. it. 8.
17 _____. _____. it. 9.
18 _____. _____. it. 10.
19 _____. _____. cap. 3 – *Atendimento espiritual no centro espírita*.
20 GAMA, Alberto Nogueira da. *Nos centros espíritas*. In: *Reformador*. ago. 1980, p. 245.
21 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Estude e viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 14. ed. 3. imp. Brasília: FEB, 2015. cap. 39 – *Espíritas, meditemos* [Emmanuel].

MENSAGEM

PRECE NAS REUNIÕES MEDIÚNICAS

Ao Senhor Deus onipotente suplicamos que envie, para nos assistirem, Espíritos bons; que afaste os que nos possam induzir em erro e nos conceda a luz necessária para distinguirmos da impostura a verdade.

Afasta, igualmente, Senhor, os Espíritos malfazejos, encarnados e desencarnados, que tentem lançar entre nós a discórdia e desviar-nos da caridade e do amor ao próximo. Se procurarem alguns deles introduzir-se aqui, faze não achem acesso no coração de nenhum de nós.

Bons Espíritos que vos dignais de vir instruir-nos, tornai-nos dóceis aos vossos conselhos; preservai-nos de toda ideia de egoísmo, orgulho, inveja e ciúme; inspirai-nos indulgência e benevolência para com os nossos semelhantes, presentes e ausentes, amigos ou inimigos; fazei, em suma, que, pelos sentimentos de que nos achemos animados, reconheçamos a vossa influência salutar.

Dai aos médiuns que escolherdes para transmissores dos vossos ensinamentos, consciência do mandato que lhes é conferido e da gravidade do ato que vão praticar, a fim de que o façam com o fervor e o recolhimento precisos.

Se, em nossa reunião, estiverem pessoas que tenham vindo impelidas por sentimentos outros que não os do bem, abri-lhes os olhos à luz e perdoai-lhes, como nós lhes perdoamos, se trouxerem malévolas intenções (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 28, it. 6).

O TRABALHO FEDERATIVO E DE UNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO ESPÍRITA: CONCEITO, DIRETRIZES E ESTRUTURA

1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- » Analisar o conceito de trabalho federativo ou de Unificação do Movimento Espírita.
- » Refletir sobre as diretrizes e a estrutura do trabalho federativo e de unificação.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » *Trabalho federativo ou de Unificação do Movimento Espírita é uma atividade-meio que tem por objetivo fortalecer, facilitar, ampliar e aprimorar a ação do Movimento Espírita em sua atividade-fim, que é a de promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita. Decorre da união fraterna, solidária, voluntária, consciente e operacional dos espíritas e das instituições espíritas, por meio da permuta de informações e experiências, da ajuda recíproca e do trabalho em conjunto (Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional [FEB-CEI], *Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, p. 5).*
- » *[...] Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã (Allan Kardec, *O livro dos médiuns*, cap. 29, it. 334).*

- » *O Espiritismo é uma questão de fundo; prender-se à forma seria puerilidade indigna da grandeza do assunto. Daí vem que os centros que se acharem penetrados do verdadeiro espírito do Espiritismo deverão estender as mãos uns aos outros, fraternalmente, e unir-se para combater os inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo (Allan Kardec, Obras póstumas, 2ª pt., Constituição do Espiritismo, § VI – Amplitude de ação da comissão central).*
- » *Estrutura-se [o trabalho federativo e de Unificação do Movimento Espírita] por meio da união dos grupos, centros ou sociedades que, preservando a sua autonomia e liberdade de ação, conjugam esforços e somam experiências, objetivando o permanente fortalecimento e aprimoramento das suas atividades e do Movimento Espírita em geral. Os grupos, centros ou sociedades espíritas, unindo-se, constituem as Entidades e Órgãos federativos ou de Unificação do Movimento Espírita em nível local, regional, estadual ou nacional. As Entidades e Órgãos federativos e de Unificação do Movimento Espírita, em nível nacional, constituem a Entidade de Unificação do Movimento Espírita em nível mundial – o Conselho Espírita Internacional (Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional [FEB-CEI], Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade, p. 5).*

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1

Introdução

- » Iniciar o estudo apresentando o assunto e os objetivos específicos do Roteiro.
- » Em seguida, fazer exposição a respeito conteúdo do item 4.1 dos subsídios, esclarecendo possíveis dúvidas sobre a matéria.

Desenvolvimento

Dividir os participantes em 4 grupos, para realização das seguintes tarefas:

Grupo 1 – a) ler o item 4.2 dos subsídios; b) trocar ideias sobre o conteúdo lido; c) fazer resumo por escrito das diretrizes do trabalho de Unificação definidas por Kardec, conforme consta do referido item, primeiro parágrafo.

Grupo 2 – a) ler o item 4.2 dos subsídios; b) trocar ideias sobre o conteúdo lido; c) identificar e listar os principais pontos das diretrizes atuais do trabalho federativo e de Unificação do Movimento Espírita.

Grupo 3 – a) ler o item 4.3 dos subsídios; b) trocar ideias sobre o conteúdo lido; c) colocar em forma de organograma a estrutura do trabalho federativo e de Unificação do Movimento Espírita.

Grupos 4 – a) ler o item 4.3 dos subsídios; b) trocar ideias sobre o conteúdo lido; c) fazer resumo por escrito dos marcos históricos aí descritos.

Observação: Colocar à disposição dos grupos folhas de papel-pardo/cartolina; canetas hidrográficas; papel; lápis/canetas, para serem usados de acordo com as suas tarefas específicas.

Solicitar aos representantes dos grupos que façam a apresentação dos trabalhos realizados.

Observar as apresentações, anotando eventuais pontos a serem esclarecidos.

Fazer a integração do assunto, com base nos objetivos do Roteiro, enfocando, em especial, os seguintes aspectos: a) comparação entre as diretrizes do trabalho de Unificação definidas por Kardec e as atuais, que norteiam o Movimento Espírita; b) comparação da estrutura atual do trabalho federativo e de Unificação com as ideias de Kardec a respeito da *comissão central*; c) importância dos fatos históricos, contidos nos subsídios, para o trabalho de Unificação do Movimento Espírita. Dar oportunidade aos participantes para fazerem perguntas, a fim de que as eventuais dúvidas sejam dirimidas.

Conclusão

Concluir o estudo, pedindo a um dos participantes que leia, em voz alta, para reflexão de todos, trecho da mensagem do Espírito de Verdade, intitulada *Os Obreiros do Senhor*, conforme consta do Anexo.

Observação: Veja no Anexo do presente Módulo: 1) Mensagens mediúnicas; 2) Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas; 3. Outras referências.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento das diretrizes e da estrutura do trabalho federativo e de unificação do Movimento Espírita.

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; folha de papel-pardo/cartolina; canetas hidrográficas; papel; lápis/canetas.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar o estudo fazendo a integração dos assuntos estudados nos roteiros anteriores.

Desenvolvimento

Em seguida, convidar os participantes para a leitura comentada dos subsídios da apostila.

Fazer os comentários com base nos subsídios e nos textos anexo no módulo.

Após a leitura, convidar os participantes para assistirem a um vídeo.

Sugestão de vídeo: O Movimento Espírita no Brasil. Comissões Regionais/CFN (6:51), disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FFxMCBZ7qt9kOLysjkPq4i5EfAnKQh9H/view?usp=shari>

Terminado o vídeo, propor reflexões sobre todos os conteúdos estudados:

- » *Qual a importância do trabalho federativo para o Movimento Espírita?*
- » *Por que a unificação é importante para o Movimento Espírita? etc.*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações sobre o assunto de acordo com subsídios do roteiro, referência sugerida, anexos do módulo e vídeo.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

A Unificação garante ao Movimento Espírita o Espiritismo, “qual foi entregue pelos Mensageiros divinos a Allan Kardec”.

Conclusão

Fazer o fechamento reforçando:

Trabalho federativo ou de Unificação do Movimento Espírita é uma atividade-meio que tem por objetivo fortalecer, facilitar, ampliar e aprimorar a

*ação do Movimento Espírita em sua atividade-fim, que é a de promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita. Decorre da união fraterna, solidária, voluntária, consciente e operacional dos espíritas e das instituições espíritas, por meio da permuta de informações e experiências, da ajuda recíproca e do trabalho em conjunto (Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional [FEB-CEI], *Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, p. 5).*

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): explosão de ideias, leitura oral comentada, discussão circular.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; anexos do módulo e vídeos.

Atividade de preparação para a próxima reunião de estudo Sugestão 1:

Esta atividade pode ser proposta para grupos (com acompanhamento do facilitador).

Propor pesquisa sobre os vultos espíritas no Brasil estudados no Roteiro 6. Podem ser utilizados os textos dos subsídios do Roteiro ou complementada com nova pesquisa (cada grupo terá 10 minutos para a apresentação):

Grupo 1 – Bezerra de Menezes;

Grupo 2 – Angel Aguarod;

Grupo 3 – Batuíra;

Grupo 4 – Cairbar Schutel;

Grupo 5 – Lins de Vasconcelos;

Grupo 6 – Vianna de Carvalho.

Observação: Para a apresentação dos grupos podem ser utilizados recursos visuais e técnicas de estudos.

3.3 SUGESTÃO 3

Apresentação e estudo do Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro 2018–2022, ou o que estiver vigente, destacando as nove diretrizes. Disponível em: https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Plano_de_Trabalho_para_Movimento_Espirita_Brasileiro.pdf

4 SUBSÍDIOS

O trabalho federativo de Unificação do Movimento Espírita

4.1 CONCEITO

O trabalho federativo ou de Unificação do Movimento Espírita

[...] *é uma atividade-meio que tem por objetivo fortalecer, facilitar, ampliar e aprimorar a ação do Movimento Espírita em sua atividade-fim, que é a de promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita. Decorre da união fraterna, solidária, voluntária, consciente e operacional dos espíritas e das instituições espíritas, por meio da permuta de informações e experiências, da ajuda recíproca e do trabalho em conjunto. É fundamental para o fortalecimento, o aprimoramento e o crescimento das instituições espíritas e para a correção de eventuais desvios da adequada prática doutrinária e administrativa. Esse trabalho se desenvolve por meio de [...] um permanente contato com os grupos, centros ou sociedades espíritas, promovendo a sua união e integração e colocando à disposição dos mesmos, sugestões, experiências, trabalhos e programas de apoio de que necessitem para suas atividades. Realiza reuniões, encontros, cursos, confraternizações e outros eventos destinados a dirigentes e trabalhadores espíritas, para a renovação e atualização de conhecimentos doutrinários e administrativos, visando o aprimoramento e a ampliação das atividades das instituições espíritas e a abertura de novas frentes de ação e de trabalho. Realiza, ainda, [...] eventos destinados ao grande público, para a divulgação da Doutrina Espírita, a fim de que o Espiritismo seja cada vez mais conhecido e melhor praticado.*⁵

4.2 DIRETRIZES

As diretrizes do trabalho de Unificação do Movimento Espírita encontram-se claramente definidas nos escritos de Allan Kardec desde os primórdios do Espiritismo. Assim, diz o Codificador:

O Espiritismo, que apenas acaba de nascer, ainda é diversamente apreciado e muito pouco compreendido em sua essência, por grande número de adeptos, de modo a oferecer um laço forte que prenda entre si os membros do que se possa chamar uma Associação ou Sociedade. Impossível é que semelhante laço exista, a não ser entre os que lhe percebem o objetivo moral, o compreendem e o aplicam a si mesmos. Entre os que nele veem fatos mais ou menos curiosos, nenhum laço sério pode existir. Colocando os fatos acima dos princípios, uma simples divergência, quanto à maneira de os considerar, basta para dividi-los. O mesmo já não se dá com os primeiros, porquanto, acerca da questão moral,

não pode haver duas maneiras de encará-la. Tanto assim que, onde quer que eles se encontrem, confiança mútua os atrai uns para os outros e a recíproca benevolência, que entre todos reina, exclui o constrangimento e o vexame que nascem da suscetibilidade, do orgulho que se irrita à menor contradição, do egoísmo que tudo reclama para a pessoa em quem domina.

Uma Sociedade, onde aqueles sentimentos se achassem partilhados por todos, onde os seus componentes se reunissem com o propósito de se instruírem pelos ensinamentos dos Espíritos e não na expectativa de presenciarem coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer cada um que a sua opinião prevaleça, seria não só viável, mas também indissolúvel. A dificuldade, ainda grande, de reunir crescido número de elementos homogêneos deste ponto de vista, nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações. Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã.¹

Ao tratar da Constituição do Espiritismo, inserta em *Obras póstumas*, assinala ainda Kardec:

O Espiritismo sustenta princípios que, por se fundarem nas Leis da Natureza e não em abstrações metafísicas, tendem a tornar-se, e um dia certamente o serão, os da universalidade dos homens; todos os aceitarão, porque encontrarão neles verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas, pretender-se que o Espiritismo chegue a estar, por toda parte, organizado da mesma forma; que os espíritas do mundo inteiro se sujeitarão a um regime uniforme, a uma mesma forma de proceder; que terão de esperar lhes venha de um ponto fixo a luz, ponto em que deverão fixar os olhos, fora utopia tão absurda como a de pretender-se que todos os povos da Terra formem um dia uma única nação, governada por um só chefe, regida pelo mesmo código de leis e submetida aos mesmos usos. Há, é certo, leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, mas que sempre, quanto às minúcias da aplicação e da forma, serão apropriadas aos costumes, aos caracteres, aos climas de cada um.

Outro tanto se dará com o Espiritismo organizado. Os espíritas do mundo todo terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo sagrado laço da fraternidade, mas cujas aplicações variarão segundo as regiões, sem que, por isso, a unidade fundamental se rompa; sem que se formem seitas dissidentes a atirar pedras e lançar anátemas umas às outras, o que seria absolutamente antiespírita.

Poderão, pois, formar-se, e inevitavelmente se formarão, centros gerais em diferentes países, ligados apenas pela comunidade da crença e pela solidariedade moral, sem subordinação de uns aos outros, sem que o da França, por exemplo, nutra a pretensão de impor-se aos espíritas americanos e vice-versa.

É perfeitamente justa a comparação, de que acima nos valem, com os observatórios. Há-os em diferentes pontos do globo; todos, seja qual for a nação a que pertençam, se fundam em princípios gerais firmados pela Astronomia, o que, entretanto, não os torna tributários uns dos outros. Cada um regula como entende os respectivos trabalhos. Permutam suas observações e cada um se utiliza da Ciência e das descobertas dos outros. Assim acontecerá com os centros gerais do Espiritismo; serão os observatórios do mundo invisível, que permutarão entre si o que obtiverem de bom e de aplicável aos costumes dos países onde funcionarem, uma vez que o objetivo que eles colimam é o bem da Humanidade e não a satisfação de ambições pessoais. O Espiritismo é uma questão de fundo; prender-se à forma seria puerilidade indigna da grandeza do assunto. Daí vem que os centros que se acharem penetrados do verdadeiro Espírito do Espiritismo deverão estender as mãos uns aos outros, fraternalmente, e unir-se para combater os inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo.⁴

Essas orientações de Allan Kardec vêm inspirando, ao longo do tempo, os espíritas do mundo inteiro, fazendo com que o trabalho federativo e de Unificação se torne cada vez mais fortalecido. Encontram-se presentes nas seguintes diretrizes, que norteiam o Movimento Espírita no Brasil e no Exterior:

O trabalho federativo e de Unificação do Movimento Espírita, bem como o de união dos espíritas e das instituições espíritas, baseia-se nos princípios de fraternidade, solidariedade, liberdade e responsabilidade que a Doutrina Espírita preconiza. Caracteriza-se por oferecer sem exigir compensações, ajudar sem criar condicionamentos, expor sem impor resultados e unir sem tolher iniciativas, preservando os valores e as características individuais tanto dos homens como das instituições. A integração e a participação das instituições espíritas nas atividades federativas e de Unificação do Movimento Espírita, sempre voluntárias e conscientes, são realizadas em nível de igualdade, sem subordinação, respeitando e preservando a independência, a autonomia e a liberdade de ação de que desfrutam. Todo e qualquer programa ou material de apoio colocado à disposição das instituições espíritas não terão aplicação obrigatória, ficando a critério das mesmas adotá-los ou não, parcial ou totalmente, ou adaptá-los às suas próprias necessidades ou conveniências. Em todas as atividades federativas e de Unificação do Movimento Espírita deve ser sempre estimulado o estudo metódico, constante e aprofundado das obras de Allan Kardec, que constituem a Codificação Espírita.⁶

Todas essas atividades [...] têm por objetivo maior colocar, com simplicidade e clareza, a mensagem consoladora e orientadora da Doutrina Espírita ao alcance e a serviço de todos, especialmente dos mais simples, por meio do estudo, da oração e do trabalho.⁶ Finalmente, em [...] todas as atividades federativas e de Unificação do Movimento Espírita deve ser sempre preservado,

*aos que delas participam, o natural direito de pensar, de criar e de agir que a Doutrina Espírita preconiza, assentando-se, todavia, todo e qualquer trabalho, nas obras da Codificação Kardequiana.*⁶

Todas essas diretrizes tornam patente o fato de que, conforme assinala o Espírito Bezerra de Menezes, o [...] *serviço da Unificação em nossas fileiras é urgente mas não apressado. [...] É urgente porque define o objetivo a que devemos todos visar; mas não apressado, porquanto não nos compete violentar consciência alguma.*⁸

4.3 ESTRUTURA

Conforme visto no item anterior, Kardec, na sua *Constituição do Espiritismo*, apresenta suas diretrizes gerais para o trabalho da Unificação. Ver-se-á neste item, com base também no referido escrito do Codificador, o seu pensamento quanto à estrutura mais adequada ao Movimento Espírita. Para isso, respigamos, nas considerações por ele tecidas, os seguintes trechos mais significativos para o estudo deste tópico:

*Durante o período de elaboração, a direção do Espiritismo teve que ser individual; era necessário que todos os elementos constitutivos da Doutrina, saídos, no estado de embriões, de uma multidão de focos, se dirigissem para um centro comum, a fim de serem aí examinados e cotejados, de sorte que um só pensamento presidisse à coordenação deles, a fim de estabelecer-se a unidade no conjunto e a harmonia entre todas as partes [...].*²

Adiante, prossegue:

[...] Hoje, que o trabalho de elaboração se acha concluído, no que concerne às questões fundamentais; que estabelecidos se encontram os princípios gerais da Ciência, a direção, de individual que houve de ser em começo, tem que se tornar coletiva, primeiramente, porque um momento há de vir em que o seu peso excederá as forças de um homem e, em segundo lugar, porque maior garantia apresenta um conjunto de indivíduos, a cada um dos quais caiba apenas um voto e que nada podem sem o concurso mútuo, do que um só indivíduo, capaz de abusar da sua autoridade e de querer que predominem as suas ideias pessoais.

Em vez de um chefe único, a direção será confiada a uma comissão central permanente, cuja organização e atribuições se definam de maneira a não dar azo ao arbítrio. [...]

[...]

A comissão central será, pois, a cabeça, o verdadeiro chefe do Espiritismo, chefe coletivo, que nada poderá sem o assentimento da maioria. Suficientemente

numeroso para se esclarecer por meio da discussão, não o será bastante para que haja confusão.

[...]

Para a comunidade dos adeptos, a aprovação ou a desaprovação, o consentimento ou a recusa, as decisões, em suma, de um corpo constituído, representando opinião coletiva, forçosamente terão uma autoridade que jamais teriam, se emanassem de um só indivíduo, que apenas representa uma opinião pessoal. [...]

Fica bem entendido que aqui se trata de autoridade moral, no que respeita à interpretação e aplicação dos princípios da Doutrina, e não de um poder disciplinar qualquer. [...]

Para o público estranho, um corpo constituído tem maior ascendente e preponderância; contra os adversários, sobretudo, apresenta uma força de resistência e dispõe de meios de ação com que um indivíduo não poderia contar; aquele luta com vantagens infinitamente maiores. Uma individualidade está sujeita a ser atacada e aniquilada; o mesmo já não se dá com uma entidade coletiva.

Semelhante entidade oferece garantias de estabilidade, que não existe, quando tudo recai sobre uma cabeça única. Desde que o indivíduo se ache impedido por uma causa qualquer, tudo fica paralisado. A entidade coletiva, ao contrário, se perpetua incessantemente. Embora perca um ou vários de seus membros, nada periclitada.³

Esse pensamento de Kardec vem orientando a estruturação do Movimento Espírita, no Brasil e no Exterior, respeitadas, obviamente, as necessidades dos novos tempos.

No Brasil, pode-se dizer que os esforços unificadores tiveram

[...] seu marco inicial decisivo com a atuação segura de Bezerra de Menezes, que, inclusive, se inspirou nas páginas de Obras póstumas, de cuja obra foi o primeiro tradutor para o nosso vernáculo, e continuam até hoje, no sentido de preservar a unidade doutrinária e assegurar a continuidade da propagação do Espiritismo.⁹

Muitas foram as iniciativas postas em prática ao longo do tempo com vistas a dar ao Movimento Espírita uma estrutura adequada. Citaremos duas delas, que podem ser consideradas os principais marcos históricos do nosso Movimento. São as seguintes:

Bases de Organização Espírita – Trata-se de documento [...] *proposto pela Federação Espírita Brasileira [FEB] e aprovado, após discussão e ligeira modificações, por espíritas de todo o País, num conclave sem precedentes.⁹* Consta do referido documento que os participantes desse conclave, realizado em 1 de outubro de 1904, resolvem, entre outros pontos de grande significado:

[...] *empregar desde já todos os esforços para a criação, na capital de cada Estado da União Brasileira, de um Centro calcado nos moldes da Federação do Rio de Janeiro [referência à FEB, que tinha a sede na cidade do Rio de Janeiro], tendo por fim promover a organização e filiação de associações de estudo e propaganda em todo o Estado. Tais instituições, aderindo ao programa da Federação Espírita Brasileira, a ela se filiarão com as respectivas associações subsidiárias, sem nenhuma relação de dependência disciplinar, mas unicamente com intuítos de confraternização e unidade de vistas.*¹⁰

“Pacto Áureo” Transcorridos quarenta e cinco anos, outro fato de grande importância marcou o processo de Unificação do Movimento Espírita no Brasil. Trata-se da Grande Conferência Espírita no Rio de Janeiro – o “Pacto Áureo” –, realizada em 5 de outubro de 1949. Os signatários desse acordo não são pessoas físicas apenas, como sucedeu no conclave de 1904. O Movimento Espírita havia crescido. Alguns Estados já possuíam as suas entidades representativas, que assinaram o documento. Citaremos os três primeiros artigos do “Pacto Áureo”, por estarem mais diretamente ligados aos objetivos deste estudo:

*1º) Cabe aos Espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo. – 2º) A FEB criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa.*¹¹

Cabe esclarecer que o artigo 1º supracitado faz referência à missão espiritual do Brasil junto às demais nações, conforme revelado pelo Espírito Humberto de Campos no livro em referência. Emmanuel, prefaciando a mencionada obra, assinala:

*Se outros povos atestaram o progresso, pelas expressões materialistas e transitórias, o Brasil terá a sua expressão imortal na vida do Espírito, representando a fonte de um pensamento novo, sem as ideologias de separatividade, e inundando todos os campos das atividades humanas com uma nova luz [...].*¹³

Em relação ao disposto no artigo 2º, citado, deve ser dito que o Conselho Federativo Nacional (CFN), órgão da Federação Espírita Brasileira (FEB), foi criado no dia 1 de janeiro de 1950, na cidade do Rio de Janeiro e transferido, no dia 1 de julho de 1978, para a sede da FEB em Brasília.

Como se vê, desde 1904, com a assinatura do documento *Bases de Organização Espírita*, citado, a Entidade federativa ou de Unificação do Movimento Espírita no Brasil é a Federação Espírita Brasileira, sendo o seu Conselho Federativo Nacional, criado com base no “Pacto Áureo”, o

órgão com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua Organização Federativa. Atualmente, o Conselho Federativo Nacional é integrado pelas Federativas de todos os Estados brasileiros e conta, para fins específicos, com o assessoramento de Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, tais como a Cruzada dos Militares Espíritas; a Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (ABRADE); o Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB); a Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (ABRAME). Dentre as inúmeras iniciativas marcantes do CFN, destaca-se, pelo seu alto significado, a criação das Comissões Regionais, em 2 novembro de 1985. Para dar uma ideia da amplitude do trabalho dessas Comissões, basta citar o *caput* e o item I do artigo 2º do seu Regimento Interno, a saber:

*Artigo 2º. – As Comissões Regionais, que desenvolverão suas atividades observando os norteamentos do Conselho Federativo Nacional, têm por objetivos: I – coordenar e promover, em nível regional, com as Entidades Estaduais de Unificação do Movimento Espírita, as atividades que tenham por fim a difusão da Doutrina Espírita e as tarefas de Unificação, inclusive, visando adotar as instituições espíritas dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento de suas atividades.*¹²

São constituídas por um representante de cada Entidade Estadual que integra a região correspondente (Norte, Nordeste, Centro ou Sul). As reuniões ordinárias das Comissões Regionais são realizadas uma vez por ano, em cada região, de forma rotativa quanto ao local. Dentre os documentos norteadores do trabalho do Movimento Espírita, aprovados pelo CFN, os principais são: “*A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades*” (outubro de 1977); o opúsculo *Orientação ao centro espírita* (julho de 1980), e “*Diretrizes de Dinamização das Atividades Espíritas*” (novembro de 1983).

No que toca ao Movimento Espírita mundial, deve ser destacado o seu grande marco histórico: a fundação, em 28 de novembro de 1992, do Conselho Espírita Internacional (CEI), [...] *organismo resultante, em âmbito mundial, das Associações Representativas dos Movimentos Espíritas Nacionais.*⁷ Assinaram a Ata de fundação os seguintes países: Argentina, Brasil, Espanha, Estados Unidos, França, Guatemala, Itália, Portugal e Reino Unido. Atualmente o CEI é composto por 27 países membros. O Conselho Espírita Internacional lançou dois documentos de suma importância para o Movimento Espírita em todo o mundo: os folhetos *Conheça o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*, e *Divulgue o*

Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade, traduzidos em diversos idiomas.

Isto posto, resta apresentar, em síntese, a estrutura do Trabalho Federativo e de Unificação do Movimento Espírita, nacional e mundial. Esse trabalho se estrutura [...] *por meio da união dos grupos, centros ou sociedades espíritas que, preservando a sua autonomia e liberdade de ação, conjugam esforços e somam experiências, objetivando o permanente fortalecimento e aprimoramento das suas atividades e do Movimento Espírita em geral.*⁵ Esses [...] *grupos, centros ou sociedades espíritas, unindo-se, constituem as Entidades e Órgãos federativos ou de Unificação do Movimento Espírita em nível local, regional, estadual ou nacional.*⁵ Essas [...] *Entidades e Órgãos federativos ou de Unificação do Movimento Espírita, em nível nacional, constituem a Entidade de Unificação do Movimento Espírita em nível mundial – o Conselho Espírita Internacional.*⁵

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 5. imp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016. cap. 29, it. 334.
- 2 _____. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp. (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011. 2ª pt., *Constituição do Espiritismo*, § IV – Comissão central.
- 3 _____. _____.
- 4 _____. _____. § VI – Amplitude de ação da comissão central.
- 5 FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade*. Documento aprovado pelo Conselho Espírita Nacional (CFN), em 1996 e pelo Conselho Espírita Internacional (CEI), em 1998. Brasília: FEB, p. 5.
- 6 _____. _____. p. 6.
- 7 _____. _____. p. 7.
- 8 _____. _____. p. 8.
- 9 FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Movimento espírita*. Brasília: FEB, 1996. it. 4.3, p. 52.
- 10 _____. _____. it. 4.3.1, p. 52 e 53.
- 11 _____. _____. it. 4.3.2, p. 54.
- 12 _____. _____. it. 4.3.4.2.2, p. 63.

- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 34. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2015. Prefácio [Emmanuel].

ANEXO 1

Textos para reflexão

OS OBREIROS DO SENHOR

Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade. Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado. Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: “Trabalhem juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra”, porquanto o Senhor lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!” [...] (Allan Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 20, it. 5).

* * *

Oração ensinada por Jesus

PAI-NOSSO

Pai Nosso, que estás nos Céus

Santificado seja o teu nome

Venha a nós o teu reino

Seja feita a tua vontade, assim na terra como no Céu.

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.

Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores.

Não nos deixes cair em tentação.

Livra-nos do mal, porque teu é o reino, o poder e a glória para sempre.

Assim seja (*Mateus*, 6:9 a 13).

ANEXO 2

Conteúdo

Neste anexo estão inseridas algumas informações úteis que complementam o estudo do tema *Movimento Espírita e Unificação*, quais sejam:

» Mensagens mediúnicas.

- » Diretrizes de Dinamização das Atividades Espíritas.
- » Comissões Regionais.

1. Mensagens mediúnicas

UNIFICAÇÃO

O serviço da Unificação em nossas fileiras é **urgente** mas não **apressado**. Uma afirmativa parece destruir a outra. Mas não é assim. É urgente, porque define objetivo a que devemos todos visar; mas não apressado, porquanto não nos compete violentar consciência alguma. Mantenhamos o propósito de irmanar, aproximar, confraternizar e compreender, e, se possível, estabeleçamos em cada lugar, onde o nome do Espiritismo apareça por legenda de luz, um grupo de estudo, ainda que reduzido, da obra kardequiana, à luz do Cristo de Deus. Nós que nos empenhamos carinhosamente a todos os tipos de realização respeitável que os nossos princípios nos oferecem, não podemos esquecer o trabalho do raciocínio claro para que a vida se nos povoe de estradas menos sombrias. Comparemos a nossa Doutrina Redentora a uma cidade metropolitana, com todas as exigências de conforto e progresso, paz e ordem. Indispensável a diligência no pão e no vestuário, na moradia e na defesa de todos; entretanto, não se pode olvidar o problema da luz. A luz foi sempre uma preocupação do homem, desde a hora da furna primeira. Antes de tudo, o fogo obtido por atrito, a lareira doméstica, a tocha, os lumes vinculados às resinas, a candeia e, nos tempos modernos, a força elétrica transformada em clarão.

A Doutrina Espírita possui os seus aspectos essenciais em configuração tríplice. Que ninguém seja cerceado em seus anseios de construção e produção. Quem se afeiçoe à Ciência que a cultive em sua dignidade, quem se devote à Filosofia que lhe engrandeça os postulados e quem se consagre à Religião que lhe divinize as aspirações, mas que a base kardequiana permaneça em tudo e todos, para que não venhamos a perder o equilíbrio sobre os alicerces em que se nos levanta a organização.

Nenhuma hostilidade recíproca, nenhum desapareço a quem quer que seja. Acontece, porém, que temos necessidade de preservar os fundamentos espíritas, honrá-los e sublimá-los, senão acabaremos estranhos uns aos outros, ou então cadaverizados em arregimentações que nos mutilarão os melhores anseios, convertendo-nos o movimento de libertação numa seita estanque, encarcerada em novas interpretações e teologias, que nos acomodariam nas conveniências do plano inferior e nos afastariam da Verdade.

Allan Kardec, nos estudos, nas cogitações, nas atividades, nas obras, a fim de que a nossa fé não faça hipnose, pela qual o domínio da sombra se estabelece sobre as mentes mais fracas, acorrentando-as a séculos de ilusão e sofrimento.

Libertação da palavra divina é desentranhar o ensinamento do Cristo de todos os cárceres a que foi algemado e, na atualidade, sem querer qualquer

privilégio para nós, apenas o Espiritismo retém bastante força moral para se não prender a interesses subalternos e efetuar a recuperação da luz que se derrama do verbo cristalino do Mestre, dessedentando e orientando as almas. Seja Allan Kardec, não apenas crido ou sentido, apreçoado ou manifestado, a nossa bandeira, mas suficientemente vivido, sofrido, chorado e realizado em nossas próprias vidas. Sem essa base é difícil forjar o caráter espírita-cristão que o mundo conturbado espera de nós pela Unificação.

Ensinar, mas fazer; crer, mas estudar; aconselhar, mas exemplificar; reunir, mas alimentar.

Falamos em provações e sofrimentos, mas não dispomos de outros veículos para assegurar a vitória da verdade e do amor sobre a Terra. Ninguém edifica sem amor, ninguém ama sem lágrimas.

Somente aqui, na vida espiritual, vim aprender que a cruz de Cristo era uma estaca que Ele, o Mestre, fincava no chão para levantar o mundo novo. E para dizermos em todos os tempos que nada se faz de útil e bom sem sacrifícios, morreu nela. Espezinhado, batido, enterrou-a no solo, revelando-nos que esse é o nosso caminho – o caminho de quem constrói para Cima, de quem mira os continentes do Alto.

É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos mensageiros divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios.

Respeito a todas as criaturas, apreço a todas as autoridades, devotamento ao bem comum e instrução do povo, em todas as direções, sobre as verdades do Espírito, imutáveis, eternas.

Nada que lembre castas, discriminações, evidências individuais injustificáveis, privilégios, imunidades, propriedades.

Amor de Jesus sobre todos, verdade de Kardec para todos.

Em cada templo, o mais forte deve ser escudo para o mais fraco, o mais esclarecido a luz para o menos esclarecido, e sempre e sempre seja o sofredor o mais protegido e o mais auxiliado, como entre os que menos sofram seja o maior aquele que se fizer o servidor de todos, conforme a observação do Mentor Divino.

Sigamos para frente, buscando a inspiração do Senhor.

BEZERRA¹

* * *

1 Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião da Comunhão Espírita Cristã, em 20 abr. 1963, em Uberaba (MG); *In*: MENEZES, Adolfo Bezerra de. Unificação. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. *Reformador*, out. 1995, p. 314.

UNIFICAÇÃO PAULATINA, UNIÃO IMEDIATA, TRABALHO INCESSANTE...

Espíritas, meus irmãos!

Quando as clarinadas de um novo dia em luz nos anunciam os chegados tempos do Senhor; quando uma era de paz prepara a nova Humanidade, neste momento dominada pela angústia e batida pela desesperação, façamos a viagem de volta para dentro de nós.

No instante em que os valores externos perdem a sua significação, impulsio-nando-nos a buscar a Deus no coração, somos, por meio de nossos irmãos, convidados à responsabilidade maior de amar, de servir e de passar...

Jesus, meus amigos, é mais do que um símbolo. É uma realidade em nossa existência. Não é apenas um ser que transitou da manjedoura à cruz, mas o exemplo, cuja vida se transformou num Evangelho de feitos, chamando por nós.

Necessário, em razão disso, aprofundar o pensamento na obra de Allan Kardec para poder viver Jesus em toda plenitude.

Estamos convidados ao banquete da era melhor, do Evangelho Imortal, e ninguém se pode escusar, a pretexto algum.

Dias houve em que poderíamos dizer que não estávamos informados a respeito da verdade. Hoje, porém, sabemos... Agora que a conhecemos, por experiên-cia pessoal, vivamos o Cristo de Deus em nossas atitudes, a fim de que o sol espírita não apresente a mensagem de luz, dificultada pelas nuvens densas que caracterizam o egoísmo humano, o ressentimento, a vaidade...

Unificação, sim, União, também.

Imprescindível que nos unifiquemos no ideal espírita, mas que, acima de tudo, nos unamos como irmãos.

Os nossos postulados devem ser desdobrados e vividos dentro de uma linha austera de dignidade e nobreza. Sem embargo, que os nossos sentimentos vibrem em uníssono, refletindo as emoções de amigos que se desejam ajudar e de irmãos que se não permitem avançar – deixando a retaguarda juncada de cadáveres ou assinalada pelos que não tiveram força para prosseguir...

A tarefa da unificação é paulatina; a tarefa da união é imediata, enquanto a tarefa do trabalho é incessante, porque jamais terminaremos o serviço, desde que somos servos imperfeitos, e fazemos apenas a parte que nos é confiada.

Amar, no entanto, é o impositivo que o Senhor nos concedeu e que a Doutrina nos restaura.

Unamo-nos, amemo-nos, realmente, e dirimamos as nossas dúvidas, retifican-do as nossas opiniões, as nossas dificuldades e os nossos pontos de vista, diante da mensagem clara e sublime da Doutrina com que Allan Kardec enriquece a

nova era, compreendendo que lhe somos simples discípulos. Como discípulos não podemos ultrapassar o mestre.

Demo-nos as mãos e ajudemo-nos; esqueçamos as opiniões contraditórias para nos recordarmos dos conceitos de identificação, confiando no tempo, o grande enxugador de lágrimas, que a tudo corrige.

Não vos conclamamos à inércia, ao parasitismo, à aceitação tácita, sem a discussão ou o exame das informações.

Convidamo-vos à verdadeira dinâmica do amor.

Recordemos, na palavra de Jesus, que “a casa dividida rui”, todavia ninguém pode arrebentar um feixe de varas que se agregam numa união de forças.

É, por isto, Espíritas, meus irmãos, que a Unificação deve prosseguir, mas a União deve viger em nossos corações.

Somos semeadores do tempo melhor. Somos os pomicultores da era nova. A colheita que faremos em nome de Jesus caracterizar-nos-á o trabalho.

Adiante, meus irmãos, na busca da aurora dos novos tempos.

Jesus é o Mestre por excelência e Allan Kardec é o discípulo fiel.

Sejamos nós os continuadores honrados e nobres da sua obra de amor e da sua lição de sabedoria...

E quando as sombras da desencarnação descerem sobre vós, e nós outros, os já desencarnados, nos acercarmos a receber-vos, podereis dizer:

– Aqui estamos, Senhor, servos deficientes que reconhecemos ser, porque apenas fizemos o que nos foi determinado.

Ele, porém, magnânimo, justo e bom, dir-vos-á:

“Vinde a mim, filhos de meu Pai, entrai no gozo da paz”.

Muita paz, meus amigos!

Que o senhor vos abençoe.

BEZERRA²

2. Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas

O Conselho Federativo Nacional, reunido na Sede Central da Federação Espírita Brasileira, em Brasília (DF), nos dias 25 a 27 de novembro de 1983, com o objetivo de apreciar as conclusões das reuniões

2 Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo P. Franco, na noite de 20 abr. 1975, na sessão pública da Federação Espírita Brasileira em Brasília (DF); *In*: MENEZES, Adolfo Bezerra de. Unificação paulatina, união imediata, trabalho incessante... Psicografia de Divaldo Pereira Franco. *Reformador*, out. 1995, p. 315.

dos Conselhos Zonais das 1ª, 2ª, 3ª e 4ª Zonas, levadas a efeito em Rio Branco (AC), Maceió (AL), Cuiabá (MT) e São Paulo (SP), de abril de 1982 a outubro de 1983, quando estudaram o tema: “Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas”.

I. Considerando

a) Que, na fase de transição por que passa a Humanidade, a Doutrina Espírita desempenha um importante papel, oferecendo, com lógica e segurança, a consolação, o esclarecimento e a orientação de que os homens hoje necessitam;

b) Que se faz necessário colocar ao alcance e a serviço de todos a mensagem consoladora e esclarecedora que a Doutrina Espírita oferece;

c) Que é de vital importância para a difusão e vivência da Doutrina Espírita que os centros espíritas, unidades fundamentais do Movimento Espírita, desenvolvam suas tarefas, de maneira a mais ampla possível, procurando atender plenamente às suas finalidades;

d) Que o estudo e o aperfeiçoamento de dirigentes e trabalhadores são fundamentais para que o Centro Espírita possa atender plenamente às suas finalidades;

e) Que aos órgãos de Unificação do Movimento Espírita cabe, permanentemente, a responsabilidade de reunir e analisar experiências já realizadas, inclusive pelos próprios centros espíritas, e colocar à disposição dos mesmos as sugestões, orientações, programas e apoio de que necessitam para o pleno desenvolvimento de suas atividades doutrinárias, assistenciais e administrativas;

f) Que a realização pelos órgãos de Unificação, das citadas atividades (letra “e”), promove a Unificação do Movimento Espírita e a união das sociedades e dos próprios espíritas, fundamentais para o fortalecimento do trabalho de difusão e vivência do Espiritismo;

g) Que, com o objetivo de colocar à disposição dos centros espíritas uma orientação segura para as suas atividades, o Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira (CFN-FEB) aprovou documento que enfeixa as conclusões sobre o tema “A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades”, publicado na revista *Reformador* de dezembro de 1977;

h) Que, com o objetivo de oferecer uma série de sugestões sobre como colocar em prática as recomendações contidas no documento anteriormente

aprovado e acima citado (letra “g”), entidades estaduais vêm colocando à disposição dos centros espíritas sugestões, orientações, programas e apoio para as suas atividades; e, com o mesmo objetivo, o Conselho Federativo Nacional da FEB, em julho de 1980, aprovou o documento “Orientação ao Centro Espírita” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL, *Orientação ao centro espírita*. Brasília: FEB, 2007. Anexo 2 – Diretrizes da dinamização das atividades espíritas, p. 110 a 121).

II. O Conselho Federativo Nacional da FEB sugere às entidades estaduais de Unificação do Movimento Espírita:

a) Que desenvolvam suas atividades no sentido de manter, permanentemente, a Unificação do Movimento Espírita, por meio da união das sociedades e dos próprios espíritas, para que, cada vez mais fortalecidos, coloquem ao alcance e a serviço de todos a mensagem que consola, esclarece e orienta oferecida pela Doutrina Espírita;

b) Que estimulem, como atividade principal, nos centros espíritas, o estudo sistematizado da Doutrina Espírita;

c) Que, objetivando o permanente aprimoramento das tarefas que os centros espíritas desenvolvem, promovam a realização de reuniões ou encontros de dirigentes e trabalhadores das casas espíritas, para:

1) estudo aprofundado dos documentos “A adequação do Centro Espírita para melhor atendimento de suas finalidades” e “Orientação ao Centro Espírita”;

2) exame e análise dos problemas e necessidades dos centros espíritas;

3) análise de outros programas de estudo e trabalho, baseados na Codificação Kardequiana e decorrentes, inclusive, de experiências já realizadas pelos próprios centros espíritas;

4) busca de soluções para os problemas e necessidades detectadas.

d) Que promovam permanente contato com os centros espíritas, colocando à sua disposição sugestões, orientações, programas e apoio de que necessitem para o desenvolvimento de suas atividades;

e) Que, visando ao conagraçamento da família espírita, promovam a realização de confraternizações, reunindo os frequentadores dos centros e demais sociedades espíritas, a todos aproximando, irmanando e unindo, criando, assim, um clima de fraternidade e de paz, em que todos sintam seu ânimo renovado para as atividades espíritas-cristãs;

f) Que estimulem e cooperem na implantação de centros espíritas ou, inicialmente, de grupos de estudos da Obra Kardequiana, orientando e apoiando o trabalho de elementos do próprio local;

g) Que esclareçam, permanentemente, os dirigentes e trabalhadores de centros espíritas sobre as origens, as características, as finalidades e as atividades de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas, alertando, inclusive, para a necessidade de se evitarem atividades paralelas, dispersivas e prejudiciais;

h) Que permutem com as demais entidades estaduais de Unificação do Movimento Espírita seus programas de trabalho, suas realizações e experiências, oferecendo e recebendo subsídios para as suas atividades;

i) Que intensifiquem esforços de integração dos centros espíritas ainda não adesos ao trabalho de Unificação;

j) Que, objetivando intensificar a divulgação do Espiritismo com o grande público, promovam veiculação nos órgãos de comunicação social (jornais, revistas, emissoras de rádio, televisão etc.) de matéria de cunho doutrinário (mensagens, notícias, *press release* etc.), se possível com a participação dos próprios espíritas;

l) Que estimulem e, se necessário, orientem a criação de equipes de visitação a irmãos carentes de assistência material e, sobretudo, moral, nos hospitais, domicílios, albergues, orfanatos, prisões, col nias de hansenianos etc.;

m) Que estimulem a integração do jovem às diversas equipes de trabalho dos centros espíritas, objetivando, por meio de troca de experiências e ideias, a preparação daqueles que continuarão o trabalho;

n) Que organizem programas de visitas aos centros espíritas do interior, com o objetivo de levar-lhes estímulos e experiências, bem como incentivar a aplicação do Manual “Orienta o ao centro espírita – 1980” e oferecer-lhes orienta es outras que se façam necessárias (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. *Orienta o ao centro espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Anexo 3 – Comissões Regionais, p. 123 a 127).

III. Observa, ainda, o Conselho Federativo Nacional da FEB:

a) Que o trabalho de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas se assenta nos princípios de fraternidade, liberdade e responsabilidade que a Doutrina Espírita preconiza;

b) Que o trabalho de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas caracteriza-se por oferecer sem exigir compensações, ajudar sem criar condicionamentos, expor sem impor resultados e unir sem tolher iniciativas, preservando os valores e as características individuais tanto dos homens como das sociedades;

c) Que a integração e a participação dos centros espíritas nas atividades de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas devem ser sempre voluntárias e conscientes, com pleno respeito à autonomia administrativa de que desfrutam;

d) Que os programas de colaboração e apoio aos centros espíritas devem ser colocados à sua disposição simplesmente como subsídio ao trabalho por eles desenvolvido;

e) Que em todas as atividades de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas seja sempre estimulado o estudo metódico, constante e aprofundado das obras de Allan Kardec, enfatizando-se as bases em que a Doutrina Espírita se assenta e destacando a sua permanente atualidade frente ao progresso humano, em razão do caráter dinâmico e evolutivo que apresenta;

f) Que todas as atividades de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas tenham por objetivo maior colocar, com simplicidade e clareza, a mensagem consoladora e orientadora da Doutrina Espírita ao alcance e a serviço de todos por meio do estudo, da oração e do trabalho;

g) que em todas as atividades de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas seja sempre preservado, aos que dela participam, o natural direito de pensar, de criar e de agir que a Doutrina Espírita preconiza, assentando-se, todavia, todo e qualquer trabalho, nas obras da Codificação Kardequiana.

3 Comissões Regionais

Resolução

O Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira

Considerando

a) Que os Conselhos Zonais, desdobramentos do Conselho Federativo Nacional, em seis ciclos de trabalhos, desde sua criação, cumpriram integralmente suas importantes atribuições, contribuindo para que o Movimento

Espírita e as instituições espíritas dispusessem de instrumentos para a execução de suas finalidades, como sejam:

1) o documento que enfeixa as conclusões sobre o tema “A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades”, aprovado em outubro/77;

2) o opúsculo *Orientação ao centro espírita*, aprovado em julho/80;

3) as “Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas”, aprovadas em novembro/83;

4) o “Manual de Administração das Instituições Espíritas”, aprovado em novembro/84, a título de recomendação;

b) Que, ao fim do VI ciclo de trabalhos, a experiência adquirida demonstra que se torna aconselhável dinamizar a operacionalidade das instituições espíritas, facilitando as iniciativas que ponham em prática todo o acervo de resoluções anteriores;

c) Que, para isso, torna-se aconselhável aditar às atuais atribuições dos Conselhos Zonais outras tarefas, dotando-os de estrutura capaz de atender ao desdobramento e ao acréscimo de trabalhos;

Resolve: I. Transformar os Conselhos Zonais em Comissões Regionais, mantida a atual divisão geográfica aprovada pelo Conselho Federativo Nacional.

II. As Comissões Regionais terão as seguintes atribuições:

a) coordenar e promover com as Entidades Estaduais de Unificação do Movimento Espírita, observados os norteamentos do Conselho Federativo Nacional, as atividades que visem a dotar as instituições espíritas dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento de suas atividades doutrinárias e assistenciais;

b) analisar temas indicados pelo Conselho Federativo Nacional.

III. As Comissões Regionais reger-se-ão pelo Regimento Interno aprovado pelo Conselho Federativo Nacional nesta data.

Brasília, 2 de novembro de 1985.

Regimento Interno

Artigo 1º – As Comissões Regionais criadas pelo Conselho Federativo Nacional em sua Reunião de 2 de novembro de 1985, têm suas normas de funcionamento traçadas por este Regimento Interno.

Dos Objetivos

Artigo 2º – As Comissões Regionais, que desenvolverão suas atividades observando os norteamientos do Conselho Federativo Nacional, têm por objetivos:

I. Coordenar e promover, em nível regional, com as Entidades Estaduais de Unificação do Movimento Espírita, as atividades que tenham por fim a difusão da Doutrina Espírita e as tarefas de Unificação, inclusive, visando a dotar as instituições espíritas dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento de suas atividades;

II. promover reuniões periódicas de âmbito regional, possibilitando as trocas de informações e experiências, analisando e buscando o equacionamento de problemas comuns, planejando e organizando as tarefas destinadas a atender às necessidades levantadas;

III. coordenar e promover a realização de cursos e encontros destinados à preparação e atualização de trabalhadores para as tarefas com os órgãos de Unificação e às casas espíritas;

IV. analisar temas indicados pelo Conselho Federativo Nacional;

V. opinar sobre propostas, programas e outros instrumentos norteadores das atividades espíritas, a serem submetidos ao Conselho Federativo Nacional;

VI. assessorar as Entidades Federativas Estaduais, quando solicitadas, na estruturação dos órgãos destinados a coordenar em nível estadual as suas atividades doutrinárias, assistenciais e administrativas, bem como na promoção de reuniões, encontros e cursos, destinados a dirigentes e trabalhadores das casas espíritas.

Da Constituição

Artigo 3º – As Comissões Regionais serão constituídas por um representante indicado por cada Entidade Estadual participante do Conselho Federativo Nacional que integra a Região correspondente e coordenadas, cada uma, por um Coordenador e um Secretário designados pelo Presidente do Conselho Federativo Nacional, estes auxiliados por tantos Assessores quantos se fizerem necessários.

Parágrafo único – Os representantes das Entidades Federativas Estaduais poderão fazer-se acompanhar de Assessores.

Do Funcionamento

Artigo 4º – As Comissões Regionais reunir-se-ão, ordinariamente, uma vez por ano e, extraordinariamente, sempre que necessário.

Parágrafo Único – Nas reuniões de cada Comissão Regional, poderão participar, como assistentes, os integrantes das demais Comissões Regionais.

Da Competência

Artigo 5º – Compete a cada Comissão Regional:

I. Organizar seu plano de trabalho articulando-se com as Entidades Federativas Estaduais envolvidas na sua execução;

II. acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos relacionados com suas atividades;

III. definir o local e a pauta de suas reuniões;

IV. acertar com as Entidades Federativas Estaduais a forma de custeio dos seus gastos.

Artigo 6º – Compete ao Coordenador de cada Comissão Regional:

I. coordenar e dirigir todas as atividades da Comissão;

II. convocar e dirigir as reuniões da Comissão.

Parágrafo 1º – Compete ao Secretário:

I. substituir o Coordenador em suas faltas e impedimentos;

II. manter em ordem o arquivo e o expediente da Comissão, recebendo e expedindo a correspondência;

III. lavrar as atas das reuniões da Comissão;

IV. auxiliar o Coordenador no desempenho de suas funções, executando as tarefas que lhe forem atribuídas.

Parágrafo 2º – Compete aos Assessores do Coordenador executar as tarefas que lhes forem atribuídas.

Da Disposição Final

Artigo 7º – Este Regimento Interno, aprovado pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, em 2 de novembro de 1985, entra em vigor na data de sua aprovação (*In: Reformador*, jan. 1986); (CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. CFN. *Orientação ao centro espírita*, Brasília: FEB, 2007, p. 97 a 103).

EXPOENTES DO ESPIRITISMO NO BRASIL

1 OBJETIVO ESPECÍFICO

- » Analisar a contribuição dos principais vultos espíritas do Brasil para o trabalho de Unificação do Movimento Espírita.
- » Refletir sobre a importância do trabalho de alguns vultos espíritas no Brasil em prol da Unificação do Movimento Espírita.

2 CONTEÚDO BÁSICO

- » Grandes vultos destacaram-se, no Brasil, na tarefa de Unificação do Movimento Espírita, legando-nos exemplos marcantes de devotamento à Causa. Selecionamos alguns dentre aqueles que realizaram um trabalho de maior abrangência. São eles: Bezerra de Menezes, Angel Aguarod, Batuira, Cairbar Schutel, Lins de Vasconcelos e Vianna de Carvalho.
- » Todos esses incansáveis trabalhadores são, na verdade, luzes imperecíveis, que aclararam, enquanto encarnados, os caminhos humanos e continuam desbravando as terras dos corações, agora no Mundo Espiritual, inspirando-nos e fortalecendo-nos no cumprimento do dever.

3 SUGESTÕES DIDÁTICAS

3.1 SUGESTÃO 1

Introdução

Iniciar a reunião com uma breve introdução sobre o assunto de estudo desse Roteiro.

Em seguida convidar os grupos para iniciarem a apresentação dos resultados do trabalho solicitado, como atividade extrarreunião.

Desenvolvimento

Fazer comentários pertinentes aos resultados apresentados, destacando pontos interessantes e importantes observados pelos grupos.

Propor uma reflexão, em discussão circular:

- » *Qual a importância das atividades realizadas no Movimento Espírita pelos vultos espíritas no Brasil, citados nas apresentações?*
- » *Qual a importância das atividades realizadas pelo Movimento Espírita para o Espiritismo?*
- » *Que relação existe entre as primeiras viagens de Kardec e as tarefas desenvolvidas pelos vultos brasileiros estudados?*
- » *Espiritismo e Movimento Espírita são a mesma coisa?*
- » *Você gostaria de fazer parte do Movimento Espírita? etc.*

Nesse momento, o facilitador esclarece dúvidas e complementa informações enriquecendo a reflexão, com base nos textos do Evangelho e nos subsídios do Roteiro.

Propor a seguinte reflexão individual (não há a necessidade de comentário):

Eu me preocupo com a unidade doutrinária do Espiritismo?

Conclusão

Encerrar o estudo reforçando:

Todos esses incansáveis trabalhadores são, em verdade, luzes imprecíveis, que aclararam, enquanto encarnados, os caminhos humanos e continuam desbravando as terras dos corações, agora no Mundo Espiritual, inspirando-nos e fortalecendo-nos no cumprimento do dever.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição de grupo; discussão circular.

Recurso(s): pesquisa e subsídios do Roteiro.

3.2 SUGESTÃO 2

Introdução

Iniciar o estudo apresentando o tema e seu objetivo específico. Ampliar a apresentação, utilizando o conteúdo básico deste Roteiro.

Desenvolvimento

Em seguida, fazer leitura oral do conteúdo do item 4.1 dos subsídios (a leitura poderá ser dividida com um ou outro participante, observada sua habilidade para a tarefa). Durante a atividade cada participante deverá acompanhar a leitura com o texto em mãos.

Ao término dessa tarefa, destacar, em conjunto com o grupo, as características da personalidade de Bezerra de Menezes (usar o quadro de giz, o *flip-chart*, ou recurso semelhante, para visualização desses destaques), fazendo uma reflexão, também com o grupo e com base no conteúdo lido, sobre a importância de seu trabalho em prol da união dos espíritas e da Unificação do Movimento Espírita.

Adotar o mesmo procedimento em relação ao conteúdo dos itens 4.2 a 4.6, referente aos demais vultos espíritas incluídos neste Roteiro.

Em sequência, comparar, com o grupo, as características das personalidades desses missionários, enfatizando suas semelhanças.

Conclusão

Concluir o assunto, fazendo uma reflexão, com o grupo, sobre a importância do trabalho, de maior ou menor abrangência, que cada um de nós realiza em prol da Unificação do Movimento Espírita, enfatizando nossa responsabilidade em desenvolver esforços para a união da família espírita, base de todo o processo de Unificação.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as ideias dos participantes refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição dialogada; leitura em voz alta; conversação orientada.

Recurso(s): subsídios do Roteiro.

4 SUBSÍDIOS

Bezerra de Menezes, Angel Aguarod, Batuíra, Cairbar Schutel, Lins de Vasconcelos e Vianna de Carvalho destacaram-se no trabalho de Unificação do Movimento Espírita, deixando-nos exemplos significativos de amor e dedicação à Causa. Vejamos alguns tópicos de suas laboriosas existências.

4.1 BEZERRA DE MENEZES

Vimos, no Roteiro 5 deste Módulo, que os primeiros passos do processo de Unificação no Brasil foram dados por Bezerra de Menezes, inspirando-se nas orientações de Kardec contidas no livro *Obras póstumas*, de que foi o primeiro tradutor para o português.

Mas quem era, em realidade, Bezerra de Menezes?

Vamos encontrar a resposta para essa indagação na obra *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, transmitida pelo Espírito Humberto de Campos ao médium Francisco Cândido. Xavier.

Relata o autor espiritual que, ao final do primeiro reinado no Brasil, Ismael – Entidade protetora de nossa pátria – reuniu no Espaço os seus companheiros de luta, conclamando-os a acentuarem o amparo aos corações humanos, atormentados pelas amarguras inerentes aos tempos de transição. Refere-se à existência de numerosos missionários reencarnados, naquele momento, em várias nações da Terra, todos com o propósito de aliar a palavra da Boa-Nova aos postulados científicos que surgiriam naquele século. Concita a luminosa assembleia à concentração de esforços em torno da pátria do Evangelho, para que possa ser plantada no coração dos seus filhos a semente bendita da Boa-Nova, que deveria frutificar, mais tarde, no solo bendito do Cruzeiro. Em dado momento da reunião, dirige-se Ismael a um dos seus mais dedicados e fiéis discípulos, assim falando:

– Descerás às lutas terrestres com o objetivo de concentrar as nossas energias no país do Cruzeiro, dirigindo-as para o alvo sagrado dos nossos esforços. Arregimentarás todos os elementos dispersos, com as dedicações do teu Espírito, a fim de que possamos criar o nosso núcleo de atividades espirituais, dentro dos elevados propósitos de reforma e regeneração. Não precisamos encarecer aos teus olhos a delicadeza dessa missão; mas, com a plena observância do código de Jesus e com nossa assistência espiritual, pulverizarás todos os obstáculos, à força de perseverança e de humildade, consolidando os primórdios de nossa obra, que é a de Jesus, no seio da pátria do seu Evangelho. Se a luta vai ser grande, considera que não será menor a compensação do Senhor, que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Havia em toda a assembleia espiritual um divino silêncio. O discípulo escolhido nada pudera responder, com o coração palpitante de doces e esperançosas emoções, mas as lágrimas de reconhecimento lhe caíam copiosamente dos olhos. [...]

Daí a algum tempo, no dia 29 de agosto de 1831, no Riacho do Sangue, no Estado do Ceará, nascia Adolfo Bezerra de Menezes, o grande discípulo de Ismael, que vinha cumprir no Brasil uma elevada missão.²⁹

Segundo ainda o referido autor espiritual, no mesmo livro, após alguns anos de existência, veio Bezerra para o Rio de Janeiro, em 1852, onde passou a atuar como médico devotado e ardoroso político, exercendo ambas as tarefas com a prudência e a sensatez dos Espíritos Superiores.

Exemplo disso, é o seu comportamento na questão da escravidão no Brasil:

*A campanha abolicionista, com grandes vultos à frente, se intensifica em 1869. Bezerra, espírito prudente e cheio de ponderação, lembrando-se da sangui-nolenta Guerra de Secessão, publica nesse mesmo ano um estudo intitulado *A escravidão no Brasil e as medidas que convém tomar para extingui-la sem dano para a Nação.*¹ (Grifo nosso).*

Note-se, entretanto, que outra missão mais alta – aquela que recebera do próprio Ismael – [...] *o aguardava, não para o coroar de louros, que perecem, mas para trazer a sua memória à imortalidade, em que vive, conservando-o como médico das almas ao serviço de uma clientela que cresce todos os dias.*²

Assim é que, no dia 16 de agosto de 1886 [...] *Bezerra de Menezes ante um auditório de pessoas da melhor sociedade proclamava solenemente a sua adesão ao Espiritismo.*³

Foi o início de intensos anos de amplas atividades de divulgação da Doutrina Espírita pela palavra e pela escrita, inclusive com a publicação de várias obras literárias. Em 3 de agosto de 1895, foi eleito pela segunda vez

para a presidência da Federação Espírita Brasileira (ocupara a presidência da FEB durante o ano de 1889), tendo sido, à frente da Casa de Ismael, até sua desencarnação, incansável trabalhador.⁴

Bezerra desprende-se do orbe [em 11 de abril de 1900], tendo consolidado a sua missão para que a obra de Ismael pudesse ser livremente cultivada no século XX. E essa obra prossegue sempre. Podem as inquietações da Terra separar, muitas vezes, os trabalhadores humanos no seu terreno de ação; mas a sociedade benemérita [a FEB], onde se ergue a flâmula luminosa – Deus, Cristo e Caridade – permanece no seu porto de paz e de esclarecimento [...].³⁰

Era tão intensa em seu coração a prática do bem [...] *que o povo o cognominou “Médico dos Pobres”. Viveu e morreu modestamente, distribuindo com os necessitados tudo o que possuía.*⁵

Ainda hoje, no Plano Espiritual, Bezerra – nosso *Kardec brasileiro* –, continua servindo ao ideal do bem e trabalhando pela Unificação, inspirando os espíritas no Brasil e no Exterior a manterem-se unidos em torno do estudo, da divulgação e da prática do Espiritismo. Duas de suas mensagens, em especial, têm sido orientadoras de todo o trabalho de Unificação nos últimos tempos: *Unificação*, recebida pela médium Francisco Cândido Xavier, em 20 de abril de 1963, e *Unificação paulatina, união imediata, trabalho incessante*, recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, no dia 20 de abril de 1975. (Veja Anexo 2 do Roteiro 5 deste Módulo.)

4.1 ANGEL AGUAROD

Nasceu na Espanha, no dia 2 de outubro de 1860. De origem humilde e procedência católica, passou por inúmeras dificuldades em sua terra natal. Em 1880, interessou-se pelo Espiritismo, estudando-o com afinco. Teve significativa atuação no Movimento Espírita em seu país, sendo um dos fundadores da *Unión Espírita Kardeciana*. Pode-se dizer que até 1905, ano em que se mudou para a Argentina, não houve ato importante do Movimento Espírita na Espanha de que ele não tivesse participado, com outros grandes trabalhadores da Unificação, como Amália Domingo Soler e demais pioneiros do Movimento Espírita espanhol.

Enquanto residiu na Argentina, trabalhou intensamente no Movimento Espírita do país, chegando a fundar duas instituições: *Centro Amor y Ciencia* e a *Liga Espírita Kardeciana de Propaganda*, instituições estas que passou a dirigir. Percorreu várias vezes o interior da Argentina, fazendo conferências e ajudando na fundação de centros espíritas. Após retornar à Espanha e,

logo depois, passar alguns meses no Uruguai, fixou residência no Paraguai, onde desenvolveu trabalho ativo de propaganda espírita. Voltou ainda à sua pátria, mas, em 1915, veio residir em Porto Alegre, incorporando-se, desde então, à vida ativa do Movimento Espírita no Brasil, atuando em várias sociedades e na imprensa espírita.

Na revista *Eternidade*, órgão de que era o dirigente, iniciou intensa campanha com vistas à união dos espíritas rio-grandenses, campanha que se coroou de êxito com a fundação, no dia 17 de fevereiro de 1921, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), cujos destinos estiveram sob sua direção até o ano de 1927. Durante sua presidência e mesmo depois desta, realizou inúmeras viagens de propaganda, que resultaram na fundação de novas sociedade e centros de estudo pelo interior do Estado. Como representante da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, fez parte do Conselho Federativo Nacional, constituído, no Rio de Janeiro, em de 3 de outubro de 1926. Era, com efeito, um obreiro que não descansava, dedicando-se, inteiramente, ao trabalho de Unificação do Movimento Espírita. No dia 13 de novembro de 1932, desencarnava, em Porto Alegre, esse inolvidável trabalhador.⁶

Finalmente, é dever ressaltar o excelente livro de Angel Aguarod: *Grandes e pequenos problemas*, publicado pela FEB Editora, em cujo *Prefácio* Guillon Ribeiro tece valiosas considerações sobre a operosidade múltiplice e fecunda do autor.

4.3 BATUÍRA

Narra Zêus Wantuil, na obra *Grandes espíritas do Brasil*, que Antônio Gonçalves da Silva (conhecido, posteriormente, como o *Batuíra*) era português de nascimento, vindo à luz no dia 19 de março de 1839, na freguesia de Águas Santas. Filho humilde de camponeses, emigrou com 11 anos para o Brasil, após ter apenas completado o curso primário, chegando ao Rio de Janeiro em 3 de janeiro de 1850. De início, trabalhou diligentemente como entregador de jornais, indo de um lado para o outro, qual uma narceja (ave penalta e de voo ligeiro, que o povo chamava de *batuíra*). Daí a origem do seu apelido: *Batuíra*.

Sempre muito ativo e empreendedor foi, aos poucos, aumentando seus recursos financeiros, a tal ponto de o pobre portuguesinho tornar-se

[...] *um abastado proprietário, cujos haveres traduziam o fruto de muitos anos de trabalho árduo e honrado, unido a uma perseverança inquebrantável [...]*.

Na ocasião em que tudo parecia correr bem, falece, quase que repentinamente, o filho único de sua segunda esposa [...]. Era uma criança de doze anos, por quem o casal se extremava em dedicação e carinho. Este golpe feriu profundamente aquele lar, que só pôde encontrar lenitivo à dor na consoladora Doutrina dos Espíritos.

Tão grande foi a paz que o Espiritismo lhes infundiu, que Batuíra imediatamente pôs mãos à obra, no desejo ardente de que outros companheiros de labutas terrenas tivessem conhecimento daquela abençoada fonte de esperanças novas.⁷

Batuíra entregou-se, então, às atividades espíritas com tanta intensidade

[...] que em pouquíssimo tempo ele se postava à frente de quaisquer realizações de vulto. [...] Nessa ocasião não havia mais no Estado de São Paulo qualquer folha espírita. [...] Foi então que Batuíra, sentindo a premente necessidade de um órgão para a propaganda, difusão e defesa da Doutrina em São Paulo, adquiriu uma pequena tipografia, a que denominou “Tipografia espírita”, e imprimiu, com a data de 20 de maio de 1890, o primeiro número de um periódico de quatro páginas, cujo diretor responsável foi ele próprio até o seu decesso. “Verdade e Luz” era o nome da publicação quinzenal que apareceu desassombadamente naquele fim de século [...], encerrando no frontispício estas duas epígrafes: “Sem caridade não há salvação” e “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre. Tal é a lei”⁸

Em virtude de seus exemplos de socorro aos doentes e necessitados

[...] o povo, o mais beneficiado por Batuíra, passou a denominá-lo “Médico dos Pobres”, cognome que igualmente aureolou o nome de Adolfo Bezerra de Menezes.

A ação benemérita de Batuíra não se circunscrevia, entretanto, a estas manifestações da caridade cristã. Foi muita mais além. Criou ele grupos e centros espíritas em São Paulo, Minas Gerais, Estado do Rio, os quais animava e assistia; realizou conferências sobre diversos temas doutrinários, em inúmeras cidades de vários Estados [...]; espalhou gratuitamente prospectos e folhetos de propaganda do Espiritismo, por ele próprio impressos, e distribuiu milhares de livros pelo interior do país [...].

Assim era o valoroso obreiro da Terceira Revelação, o incansável lidador que nunca se deixou abater pelas asperezas da jornada, tendo sido incontestavelmente um dos maiores propagandistas do Espiritismo no Brasil.⁹

E a luta continuava:

Sentindo, afinal, chegada a hora de concretizar no Estado de São Paulo um belo e mui importante anseio da Federação Espírita Brasileira [...], qual seja, o do conagraçamento de todos os espíritas dentro de um plano de organização semelhante ao que é hoje o Conselho Federativo Nacional, plano que havia sido apresentado pela Casa Mãe, em 1º. de outubro de 1904, sob o título de “Bases de Organização Espírita”; compreendendo a excelência daquela medida em

benefício do próprio Espiritismo no Brasil, Batuíra, unido a outros confrades ilustres, constituiu na capital paulista, a 24 de maio de 1908, a “União Espírita do Estado de São Paulo”, que federaria todos os centros e grupos existentes no Estado. Da Comissão Executiva desta novel sociedade estadual, que pouco depois se filiava à Federação Espírita Brasileira, foi primeiro presidente o Coronel Antônio Raposo de Almeida, ocupando Batuíra a vice-presidência até à sua desencarnação [...].

Alguns Estados já possuíam Sociedades que desempenhavam, mais ou menos, funções de caráter estadual, mas a adesão de São Paulo ao projeto da FEB obteve grande ressonância em todo o Brasil espírita, sendo causa, ao que parece, da criação em Belo Horizonte, cerca de um mês depois, da “União Espírita Mineira”.¹⁰

Ele, contudo, prosseguia:

Inteiramente convencido de que só o Amor constrói para a eternidade, o velho Batuíra não esmorecia um só instante no apostolado da Caridade, não medindo sacrifícios em tão belo quão árduo labutar. Carregando sobre os ombros muitas responsabilidades, não sentiu, tão preso se achava ao cumprimento dos seus deveres, que suas forças vitais se esgotavam rapidamente. Súbita enfermidade assalta-lhe o corpo, e, zombando de todos os recursos médicos, em poucos dias obriga-o a transpor as aduanas do Além. Às dezesseis horas de 22 de janeiro de 1909, seus despojos baixavam à terra, no cemitério da Consolação.

Em todo o Brasil foi bastante lastimada a partida do denodado e operoso obreiro. Reformador, entre outras coisas, declarou: “Sua desencarnação representa uma perda sensível para o Espiritismo, de que se constituíra, uma tradição viva, sobretudo no que tem de excelente a nossa Doutrina – a prática do bem.” E após ressaltar-lhe os beneméritos serviços, o órgão da Federação Espírita Brasileira tecla esta feliz comparação: “Por isso, o seu desprendimento aos 70 anos de existência meritória, foi como um desses crepúsculos sem nuvens, em que o Sol não se esconde, luminoso e sereno, às nossas vistas, senão para ressurgir com um esplendor maior no hemisfério oposto.”

Aos esforços e à dedicação de Antônio Gonçalves da Silva Batuíra muito deve o progresso do Espiritismo no Brasil, especialmente no Estado de São Paulo.¹¹

4.4 CAIRBAR SCHUTEL

Cairbar de Souza Schutel foi um dos maiores vultos do Espiritismo brasileiro. Encarnado em 22 de setembro de 1868 na cidade do Rio de Janeiro [...], tornou-se incansável propagador da Doutrina Espírita, conseguindo realizar uma obra das mais admiráveis, revelando uma operosidade sem par e uma fé inquebrantável nos ideais reencarnacionistas.¹²

Iniciou sua existência física com a angustiada perda de pai e mãe pouco antes de completar 10 anos, sendo, então, criado pelo avô. Decidindo-se a abandonar os estudos, dedicou-se ao trabalho de prático de farmácia e, aos 17 anos, já era bom nesta profissão. Foi nessa época que, por não gostar da vida da corte, rumou para o interior de São Paulo, localizando-se, respectivamente, em Piracicaba, Araraquara e, por fim, em Matão, cidade em que, no ano de 1889, ocupou o cargo de primeiro presidente da Câmara Municipal.

Aproximou-se do Espiritismo por meio de seu amigo Manuel Calixto, cujo pai era *o espírita da cidade* e, com o tempo, percebeu o despertar, em si mesmo, de diversas faculdades mediúnicas, fato este que o levou a aprofundar-se no conhecimento espírita, estudando as obras básicas de Allan Kardec e tudo o mais que havia em Português.

Em 15 de julho de 1905, Cairbar Schutel funda o Centro Espírita Amantes da Pobreza – o primeiro de toda aquela zona do Estado – e, em 15 de agosto do mesmo ano, o jornal *O Clarim*. Não satisfeito, funda ainda, em colaboração com Luís Carlos de Oliveira Borges, que lhe proporcionou recursos para o mister, a *Revista Internacional do Espiritismo* (RIE). Esses órgãos continuam circulando e representam exemplos vivos de luta e perseverança.

Grande polemista, jamais se escusou a manifestar a própria opinião, ou se curvou diante das perseguições contra o Espiritismo, tão frequentes naquela época.

Sua atividade irradiava-se por todo o Estado, por meio da escrita e da palavra, mas, sobretudo, pelo exemplo, sendo, inclusive, chamado de *Pai da Pobreza*, pelo seu interesse em ajudar os necessitados sociais. Foi também autor de vários livros de teor espírita. Não poupava esforços em benefício da Causa, sacrificando tempo, dinheiro e a própria saúde para manter-se sempre no trabalho edificante, tendo sido, por isso mesmo, conhecido nos meios espíritas como o *Apóstolo de Matão*.¹³

Cairbar Schutel foi um dos mais, senão o mais dinâmico trabalhador da Seara. “O segredo do seu dinamismo multiforme” – escreveu o prof. Ismael Gomes Braga – “está em que ele vivia realmente a Doutrina, não somente a pregava”.

Cercado da consideração de seus familiares e de numerosos espíritas, desencarnou no dia 30 de janeiro de 1938. O povo de Matão havia perdido materialmente o “Pai da pobreza”. Todos os espíritas do Brasil e quiçá do mundo sentiram tão valiosa perda.

O seu sepultamento foi uma apoteose. O comércio fechou, a indústria paralisou e a prefeitura de Matão hasteou o pavilhão nacional a meio-pau, envolto em crepe. A Federação Espírita Brasileira e seu órgão oficial – Reformador – fizeram-se representar nos funerais do velho Schutel pelo grande espírita paulista Pedro de Camargo (Vinícius).

No Teatro Municipal de Araraquara e em grande número de cidades do Brasil fizeram-se sessões solenes que se constituíram em verdadeiras consagrações públicas ao grande missionário.

A imprensa leiga de São Paulo, do Rio, da Bahia, pelos seus melhores jornais, noticiou-lhe o passamento. Todos os órgãos espíritas brasileiros, e mesmo alguns estrangeiros, dedicaram-lhe importantes artigos.¹⁴

Finalizemos com um trecho do jornal *O Mensageiro Espírita*, de Lisboa, a ele referindo-se:

A projeção de sua obra é alguma coisa de grande, mesmo de extraordinário, nos anais do Espiritismo, e a sua memória, a memória de um obreiro heroico que ao ideal sacrificou toda a sua vida, há de perdurar através das gerações vindouras.¹⁵

4.5 LINS DE VASCONCELOS

A contribuição do Dr. Artur Lins de Vasconcelos para a expansão do Espiritismo no Brasil foi inestimável. Desenvolveu significativa obra de assistência social, apoiando constantemente as iniciativas do Movimento Espírita nesta área. Era um pacificador por excelência, tolerante em todos os sentidos: um verdadeiro homem de bem. Sempre à frente das iniciativas que reclamassem denodo e comprometimento, foi alçado à posição de líder pelos espíritas brasileiros.

Nasceu no dia 27 de março de 1891, na cidade de Teixeira, alto sertão da Paraíba do Norte. Enfrentou as dificuldades daqueles que vivem afastados dos grandes centros urbanos, sem recursos para a própria subsistência. Começou, assim, a trabalhar muito cedo, enrijecendo o espírito empreendedor que já possuía.

Sentia-se, entretanto, atraído para as terras do sul do país. Assim, depois de algum tempo no Nordeste, transferiu-se para a cidade de Curitiba, capital do Paraná, onde passou grande parte de sua existência. Aí iniciou seus estudos superiores, matriculando-se, no ano de 1918, na Escola Superior de Agronomia, em que se destacou por seu brilhantismo. Nessa época ainda não se ligara a qualquer manifestação religiosa, apesar de ter sempre aceitado a existência de Deus. Mas tinha muitas dúvidas acerca das diferenças sociais e

as dificuldades da vida, interrogando-se a si mesmo sobre a razão de tantas desigualdades. Suas indagações, porém, somente seriam esclarecidas mais tarde quando, pelas mãos de um amigo dedicado à causa espírita, tomou conhecimento do Espiritismo. Tal fato ocorreu em 1912.¹⁶

Foi o início de seu grandioso trabalho em prol da Unificação do Movimento Espírita.

Em 1915, como secretário geral da Federação Espírita do Paraná, ele participava com a alma em regozijo, da inauguração do Albergue Noturno daquela entidade [...] Em 1916, trabalhou ativamente no II Congresso Espírita Paranaense.¹⁷

Mais tarde, em 1925, na qualidade de presidente da referida federativa, protestou contra ato institucional do Governo do Estado, o qual havia doado terras para a instalação de dois bispados. Em virtude disso, sofreu perseguições e muitos aborrecimentos.

Grande empreendedor que era, dedicou-se ao comércio madeireiro, começando a prosperar e a enriquecer. Em 1930, mudou-se para o Rio de Janeiro, ocasião em que foi eleito presidente honorário da Federação Espírita do Paraná (FEP), pelos assinalados serviços a ela prestados. Os bens materiais são multiplicados celeremente, passando a ser um homem milionário. Com a consolidação de sua posição financeira, passou a devotar-se inteiramente ao Espiritismo, a este oferecendo tudo o que lhe era possível.¹⁸

Sua cooperação humanitária, junto aos companheiros espíritas de vários Estados, foi multiforme: nos movimentos educativos da criança, no socorro às instituições de amparo à velhice e à infância abandonada, no empenho para a criação de Lares Infantis, Sanatórios, Hospitais, Ginásios, Creches, Institutos de Ensino etc., tudo em benefício do indivíduo e da coletividade, num trabalho contínuo que durou até os seus últimos dias de vida terrena. “A maior glória de Lins” – escreveu um seu biógrafo – “é não ter sido corrompido pelo fascínio do ouro”.¹⁹

No ano de 1948,

[...] quando a “Gráfica Mundo Espírita” enfrentava uma crise seríssima, sua cooperação espontânea e sincera veio evitar o desaparecimento dela, e, assumindo a sua direção, enfrentou todas as dificuldades decorrentes de sua atitude salvadora. Imprimiu nova orientação doutrinária a Mundo Espírita, periódico fundado em 1932, evitando que suas colunas servissem de veículo de ideais destruidores e separatistas. Respeitando a opinião do próximo, sabia da inutilidade de combates pessoais, quando eram esquecidas a ética e as normas de serenidade e respeito. [...] Esse jornal passou, depois, o órgão noticioso e doutrinário da Federação Espírita do Paraná.

Ainda em 1948 empenhou-se na realização do I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, apoiando a ideia do deputado Campos Vergal, transformada em realidade pela atuação de Leopoldo Machado. Foi uma de suas principais figuras, senão a maior, contribuindo, ainda, decisivamente, na parte financeira para a realização daquele certame. [...]

Em fevereiro de 1949, fundou Lins de Vasconcelos a Ação Social Espírita – sonho maior de sua vida –, instituição que se destinava ao trabalho social do Espiritismo em todos os seus aspectos e sob todas as formas. As finalidades da Ação Social Espírita estão condensadas nos vinte e cinco itens inseridos na edição de 12 de março de 1949, de Mundo Espírita, abrangendo desde o auxílio às sociedades espíritas até o estímulo às artes e à ciência. [...]

Quando dos preparativos para a realização do II Congresso Espírita Pan-americano, que se reuniu no Rio de Janeiro, no período de 3 a 12 de outubro de 1949, foi Lins de Vasconcelos chamado para participar da Comissão Organizadora, sendo-lhe entregue o cargo de Tesoureiro da Comissão, devendo-se ressaltar que de sua ação coordenadora e sensata deve-se o êxito alcançado por aquele certame. Empenhado na tarefa de conseguir a aproximação dos espíritas americanos, deu todo o apoio para que se reunissem no Rio de Janeiro os representantes das nações americanas.²⁰

De certo, os grandes planos para o Movimento Espírita são traçados na Espiritualidade Superior e a união da família espírita é propósito a ser concretizado ao longo do tempo. Algumas pessoas, contudo, transformam-se em fatores de aceleração desse processo. Lins de Vasconcelos, indubitavelmente, foi uma delas. Seu sonho era reunir os seus irmãos de ideal num trabalho em comum.²¹

Quando da realização do II Congresso Espírita Pan-americano, estimando o esforço de muitos para o entrelaçamento de irmãos de outras pátrias, sentiu que era chegado o instante de unir os irmãos do “Coração do mundo e Pátria do Evangelho”. Sentiu, por certo, que o Alto trabalhava nesse sentido e que se tornava preciso entrar em harmonia com os irmãos do Plano Invisível para que o sonho se convertesse em gloriosa realidade. E o dia 5 de outubro de 1949 foi, talvez, o dia mais feliz de sua vida. Foi o dia do “Pacto Áureo”, o dia áureo da confraternização. Se nada mais houvesse feito em prol da Causa – e foram tantos os benefícios que prestou ao Espiritismo –, sua ação para unir a família espírita brasileira, em torno da Casa de Ismael, lhe teria valido como uma certeza de que não fora vazia e inexpressiva sua vida no mundo.

Como decorrência desse “Pacto Áureo”, foi, em seguida, organizada no Rio a “Caravana da Fraternidade”, composta de vários espíritas ilustres, entre eles o Dr. Lins de Vasconcelos, caravana que percorreu todo o norte e nordeste do País, numa entusiástica campanha em prol da unificação segundo as normas ditadas na grande Conferência Espírita realizada no Rio de Janeiro [em 1º de outubro de 1904].²²

Segundo ainda informação de Zêus Wantuil, na obra *Grandes espíritas do Brasil*, já referida, o Dr. Artur Lins de Vasconcelos desencarnou, em 21

de março de 1957, na cidade de São Paulo, onde residia, sendo sepultado, a seu pedido, em Curitiba, cidade que muito amou.

4.6 VIANNA DE CARVALHO

Foi o major Dr. Manuel Vianna de Carvalho um dos maiores tribunos espíritas no Brasil, destacando-se pela sua eloquência, erudição e destemor na pregação do Espiritismo.

Seu verbo inspirado, por meio de uma dicção impecável, de timbre sonoro e harmonioso, assumia, às vezes, tonalidades impressionantes, assomando-lhes aos lábios em troços de empolgante beleza. Foi, na verdade, um mágico da palavra, esteta do sentimento e criador de sensibilidades, arrebanhando prosélitos e simpatizantes em sua “peregrinação” triunfante pelo Brasil afora.²³

Nasceu na cidade de Icó (Ceará) aos 10 de dezembro de 1874. Por volta dos 18 anos tomou conhecimento da Doutrina Espírita, mas sua atividade de propagandista espírita só se intensiva quando vai para o Rio de Janeiro, em 1895, no exercício da carreira militar, e liga-se ao Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, que funcionava em terras cariocas.

Transfere-se, em 1896, para Porto Alegre, continuando seu trabalho de divulgação do Espiritismo. Volta para o Rio de Janeiro, em 1898, e toma parte ativa no Congresso Espírita que se realizou por essa época. Indo, tempos depois, para Cuiabá (Mato Grosso), funda aí o Centro Espírita Cuiabano, dotando-o de todos os recursos necessários a uma intensa propaganda doutrinária. Em 1907, regressa ao Rio e passa a frequentar várias sociedades espíritas, inclusive a Federação Espírita Brasileira, da qual foi orador oficial e articulista de seu órgão de divulgação: *Reformador*.

Em virtude de sua carreira militar, Vianna de Carvalho teve a oportunidade de semear o Espiritismo em diversas cidades brasileiras – do sul, centro e nordeste do país –, prosseguindo em sua faina doutrinária, quer pela palavra, quer pela escrita. Além disso, fundava e reorganizava grupos espíritas, onde se fizessem necessários.²⁴

Reformador assinalou a seu respeito:

[...] Quando houver de escrever-se a história da evolução espírita em nossa Pátria, o artista tribuno e vibrante polemista terá seu lugar de destaque pela feição múltipla da sua atividade inconfundível.²⁵

No ano de 1920 [...], voltou ao Rio de Janeiro, trabalhando em muitos núcleos, entre os quais o Abrigo Teresa de Jesus, a União Espírita Suburbana, o Grêmio Nazareno, o Centro Antônio de Pádua, a União dos Trabalhadores

de Jesus, a Tenda Espírita de Caridade, o Centro José de Abreu, o Grupo Espírita Sebastião etc.

Por essa época, por meio de Reformador, incentivou a criação, em todas as Sociedades Espíritas, de escolas de moral cristã destinadas às crianças, declarando que esse problema não deveria ser descurado [...]

Querido e respeitado em todos os meios espíritas, desde o mais obscuro ao mais culto, Vianna procurou promover a unificação dos centros, convocando, para isso, uma reunião de presidentes de Agremiações, na rua Camerino (RJ), onde se procurou dar uma feição nova à prática do Espiritismo [...].²⁶

Em 1923, no Nordeste, desenvolveu intensas atividades em Recife (Pernambuco) e Aracaju (Sergipe), orientando e estimulando o Movimento Espírita da região.

Foi em Aracaju, no ano de 1926, que adoeceu gravemente, tendo sido levado, a bordo do paquete *Íris*, para internação em hospital de Salvador. Desencarnou, porém, durante a viagem, na altura de Amaralina, às 6h30 do dia 13 de outubro de 1926.²⁷

Na imprensa e na tribuna, foi o arauto da Boa-Nova espírita, salientando-se entre os mais destacados propagandistas [...].

Seus improvisos tribunícios, abrilhantados pelo arroubo do verbo candente que magnetizava e empolgava os auditórios, foram acontecimentos marcantes na História do Espiritismo em nossa terra.

“Como bandeirante da ideia, como desbravador de searas” – assinalou *Reformador* – “é força convir que a sua obra doutrinária não tem paralelo no Brasil, ninguém fez mais nem fez melhor”.²⁸

Uma vez na Espiritualidade, Viana (ou Vianna, como hoje prefere assinar) de Carvalho continua a empreender esforços em prol da divulgação do Espiritismo e da Unificação do Movimento Espírita, em especial, inspirando o médium Divaldo Pereira Franco, quer pela palavra, quer pela produção escrita. Pode-se destacar, quanto a esta última forma de atuação, a obra psicográfica *Atualidade do pensamento espírita*, em que lança as luzes do Espiritismo sobre diversas questões inquietantes, que afloram, atualmente, nas mais diversas áreas da compreensão humana.

* * *

Em suma, pode-se dizer que *Bezerra de Menezes, Angel Aguarod, Batuira, Cairbar Schutel, Lins de Vasconcelos e Vianna de Carvalho* – todos eles incansáveis trabalhadores – são, de certo, luzes imperecíveis, que aclararam os caminhos para o conagraçamento da família espírita em torno do

ideal da Unificação. E continuam eles desbravando as terras dos corações, agora no Mundo Espiritual, inspirando-nos e fortalecendo-nos no cumprimento do dever.

REFERÊNCIAS

- 1 WANTUIL, Zêus. *Grandes espíritas do Brasil*. 4. ed. imp. Brasília: FEB, 2002. p. 229.
- 2 _____. _____. p. 231.
- 3 _____. _____. p. 233.
- 4 _____. _____. p. 233 a 235.
- 5 _____. _____. p. 236.
- 6 _____. _____. p. 94 a 101.
- 7 _____. _____. p. 213 e 214.
- 8 _____. _____. p. 215 e 216.
- 9 _____. _____. p. 219 e 220.
- 10 _____. _____. p. 222.
- 11 _____. _____. p. 223 e 224.
- 12 _____. _____. p. 254.
- 13 _____. _____. p. 254 a 262.
- 14 _____. _____. p. 262 e 263.
- 15 _____. _____. p. 263.
- 16 _____. _____. p. 488 a 490.
- 17 _____. _____. p. 491.
- 18 _____. _____. p. 491 e 492.
- 19 _____. _____. p. 492.
- 20 _____. _____. p. 493 e 494.
- 21 _____. _____. p. 494 e 495.
- 22 _____. _____. p. 495 e 496.
- 23 _____. _____. p. 595.
- 24 _____. _____. p. 595 a 600.
- 25 _____. _____. p. 600.
- 26 _____. _____. p. 601.
- 27 _____. _____. p. 601 e 602.
- 28 _____. _____. p. 602.
- 29 XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 34. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2015. cap. 22 – Bezerra de Menezes.
- 30 _____. _____. cap. 28 – A Federação Espírita Brasileira.

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICO-DOCTRINÁRIAS

“Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e absolutamente não o conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós.

Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito” (João, 14:15 a 17, 26).

Qual a missão do Espiritismo?

O Espiritismo, em sua feição de Cristianismo redivivo, tem papel muito mais alto que o simples campo para novas observações técnicas da ciência instável do mundo.

[...]

Espiritismo sem Evangelho é apenas sistematização de ideias para transposição da atividade mental, sem maior eficiência na construção do porvir humano.

[...]

[...] A missão da Doutrina é consolar e instruir, em Jesus, para que todos mobilizem as suas possibilidades divinas no caminho da vida. [...] a verdadeira construção da felicidade geral só será efetiva com bases legítimas no espírito das criaturas (XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de Emmanuel*, pelo Espírito Emmanuel, cap. 17 – *Espiritismo, Espiritualismo e Evangelho*).

Qual a melhor metodologia para os estudos espíritas com adultos?

Não se espantem os adeptos com esta palavra – ensino. Não constitui ensino unicamente o que é dado do púlpito ou da tribuna. Há também o da simples conversação. Ensina todo aquele que procura persuadir a outro, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências. [...]

Todo ensino metódico tem que partir do conhecido para o desconhecido. [...]

[...] O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem. Lenir corações aflitos; consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais, essa a sua missão. É nisso também que encontrará satisfação real. O Espiritismo anda no ar; difunde-se pela força mesma das coisas, porque torna felizes os que o professam [...] (KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*, cap. 3, its. 18, 19 e 30).

O que é ser facilitador de estudos espíritas?

Capacitemo-nos de que o estudo reclama esforço de equipe. E a vida em equipe é disciplina produtiva, com esquecimento de nós mesmos, em favor de todos.

Destacar a obra e olvidar-nos.

Compreender que realização e educação solicitam entendimento e apoio mútuo.

Associarmo-nos sem a pretensão de comando.

Aceitar as opiniões claramente melhores que as nossas; resignarmo-nos a não ser pessoa providencial (XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo, pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. *Estude e viva*, cap. *Estude e viva* [André Luiz]).

A importância do estudo e da formação continuada do facilitador

É grande a missão do Espiritismo, são incalculáveis as suas conseqüências morais. Data somente de ontem, entretanto, que tesouros de consolação e esperança já não espalhou no mundo! Quantos corações contristados, frios, não aqueceu ou reconfortou! Quantos desesperados retidos sobre o declive do suicídio! [...]

O Espiritismo é, pois, uma poderosa síntese das leis físicas e morais do Universo e, simultaneamente, um meio de regeneração e de adiantamento [...] (DENIS, Léon. *Depois da morte*, cap. 28 – *Utilidade dos estudos psicológicos*).

Para refletir a tarefa do facilitador de estudos da Doutrina Espírita no contexto *o Consolador*, é preciso, primeiro, responder as seguintes questões:

- » *Qual a tarefa dos estudos da Doutrina Espírita nesse contexto (o Consolador)?*
- » *Qual a tarefa do facilitador de estudos nesse contexto?*

Outro ponto importante é definir: *tarefa* como *ações*. Portanto, ao facilitador do ESDE cabe: acolher, consolar, orientar e esclarecer, conforme as diretrizes estabelecidas para esse trabalho.

Para que essas ações sejam contempladas, o facilitador precisa proporcionar ambiente de estudos que promovam a integração entre os participantes, clima respeitoso e acolhedor entre todos – por meio de seu exemplo: acolhedor, respeitoso, integrador e pesquisador – colocando-se na posição de aprendiz, como os próprios participantes.

A proposta deste material é de estimular o estudo ativo dos participantes em convivência fraterna, por isso, o perfil de facilitador é o mais adequado

na condução dos estudos. Três aspectos merecem cuidados especiais: o *participante*, o *conteúdo* e o *processo de aprendizagem*. Como servidor do Cristo, o facilitador estará atento na condução da *Doutrina Espírita* como o *Consolador Prometido*.

É preciso reconhecer que o *participante* é o irmão que busca na Doutrina Espírita (*conteúdo*) esclarecimentos que o conforte, console, auxilie na compreensão da vida e que proporcione meios de conquista espiritual, que o mundo não contempla. A reforma íntima é tarefa que lhe cabe (ao participante). A Doutrina Espírita (*conteúdo*) fornece recursos seguros para essa conquista. O facilitador é o servidor de Jesus que acolhe, em seu nome, orienta e esclarece; acompanhando-o (o participante) em seu processo de autoesclarecimento e autoiluminação. Nesse contexto, sua presença fraterna reforça a convivência e a integração entre todos. Para o *processo de aprendizagem* precisamos considerar as bases fundamentais da aprendizagem do adulto. Adequar recursos, metodologias e ambientes para favorecer as reflexões e a construção coletiva, facilitando na compreensão dos assuntos.

O estudo da Doutrina Espírita implica o estudo da vida, das questões fundamentais: de onde vim? Para onde vou? Por que estou aqui? Ao facilitador não cabe o papel de “professor”, “dono do conhecimento”, pois, o conhecimento, atualmente, está na palma da mão. A tecnologia traz-nos a facilidade de acesso, mas a reflexão, o estudo sério e a aplicação, é responsabilidade de cada um e de todos.

Exemplos de ações que refletem postura acolhedora do facilitador espírita-cristão:

- » Saber ouvir a todos e respeitar suas opiniões;
- » Esclarecer assuntos de acordo com a Doutrina Espírita à luz do Evangelho;
- » Respeitar o tempo de cada um, muitos assuntos demandam amadurecimento conquistado pela vivência (a “verdade relativa” de cada um);
- » Lembrar-se de que alguns estão ali porque buscam um ambiente acolhedor, esclarecimentos para dúvidas “particulares”, mesmo que não se exponham;
- » O encontro para estudos espíritas não é apenas sala de discussões doutrinárias;
- » Jamais fazer piadas preconceituosas e/ou julgamentos;

- » Criar um grupo integrado no qual o respeito deve permear todas as atividades propostas, se o facilitador não respeitar o grupo, não criará um ambiente acolhedor;
- » Colocar-se na posição de aprendiz etc.

Criar ambiente acolhedor é promover um ambiente de convivência fraterna, favorecendo o amadurecimento do grupo, transformando-o em grupo de aprendizagem.

Para criar um grupo de aprendizagem é importante:

- » Favorecer respeito às diferenças, sejam quais forem;
- » Criar, junto ao grupo, “regras” para o desenvolvimento das atividades (domínio do tempo, objetividade nas colocações, dar oportunidade para quem não falou ainda etc.);
- » Construir ambiente de confiança: colocar-se (facilitador) em situação de “aprendiz”;
- » Ouvir opiniões para perceber o nível de compreensão e onde ser útil nos esclarecimentos;
- » Compartilhar com os participantes as fontes de suas pesquisas;
- » Perguntar ao grupo como preferem a condução de determinados assuntos, se gostariam que modificasse algo na condução dos estudos, tornando-os partícipes corresponsáveis pelo seu processo de aprendizagem;
- » Dividir responsabilidade nas pesquisas e apresentação de temas, auxiliando-os, orientando-os, fortalecendo-os em suas aprendizagens;
- » Incentivar o participante a ser autodidata, auxiliando-o a buscar fontes seguras de estudos, para sua reforma íntima.

O facilitador deve estar atento durante o desempenho da tarefa:

- » Ações falam mais que palavras;
- » Não existe convivência (de qualquer espécie) se não existir RESPEITO;
- » Os temas devem ser trabalhados gradualmente, contextualizados, crescendo em complexidade, partindo do conhecido para o desconhecido;

- » É importante ter uma visão “integral” do ser, visão holística;
- » O diálogo é a melhor metodologia de compreensão e de envolvimento daqueles que participam do processo de aprendizagem;
- » ESTUDAR sempre;
- » Aprender **ouvir** e **sentir** para **servir**;

Muitos irmãos frequentadores podem estar vivendo: perda de entes amados; baixa autoestima; rejeição familiar/escolar/trabalho etc.; dificuldades financeiras extremas; problemas de saúde graves (ou na família); problemas com vícios; perturbação espiritual; distúrbios psicológicos; em processo de separação, outros.

Colocarmo-nos no lugar do outro ainda é a melhor medida para nossas ações.

“Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo” (*Mateus*, 11:28 a 30).

Para o uso das apostilas, é importante destacar:

- » A apostila serve como referência de bibliografia, **roteiro** de estudos, evitando ser o fim (conteúdo) em si mesma;
- » Cada roteiro apresenta duas ou mais sugestões de atividades. Leia-as atentamente, escolha a que melhor se adequa ao seu grupo de estudos, podendo, inclusive, desenvolver todas as atividades (o estudo será profundo), ou criar outra;
- » O ideal é que o estudo não seja interrompido, ou seja, se o assunto não for esgotado em um encontro, **incentivamos** continuá-lo em outro, aprofundando reflexões;
- » Não substitua o estudo sério por dinâmicas de vivência, cada recurso com seu objetivo;
- » Sugerimos algumas dinâmicas com objetivo de: revisão ou, integração ou introdução de assuntos, que podem ser incorporadas aos roteiros complementando as atividades sugeridas;
- » Se possível, faça o fechamento dos módulos, integrando todos os assuntos estudados nos roteiros. Essa integração poderá ser por meio de discussões livres, cinedebates (filmes com conteúdo afim), estudos de livros etc.;

- » Estar aberto aos compartilhamentos de referência e vídeos, antes da reunião de estudos, para que os participantes tenham oportunidade de estudarem antes do encontro, trazendo mais reflexões, incentivando o participante a ser autodidata;
- » Incentive a leitura nas obras e, sempre que possível, peça aos participantes que levem suas obras (especialmente do Pentateuco).

Além das atividades desenvolvidas na apostila, sugerimos que o facilitador:

- » Proporcione aos participantes momentos de integração, confraternização e descontração – sem atividades dirigidas – para que os participantes possam conversar livremente, estreitando laços com quem quiser;
- » Trabalhe com leitura de obras que tenham relação com os assuntos estudados, aprofundando e complementando as reflexões. Os trabalhos podem contemplar: estudos na turma; estudos entre turmas; debates envolvendo convidados e várias turmas etc. O importante é o contato com a obra, na íntegra, para conhecer a mensagem ali contida. Para a leitura de obras, reforçamos a não divisão em capítulos, pois não se trata de estudo apenas, mas de conhecimento da mensagem consoladora e a divisão pode impedir que o “consolo” chegue ao que precisa, porque está no capítulo que o outro ficou responsável. Extrair a mensagem da obra é o importante a ser considerado; não apenas repetir o que consta de cada capítulo, como fazem os cursos escolares;
- » As mídias sociais são excelentes recursos que devem ser aproveitados. A turma pode criar grupo de *e-mail* e *WhatsApp* para envio de sugestões de leitura, encontros, estudos, vídeos etc., comunicação restrita aos aspectos de estudo.

Orientações para a condução das atividades sugeridas na apostila:

Discussão circular: usar a metodologia dialógica, para que a turma compartilhe reflexões, em construção coletiva com orientação e esclarecimentos do facilitador (não há necessidade de que todos os trabalhos de grupo façam apresentação da conclusão do grupo; quando o texto é comum a todos, pode-se partir direto para a discussão);

Leitura oral compartilhada: leitura oral com comentários pelos participantes e esclarecimentos do facilitador. Esse recurso é preferível às projeções

(ex.: *PowerPoint*), pois nas projeções teremos trechos de textos, enquanto na leitura de texto, teremos um tema mais desenvolvido, mais completo, ampliando a compreensão. Para alguns assuntos, a leitura direto na obra é mais segura, profunda e facilitadora das reflexões que o assunto proporciona;

Debates: chamamos de debates ou debates livres as discussões que podem ser feitas entre os participantes: a partir de temas já estudados; fatos relevantes ocorridos no mundo, no país, na região, no estado e na cidade. Podem ser convidadas pessoas especiais, com conhecimento, sensíveis aos conteúdos espíritas, em quem o facilitador tenha confiança de que as discussões serão respeitadas e fraternas.

Propomos a seguinte condução para o desenvolvimento dos encontros:

- 1) Pedir a leitura antecipada do roteiro a ser estudado no encontro;
- 2) Compartilhar a Referência a ser lida, caso haja alguma extra, além da contida no Roteiro. Mesmo que o grupo todo não leia a Referência e o Roteiro, precisamos reforçar a importância da leitura (não apenas para o encontro, mas, principalmente, para uma melhor compreensão da vida);
- 3) Permitir que o grupo participe ativamente, nas reflexões, nos comentários, nos estudos, nas pesquisas e compartilhamentos;
- 4) Proporcionar sempre reflexões em discussão circular, conduzindo as discussões com respeito, afastando-se (como observador, porém atento) para permitir que o grupo compartilhe entre si;
- 5) As reflexões devem conduzir os conceitos para a vida, em sociedade, na família, no trabalho e pessoal;
- 6) Quando utilizar exposição na condução de estudos, preferir a exposição dialogada, com pouca projeção, até 16 lâminas;
- 7) Formar um grupo de estudos é proporcionar oportunidade de reflexões mais profundas e mais próximas da vida, em construção coletiva a partir da análise e compreensão dos conceitos;
- 8) Não cabe, em ação acolhedora e consoladora, cobrar presença, mas dizer que as ausências foram sentidas (saber se o participante precisa de algo);
- 9) Permitir que o participante que se afastou, independente do motivo, volte, se quiser, ao mesmo grupo, pedindo que, se possível, faça a leitura do conteúdo que não viu para acompanhar as discussões (quando a turma se sente acolhida, ela acolhe os colegas, naturalmente);

10) Para a utilização de dinâmicas é importante considerar alguns aspectos, dentre outros:

- » Qual é o **objetivo** da dinâmica (toda dinâmica tem objetivo que pode não ser o que você gostaria de atingir, por isso cuidado na escolha);
- » O nível de integração da turma;
- » O perfil dos participantes;
- » Tempo disponível para a realização;
- » Estar adequada a faixa etária;
- » A dinâmica não pode substituir o estudo sério e reflexivo do conteúdo.

As dinâmicas sugeridas neste material, restringem-se a revisão, discussão livre e introdução de assunto para o estudo. O facilitador pode adequá-las, criar outras, tendo o cuidado de não trazer para o ESDE práticas, não espíritas, que possam confundir o participante neófito.

“A [...] facilitação da aprendizagem significativa se baseia na qualidade das atitudes que existem no relacionamento pessoal entre o facilitador e aquele que aprende.” – CARL ROGERS (JR. Harold C. Lyon. *Aprender a sentir – sentir para aprender: educação humanista para o homem completo*. Trad. Maria Clotilde Santoro. 1. ed. Brasileira 1977. Livraria Martins Fontes Editora Ltda.).

Estude e viva.

[...]

Como desinteressarmo-nos dos encontros espíritas, nos quais se ventitam questões fundamentais da vida eterna?

A reunião espírita não é um culto estanque de crença embalsamada em lendas tradicionalistas. Define-se como sendo assembleia de fraternidade ativa, procurando na fé raciocinada a explicação lógica aos problemas da vida, do ser e do destino.

Todos somos chamados a participar dela.

Falar e ouvir.

Ensinar e aprender. (XAVIER, Francisco Cândido.; VIEIRA, Waldo, pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz, cap. *Estude e viva* [André Luiz]).

“[...] Paz convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (*João, 20:21*).

SUGESTÕES DE DINÂMICAS DE ESTUDO

Orientação pedagógico-doutrinária para o uso das dinâmicas sugeridas neste material:

- » As dinâmicas são para o trabalho de integração entre os participantes e de estudo.
- » As dinâmicas não devem substituir o estudo dos roteiros; são recursos de integração, ou de revisão, ou para introdução de assuntos.
- » Em caso de revisão, sugerimos que ampliem a revisão contemplando todo o módulo e este com os anteriores, proporcionando complemento aos assuntos em reflexão continuada.

1) Dupla rotativa

Sugestão de uso:

- » Introduzir tema de estudo;
- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

Turma de pé, dividida em duplas.

Distribuir uma pergunta para cada participante (a mesma pergunta para todos).

A dupla discute por até 2 minutos.

Terminado o tempo, o facilitador pede aos participantes que troquem de dupla.

A atividade continua enquanto houver duplas novas a serem formadas, ou enquanto houver envolvimento de todos.

Finalizar a atividade com discussão circular, dirimindo dúvidas, em caso de revisão e discussão livre, ou dando seguimento ao estudo do Roteiro em caso de introdução de assunto.

2) Trios rotativos. Variação

Sugestão de uso:

- » Introduzir tema de estudo;
- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

Seguir a mesma dinâmica acima com a turma dividida em trios.

O tempo de discussão nos trios será de 3 minutos.

Finalizar a atividade com discussão circular, dirimindo dúvidas, em caso de revisão e discussão livre, ou dando seguimento ao estudo do Roteiro em caso de introdução de assunto.

3) Discussão ampliada

Sugestão de uso:

- » Introduzir tema de estudo;
- » Discussão livre de assunto.

Preparar cópias de três frases diferentes, contendo o assunto que será estudado.

Dividir a turma em duplas.

Entregar a frase 1 para que as duplas iniciem discussão (2 minutos).

Ao comando do facilitador, as duplas se desfazem e formam trios, para discutirem a frase 2 (2 minutos).

Novo comando para que os trios se desfaçam e formem grupos de quatro participantes, para discutirem a frase três (3 minutos).

Finalizar a atividade com discussão circular, dirimindo dúvidas, em caso de discussão livre, ou dando seguimento ao estudo do Roteiro em caso de introdução de assunto.

4) Formando frases

Sugestão de uso:

- » Introduzir tema de estudo;
- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

Preparar frases diferentes contendo o assunto (para a revisão, pode ser do mesmo módulo ou de vários módulos estudados).

Cada frase deve estar dividida em dois cartões, de modo que os participantes encontrem a sequência correta do seu cartão – assunto.

Distribuir, aleatoriamente, um cartão (trecho de uma frase) para cada participante.

Ao comando do facilitador, cada participante procura o trecho correspondente, com outro participante, completando a frase.

Quando todas as duplas estiverem formadas, terão 3 minutos para refleti-la.

Em discussão circular, as duplas vão ler e comentar suas reflexões, permitindo a participação dos demais (até 20 minutos).

Finalizar a atividade dirimindo dúvidas, em caso de revisão e discussão livre, ou dando seguimento ao estudo do Roteiro em caso de introdução de assunto.

5) Dúvida ou entendimento

Sugestão de uso:

- » Introduzir tema de estudo;
- » Discussão livre de assunto.

Distribuir uma tira de papel para cada participante.

Comentar, brevemente, sobre o assunto que será estudado.

Em seguida, pedir para que escrevam na tira de papel, uma dúvida ou seu entendimento sobre o assunto comentado (1 minuto) – sem nomeá-lo.

Todos devem dobrar os papéis, colocando dentro de uma caixa ou saco opaco.

Segue o estudo do Roteiro, normalmente.

Findo o estudo do Roteiro, distribuir os papéis aleatoriamente. Pedir para que um participante inicie com a leitura em voz alta.

A turma analisa se a dúvida foi esclarecida durante o estudo, ou se o entendimento do assunto está de acordo com os preceitos estudados.

Em caso positivo, o facilitador pergunta se há ainda alguma dúvida, esclarecendo se necessário. Se a dúvida ou entendimento não tiverem sido contemplados pelo estudo, o facilitador esclarece, brevemente, orientando leituras.

6) Dúvida ou entendimento. Variação

Sugestão de uso:

- » Introduzir tema de estudo;
- » Discussão livre de assunto.

Distribuir uma tira de papel para cada participante.

Comentar, brevemente, sobre o assunto que será estudado.

Em seguida, pede para que escrevam na tira de papel, uma dúvida ou seu entendimento sobre o assunto comentado (1 minuto).

Pedir para que guardem os papéis consigo.

Finalizado o estudo do Roteiro, cada um relê sua dúvida ou entendimento, silenciosamente. Analisa se a dúvida foi esclarecida durante o estudo, ou se o seu entendimento do assunto está de acordo com os preceitos estudados.

Em caso positivo, o facilitador pergunta se há ainda alguma dúvida, esclarecendo se necessário. Se a dúvida ou entendimento não tiverem sido contemplados pelo estudo, o facilitador esclarece, brevemente, orientando leituras.

7) Palavra cruzada

Sugestão de uso:

- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

Escrever na cartolina (ou similar), ou no quadro, na vertical, a palavra-chave do tema a ser estudado, por exemplo: ESPÍRITO.

<i>E</i>
<i>S</i>
<i>P</i>
<i>Í</i>
<i>R</i>
<i>I</i>
<i>T</i>
<i>O</i>

Dividir a turma em grupos.

Cada grupo deverá pensar e escrever duas perguntas, cujas respostas compreendam duas palavras na cruzada:

Grupo 1 – duas palavras (RESPOSTAS) que se encaixem nas duas primeiras letras – E, S;

Grupo 2 – duas palavras (RESPOSTAS) que se encaixem nas duas seguintes – P, I;

Os demais grupos fazem o mesmo para as letras seguintes.

Cada grupo desenha, na cruzada, os quadrinhos que correspondam as respostas (palavras) a serem completadas pelos demais grupos.

Quando a cruzada estiver pronta – com todos os quadrinhos desenhados – o facilitador dá o comando para que o Grupo 1 leia sua primeira pergunta, dando tempo para que os outros grupos pensem na resposta. Acertando a resposta, preenche os quadrinhos da cruzada. Em seguida, o Grupo 1 lê a segunda pergunta.

Repetir as ações até que a cruzada toda tenha sido preenchida.

O facilitador acompanha a atividade dirimindo dúvidas, mantendo o grupo em possível harmonia.

8) Síntese coletiva

Sugestão de uso:

- » Revisão de conteúdo;
- » Reforço de conceitos.

Após o estudo do Roteiro, ou do módulo, propor a construção de um pequeno texto coletivo sobre o assunto. O texto deve ser objetivo e caber em até duas folhas de cartolina ou similar.

Dividir a turma em 3 ou 4 grupos.

Iniciar dando aos grupos 3 minutos para discutirem sobre o que abordarão **objetivamente** do assunto.

Em seguida, o facilitador apresenta um cartaz contendo o TEMA, por exemplo: Sobre a REENCARNAÇÃO concluímos que...

Entrega ao Grupo 1 que iniciará a conclusão. O grupo discute e elabora a sequência em até 3 minutos, mais o tempo para escrever no cartaz.

O Grupo 2 observa, recebe o rascunho da resposta, em papel, enquanto o Grupo 1 escreve no cartaz, o Grupo 2 discute e elabora a sequência, preparando o rascunho para ser entregue ao Grupo 3.

Quando o Grupo 1 terminar de escrever, o Grupo 2 dará sequência a conclusão, observando a coerência e coesão do texto.

Enquanto o Grupo 2 escreve no cartaz, o Grupo 3 recebe o rascunho da resposta, em papel, discute e elabora a sequência, preparando o rascunho para ser entregue ao Grupo 4.

O grupo que tiver terminado sua parte, observa e ajuda os demais, caso queiram ajuda.

Terminada a CONCLUSÃO, todos comentam e o facilitador participa dirimindo dúvidas e complementando as informações.

9) Continue

Sugestão de uso:

- » Introduzir tema de estudo;
- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

O facilitador comenta brevemente um assunto.

Em seguida, convida os participantes para escreverem, em até quatro palavras, algo sobre o assunto. Quem não quiser, ou não tiver nenhuma opinião sobre o assunto, passa a vez.

Inicia passando a folha de papel com o assunto, por exemplo: Mundo de expiação por ser entendido como... (se a turma for grande, podem ser passadas duas folhas, uma em cada ponta, com o mesmo teor).

Terminada a atividade de escrita, o facilitador faz a leitura seguida de breves comentários, se a dinâmica for utilizada como introdução; ou esclarece as dúvidas, complementando as informações, se a dinâmica for utilizada como revisão ou discussão livre.

10) Revisando

Sugestão de uso:

- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

Dividir a turma em grupos e distribuir 3 tiras de papel para cada grupo.

Cada grupo deverá escolher um módulo (sem que o outro saiba), e escrever 3 conceitos dentre os assuntos estudados, um em cada tira de papel. Dobrá-las.

O facilitador recolhe e mistura todas as tiras de papel.

Cada grupo retira 3 tiras de papel, comenta-as e relacionando-as, se possível.

Em seguida, o facilitador pede ao Grupo 1 que inicie a apresentação das tiras retiradas, comentando-as e relacionando-as, se possível.

O grupo que tiver o assunto correspondente se manifesta fazendo a leitura justificando a relação.

Toda a turma analisa o assunto complementando informações.

Ao final, os grupos recolhem suas tiras elaboradas e fixam na ordem, em local visível a todos.

O facilitador acompanha o trabalho, dirimindo dúvidas e complementando informações.

11) Perguntando ao outro grupo

Sugestão de uso:

- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

Dividir a turma em grupos.

Cada grupo vai elaborar uma questão que deverá ser respondida por outro grupo (em até 5 minutos).

O grupo A pergunta ao B; o grupo B pergunta ao C; o grupo C pergunta ao D; o grupo D pergunta ao A.

O grupo entrega sua pergunta ao grupo que irá responder. O tempo destinado ao trabalho de resposta será de até 10 minutos para cada grupo. Os grupos poderão consultar fontes.

Terminado o tempo para a elaboração das respostas, inicia-se a apresentação delas, seguindo a sequência sugerida acima.

O facilitador acompanha o trabalho dos grupos, esclarecendo as dúvidas e complementando informações.

12) Perguntando ao outro grupo – tarefa de casa. Variação

Sugestão de uso:

- » Introduzir tema de estudo;
- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

Dividir a turma em grupos.

Cada grupo vai elaborar uma questão que deverá ser respondida por outro grupo.

O grupo A pergunta ao B; o grupo B pergunta ao C; o grupo C pergunta ao D; o grupo D pergunta ao A.

O grupo entrega sua pergunta ao grupo que irá responder.

As perguntas são sugeridas para casa, como trabalho de apresentação para o próximo encontro.

O facilitador acompanha o trabalho dos grupos e orienta a consulta de fontes bibliográficas.

13) Do aspecto geral para o particular

Sugestão de uso:

- » Introduzir tema de estudo;
- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

Iniciar com uma breve exposição dialogada do assunto.

Distribuir uma pergunta ou um texto para cada participante.

Dividir a turma em dois grupos para conversarem sobre os aspectos gerais do assunto (até 10 minutos).

Em seguida pedir para que se dividam em trios e discutam sobre a relação do assunto em situações cotidianas, aplicações das reflexões na vida prática.

As reflexões podem ser encaminhadas para uma reflexão ou uma tarefa individual.

O facilitador encaminha a conclusão esclarecendo as dúvidas e complementando informações.

14) Caixinha de assuntos

Sugestão de uso:

- » Introduzir tema de estudo;
- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

Uma caixinha contendo vários assuntos estudados ou não.

Turma em círculo, a caixinha passa de mão em mão. Ao sinal do facilitador a caixa para e o participante retira um assunto. O participante comenta o que sabe, ou diz sua curiosidade sobre o assunto, ou se não quiser comentar, passar o comentário ao grupão.

Essa atividade deve respeitar o tempo de interesse do grupo.

15) Grupo de observação e grupo de discussão (variação do GV – GO)

Sugestão de uso:

- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

Apresentar o tema a ser discutido para a turma.

Dividir a turma em dois grupos: um de observação e um de discussão.

O grupo de observação ficará em volta do grupo de discussão.

Distribuir um texto para todos os participantes. Dar tempo para a leitura individual e silenciosa.

Em seguida, convidar o grupo de discussão para iniciarem suas reflexões acerca do que foi lido, relacionando-o, se possível, com outros assuntos que foram estudados (até 20 minutos).

O grupo de observação apenas observa, registrando, se quiser.

Terminado o tempo estipulado, fazer a troca de lugares. Os participantes observadores serão discutidores e os discutidores serão observadores.

O novo grupo de discutidores faz reflexões sobre o texto e sobre o que observou (20 minutos).

Encerrado o tempo, propor uma discussão circular encaminhando para a conclusão, esclarecendo dúvidas e complementando conceitos.

16) Em torno do tema

Sugestão de uso:

» Introduzir tema de estudo.

Escrever o tema no quadro ou em papel fixado na parede.

Convidar os participantes para:

- » Refletir sobre o tema e o que ele sugere;
- » Escrever, em volta do tema, algo que o tema significa;
- » Deixar um tempo para a reflexão com a participação de todos.

Seguir com o estudo do Roteiro.

Terminado o estudo do Roteiro, convidar os participantes para analisarem o tema e as palavras escritas na atividade inicial: resume o que foi estudado? Precisa de algum complemento? Alguém entendeu diferente? etc.

Fazer o fechamento esclarecendo dúvidas e complementando informações.

18) Corrigindo e complementando

Sugestão de uso:

- » Revisão de conteúdo;
- » Discussão livre de assunto.

Uma caixa com várias frases, com diversos assuntos estudados. Algumas com conceitos completos, outras incompletas, outras com algum ponto errado.

Em duplas, retirar uma frase da caixa. Discutir por 5 minutos.

Terminado o tempo cada dupla vai ler sua frase, confirmando, corrigindo ou complementando a frase.

Todos podem participar concordando ou discordando, justificando sua compreensão.

O facilitador acompanha os trabalhos, esclarecendo dúvidas, reforçando conceitos e complementando informações.

19) Complementando

Sugestão de uso:

- » Revisão de conteúdo.

Dividir a turma em 4 grupos. Preparar quatro folhas com assuntos diferentes para serem comentados e escrito pequenos resumos, por exemplo: folha 1 – tema: Espírito e matéria; folha 2 – tema: Diferentes categorias de mundos habitados; folha 3 – tema: Encarnação nos diferentes mundos; folha 4 – tema: Terra, mundo de expiação e de provas.

Cada grupo recebe uma folha. Discute e inicia um resumo, em até 8 minutos.

Ao comando do facilitador, trocam-se as folhas dos grupos.

O grupo continua o resumo onde o grupo anterior parou (5 minutos).

Trocar as folhas até que o grupo receba a sua primeira. Analisar e complementar fazendo a conclusão do resumo.

Os grupos fazem a leitura em voz alta e todos participam comentando todos os assuntos.

O facilitador acompanha o trabalho, esclarecendo dúvidas, complementando as informações em construção coletiva.

PLANEJAMENTO DO ESTUDO ESPÍRITA

“Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?”

Isso depende muito para onde você quer ir – respondeu o gato.

Preocupa-me pouco aonde ir – disse Alice.

Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas – replicou o gato (Extraído de *Alice nos país das maravilhas*, Lewis Carroll).

Para iniciar o planejamento, o facilitador/evangelizador deve estar preparado para atender ao público ao qual se integrará. Conhecer os fundamentos da aprendizagem é ponto essencial para a orientação segura do planejamento.

Lindeman identificou [...] cinco pressupostos-chave para a educação de adultos e que mais tarde se transformaram em suporte de pesquisas. Hoje, eles fazem parte dos fundamentos da moderna teoria de aprendizagem de adulto:

- 1) Adultos são motivados a aprender quando percebem que suas necessidades e interesses serão satisfeitos. Por isso, estes são os pontos mais apropriados para se iniciar a organização das atividades de aprendizagem do adulto;
- 2) A orientação de aprendizagem do adulto está centrada na vida. Por isso, as unidades apropriadas para se organizar seu programa de aprendizagem são as situações de vida e não disciplina;
- 3) A experiência é a mais rica fonte para o adulto aprender, logo, o centro da metodologia da educação do adulto é a análise das experiências;
- 4) Adultos têm profunda necessidade de serem autogeridos. O papel do professor é engajar-se no processo de mútua investigação com os alunos e não apenas transmitir-lhes seu conhecimento e depois avaliá-los;
- 5) As diferenças individuais entre pessoas crescem com a idade, então, a educação de adultos deve considerar as diferenças de estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem.” – EDUARDO C. LINDEMAN. (CASTRO, Eder A.; OLIVEIRA, Paulo R. (Org.). *Educando para o pensar*. São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning, 2002. 3ª pt., cap. *O pensar no ensino superior*, p. 113).

Ao facilitador de estudo para adultos o ideal é proporcionar ações que promovam a autonomia do pensamento e a reflexão. Como o adulto é

autodidata, podem ser oferecidas atividades como: incentivar a leitura prévia da referência a ser trabalhada, destacando pontos relevantes; incentivar pesquisas que enriqueçam o estudo e os debates. Pesquisas que não se limitem aos temas espíritas, mas que sirvam para complementação científica, social e cultural e promover debates e discussões.

Elementos do planejamento

Objetivos gerais e específicos na prática

Todo estudo deve conter elementos básicos que organizam e direcionam as ações para o alcance de um determinado fim.

O módulo de estudo, que compreende o conjunto de temas a serem estudados no decorrer de alguns encontros, tem objetivo geral que específica, em linhas gerais, o que se pretende com o estudo daquele módulo. Por exemplo:

Módulo Reencarnação.

Objetivo geral: Possibilitar entendimento da reencarnação segundo a Doutrina Espírita.

O módulo pode conter tantos temas quantos forem necessários para o estudo que se deseja alcançar. Para cada tema que o módulo oferece é importante observar:

Os objetivos específicos (que compreendem as ações que são esperadas do participante naquele estudo), por exemplo:

Módulo Reencarnação.

Tema/Roteiro: Provas da reencarnação.

Objetivos específicos: Analisar evidências da reencarnação; Refletir sobre estudos de casos científicos da reencarnação.

E qual a tarefa do facilitador?

Oferecer conteúdo suficiente para que os objetivos específicos sejam alcançados pelos participantes.

Para isso, além da escolha/seleção do conteúdo, é necessário planejar a maneira como esse conteúdo será abordado, analisado e estudado. Nesse momento, o facilitador elege recursos que melhor lhe atendam aos propósitos, respeitando:

» O perfil do grupo;

- » A disponibilidade de recursos humanos e materiais e,
- » O tempo de duração do encontro.

O conteúdo na prática

Para a escolha do conteúdo, primeiro é preciso saber o que se pretende com o estudo.

Os programas prontos, por exemplo: ESDE, EADE etc., trazem os objetivos: geral e específicos, conteúdo básico, subsídios ao facilitador e referência. A partir do conteúdo selecionado, basta planejar a maneira de condução do estudo e os recursos para facilitar a compreensão.

O conteúdo pode ser estudado nos subsídios, nos livros, em pequenos vídeos, em exposições dialógicas etc., destacamos que nesse momento é importante ter claros os objetivos a serem alcançados para decidir, também, o quanto apresentar.

Joseph Lowman em *Dominando as técnicas de ensino* esclarece que apenas um pequeno número de pontos relevantes pode ser apresentado eficazmente em um único estudo e que pesquisas sobre o que pode ser lembrado após os estudos indicam que a maioria pode absorver, independente do conteúdo que está sendo ensinado, em 50 minutos = 3 ou 4 pontos; 75 minutos = 4 ou 5 pontos. Por isso, abranger muitas coisas torna a abordagem de cada ponto superficial, o ritmo apressado para o facilitador e frenético para o participante.

É importante dar uma pausa, a fim de que as ideias assentem, e esse momento (de pausa) é muito importante para a compreensão dos assuntos.

A profundidade e a complexidade de um assunto também influenciam na hora de escolher o que apresentar. Um estudo não pode ser tão simplista ou óbvio que os participantes não aprendem nada novo; nem deve ser tão sofisticado e denso que impede a participação do grupo.

A melhor exposição é aquela totalmente compreensível para a maioria dos ouvintes, e que envolve alguma reflexão nova ou a organização daquilo que eles já sabem (Adaptado: LOWMAN, Joseph. *Dominando as técnicas de ensino*. Trad. Haure Ohara Avritscher. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004).

O planejamento é um momento destinado ao facilitador para refletir, escolher, programar, organizar e elaborar o roteiro de estudo. É também um momento de sintonia com o Plano Espiritual que o auxiliará na condução dos estudos, na integração entre os participantes e no acolhimento ao grupo.

“Os pontos cuidadosamente selecionados e organizados, embora sejam louváveis, constituem uma aula de qualidade apenas média, a menos que eles sejam bem comunicados.” (LOWMAN, Joseph. *Dominando as técnicas de ensino*. Trad. Haure Ohara Avritscher. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004).

Recursos na prática

Recursos são os meios e instrumentos de que podemos nos utilizar para facilitar a compreensão de assuntos em momentos de estudo. Recomendamos a leitura do Módulo II: Estratégias de dinamização dos processos de estudo, desse mesmo Eixo.

Avaliação do estudo espírita na prática

A avaliação tem sido, ao longo de muito tempo, utilizada como um instrumento de controle. É necessário ressaltar que a avaliação tem várias utilidades e a que importa ao estudo espírita é a de *acompanhar o desenvolvimento do grupo*. Nessa perspectiva, a avaliação objetiva atender ao acolhimento do participante no grupo, sua integração ao grupo, sua integração e permanência no estudo.

A integração do grupo faz com que os membros se acolham e se cuidem durante todo o processo de aprendizagem. O facilitador tem papel importantíssimo nessa tarefa.

Quando o grupo se sente acolhido e existe respeito entre os membros, o facilitador pode proporcionar “momentos de avaliação” das atividades, em que todos os participantes podem falar ou escrever suas impressões sobre o estudo. Podem ser distribuídas perguntas claras, objetivas e que chamem o participante para a responsabilidade de sua participação, por exemplo:

- » *Do que você mais gosta no estudo?*
- » *Você se envolve nas propostas de estudo? Por quê?*
- » *O que você propõe melhorar (participante) nos próximos encontros?*
- » *O que precisa melhorar para os próximos encontros (metodologia, recursos... etc.)?*
- » *Os temas têm contribuído para suas reflexões pessoais? Para sua reforma íntima? etc.*

A avaliação é um termômetro do trabalho. Ela auxilia na melhoria das atividades e da integração quando bem utilizada. A partir de seus resultados

o trabalho pode ser replanejado, reforçado aspectos positivos e melhorados os aspectos negativos.

Lembrando ao trabalhador espírita, que sua tarefa é receber os participantes que buscam a Doutrina para encontrar **Jesus**:

Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo (*Mateus, 11:28 a 30. In: O evangelho segundo o espiritismo, cap. 6, it. 1*).

O QUE É ESPIRITISMO?

O ESPIRITISMO É UM CONJUNTO DE PRINCÍPIOS E LEIS revelados por Espíritos Superiores ao educador francês Allan Kardec, que compiliou o material em cinco obras que ficariam conhecidas posteriormente como a Codificação: *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O evangelho segundo o espiritismo*, *O céu e o inferno* e *A gênese*.

Como uma nova ciência, o Espiritismo veio apresentar à Humanidade, com provas indiscutíveis, a existência e a natureza do Mundo Espiritual, além de suas relações com o mundo físico. A partir dessas evidências, o Mundo Espiritual deixa de ser algo sobrenatural e passa a ser considerado como inesgotável força da Natureza, fonte viva de inúmeros fenômenos até hoje incompreendidos e, por esse motivo, são tidos como fantasiosos e extraordinários.

Jesus Cristo ressaltou a relação entre homem e Espírito por várias vezes durante sua jornada na Terra, e talvez alguns de seus ensinamentos

pareçam incompreensíveis ou sejam erroneamente interpretados por não se perceber essa associação. O Espiritismo surge então como uma chave, que esclarece e explica as palavras do Mestre.

A Doutrina Espírita revela novos e profundos conceitos sobre Deus, o Universo, a Humanidade, os Espíritos e as leis que regem a vida. Ela merece ser estudada, analisada e praticada todos os dias de nossa existência, pois o seu valioso conteúdo servirá de grande impulso à nossa evolução.

O LIVRO ESPÍRITA

CADA LIVRO EDIFICANTE é porta libertadora.

O livro espírita, entretanto, emancipa a alma nos fundamentos da vida.

O livro científico livra da incultura; o livro espírita livra da crueldade, para que os louros intelectuais não se desregrem na delinquência.

O livro filosófico livra do preconceito; o livro espírita livra da divagação delirante, a fim de que a elucidação não se converta em palavras inúteis.

O livro piedoso livra do desespero; o livro espírita livra da superstição, para que a fé não se abastarde em fanatismo.

O livro jurídico livra da injustiça; o livro espírita livra da parcialidade, a fim de que o direito não se faça instrumento da opressão.

O livro técnico livra da insipiência; o livro espírita livra da vaidade, para que a especialização não seja manejada em prejuízo dos outros.

O livro de agricultura livra do primitivismo; o livro espírita livra da ambição desvairada, a fim de que o trabalho da gleba não se envileça.

O livro de regras sociais livra da rudeza de trato; o livro espírita livra da irresponsabilidade que, muitas vezes, transfigura o lar em atormentado reducto de sofrimento.

O livro de consolo livra da aflição; o livro espírita livra do êxtase inerte, para que o reconforto não se acomode em preguiça.

O livro de informações livra do atraso; o livro espírita livra do tempo perdido, a fim de que a hora vazia não nos arraste à queda em dívidas escabrosas.

Amparemos o livro respeitável, que é luz de hoje; no entanto, auxiliemos e divulguemos, quanto nos seja possível, o livro espírita, que é luz de hoje, amanhã e sempre.

O livro nobre livra da ignorância, mas o livro espírita livra da ignorância e livra do mal.

EMMANUEL*

* Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 25/2/1963, em Uberaba (MG), e transcrita em *Reformador*, abr. 1963, p. 9.



Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noletto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Revisão e atualização de conteúdo:

Carlos Roberto Campetti (Coordenação)
Maria Tuliá Bertoni
Paula Pantalena
Veridiana de Paula Reis Castro

Revisão:

Mônica dos Santos

Capa:

Fátima Agra

Projeto Gráfico e Diagramação:

Rones Lima - [instagram.com/bookebooks_designer](https://www.instagram.com/bookebooks_designer)

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Ipsis Gráfica e Editora SA, Santo André, SP, com tiragem de 12 mil exemplares, todos em formato fechado de 170x250 mm e com mancha de 124x204 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 75 g/m² para o miolo e o Cartão Supremo 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em fonte Minion Pro 12/15 e os títulos em Zurich Lt BT 22/26,4. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*